



CAMISAS DE TÍMES - 1608 2022

APRESENTAÇÃO

Torcedores e torcidas: história, gênero e outras formas de torcer

Silvio Ricardo da Silva; Felipe Paes Lopes; Verónica Moreira | 4-7

DOSSIÊ

As mulheres do Concórdia: vozes e torcida no futebol de várzea

Albio Fabian Melchiorretto, Juarês José Aumond | 8-25

ATOESP: Uma história do associativismo torcedor em São Paulo nas décadas de 1970 e 1980

Vitor Canale | 26-46

Memórias e modalidades boleiras do torcer: tempos e espaços da 3ª divisão no projeto “Brasil na Arquibancada”

Zeca Marques, Flavio de Campos, Max Filipe Nigro Rocha | 47-69

Mulheres torcedoras de futebol no Brasil: refazendo gênero no interior da cultura fanática

Mariana Zuaneti Martins, Kerzia Railane Santos Silva, Gabriela Borel Delarmelina | 70-91

O profissionalismo em Belo Horizonte na década de 1940: impactos do/no torcer

Sarah Teixeira Soutto Mayor, Georgino Jorge de Souza Neto, Silvio Ricardo da Silva | 92-114

O torcer no futebol de mulheres em Belo Horizonte: um estudo exploratório a partir de torcedoras/es de Atlético, América e Cruzeiro

Renata Alves Pinto Lemos, Luiza Aguiar dos Anjos, Marina de Mattos Dantas | 115-136

Pequenos times, grandes disputas: conflito, controle e fama em um time de futebol sul-mineiro

Marcos Paulo Mello, Bruna Motta dos Santos | 137-161

PARALELAS

Negociações de sentido sobre os imperativos da masculinidade hegemônica na NFL: discursos da virilidade no consumo midiático do esporte

Eliza Bachega Casadei, Thalita Storel | 162-183

**O futebol como identidade nacional e social
uma revisão sistemática (2002 a 2021)**

Demetrius Caldas, Bruno Otávio de Lacerda
Abrahão | 184-215

RESENHA

“Nosaltres som el València: futbol, poder i identitats”, de Vicent Flor Moreno

Rodrigo Koch | 216-228

POÉTICA

11 haicais da paixão azul-celeste-rubro-negra

Marcelo Dolabela [*in memoriam*] | 229-230

Universidade Federal de Minas Gerais

Reitora: Prof.^a Sandra Regina Goulart Almeida
Vice-Reitor: Prof. Alessandro Fernandes Moreira

Faculdade de Letras da UFMG

Diretora: Prof.^a Sueli Maria Coelho
Vice-Diretor: Prof. Georg Otte

FuLiA/UFMG – revista sobre Futebol, Linguagem, Artes
e outros Esportes

EDITORES

Elcio Loureiro Cornelsen
Gustavo Cerqueira Guimarães

EDITORES DE SEÇÃO

Dossiê – TORCEDORES E TORCIDAS: HISTÓRIA, GÊNERO E OUTRAS FORMAS DE TORCER

Silvio Ricardo da Silva (UFMG)
Felipe Paes Lopes (Univ. de Sorocaba)
Verónica Moreira (Univ. de Buenos Aires)

Paralelas

Raphael Rajão Ribeiro

Resenha

Vinicius Garzon Tonet

Poética

Gustavo Cerqueira Guimarães

CONSELHO EDITORIAL

Aldo Italo Panfichi, PUC, Peru
Aline Alves Arruda, CEFET/MG
Álvaro do Cabo, UFRJ
Andréa Casa Nova Maia, UFRJ
Andréa Sirihal Werkema, UERJ
André Alexandre Guimarães Couto, CEFET/RJ
André Mendes Capraro, UFPR
Arlei Damo, UFRGS
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, FGV/RJ-SP
Christina Gontijo Fornaciari, UFV/MG
Cleber Dias, UFMG
Edônio Alves Nascimento, UFPB
Euclides de Freitas Couto, UFSJ
Fabiana Campos Baptista, UniBH
Fábio Franzini, UNIFESP
Flávio de Campos, USP
Francisco Ângelo Brinati, UFSJ
Francisco Pinheiro, Univ. de Coimbra, Portugal
José Carlos Marques, UNESP
José Geraldo Vinci de Moraes, USP
Leda Maria da Costa, UERJ
Leonardo Turchi Pacheco, UNIFAL/MG
Luciane Correa Ferreira, UFMG
Ludmilla Zago Andrade, UFMG
Luis Maffei, UFF/RJ
Luiz Carlos Ribeiro, UFPR
Marcelino Rodrigues da Silva, UFMG
Marcel Vejmelka, Univ. de Mainz, Alemanha
Mauricio Murad, UERJ/Universo

Pablo Alabarces, UBA, Argentina
Pedro Henrique Trindade Kalil Auad, UFAL
Plínio Ferreira Guimarães, IFES
Rafael Fortes Soares, UFRJ
Ricardo José Rosa Gualda, UFAL
Rodrigo Caldeira Bagni Moura, UFRJ
Sérgio Settani Giglio, UNICAMP
Silvana Vilodre Goellner, UFRGS
Silvio Ricardo da Silva, UFMG
Tatiana Pequeno, UFF
Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, UFMG
Vera Lúcia de Carvalho Casa Nova, UFMG
Victor Andrade de Melo, UFRJ
Wilberth Clayton Ferreira Salgueiro, UFES
Yvonne Hendrich, Univ. de Mainz, Alemanha

PARECERISTAS AD HOC

Alberto Luiz dos Santos, USP
Ana Carolina Vimieiro, UFMG
André Alcântara Fagundes, UFU
Bruno de Lacerda Abrahão, UFBA
Caio Pinheiro, UECE
César Teixeira Castilho, UFMG
Daniela Araújo, FGV
Daniel Venâncio, UFMG
Denaldo Alchorne de Souza, IFF
Édison Gastaldo, CEP-FDC/RJ
Eduardo Bueno Fontes, IFMG/Varginha
Eduardo Gomes, UFRJ

Enrico Spaggiari, PUC-SP
Eriberto José Lessa de Moura, UFAL
Fausto Amaro Montanha, UERJ/RJ
Felipe Tavares Paes Lopes, UNISO
Fernanda Ribeiro Haag, USP
Flávia Cristina Soares, UNESAV
Francisco Xavier Rodrigues, UFERSA/RN
Glauro José Costa Souza, UFF
Irlan Simões, UERJ/RJ
John Alexander Castro Lozano, UPN
Juliana Nascimento da Silva, PMC
Lívia Gonçalves Magalhães, UFF
Luciano Jahnecka, UFSC
Luiz Henrique de Toledo, UFSCar
Marcel Diego Tonini, Museu do Futebol/SP
Marina de Mattos Dantas, UFPI
Mariane da Silva Pisani, UFPI
Nathália Fernandes Pessanha, UFF
Nicolás Cabrera, UNSAM
Pedro Vasconcelos Costa e Silva, Unisinos/RS
Plínio Labriola Negreiros, PUC-SP
Rodrigo Carrapatoso de Lima, UC
Rosana da Câmara Teixeira, UFF
Verónica Moreira, UBA
Vinicius Garzon Tonet, UFMG

**COORD. EDITORIAL, EDITORAÇÃO ELETRÔNICA, PREPARAÇÃO
DE ORIGINAIS E DIAGRAMAÇÃO**

Gustavo Cerqueira Guimarães

REVISÃO

Carolina Garcia
Vinícius Fernandes

PROJETO GRÁFICO

PeDRa LeTRa

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA EM REDES SOCIAIS

Núcleo FULIA

IMAGEM (*Favicon* do portal)

Pablo Lobato (Brasil/MG)
Um a zero #2, 2012

IMAGEM DA CAPA

Igor Silva (Brasil/MG)
Torcida [colorido], 2022



Torcedor e torcidas: história, gênero e outras formas de torcer

Fans and Supporters: History, Gender and other Forms of Cheering

É sabido, através de estudos históricos, que a relação dos torcedores com o futebol vem ao longo dos tempos modificando-se, em consonância com o momento vivido. Inicialmente, a presença da mulher ou do homem em um estádio ou em um campo, para assistir uma partida de futebol, tinha como finalidade conhecer aquela novidade que aparecia, sobretudo nas cidades maiores e mais desenvolvidas. Logo, essa assistência se transforma em vínculo de pertencimento por uma determinada agremiação e conseqüentemente no torcer. Esse torcer, que inicialmente acontece de maneira individualizada, cambia com o crescimento do próprio futebol, em um torcer coletivizado.

As torcidas, sempre cumprindo o dever de realizarem a festa no estádio, já estiveram a serviço dos clubes, na tentativa de controle de sua gente, no caso, as memoráveis Torcidas

Uniformizadas e também já cumpriram (e ainda cumprem) o papel de críticos dos dirigentes, reivindicando melhores elencos e resultados esperados; falamos aqui das famosas Torcidas Organizadas. Contudo, esse espectro de torcedor e torcidas é amplo, acontecendo em diversos lugares, de diversas maneiras e por diferentes grupos. O torcer se expressa desde o conhecido estádio ou nas recentes arenas, na várzea ou mesmo nos calçadões para incentivar aquele time de praia. Isso, sem esquecer da novidade, de que essa relação torcedores e torcidas com seus respectivos clubes, também tem acontecido, de maneira intensa, através das telas dos celulares e computadores.

São, cada vez mais grupos que se constituem em torno da paixão comum por um clube e se reúnem por afinidades, objetivos e formas diversos. É isso que vemos nesse número da revista **FuLiA/UFMG**.

Na seção **Dossiê** – Torcedor e torcidas: história, gênero e outras formas de torcer –, o primeiro artigo – “As mulheres do Concórdia: vozes e torcida no futebol de várzea”, de Albio Fabian Melchiorretto, objetiva cartografar a experiência do

torcer e da torcida de um time de futebol de várzea. Os dados da pesquisa foram gerados a partir de relatos orais de mulheres torcedoras, numa comunidade interiorana, de um pequeno município da região norte de Santa Catarina.

O segundo – “ATOESP: uma história do associativismo torcedor em São Paulo nas décadas de 1970 e 1980” –, de Victor Canale, se debruça sobre a criação e a primeira década de atuação da ATOESP, a Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo. A instituição, criada em 1976, congregou grêmios torcedores paulistas, representando iniciativa pioneira e um fórum de debates sobre as dificuldades enfrentadas pelos adeptos do futebol.

O terceiro artigo – “Memórias e modalidades boleiras do torcer: Tempos e espaços da 3ª divisão no projeto “Brasil na Arquibancada” –, de Zeca Marques, Flavio de Campos, Max Filipe Nigro Rocha, oferece três relatos memorialísticos em formato de crônica, procurando apresentar ao público leitor algumas temporalidades e espacialidades percebidas em três jogos da 3ª divisão do futebol nacional, em cidades dos Estados de Minas Gerais e São Paulo.

O quarto texto – “Mulheres torcedoras de futebol no Brasil: refazendo gênero no interior da cultura fanática” –, de Mariana Zuaneti Martins, Kerzia Railane Santos Silva, Gabriela Borel Delarmelina descreve a forma pela qual essas mulheres (re)fazem gênero na cultura torcedora e disputam representações sobre autenticidade nas formas de torcer.

O quinto – “O profissionalismo em Belo Horizonte na década de 1940: impactos do/no torcer” –, de Sarah Teixeira Soutto Mayor, Georgino Jorge de Souza Neto e Silvio Ricardo da Silva, analisa o projeto de profissionalismo do futebol na cidade de Belo Horizonte e sua relação com os modos de torcer, a partir da produção discursiva da imprensa. O período investigado é a década de 1940, posterior à adoção do regime profissional na capital mineira, em 1933.

Já o sexto artigo – “O torcer no futebol de mulheres em Belo Horizonte: um estudo exploratório a partir de torcedoras/es de Atlético, América e Cruzeiro” –, de Renata Alves Pinto Lemos, Luiza Aguiar dos Anjos, Marina de Mattos Dantas, buscou conhecer torcedoras/es de times de futebol feminino de Belo Horizonte que participaram do Campeonato Brasilei-

ro (Série A1 e A2 – 2020), bem como a forma como estes/as os acompanham e se relacionam com o futebol através das mídias e do consumo.

O último – “Pequenos times, grandes disputas: conflito, controle e fama em um time de futebol sul mineiro” –, de Marcos Paulo Mello, Bruna Motta dos Santos, objetivou abordar o futebol como um fenômeno social, encarando-o enquanto parte de um processo social mais amplo. Para este empreendimento, realizaram uma etnografia com jogadores, dirigentes e torcedores do Catanga Futebol Clube, time de futebol amador de Passa Quatro, região sul mineira.

Outrossim, na seção **Paralelas** contamos com dois artigos, o primeiro – “Negociações de sentido sobre os imperativos da masculinidade hegemônica na NFL: discursos da virilidade no consumo midiático do esporte” –, de Eliza Bachea Casadei e Thalita Storel, analisa algumas convocações midiáticas para o consumo do esporte alicerçadas em discursos de inclusão de outras performatividades de gênero, a partir do exame dos processos interdiscursivos que legitimam essas produções. Busca também investigar como novos

agenciamentos de gênero dialogam com a hipermasculinidade em produções da última década, a partir do cruzamento de discursos circulantes e suas formas próprias de negociação de sentidos.

O segundo texto dessa seção – “O futebol como identidade nacional e social: uma revisão sistemática (2002 a 2021)” –, de Bruno Otávio de Lacerda Abrahão e Demetrius Caldas, realiza uma revisão sistemática dos estudos que o tematizaram com relação aos seus aspectos identitários, considerando suas identidades nacional e social.

Já a seção **Resenha**, Rodrigo Koch discute a obra *No-saltres som el València: futbol, poder i identitats* (2020), de Vicent Flor Moreno, na qual o autor contextualiza o cenário contemporâneo do futebol no último século na Comunidade Valenciana e os enlaces que são produzidos pela modalidade e pelo Valencia CF nas condições identitárias da sociedade regional.

E por fim, na seção **Poética**, dedicada às múltiplas possibilidades das abordagens artísticas do futebol e do mundo dos esportes, apresentamos a série de poemas “11 haicais”, de

Marcelo Dolabela, publicada pela primeira vez na antologia *Pelada poética*. O poeta nos brinda com delicadeza pelos meandros que envolvem o futebol. São espaços, tempos, sentimentos, símbolos. Mais uma vez a arte sendo a voz daqueles que tem na paixão pelo futebol sua forma de expressão.

Boa leitura!

Sorocaba, Belo Horizonte e Buenos Aires, 21 de setembro de 2022.

Silvio Ricardo da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais/Brasil

Felipe Paes Lopes

Universidade de Sorocaba/Brasil

Verónica Moreira

Universidad de Buenos Aires/Argentina

As mulheres do Concórdia: vozes e torcida no futebol de várzea

The Women of Concórdia: Voices and Fans in Amateur Football

Albio Fabian Melchiorretto

FURB, Blumenau/SC, Brasil
Doutorando em Desenvolvimento Regional, FURB
albio.melchiorretto@gmail.com

Juarês José Aumond

FURB, Blumenau/SC, Brasil
Doutor em Engenharia Civil, UFSC

RESUMO: O futebol acontece nos mais diferentes territórios. É uma prática que se desenvolve nos mais diferentes segmentos sociais. O artigo objetiva cartografar a experiência do torcer e da torcida de um time de futebol de várzea. Os dados da pesquisa foram gerados a partir de relatos orais de mulheres torcedoras, numa comunidade interiorana, de um pequeno município da região norte de Santa Catarina. A cartografia social, dada a partir de Deleuze e Guattari, foi o método de análise e a pesquisa está alinhada a partir da perspectiva do desenvolvimento regional. O time, pela voz das mulheres, além do jogo de futebol promovia um encontro social e foi o espaço referencial de lazer. O campo do Concórdia representou um espaço para o torcer e um território de resistência e de manutenção de um ideário herdado de imigrantes italianos em Santa Catarina.

PALAVRAS-CHAVE: Cartografia social; Desenvolvimento regional; Futebol de várzea; Concórdia.

ABSTRACT: Football takes place in different territories. It is a practice that develops in the most different social segments. The article aims to map the experience of cheering and cheering of a amateur football team. The survey data were generated from oral reports of female fans in a rural community in a small municipality in the northern region of Santa Catarina. Social cartography, given from Deleuze and Guattari, was the method of analysis and the research is aligned from the perspective of regional development. The team, by the voice of women, in addition to the football game, promoted a social meeting and was the reference space for leisure. The Concordia field represented a space for cheering and a territory of resistance and maintenance of an ideal inherited from Italian immigrants in Santa Catarina.

KEYWORDS: Social Cartography; Regional Development; Amateur Football; Concórdia.

INTRODUÇÃO

O futebol tem um lugar de destaque no tempo presente e é uma prática esportiva universalizada. Na história, há relatos do jogo com bola, chutado pelos pés, visando encontrar um alvo, anterior ao desenvolvimento do *football* pelos ingleses.¹ Chineses, povos ameríndios, gregos, entre outros, praticavam algo semelhante àquilo que atualmente chama-se futebol. O modo de jogar dos ingleses, nos pátios das fábricas no século XIX, foi capturado, num primeiro momento, pelas elites; após difundir-se por vários países, foi e é praticado por todos os segmentos sociais. Há no futebol um conjunto simbólico significativo e intenso.² Com a expansão do capitalismo neoliberal, a partir dos anos de 1920,³ iniciou-se gradualmente o processo de profissionalização dos jogadores, mas isto não anulou as práticas não profissionais. Uma dessas práticas, o futebol de várzea, será o foco deste estudo.

A prática do futebol é associada à apropriação do espaço e à livre organização de grupos sociais. O futebol, de certa maneira, apresenta-se como a ocupação territorial que marca um encontro. A disputa do jogo ultrapassa as linhas do campo para registrar um encontro de afinidades, afetividades e uma formação identitária cultural. Toma-se, por exemplo, a formação de times, a partir da formação migratória, como o time do bairro italiano, o time da fábrica de sapatos, e assim por diante. Constitui-se um agrupamento de pessoas e identidades em torno da bola.⁴ Diante deste contexto, o artigo objetiva cartografar⁵ a experiência das torcedoras de um time de futebol de várzea, de uma localidade interiorana, do município de Massaranduba, Santa Catarina, ocupado por imigrantes italianos.

O time pesquisado é o Concórdia, que foi criado em 1965 e esteve ativo até 1979. Localizava-se numa comunidade ocupada por imigrantes italianos, chamada Braço Direito,⁶ onde um comerciante local mobilizou os vizinhos para criação de um time de futebol. Ele tinha a proposta de reunir os jovens nos domingos à tarde para

¹ FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses*, p. 15.

² FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses*, p. 319.

³ GIULIANOTTI. *Sociologia do futebol*, p. 51.

⁴ GIULIANOTTI. *Sociologia do futebol*, p. 54.

⁵ DELEUZE; GUATTARI. *Mil platôs*, p. 29.

⁶ OLIVEIRA. *Por um pedaço de terra “Luís Alves”*, p. 43.

a prática do futebol, visando manter a comunidade unida. Neste tempo, alguns jovens já almejavam abandonar o interior em busca de melhores oportunidades nos centros urbanos.⁷ A cidade de Massaranduba, emancipada politicamente em 1961, carecia de espaços de lazer. A criação de um time de futebol, de certa forma, atendia a esta necessidade. O Concórdia, em suma, foi um time de futebol que proporcionava também um espaço de diversão, como pista de dança e serviço de alimentação.

Além das razões descritas, havia a possibilidade de levar o nome do município para outros lugares, e a iniciativa foi apoiada por políticos locais, que doaram inclusive a primeira bola e o primeiro conjunto de uniformes. Escolheu-se o nome Concórdia porque ele representava a ideia de união e harmonia entre os moradores da comunidade. Existe um município homônimo em Santa Catarina, mas não há relação entre eles. As cores do time lembram a bandeira da Itália: verde, branco e vermelho.

O Concórdia encerrou suas atividades no ano de 1979. Os relatos das vozes pesquisadas afirmam que o time não conseguiu renovar o quadro de jogadores e, gradualmente, o interesse local no espaço de lazer diminuiu, chegando ao seu fechamento. Os relatos sobre o Concórdia, aqui no texto, serão marcados entre o ano de sua fundação e o do fechamento, durante sua curta trajetória de 14 anos.

A pesquisa está ligada a um projeto de doutoramento que investiga as transformações do espaço rural diante do crescimento dos espaços urbanos. Ela se dá a partir de um programa de pós-graduação em desenvolvimento regional. As transformações espaciais que atravessaram o rural transformaram significativamente a história do Concórdia, como será demonstrado. O rural transforma-se territorialmente e altera o modo de vida das pessoas.

O desenvolvimento regional quer dizer muitas coisas. É um campo de estudos interdisciplinar que envolve abordagens da história, da economia, do urbanismo, da geografia, da ciência política, da antropologia, entre outros aspectos.⁸ As pesquisas, a partir do desenvolvimento regional, consideram, primordialmente, a dinâmica do desenvolvimento a partir do tempo, da territorialidade e do espaço. Dentro desta

⁷ OLIVEIRA. *Por um pedaço de terra “Luís Alves”*, p. 87.

⁸ MATTEDI. *Pensando com o desenvolvimento regional*, p. 64.

perspectiva, reflete-se a intervenção humana no tempo e o comportamento social no espaço.

O futebol reelabora significados, memórias e expressões sociais que se afirmam coletivamente sobre os territórios.⁹ O Concórdia, além do jogo de futebol, promoveu um encontro social. Foi o espaço referencial de lazer para a comunidade local. Havia os bailes, as danças, o lugar de encontro em torno dos lanches e das bebidas, que eram comercializados. Para além da igreja da comunidade, o Concórdia foi, durante sua existência, o outro ponto de encontro dos descendentes dos imigrantes italianos, uma dinâmica que fortalecia a identidade e o envolvimento das pessoas. É por esses meandros, da dinâmica entre espaço e tempo, que será desenvolvida a cartografia que se propõe.

Para estabelecer a cartografia sobre a experiência do torcer, o artigo será estruturado em cinco seções. A esta introdução, segue a seção em que se apresenta o território conceitual; na terceira parte há a exposição da metodologia escolhida e como ela se integra com os conceitos mobilizados; na quarta seção, as vozes das mulheres torcedoras do Concórdia e o que cada uma delas desvela, e, por fim, a última, destinada ao que se costuma chamar considerações finais.

A TERRITORIALIDADE DA PESQUISA: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica versa em duas questões. Primeiro sobre o conceito de território, e está ligada diretamente ao desenvolvimento regional, e a segunda, sobre o futebol, o elemento mobilizador do texto. Ao tratar do território, primeiro apresentar-se-á sua definição e a indicação do local da pesquisa; quanto ao futebol, se aponta o tipo de futebol que norteará a reflexão, e dentro desta categoria, o que significa torcer na vivência do futebol longe das esferas profissionais.

Quando se fala em território se diz muitas coisas. Poder-se-ia debater a ideia de território através da geografia, ou ainda, através da antropologia, como Haesbaert sugere.¹⁰ No entanto, para construção de uma cartografia social, opta-se por discutir a ideia de território a partir da geofilosofia deleuzo-guattariana. “O

⁹ DOS SANTOS. Lugares do futebol no Jaraguá/SP, p. 77.

¹⁰ HAESBAERT, *O mito da desterritorialização*, p. 43.

território pode ser relativo tanto a um espaço vivido quanto a um sistema percebido, no seio do qual um sujeito se sente em casa”.¹¹

Há a materialidade do território que marca o espaço físico, mas também se considera a sua dimensão simbólica, que compreende aspectos culturais, políticos, econômicos, antropológicos, entre outros. O território é a materialidade física, mas também é a constituição das relações sociais, e como estas intervêm no meio. Para Deleuze e Guattari, é um espaço de multiplicidades.¹² O que significa dizer que o território é um lugar dotado de qualidades de expressão, que envolvem todos os seres, não apenas os humanos. Ele é um atravessamento de muitas forças. Assim ele se relaciona com as questões de natureza ecológica, com os aspectos sociais e culturais.

O território é o resultado de um devir, de um movimento das muitas forças, como resultante da multiplicidade de fatos e acontecimentos. Ele não é apenas um espaço físico, mas é a relação entre o meio e os organismos que aí-estão. O território, como Deleuze e Guattari entendem, não é só um lugar, mas é um espaço de construção, destruição e outras possibilidades. Para se realizar uma cartografia social, na perspectiva do território, são considerados os fluxos velozes e incessantes que perpassam a terra e as consciências daqueles que ali habitam. O território é uma grande experimentação da terra.

Deleuze e Guattari dialogam com Haesbaert quando refletem sobre o território. Há pontos de convergências e abordagens divergentes nesta possibilidade de diálogo. Ambos convergem na aproximação do território com as estratégias que olham as forças e os símbolos, que atuam sobre as dimensões, e sobre os movimentos constituídos. Divergem, é o que interessa para este texto, quanto à explicação das forças simbólicas no território. Para Deleuze e Guattari, as forças dar-se-ão através do caos e na formação de teias, enquanto para Haesbaert são movimentos dialéticos que compactuam com a ideia de rede.

Aqui pensa-se o território numa formação caótica. A rede é composta por nodos que unem as partes. Cada nodo é um ponto, e é uma interrupção que forma outra conexão. A ideia de teia assemelha-se à figura da teia de um aracnídeo. A teia se entrelaça parte sobre parte. Não há nodos de separação e conexão, mas há a

¹¹ GUATTARI; ROLNIK. *Micropolítica*, p. 323.

¹² DELEUZE; GUATTARI. *Mil platôs*, p. 23.

aproximação de fatos, acontecimentos e memória, minimamente consciente, isto é uma formação caótica em Deleuze e Guattari.¹³ O território, aqui na pesquisa, entende-se como uma teia dada a partir do caos revelado pelas vozes das mulheres do Concórdia.

O território onde se encontrava o Concórdia era uma cidade de pequeno porte, da região norte do Estado de Santa Catarina, chamada Massaranduba. Está localizada no Vale do Rio Itapocu, no corredor que liga as cidades de Joinville, Blumenau e Itajaí, que são as maiores cidades do estado. Conforme a expectativa do IBGE para 2022, o município possui uma população aproximada de 17 mil habitantes, com uma metade no espaço rural e outra no espaço urbano. É conhecida pela produção de arroz irrigado. Historicamente foi ocupada, no quarto final do século XIX, por imigrantes europeus, de diversas nacionalidades. Dentro deste contexto, os descendentes de italianos, que se instalaram na parte montanhosa, ao sul da cidade.

Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE, o Censo de 1960, último antes da criação do Concórdia, mostrava que o município contava com 11.454 habitantes, desses, 10 mil viviam no rural. Já o Censo de 1980, o primeiro após o encerramento do time, mostrava que a população havia chegado a 12 mil habitantes, porém, 3,3 mil vivendo no urbano, uma população que triplicou durante 20 anos. O Concórdia conviveu com o êxodo rural como novidade e outra possibilidade para os moradores do Braço Direito, interior de Massaranduba.

Quando se fala do Concórdia, se fala do futebol de várzea. Para alguns autores,¹⁴ o futebol profissional é aquele no qual os jogadores o praticam em alto rendimento e recebem um salário pela dedicação exclusiva a ele. Quando comparado ao desenvolvimento inglês do *football*, o profissionalismo também serve como um eficaz dispositivo, no sentido de imbuir o trabalhador de senso de coletividade, de especialização, disciplina, hierarquia, competitividade e valorização do tempo cronometrado, uma analogia à fábrica.¹⁵ Se o futebol profissional está como um dispositivo de submissão, o futebol de várzea é uma forma de resistência.

¹³ DELEUZE; GUATTARI. *O que é filosofia?*, p. 92.

¹⁴ MARQUES; SAMULSKI. *Análise da carreira esportiva de jovens*, p. 104.

¹⁵ MASCARENHAS. *Várzeas, operários e futebol*, p. 86.

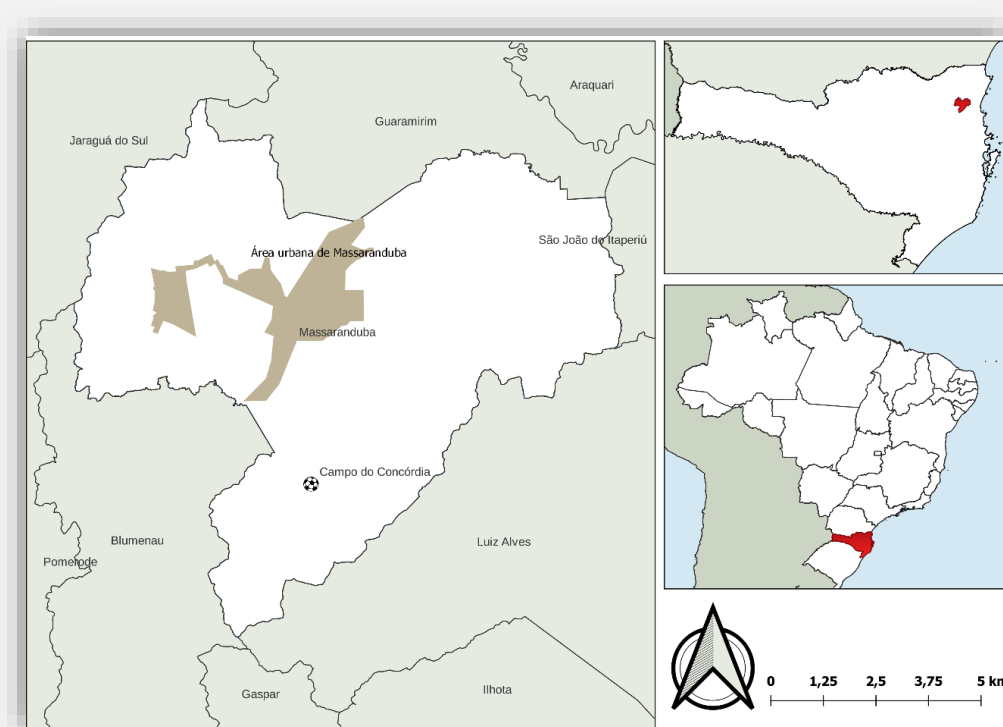


Fig. 1 - Localização do Concórdia. Elaborado pelos pesquisadores, 2021.

O Concórdia não praticava nenhuma forma de pagamento para os jogadores. A reunião dos atletas era uma formação identitária de um grupo de pessoas localizadas num mesmo território. De certa maneira, o jogar constituía-se, num sentido deleuzo-guattariano, em uma linha de fuga que subvertia a ordem do capital.¹⁶ Se o capital produz um agenciamento maquínico que desterritorializa o futebol transformando-o em negócio, o futebol do Concórdia prevê o lazer e a fruição como fundamento identitário.¹⁷ E este aspecto dava razão à existência do Concórdia, como time e espaço de encontro.

Diante das diferenças entre o futebol de várzea e o futebol profissional, o modo de torcer também se diferencia. Um clube de futebol profissional explora a paixão do torcedor. Ele motiva o consumo de produtos licenciados, propõe a adesão ao clube através de programas de sócio torcedor, entre outras iniciativas. O torcedor é visto como possibilidade para a geração de receitas. No futebol de várzea, há outra

¹⁶ DELEUZE; GUATTARI. *Kafka*, p. 146.

¹⁷ DOS SANTOS. Lugares do futebol no Jaraguá/SP, p. 82.

perspectiva para a formação do torcedor. A identidade de aproximação com o campo é que dá o tom para a experiência do torcer. O torcedor tem a ciência do distanciamento do futebol profissional e das competições. O elemento que o aproxima é o da identidade e do apoio àquilo que está envolto do campo.

A CARTOGRAFIA SOCIAL COMO TERRITÓRIO METODOLÓGICO

O artigo pretende desenvolver o objetivo proposto através da cartografia social. É uma metodologia que se diferencia da cartografia tradicional. Ela não trabalha com mapas estanques ou decalques, mas acompanha processos que se desenvolvem e acontecem na coletividade.¹⁸ É um dos vetores da multiplicidade apresentados por Deleuze e Guattari.¹⁹ O acontecimento na coletividade considera a multiplicidade através de três diferentes abordagens: a grupalidade, as formas de organização e a percepção que vai além das questões hierárquicas.

O processo desenvolvido com a cartografia é uma coprodução entre o pesquisado e o pesquisador. Daí decorre a importância da grupalidade no instante do acontecimento da pesquisa. Ela marca um encontro; de certa forma, o pesquisador se importa com o evento formando com ele uma teia. O coletivo é uma composição potencialmente ilimitada de seres tomados na proliferação das forças de produção da realidade,²⁰ resultante da construção de um território de sentidos e significados. Cartografar é traçar um plano comum entre os entes envolvidos pela pesquisa e formar conexões.

O plano da pesquisa é construído na relação entre as múltiplas forças que atravessam o pesquisador e o pesquisado. Não é um evento distanciado entre eles, mas um encontro afetivo dado na multiplicidade de forças coemergentes.²¹ A pesquisa considera a dimensão política daquilo que aí-está e o mapeamento, num sentido deleuzo-guattariano, das relações sociais que aí-estão. O mapa é aberto, conectável

¹⁸ KASTRUP; PASSOS. Cartografar é traçar um plano comum, p. 265.

¹⁹ DELEUZE; GUATTARI. *Mil platôs*, p. 30.

²⁰ KASTRUP; PASSOS. Cartografar é traçar um plano comum, p. 270.

²¹ PASSOS *et al.* *Pistas do método da cartografia*, p. 18.

em todas as dimensões. Ele também é desmontável e suscetível a receber outras modificações.²² A cartografia social é uma categoria de pesquisa não estanque.

Em última instância, é uma análise da territorialidade que acompanha os processos de subjetivação. Ela busca perceber as linhas que atravessam um determinado território de multiplicidade. São forças constituintes daquele espaço que apontam as variáveis que atuam no recorte pesquisado. Ao mesmo tempo que a pesquisa não é estanque, ela é dinâmica, por ser processual e pautada em ações de grupalidade.

Antes da geração dos dados, aconteceram algumas conversas informais. O momento foi fundamental pela escolha das mulheres como vozes. Na prévia, os jogadores do Concórdia falaram do jogo, do time, mas contavam os fatos como se estivessem distanciados. As mulheres, no que lhes concerne, relataram detalhes do jogo e dos acontecimentos em torno do Concórdia com maior propriedade, para além do jogo. Havia ali uma teia, entre as muitas possibilidades vivenciadas. Não era apenas o jogo, mas as muitas coisas em torno do território do Concórdia. Pela teia construída optou-se por gerar os dados a partir das vozes das mulheres.

Os dados reunidos aconteceram por conversas guiadas por questões semiestruturadas. Após o momento prévio, reuniram-se, num domingo à tarde, em torno de uma mesa com café e doces, quatro mulheres que vivenciaram a história do Concórdia. Foi-lhes perguntado: o que significa torcer para o Concórdia? O áudio da conversa em grupo foi gravado e transcrito para a análise que será apresentada na próxima sessão. A grupalidade prevê a troca de saberes; a pactuação e o desenvolvimento crítico das lembranças e a constituição daquilo que se convencionou chamar Concórdia.

A roda de conversa, com elementos informais e questões semiestruturadas, promove um modo de falar mais livre. A roda de conversa aconteceu no outono de 2020. Considerou-se a capacidade de escuta, argumentação e acolheram-se os diferentes ideais, muitas vezes não hierárquicos, sobre o tema da pesquisa. Percebe-se, na adoção desta prática, um sentimento de cooperação entre os envolvidos.

Das quatro mulheres que compuseram a roda de conversa, duas foram escolhidas como rainha e princesa do time, no segundo ano de existência do

²² DELEUZE; GUATTARI. *Mil platôs*, p. 30.

Concórdia, em 1967, ano de inauguração do salão de bailes. Outra foi a esposa de um dos fundadores do Concórdia e, por último, uma que participou como voluntária na cozinha que funcionava durante os jogos do time. Todas são descendentes de imigrantes italianos e sempre moraram próximo ao campo do Concórdia. O convite foi aberto a outras mulheres, mas estas foram as que se fizeram presentes. Para identificar as vozes, no texto, foram atribuídos nomes aleatórios a cada uma delas: Amanda, Carol, Fernanda e Jéssica.



Fig. 2 - Ocupação territorial atual.
Elaborado pelos pesquisadores, 2021, a partir de imagem do Google Maps.

A pesquisa do Concórdia nasceu tangencialmente a outro projeto. Ao investigar os processos de reterritorialização do rural, ouviam-se vários relatos de um time de futebol no interior da cidade. E nos relatos sempre o bom desempenho dos jogadores. Hoje o espaço ocupado pelo campo é apenas uma pequena lavoura.

AS VOZES DAS MULHERES TORCEDORAS

Uma ideia não representa apenas uma coisa, ela geralmente fala sobre muitas. Ela envolve o território presente, os símbolos e as várias forças que a atravessam.²³ Foi sobre as muitas coisas que as mulheres falaram. Entretanto, foca-se aqui as questões voltadas à torcida, como mencionado, a partir da questão: o que significa torcer para o Concórdia? As respostas estão divididas em duas variáveis: a primeira delas, a representação social do time, e a segunda, a vivência da torcida, e elas reflexivamente se entrelaçam.



Fig. 3 - Escudo e uniforme desenhados a partir do relato oral das entrevistadas. Elaborado pelos pesquisadores, 2021.

A primeira coisa que Fernanda falou foi da camisa. “Ela era de listras, verde, branca e vermelha, eu lembro bem, tinha o primeiro time, tinha o segundo time”, referindo-se ao time titular e o time de reservas. “A camisa era muito bonita, era homenagem à Itália, como também a bandeira”, foi assim que ela se referiu ao escudo. A comunidade onde o time foi criado foi uma porção de terra ocupada por imigrantes italianos, nas últimas décadas do século XIX.

O futebol, além da religiosidade, foi uma forma encontrada para manter vivos valores herdados. Entretanto, é preciso considerar que a visão do imigrante é o olhar de alguém que está no Brasil, há quase um século, na ocasião da fundação do

²³ DELEUZE; GUATTARI. *O que é filosofia?*, p. 83.

Concórdia, e mantém um certo tipo de identidade europeia. Não é mais o cidadão italiano, que em meio à pobreza partiu para o Brasil,²⁴ como também não se sente totalmente um cidadão brasileiro. Carrega consigo elementos imaginários de uma terra conhecida pela avó, pela bisavó e que lhe foram transmitidos oralmente. O Concórdia foi uma forma de manter tais ideias vivas. Fernanda afirma: “somos um pouco italianos também”.

O Concórdia, além do time de futebol, tinha uma forte representação social junto à comunidade. “Havia a rainha, antes do jogo se apresentava, era bonito”, diz Carol. Fernanda a interrompe, “a primeira escolha da rainha foi feita para inaugurar o salão, ficou rainha quem vendeu mais ingressos”. Amanda, um tanto ressentida, comentou: “eu só ia lá com as faixas, ninguém precisa de nós para nada. A gente só ia lá e pronto. Quando dava jogo, ficava lá, gritando, torcendo, junto”. Era uma rainha que não governa, mas acolhia o outro.



Fig. 4 - Rainha e princesa do Concórdia (1967). Foto compartilhada por uma das entrevistadas.

²⁴ OLIVEIRA. *Por um pedaço de terra “Luís Alves”*, p. 12.

O torcedor do Concórdia é o torcedor do futebol praticado na comunidade. Não há uma relação de consumo, ou de sócio torcedor como fonte de receitas, uma prática adotada pelo futebol profissional. Ele está lá para apoiar o time, mesmo quando torcer não tenha relação apenas com o futebol. Na descrição de Amanda, para além do jogo, há o envolvimento, a participação e o estar com as pessoas da comunidade. A construção de uma identidade local é fortificada com a presença. A frase de Amanda diz: “a gente só ia lá e pronto”, há algo a mais do que o “só”. Existe um simbolismo que dá sentido de pertencimento a aquilo que foi construído. Talvez o futebol represente uma linha de fuga²⁵ diante do que se vivencia na vida interiorana de uma pequena cidade. Talvez o time seja uma janela para uma nova e outra perspectiva.

Gradualmente a representação do futebol tomou outros contornos, expandindo-se para a vida social da comunidade. Jéssica contou que “quando eu casei, fiz a festa lá no salão”. Carol lembrou das muitas festas, “fazia a domingueira, alegria para os jovens, era o que tinha”. De um campo, para um espaço de encontro para proporcionar momentos de lazer e encantos. “Todo mundo falava italiano”, diz Fernanda. O italiano a que Fernanda se refere é o dialeto de Vêneto, região norte da Itália. Os imigrantes que ocuparam a parte sul de Massaranduba, vieram na sua maioria da província de Belluno, próxima a Veneza e a Bérgamo.²⁶ A comunidade “do Concórdia” era composta na sua maioria por belluneses. O lugar do futebol transcende às quatro linhas, ele representa a metáfora da festa.²⁷

A segunda variável a ser cartografada é a torcida. “Era a única diversão que tinha aqui no lugar”, diz Carol. Torcer ultrapassa a proposição do jogo de futebol. Torcer é uma reunião social, mas também é uma linha de fuga diante das dificuldades de se estar como agricultor. Fernanda corrobora a ideia de Carol: “a gente trabalhava a semana toda, domingo, depois da missa, dava para descansar”. O trabalho na roça e na casa ocupa todo o tempo. O campo do Concórdia era uma saída da lógica da sobrevivência. Apresentava um espaço de esperança.

²⁵ DELEUZE; GUATTARI. *Mil platôs*, p. 17.

²⁶ OLIVEIRA. *Por um pedaço de terra “Luís Alves”*, p. 56.

²⁷ FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses*, p. 246.

As quatro vozes concordavam que o torcer era divertido. Pouco se falava do jogo de futebol e dos times, propriamente ditos, mas muito se falava da construção dada em torno do torcer. O ator de torcer cria vínculos emocionais.²⁸ “Quando vinha, vinha em tropa, daí quando eles chegavam perto, a gente atirava foguete, acolhia com a salva de palmas”, diz Carol ao tratar da chegada dos adversários. Torcer era importante e o respeito pelo outro que ali estava também. A tristeza se fazia presente num momento de ausência, “quando chovia a gente ficava triste, não tinha cobertura para gente acompanhar o jogo”, continuou Carol, e não quando o time perdia. A tristeza não estava ligada ao resultado do jogo, mas à prática do torcer e à construção coletiva que mobilizava para além das quatro linhas.²⁹

O campo do Concórdia era um gramado para o futebol, um salão para a dança e o espaço da cozinha e bar, tudo ao mesmo tempo. “Fazia pastel e cachorro-quente, ninguém sabia fazer no começo, se buscava uma cozinheira lá na Vila”, diz Fernanda. A Vila é o distrito da Vila Itoupava, em Blumenau, próximo ao bairro do Concórdia. Depois de algumas vezes as próprias mulheres aprenderam a fazer pastel e cachorro-quente. Completa Fernanda: “o Honório vendia cocada”.

Carol apresenta outros detalhes interessantes do serviço de bar. “Não tinha cerveja, mas tinha pinga, capilé, guaraná, laranjinha, dava uns trocadinhos para formar caixa”. Evidente que havia uma preocupação financeira, mas ela não era a força motriz do time. Mas, qual é o lugar do futebol nas vozes das torcedoras? Ele é o agente motivador da existência do ato de torcer, mas a representação social e o envolvimento com o entorno, de certa forma, transcende o jogo em campo. O papel das mulheres no Concórdia difere, em certo grau, das mulheres na história do futebol,³⁰ há um tipo de envolvimento. O futebol é da comunidade, embora os espaços possuam política de gênero evidente. Há quem jogue; há quem torça e quem cozinhe.

O Concórdia esteve ativo entre 1965 e 1979. Para Carol ele desmanchou depois que “formaram um time do Serrinha, aí também, muitos casaram e foram morar na cidade”. A fala de Carol demonstra que os interesses mudaram, e que não houve uma renovação entre os jogadores. Na medida que foram envelhecendo, o

²⁸ GIULIANOTTI. *Sociologia do futebol*, p. 98.

²⁹ DOS SANTOS. Lugares do futebol no Jaraguá/SP, p. 82.

³⁰ GIULIANOTTI. *Sociologia do futebol*, p. 200.

Concórdia não conseguiu mobilizar outros participantes. Amanda também aponta que quando “o presidente saiu fora, ninguém quis assumir, foi e foi até que desmoronou”. A gestão também não se renovou. As vozes de Carol e Fernanda relatam um tipo de política interna do clube.

Em nenhum momento da conversa as mulheres falaram daquilo que era exterior ao Concórdia. Eram os anos de chumbo da ditadura militar, também foram os primeiros anos de emancipação política de Massaranduba. Mas estes são elementos silenciados na voz das torcedoras. Em torno do Concórdia se criou uma estrutura comunitária fechada. O urbano se transforma,³¹ mas o Concórdia durante o tempo representou uma forma de resistência às mudanças. O Concórdia atuou na manutenção de um ideário de quem já não é mais imigrante e ainda não se sente totalmente brasileiro. As duas variáveis se entrelaçam na reflexão, na medida que o torcer demonstra as particularidades das manifestações culturais locais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E OUTRAS ABERTURAS

O texto objetivou cartografar a experiência do torcer e da torcida de um time de futebol de várzea localizado na área rural de Massaranduba. O texto desvelou que torcer é um evento diferenciado, quando comparado aos grandes campeonatos e grandes clubes. O torcer sinalizou a ligação com a história dos antepassados, com a terra que ocupavam e vivenciou mudanças territoriais sociais. O futebol, para além do jogo, trouxe elementos de importância para o momento vivido, assim como relataram as vozes de Fernanda, Jéssica, Carol e Amanda. O Concórdia foi importante porque havia uma reunião de pessoas, provocadas pelo futebol, e além dele confraternizava-se com comidas, bebidas e o estar presente. Foi a alegria dos domingos porque havia um envolvimento entre os partícipes do Concórdia. Então, a experiência do torcer é, em certo grau, a experiência da afetividade da comunidade.

O término das atividades do Concórdia coincide, ou não, com mudanças sociais ocorridas na cidade. O Concórdia, como já mencionado, esteve ativo entre os anos finais de 1960 e a década seguinte. O período em Massaranduba foi marcado

³¹ DOS SANTOS. Lugares do futebol no Jaraguá/SP, p. 86.

por três grandes fenômenos desterritorializantes, que também foi retratado em escala nacional. O primeiro deles foi a emancipação política da cidade, em 1961, que representou para os bairros mais distantes um novo relacionamento administrativo. Os problemas locais, como abertura e manutenção das vias e a instalação da rede de energia elétrica aconteceram de modo mais eficaz. A autonomia administrativa tornou direta a relação entre pessoas e administradores, com uma dinâmica mais pragmática. Uma certa desburocratização na resolução de problemas.

O segundo e o terceiro fenômeno se interligam, o surgimento da agricultura em tempo parcial e o êxodo rural. Os dois passam pela instalação de indústrias nos municípios circunvizinhos. Num primeiro momento os agricultores deixaram de ocupar-se exclusivamente do rural para dedicar parte da jornada de trabalho às “fábricas”. Foi uma mudança que transformou a rotina de vida das comunidades interioranas. E gradualmente o êxodo de trabalhadores para o urbano cresceu. Começou-se a perceber que o urbano os aproximava das fábricas e lhes dava outras condições vivenciais. O agricultor ou ex-agricultor, e suas famílias, com outras ocupações e outros paradigmas de vida, deixaram de frequentar o Concórdia pois encontraram outros significados e atividades em outros lugares.

Se o campo e o ato de torcer representou durante um tempo um certo tipo de identidade social, agora com as transformações sociais em curso, o conjunto de significados evidenciou outras possibilidades. Houve uma mudança social para além do jogo. O futebol não é uma ilha diante dos contextos sociais e está ligado aos processos de reterritorializações. Embora não sejam citados verbalmente nas vozes das entrevistadas, eles surgem nas entrelinhas de cada interpretação factual narrada por elas.

Diante das vozes pode-se destacar duas aberturas reflexivas ao longo do texto. A primeira delas é a necessidade de espaços para o encontro social. A ideia de comunidade é marcada pelo encontro afetivo. Sem encontro, a comunidade fragmenta-se. O Concórdia marcou o espaço de encontros e de resistência frente aos fenômenos desterritorializantes do rural. Entretanto, a reterritorialização do espaço leva a outras duas aberturas, sendo a percepção das novas configurações. O trabalhador rural em tempo parcial e o êxodo rural provocaram a necessidade de se pensar outros lugares para o lazer. E, por decorrência, a necessidade de estabelecer

políticas públicas para pensar o lazer como uma necessidade social e espaço de encontros e construções significativas para os habitantes.

A criação do Concórdia, as atividades e o encerramento delas possibilitam refletir como os espaços de lazer são cuidados e descuidados no território local. Fazem pensar o conjunto de sentidos que existe em torno do campo e do torcer. A proposição do desenvolvimento não se limita às ações econômicas. Pensá-lo é uma prática integral que abraça os mais diferentes setores do território. Então, há um grau de importância para atividades do lazer, para rememoração dos eventos e o olhar para aqueles que estão deslocados das áreas centrais. Pensar o Concórdia é um exemplo da necessidade de se pensar o desenvolvimento de modo integral.

* * *

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Filô/Margens, 4).
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. Volume 1. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. 5v.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DOS SANTOS, Alberto Luiz. Lugares do futebol no Jaraguá/SP: lógicas de organização, expressões simbólicas e tendências do futebol de várzea contemporâneo. **FuLiA / UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 75-95, 2020.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito das desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal**: Revista de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 263-280, ago. 2013.

MARQUES, Maurício Pimenta; SAMULSKI, Dietmar Martin. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n. 2, p. 103-119, 2009.

MASCARENHAS DE JESUS, Gilmar. Várzeas, Operários e Futebol: Uma outra Geografia. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 84–92, 2009.

MATTEDI, Marcos Antônio. Pensando com o desenvolvimento regional: subsídios para um programa forte em desenvolvimento regional. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, Blumenau, v. 2, n. 2, p. 59-109, 2015.

OLIVEIRA, Didymea Lázaris de. **Por um pedaço de terra “Luís Alves”**: sua colonização a partir de 1877. Itajaí: Editora da UNIVALI, 1997.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

* * *

Recebido em: 15 de outubro de 2021
Aprovado em: 2 de março de 2022

ATOESP: Uma história do associativismo torcedor em São Paulo nas décadas de 1970 e 1980

ATOESP: A History of Fans Associativism in São Paulo in the 1970's and the 1980's

Vitor Canale

Fundação Getúlio Vargas, São Paulo/SP, Brasil
Doutorando em História, Política e Bens Culturais, CPDOC/FGV
vitorcanale@gmail.com

RESUMO: O presente artigo se debruça sobre a criação e a primeira década de atuação da Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo (ATOESP). A instituição, criada em 1976, congregou grêmios torcedores paulistas, representando iniciativa pioneira e um fórum de debates sobre as dificuldades enfrentadas pelos adeptos ao futebol. Com base em entrevistas, fontes da imprensa da época e no referencial da historiografia marxista inglesa, notadamente E.P. Thompson, mostra-se de que maneira, a despeito da visão de senso-comum acerca das rivalidades, as lideranças dos agrupamentos reunidos na Associação cultivavam diálogos. Nesse sentido, foram analisadas as pautas da ATOESP que ensejaram a convocação de boicotes e de atos contra a Federação Paulista de Futebol, no tocante ao calendário esportivo e ao aumento do preço dos ingressos, além das recorrentes reivindicações em prol da liberação de materiais festivos para as arquibancadas e de um melhor tratamento da Polícia Militar para com os torcedores.

PALAVRAS-CHAVE: História do futebol no Brasil; Torcidas organizadas; Futebol; São Paulo; Anos 1970.

ABSTRACT: This article focuses on the creation and the first decade of ATOESP, the Association of Organized Supporters of the State of São Paulo. The institution, created in 1976, included organized supporters of football clubs from São Paulo, representing a pioneering initiative and a forum for debates on the difficulties faced by football supporters. Based on interviews, in press sources of the time and in the referential of English Marxist historiography, notably EP Thompson, it is shown how, despite the common-sense view of the rivalries, the leaders in the Association cultivated dialogues. In this sense, the agendas that gave rise to ATOESP's call for boycotts and acts against the Football Federation from São Paulo were analyzed, concerning to the sports calendar and the increase in ticket prices. And finally, the conflicting relationship between organized supporters and the Military Police in the second half of the 1970s.

KEYWORDS: History of Brazilian Football; Organized Supporters; Football; São Paulo; 1970s.

NOVOS ATORES SOCIAIS NO FUTEBOL PAULISTA

O cordão carnavalesco Fio de Ouro da Bela Vista se reunia mais uma vez para um cortejo pelas avenidas de São Paulo. Naquela noite de 24 de maio de 1968, juntava-se a mais duzentos torcedores em protesto com alto-falantes, cartazes, faixas e bandeiras, que, junto com o batuque e gritos de “Corinthians, Corinthians”, traziam o estádio do Pacaembu para a Rua Almirante Marques Leão.

A passeata – liderada por Inaté José da Silva, de 20 anos, descrito pelo jornal *O Estado de S. Paulo* como “um crioulo baixo e forte, que anda sempre de branco, que, não consegue esquecer ‘a surra que alguns capangas do presidente lhe deram’”¹ – tinha como alvo o longevo presidente do clube, Wadih Helu. O líder da Fiel Alvinegra (Fan) passara o mês organizando o ato, que contou com a adesão de diversas lideranças da torcida, como Jarbão e Piximbau, da Vila Mariana; Igor, da Bela Vista; e Gibi, da favela Vergueiro, que conseguiram a assinatura e a contribuição em dinheiro de cinco mil torcedores.

O incomum de um protesto consentido no centro de São Paulo atraiu a atenção de transeuntes e das pessoas que assistiam da janela o samba e o espocar dos fogos. A Fan era um grupo que existia já havia algum tempo, mas uma derrota para o Santos foi o estopim do descontentamento. O protesto atendia a um duplo desígnio, quais sejam, conscientizar os torcedores que assistiam à marcha e mostrar a Helu que não eram apenas alguns conselheiros que estavam na oposição, mas a torcida também.

O ato protagonizado pelo grupo era uma das faces públicas de um movimento que se fortificava nas arquibancadas de diversos estádios da capital e do interior paulista. A organização de jovens torcedores, a partir de meados da década de 1960, trouxe a emergência de novas performances e a participação de setores da arquibancada de uma maneira mais recorrente na política dos principais clubes do estado.

Contudo, é necessária a ressalva de que o surgimento de cada torcida organizada constitui uma experiência específica, norteadas pela influência de sócios, dirigentes, da imprensa e de outros agentes do espetáculo esportivo.² Em comum, esses diversos grupos

¹ TORCIDA promove passeata contra Wadih Helu. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 maio, p. 15.

² As primeiras torcidas organizadas paulistas surgiram em 1969, com a fundação da Torcida Jovem Ponte, em Campinas, dos Gaviões da Fiel e da Torcida Jovem do Santos, em São Paulo. No início da década de 1970 surgiram a palmeirense TUP (Torcida Uniformizada do Palmeiras) e a Torcida Jovem do Guarani, futuramente rebatizada de Guerreiros da Tribo. Em 1971 foi fundada a corintiana Camisa 12 e no ano seguinte a Torcida Tricolor Independente. Em 1972, foi

de torcedores tinham a predominância de jovens do sexo masculino entre seus fundadores e principais apoiadores, a organização de elementos estéticos e sonoros de apoio ao time, a padronização das vestimentas como forma de marcar seu espaço nas arquibancadas e a organização de caravanas de apoio ao clube.³

A percepção dos problemas que atrelavam torcedores de diferentes times foi um fio condutor de relações: o uso do transporte público, o valor dos ingressos, as dificuldades das caravanas, os códigos de ética eram todas experiências compartilhadas por um grande contingente que escolhia as organizadas como seu modo de vida. Essas experiências que irmanavam torcedores de diversas agremiações aproximou as lideranças de três das maiores torcidas organizadas de São Paulo nos primeiros anos da década de 1970.

A relação entre Flávio La Selva, fundador e primeiro presidente dos Gaviões da Fiel; Hélio Silva, longevo presidente da Torcida Uniformizada do São Paulo (TUSP), e Cosmo Damião Freitas, fundador e presidente da Torcida Jovem do Santos, extrapolou a rivalidade clubística⁴ e estimulou vínculos de solidariedade e ações conjuntas entre rivais. Ao longo da primeira década do movimento de torcedores organizados em São Paulo a atuação dos três presidentes e a participação de outros representantes de grêmios, como Wanderlei “Matheus” Rodak, da Torcida Uniformizada do Palmeiras; Maurício Lombardi, da Torcida Jovem da Ponte; e Tadeu Datovo, da Guerreiros da Tribo, buscava mudanças na estrutura do futebol e meios de conciliação da rivalidade clubística.

A realização de um campeonato de futebol entre as torcidas organizadas da capital paulista, no Ibirapuera, era uma mostra de como esse movimento originado nas lideranças começava a se expandir para as instituições como um todo. O torneio de janeiro de 1975 precedia em mais de um ano a institucionalização da Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo, mas já mostrava um terreno fértil de relações.

A CRIAÇÃO DA ATOESP

também a vez da Leões da Fabulosa, representante da Portuguesa. Ausenta-se desta lista a Torcida Uniformizada do São Paulo (TUSP) por ter sido fundada em 1939, porém a partir de 1969 adotou uma postura e organização semelhante às torcidas organizadas.

³ TOLEDO. *Torcidas organizadas de futebol*, p. 32.

⁴ O contato frequente entre as lideranças – que, segundo Hélio Silva, começara por volta de 1972, com encontros semanais em bares da cidade para tomar cerveja e discutir os problemas em comum das torcidas estreitou até os laços de compadrio entre Cosmo Freitas, da Torcida Uniformizada do Santos, e Flávio La Selva. HOLLANDA; FLORENZANO. *Territórios do torcer*, p. 104.

A criação de uma associação de torcedores era vista como um acréscimo de credibilidade para o encaminhamento de demandas e sugestões a outras entidades do futebol, principalmente a Secretaria de Segurança Pública do Estado e a Federação Paulista de Futebol (FPF). Era também a possibilidade de um discurso unificado junto à mídia em questões que interessavam a todos os torcedores. O desejo dos fundadores da ATOESP era criar um espaço para o estabelecimento de regras comuns a todas as torcidas, dividir harmonicamente os espaços das arquibancadas nos clássicos realizados nos estádios do Morumbi e do Pacaembu e criar estratégias para diminuir os enfrentamentos entre torcedores, organizados ou não.

Segundo Fernando Pereira da Silva, representante dos bugrinos da Guerreiros da Tribo, a entidade atendia a uma diversidade de questões de interesse público:

discutia os problemas que estavam acontecendo entre as torcidas, discutia o que podia ser feito junto à Federação e junto à Polícia Militar do Estado de São Paulo para maior segurança; se discutia, por exemplo, a chegada das torcidas no estádio, negociar com a Polícia Militar que tivesse um ponto de parada na entrada da cidade e com escolta até o estádio com todos os ônibus juntos; na saída, que tivesse uma escolta da Polícia Militar até pegar a estrada novamente, porque havia muita... a molecada jogava pedra nos ônibus na saída, depredava os ônibus e a torcida tinha que pagar. A recepção e a amizade que tinha que ter quando chegasse uma torcida, a torcida representante do time da casa tinha que receber, para quebrar o risco de atritos, mostrar que havia uma integração entre as torcidas, e isso foi legal.⁵

A institucionalização da entidade ocorreu em 17 de fevereiro de 1976 e em seu primeiro ano a ATOESP contava com os Gaviões da Fiel e a Povão Torcida Unida, representantes do Corinthians; a Torcida Uniformizada e a Torcida Acadêmica do Palmeiras; as torcidas Leões da Fabulosa e Corações Unidos da Portuguesa de Desportos; a Torcida Uniformizada do São Paulo; a Torcida Jovem do Santos; e as campineiras Torcida Jovem da Ponte Preta e Guerreiros da Tribo – Força Independente do Guarani.⁶

A sede dos Gaviões da Fiel foi o endereço escolhido para a hospedar a entidade, mas tinha por função apenas receber as reuniões entre os dirigentes das torcidas e correspondências. Flávio La Selva, um dos principais incentivadores da criação da ATOESP, foi escolhido como seu primeiro presidente, mas ao longo da história da entidade se rezezaria no cargo com Hélio Silva e Cosmo Freitas.

⁵ SILVA. Depoimento, p. 11.

⁶ TORCIDAS unidas formam os “Guerreiros da Tribo”. *Jornal do Guarani*, Campinas, nov.-dez. 1976, n. 6, p. 4.

O surgimento da entidade estava inserido num quadro maior de criação de movimentos populares urbanos na cidade de São Paulo e em outras metrópoles durante a segunda metade da década de 1970. Essas iniciativas, batizadas de “novos movimentos sociais”, eram marcadas por uma identidade em comum entre seus integrantes e a defesa de interesses coletivos ameaçados por uma dinâmica social excludente.⁷ Para entender a dinâmica da ATOESP se faz necessário conhecer o ambiente do torcedor paulista de meados da década de 1970.

OS DESAFIOS DO TORCEDOR PAULISTA NA DÉCADA DE 1970

O ciclo de reportagens “Campeões da Geral”, do jornalista Narciso James, visava apresentar aos leitores da *Folha de S. Paulo* as principais torcidas organizadas paulistanas.⁸ Além de um breve histórico das torcidas, as reportagens, veiculadas em julho de 1975, contavam com as reflexões de vários torcedores sobre o futebol local.

Cláudio Simões, dos Gaviões da Fiel, era um dentre os vários líderes de torcida críticos à atuação da Polícia Militar nos estádios. Para Simões, os policiais esqueciam-se de que ali estavam trabalhadores e estudantes, tratando todos como vagabundos. O policiamento repressivo ficava claro com o uso de armas de fogo e cassetetes, enquanto as torcidas pediam iniciativas preventivas.⁹ Hélio Silva, da Tusp, citava uma situação ilustrativa do comportamento da corporação: um rapaz que foi repreendido pela polícia ao tentar pular o alambrado, quando desceu, por conta própria, foi espancado pela PM. Situações como essa, na opinião do são-paulino, traumatizavam o adulto que ia ao estádio e a criança, que perdia o encanto pelo futebol.¹⁰

Apesar das reuniões entre policiamento e líderes de torcidas, as proibições dos fogos de artifício, mastros de bandeira e batuques eram outros fatores fortemente criticados pelos torcedores organizados. Os fogos de artifício estavam proibidos por causarem queimaduras nos torcedores. Enquanto reivindicavam mudanças na regra, cada torcida

⁷ GOHN. *Teorias dos movimentos sociais*, p. 218.

⁸ JAMES. Os Gaviões da Fiel, 753 torcedores contra 50 anos de atraso no futebol. *Folha de S. Paulo*, 29 jul. 1975, Folha Esportiva, p. 26.

⁹ JAMES. Os Gaviões da Fiel, 753 torcedores contra 50 anos de atraso no futebol. *Folha de S. Paulo*, 29 jul. 1975, Folha Esportiva, p. 26.

¹⁰ JAMES. A elite do Morumbi: senhores bem-comportados na guerra dos estádios. *Folha de S. Paulo*, 30 jul. 1975, Folha Esportiva, p. 30.

adotava seu expediente para burlá-la. Os rojões entravam jogados por cima dos muros do estádio, na saída das torcedoras, no ônibus junto aos jogadores e até escondidos nas lanconetes do estádio.

A proibição do batuque, segundo o major Laranjeiras, responsável pelo policiamento no Pacaembu, advinha de uma lei municipal e tinha por intuito garantir que os jogadores ouvissem o apito do juiz. Os torcedores contestavam a existência da lei e o fato de que o barulho atrapalhasse o jogo. Segundo a experiência de Cláudio Simões, o batuque era um fator a favor dos árbitros e do policiamento, pois em muitas oportunidades que a torcida do Corinthians xingava o time a bateria dos Gaviões da Fiel abafava os improperios e mantinha a paz no estádio. Cosmo Freitas contava que as novas músicas escritas pela ala de compositores da Torcida Jovem do Santos não poderiam ser estreadas sem os batuques, o que diminuía a festa da torcida e desmotivava alguns integrantes.

As justificativas nas quais se baseavam as proibições eram uma forma de ataque à manifestação cultural dos torcedores e atingiam o movimento no seu ponto mais ressaltado, a festa. Durante a primeira metade da década de 1970, o movimento das torcidas organizadas foi caracterizado por sua capacidade de promover o embelezamento e a diversão dos estádios; no entanto, para os torcedores a polícia era cada vez mais um impeditivo. Cosmo Freitas¹¹ ressaltava a incoerência das proibições e previa que se as torcidas tivessem mais liberdade para fazer sua festa, e se os estádios fossem melhores, o público aumentaria em até 30% e atrairia turistas para a cidade de São Paulo. No entanto, acreditava que, em 1975, a realidade não permitia projeções positivas a curto prazo.

As regras de policiamento eram válidas apenas para a cidade de São Paulo. As proibições variavam entre as cidades do interior paulista e eram um problema na organização das caravanas. Os líderes das torcidas organizadas da capital pediam que a Polícia Militar uniformizasse sua atuação para facilitar a vida do torcedor e protegê-los dos excessos da lei que recorrentemente aconteciam no interior.

Aos problemas de policiamento e dos estádios somavam-se os ônibus especiais da CMTC,¹² sempre lotados e com um custo que não justificava o serviço oferecido, na visão do santista Cosmo Freitas; de Hélio Silva, da Tusp; e de Cláudio Simões, membros da Gaviões da Fiel.

¹¹ JAMES. A força fanática que esqueceu Pelé e acredita em mistérios no futebol. *Folha de S. Paulo*, 1 ago. 1975, Folha Esportiva, p. 18.

¹² Companhia Municipal de Transportes Coletivos.

Os valores dos ingressos eram também uma preocupação de Freitas, que pregava um barateamento não só para os torcedores organizados, mas para toda a torcida. A escada de preço dos bilhetes era uma questão central para os frequentadores assíduos. Em 1965, o ingresso mais barato correspondia a 0,19% do salário-mínimo e, em 1975, saltara para 2,3%.¹³

As condições do futebol paulista faziam com que seu público não aumentasse, mesmo a cidade crescendo em número de habitantes. Para o jornalista Narciso James, esse era um dos principais sintomas de que não havia renovação nas arquibancadas. O futebol era uma diversão secundária na cidade em comparação aos cinemas: enquanto os 132 jogos do Campeonato Paulista de 1972 concentraram 1.671.674 (um milhão e seiscentos e seiscentos e setenta e um mil, seiscentos e setenta e quatro) torcedores, os 144 (cento e quarenta e quatro) cinemas e 29 (vinte nove) teatros receberam 21.553.814 (vinte e um milhões, quinhentos e cinquenta três mil e oitocentos e quatorze) espectadores. O dirigente Paulo Machado de Carvalho concordava que o futebol não conseguia chegar às massas paulistanas e lembrava que um público de 100 (cem) mil pessoas representava apenas 1% da população da cidade, e os jogos com 25 (vinte e cinco) mil torcedores despertavam o interesse de 0,25% dos habitantes.

A chuva, o frio, as arquibancadas desconfortáveis, os banheiros em más condições, a fome e aos longos percursos em ônibus lotados eram parte da experiência de diversos frequentadores dos estádios paulistas. O modo de vida em comum de muitos torcedores organizados criava uma rede de relações e uma compreensão de que a realidade precisava de mudanças.

POR UMA “ECONOMIA MORAL” TORCEDORA

Em outubro de 1979, o presidente da Federação Paulista de Futebol, Nabi Abi Chedid, criticou o São Paulo pela escolha do estádio do Morumbi para a partida contra a Internacional de Limeira. Da renda bruta de Cr\$ 86.870 (oitenta e seis mil, oitocentos e setenta) cruzeiros, após o pagamento de fiscais e bilheteiros, restara ao São Paulo apenas Cr\$ 2.128,44 (dois mil, cento e vinte oito cruzeiros e quarenta e quatro centavos) cruzeiros. O clube ainda teria de arcar com as contas de água, luz e demais despesas.

¹³ PREÇO dos ingressos e salário. *Folha de S. Paulo*, 31 jul. 1975, Folha Esportiva, p. 34.

Para Chedid, partidas como essa, que contou com 1.657 (mil e seiscentos e cinquenta e sete) pagantes, deveriam ser feitas em estádios menores, como o Parque Antártica ou o Pacaembu. Ele afirmava que as rendas baixas eram também fruto do mau planejamento dos times. A *Folha de S. Paulo* lembrava que o Campeonato Paulista era como uma maratona para os torcedores, muitos dos quais não tinham condição de acompanhar uma tabela tão longa e com os jogos tão próximos entre si. O jornal ainda cobrava o cumprimento de uma promessa de campanha de Chedid, uma tabela de preços de ingressos que respeitasse a importância das partidas, pois pagava-se o mesmo valor para assistir a um clássico e a uma partida contra um time de menor relevância.¹⁴

Os representantes das principais torcidas organizadas prometiam se insurgir contra o campeonato. O caminho a ser trilhado seria debatido entre os grêmios na reunião da ATOESP, com a participação dos Gaviões da Fiel, Torcida Jovem do Santos, Torcida Uniformizada do São Paulo e Leões da Fabulosa. A proposta do boicote aos jogos ganhava repercussão com o apoio de Hélio Silva e Cosmo Damião Freitas, dois dos vice-presidentes da entidade. Na visão de Silva,

Os cartolas não respeitam o torcedor. Nós não podemos mais aceitar um campeonato esculhambado como este, que não vale nada. Precisamos iniciar uma campanha para que ninguém compareça aos estádios. Inclusive nas partidas finais. Quem sabe, então os dirigentes façam alguma coisa em benefício do futebol.¹⁵

O boicote precisava entrar em vigor para mostrar aos dirigentes as agruras do torcedor. Segundo Silva, deveriam ser feitas campanhas na frente dos estádios com cartazes e panfletagem para conscientizar também os adeptos que não participavam das torcidas organizadas. Outro fator de estímulo, na visão do presidente da Tusp, era que sem a festa das torcidas organizadas muito do jogo perderia seu encanto para o restante dos frequentadores.

Os jogos com menos de 48 (quarenta e oito) horas de intervalo mostravam apenas o desejo de lucro que unia os presidentes dos clubes e da Federação Paulista de Futebol. Por isso, o boicote encontraria acolhida dentre todos os torcedores, conscientes dos interesses envolvidos na tabela do campeonato. Hélio Silva, perguntado se temia represálias pelo boicote, garantia que não, “pois não se trata de manifestação política”.¹⁶

¹⁴ NABI condena o Morumbi. *Folha de S. Paulo*, 4 out. 1979, p. 34.

¹⁵ ESTÁDIO vazio, a única solução. *Folha de S. Paulo*, 4 out. 1979, p. 34.

¹⁶ ESTÁDIO vazio, a única solução. *Folha de S. Paulo*, 4 out. 1979, p. 34.

O boicote era uma indesejada realidade para Cosmo Damião Freitas, presidente da Torcida Jovem do Santos, que já adotava a prática para si e orientava seus companheiros a fazerem o mesmo:

É muito duro para um verdadeiro torcedor não ir ao estádio quando seu time está jogando. Eu sei que quem gosta vai mesmo, mas chegou a hora de dar um basta às tabelas malfeitas e aos jogos sem sentido. Além disso, o bolso já não aguenta mais, pois se gasta muito para ver uma partida, mesmo quando não se viaja. Nas finais tudo bem,¹⁷

Freitas acreditava que, se o boicote não desse certo, o próximo passo era pressionar diretamente Nabi Abi Chedid ou pedir uma intervenção federal na Federação Paulista de Futebol.¹⁸

A visão do presidente da ATOESP, Flávio La Selva, divergia do restante do grupo. Para o representante dos Gaviões da Fiel, a alternativa do boicote seria fácil para os são-paulinos, pois já não frequentavam os estádios, porém, convencer a massa corinthiana era uma missão mais complexa. O medo de La Selva era que a iniciativa não conseguisse ser implementada e a associação passasse ridículo, por isso defendia o encaminhamento de uma lista de sugestões das torcidas organizadas à Federação Paulista de Futebol como primeiro passo.¹⁹

Contudo, Flávio La Selva reconhecia que, mesmo sem uma campanha, o público nos estádios diminuía gradualmente. “Antigamente uma partida entre o Corinthians e um time pequeno recebia de 33 a 39 mil pessoas. Hoje a média caiu para menos de 15 mil. A mesma coisa acontece com o Santos”.²⁰ A culpa desse fenômeno, para o fundador dos Gaviões da Fiel, era da Federação Paulista de Futebol e seu campeonato bagunçado, mas era importante que as torcidas pensassem suas ações para não perderem força. “Eu sei que temos um peso muito forte. Porém, é preciso entrar numa briga destas certos da vitória. Se houver unanimidade para se fazer um boicote, tudo bem”.²¹

Na Torcida Uniformizada do Palmeiras, segundo Luiz Pereira Pinho, presidente da entidade à época, o boicote já era uma realidade, mas tinha de ser expandido:

¹⁷ ESTÁDIO vazio, a única solução. *Folha de S. Paulo*, 4 out. 1979, p. 34.

¹⁸ APOIO ao time só na decisão. *Folha de S. Paulo*, 4 out. 1979, p. 34.

¹⁹ TEIXEIRA. A torcida já pensa em fazer boicote. *Folha de S. Paulo*, 4 out. 1979, p. 34.

²⁰ GAVIÕES querem a unanimidade. *Folha de S. Paulo*, 4 out. 1979, p. 34.

²¹ GAVIÕES querem a unanimidade. *Folha de S. Paulo*, 4 out. 1979, p. 34.

Eu encampo esta ideia, e mesmo não fazendo parte da ATOESP, porque o torcedor está sendo enganado. Na verdade, eu tenho procurado convencer os outros de que estão gastando dinheiro à toa assistindo aos jogos, pelo menos desta fase. Porém, sabe como é, tem torcedor que é um eterno apaixonado, quer ver seu time ganhar, mesmo sem valer nada para a classificação.²²

A solução das torcidas seria tomada em assembleia e poderia decretar uma greve de torcedores inédita no futebol brasileiro. Contudo, o tema fora tirado de pauta na reunião e o desfecho gerou críticas da *Folha de S. Paulo*, que comparava a transparência dos torcedores organizados aos dirigentes de clubes. José Miguel, um dos diretores da ATOESP, prometia a divulgação das decisões da próxima reunião dali uma semana.²³ Doze dias depois, em 16 de outubro, a resposta da entidade não vinha em forma de boicote, mas em manifesto. Em seus oito pontos, a missiva endereçada à Federação Paulista de Futebol foi distribuída a rádio e jornais da capital. O documento retomava reivindicações feitas pelas torcidas organizadas desde 1975, antes ainda da conformação da ATOESP:

A revalorização da rivalidade entre os grandes clubes. No Campeonato Paulista um clássico podia acontecer até 8 vezes no mesmo torneio, o que banalizava a disputa e diminuía o interesse do torcedor. Uma fórmula de disputa mais consciente para o torneio estadual, pois o torcedor se sentia enganado por um sistema de turno e retorno que não levava à final. As torcidas pediam que o campeonato fosse disputado em turno e retorno com todos os times jogando entre si. O sistema de chaves era visto como negativo por possibilitar conchavos entre equipes, afetando a credibilidade do campeonato. O Campeonato Paulista devia ser classificatório para o Campeonato Brasileiro. Tal procedimento aumentaria a competitividade e estimularia os torcedores. A volta do Campeonato de Aspirantes como entretenimento antes das partidas. A manutenção do mesmo preço do ingresso ao longo de todo Campeonato. Os torcedores sentiam-se lesados por acompanharem as fases de classificação e sofrerem um reajuste abusivo nos ingressos para as finais. Os missivistas sugeriam a Nabi Abi Chedid que os reajustes deveriam ser feitos apenas nos ingressos mais caros, como o setor de numeradas, poupando o povo das gerais e das arquibancadas. “Não seria uma forma de melhor distribuir a renda nacional?”²⁴ E pontuavam

²² TUP começou sua campanha. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 out. 1979, p. 34.

²³ TORCIDAS não divulgam os resultados da assembleia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 out. 1979, p. 40.

²⁴ NO DOCUMENTO o grito da torcida. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 out. 1979, Folha Esportiva, p. 36.

que não seriam as promoções, de caráter esporádico, que levariam os torcedores aos estádios, mas mudanças estruturais como mais segurança, conforto e tabelas organizadas.

A ATOESP reivindicava ainda a saída dos presidentes dos clubes do conselho arbitral da FPF, por acreditarem que os mandatários não pensavam no bem geral, apenas nos seus clubes. Segundo os representantes do movimento, a ideia era que os dirigentes do futebol paulista ouvissem os torcedores com mais frequência; para isso, o movimento pleitearia assentos no conselho para participarem diretamente da organização do regulamento e das tabelas do torneio estadual.

Para os torcedores reunidos, um campeonato de vinte times, como o de 1979, era um problema, pois seria uma forma de Nabi Abi Chedid contemplar seus interesses políticos. Contudo, todos os presidentes de clubes eram culpados, pois chancelavam o regulamento no conselho arbitral, antes do início do torneio.

A grande quantidade de jogos onerava o torcedor não apenas com ingressos, mas também com os custos das caravanas, e, segundo as lideranças, estava cada vez mais difícil encher um ônibus. Uma viagem de São Paulo a Ribeirão Preto custava ao torcedor, na época, aproximadamente 750 cruzeiros, cerca de um terço do salário-mínimo.

As lideranças do movimento de torcedores afirmavam que seu objetivo inicial não era a greve e nem o boicote às equipes, mas, caso a realidade do campeonato não fosse repensada para a edição seguinte, existia a possibilidade de um abandono dos estádios.²⁵ O documento era assinado por 25 (vinte e cinco) torcidas organizadas: Gaviões da Fiel, Torcida Jovem do Santos, Torcida Uniformizada do Palmeiras, Torcida Uniformizada do São Paulo, Leões da Fabulosa, Povão Torcida Unida, Furacão Santista, Torcida Tricolor Independente, Torcida Acadêmica do Palmeiras, Mancha Verde, Camisa 12, Tubarões Santistas, Grêmio Alviverde, – Gama Corintiana, Torcida Palchopps, Terremoto Santista, Força Independente do Palmeiras, Brasões da Fiel, Paz no Verdão, Tico (Torcida Independente Corintiana), Atômico Magia Alvinegra, Periquitos de Poá, Inferno Verde e Mosqueteiros do Timão.²⁶

Esses grêmios de torcedores, reunidos na ATOESP, vislumbravam um conjunto de práticas e direitos que seriam constitutivos da experiência futebolística. A defesa de

²⁵ AQUINO. Calendário ou greve. *Placar*, 19 out. 1979, n. 495, p. 46-48.

²⁶ AQUINO. Calendário ou greve. *Placar*, 19 out. 1979, n. 495, p. 46-48.

uma agenda de interesses populares fazia com que a entidade versasse, em alguma medida, sobre os anseios da totalidade dos torcedores.

Para o torcedor, sua adesão a um clube e a possibilidade de participar de seus destinos na arquibancada estava acima de uma questão econômica e, por isso, não deveria ser determinada por ela. O acesso ao estádio, em sentido amplo, incluso o ônibus da Companhia Metropolitana de Transportes Coletivos (CMTC), a bebida e o alimento consumidos dentro do estádio e nas imediações, bem como os ingressos, não eram meros consumos quantificáveis, capazes de ser trocados por qualquer outro lazer. A adesão do torcedor ao estádio era, e ainda é, parte da vida emocional de setores da população, que as lideranças dos grêmios de torcedores viam ser alienadas por uma disputa de dinheiro.

O historiador inglês E. P. Thompson cunhou o conceito de economia moral para analisar os motins de fome na Inglaterra ao longo do século XVIII. Ao fugir de uma cadeia explicativa naturalista, em que os motins de fome eram embasados na lógica da necessidade elementar, instinto e fome, que levariam aos saques e pilhagens desesperados, o historiador inglês retomava a importância das concepções que as classes populares tinham sobre o seu direito a determinadas benesses sociais. Assim, existia uma apreciação da parte dos populares sobre o que seria legítimo ou ilegítimo na atuação dos comerciantes e das autoridades, pois, acima da lei ou da lógica do livre mercado, existiam costumes assentados socialmente.²⁷

Essas apreciações coletivas, que previam a garantia de um bem-estar comum, apresentavam-se socialmente em toda a sorte de pressões, que gradualmente impunham a vontade popular às autoridades. Os torcedores envolvidos na ATOESP, à sua maneira, faziam uso desse tradicional expediente de reivindicação popular e nele aproveitavam para difundir a política em seu conceito mais amplo, o da participação dos desejos dos diversos sujeitos na constituição da sociedade. Essa atuação voltada ao direito do consumo do futebol se expandia como luta democrática; a questão de direitos inalienáveis fincava raízes e se tornava instrumento de pressão e autorreconhecimento do poder dos grêmios e sua atuação organizada nas mudanças do futebol paulista.

Como resposta às reclamações das torcidas organizadas, Nabi Abi Chedid promoveu um evento com representantes de clubes, imprensa e torcidas para a divulgação do regulamento da fase final do Campeonato Paulista. Paulo Sérgio, representante da Tubarão

²⁷ THOMPSON. *Costumes em comum*, p. 257- 258.

Santistas, afirmava que o convite feito ao seu grêmio era para participar da elaboração da tabela da fase final, mas, na verdade, o evento tratava-se simplesmente de um coquetel:

A gente não esperava que fosse só uma festinha organizada para encobrir erros cometidos nesses dois turnos que não valeram nada. Com esta palhaçada, eles pretenderam calar a boca da torcida que estava começando a protestar unida, coesa. Mas não vão conseguir.²⁸

Na visão de Antônio Carlos, do Grêmio Alviverde, essa era mais uma estratégia demagógica de Chedid, que prometeu a premiação dos melhores do campeonato no evento. O representante da Mosqueteiros do Timão afirmava que a falta de interesse dos seus torcedores era responsável por uma dívida de Cr\$ 18 (dezoito) mil cruzeiros contraída pelo grêmio nos últimos meses. Já os Tubarões Santistas acabaram despejados de sua sede pela diminuição drástica das contribuições.²⁹

ARDIS, RIVALIDADES E REVESES DA LUTA TORCEDORA

A impressão de que as reivindicações feitas pelas torcidas mudariam os procedimentos policiais e a atuação da Federação Paulista de Futebol não se confirmaram. As críticas feitas pelas entidades de torcedores e veiculadas nos jornais *O Estado de S. Paulo*, na *Folha de S. Paulo* e no semanário *Placar* desde o início da década de 1970 não incidiram em mudanças significativas. E mal sabia o dirigente da Mosqueteiros do Timão que a recepção de lançamento das finais do Campeonato Paulista era o início de uma desavença que envolveria o seu clube e toda a sua torcida contra o mandatário da FPF.

Segundo *Placar*, desde sua eleição, em fevereiro de 1979, Nabi Abi Chedid tentava incluir o Corinthians nas rodadas duplas do Campeonato Paulista. Contudo, estava impossibilitado de impor essa obrigação ao time, pois no primeiro turno os mandos de jogos pertenciam aos clubes. Porém, na segunda fase, os mandos de jogos passavam à Federação Paulista de Futebol. Tal situação proporcionou o agendamento de uma rodada dupla, em 11 de novembro de 1979, que contaria com as partidas Palmeiras e Guarani nas preliminares e Corinthians e Ponte Preta como jogo de fundo.

A atitude tomada por Chedid, à revelia de Vicente Matheus, aproximava o mandatário alvinegro e sua torcida na percepção de que o time seria prejudicado em suas

²⁸ UÍSQUE e bandeira não compra nossa opinião. *Folha de S. Paulo*, 6 nov. 1979, p. 32.

²⁹ UÍSQUE e bandeira não compra nossa opinião. *Folha de S. Paulo*, 6 nov. 1979, p. 32.

rendas. Matheus afirmava publicamente que, caso mantida a rodada dupla, não levaria seu time ao Morumbi. Na véspera da partida, nove torcidas organizadas se reuniram em assembleia para decidir uma atuação conjunta: Gaviões da Fiel, Camisa 12, Tico, Fito, Coração Corinthiano, Povão Torcida Unida, Mosqueteiros do Timão, Garra Corinthiana e Corinthians Até a Morte. Antes do encontro os torcedores se concentraram em frente à sede Federação Paulista de Futebol, batucaram e gritaram “É ou não é / piada de salão / o turco sem-vergonha / roubar o coringão”, em alusão ao presidente da entidade.

Um grupo de torcedores organizados compareceram ao Morumbi para distribuir um manifesto assinado por onze torcidas corintianas em apoio a Matheus e ressaltando as incoerências da FPF no encaminhamento da rodada dupla. O protesto foi observado por duas dezenas de viaturas da PM e cumpriu sua promessa de manter-se pacífico. As músicas de carnaval e os gritos contra os palmeirenses e detratando Nabi Abi Chedid eram o aquecimento para o ato do dia seguinte.

A ordem judicial que impedia a realização do segundo jogo foi entregue ao vice-presidente da FPF, Márcio Papa, pouco antes do início da partida, e repassada ao árbitro, Romualdo Arpi Filho. A Ponte Preta e o árbitro entraram em campo, esperaram vinte minutos e se retiraram. Nas arquibancadas, poucos corintianos compareceram, e até o horário do jogo eram correntes os boatos de que o time poderia chegar atrasado ou que todos os torcedores sairiam do Morumbi e entrariam, pagando novos ingressos, para configurar um novo jogo. Por fim, a equipe corintiana não entrou em campo.³⁰

A redação do semanário *Placar* comemorava a atitude de enfrentamento de Matheus perante os desmandos do presidente da Federação Paulista de Futebol, e afirmava que a mesma postura deveria ser tomada por dirigentes de outros clubes, geralmente subservientes. Torciam ainda para que a atitude de Matheus gerasse ecos em Heleno Nunes, presidente da Confederação Brasileira de Desportos, e em Giulite Coutinho, no Conselho Nacional de Desportos – o primeiro, para que adotasse um Campeonato Brasileiro dividido em três divisões, com no máximo 30 (trinta) equipes em cada; e o segundo, para providenciar uma legislação que proibisse atitudes como a de Chedid.³¹

No dia seguinte à rodada dupla, as torcidas corintianas se concentravam para um novo protesto em frente à sede da Federação Paulista de Futebol. O ato organizado pela

³⁰ PALHAÇADA, fora Nabi! *Placar*, 16 nov. 1979, n. 499, p. 15-17.

³¹ MATHEUS, o libertador. *Placar*, 23 nov. 1979, n. 500, p. 12-14.

Camisa 12 e pelos Gaviões da Fiel reuniu os 11 (onze) grêmios signatários do manifesto de apoio à decisão de Vicente Matheus.³² Alocados nas calçadas e sob vigia da polícia, os torcedores prometiam um ato sem violência e sem xingamentos. O grito de guerra “Fiel unida jamais será vencida”, passou a “Fora Nabi”, “É ou não é piada de salão, o turco sem-vergonha roubar o Coringão” e, no fim do protesto, a “Morra Nabi” e “Fora turco ladrão”. A concentração de torcedores era aplaudida pelos passageiros de ônibus, motoristas e transeuntes das cercanias do prédio na Avenida Faria Lima.

Elisa, torcedora-símbolo do Corinthians, foi levar sua solidariedade aos seus “netinhos”, mas preferiu ficar na retaguarda do protesto conversando com o são-paulino Hélio Silva. O presidente da Tusp ia levar seu apoio às reivindicações dos corintianos. Segundo Silva, era necessário lisonjear uma torcida que mostrava sua força e exigia respeito dos dirigentes. O torcedor só era lembrado na hora de pagar o ingresso e não era levado em conta hora de elaborar o campeonato. E prometia que, se o campeonato de 1980 seguisse com a bagunça, as torcidas poderiam boicotar os jogos.³³

Para Cláudio Faria Romero, presidente da Camisa 12 e um dos agitadores do movimento, a FPF não podia tratar o Corinthians como os outros times, afinal, era capaz de conseguir suas rendas sozinho. Segundo o torcedor, “O Corinthians é maior que a Federação, a CBD e tudo mais. É um time que não precisa de ninguém para sobreviver, só dele mesmo e de nós. Seja no Campeonato de divisão especial, intermediária, primeira, segunda e até no Desafio ao Galo, na várzea”.³⁴

A demanda entre o clube do Parque São Jorge e a Federação Paulista de Futebol demorou tanto a ser resolvida, com ganho de causa para a Ponte Preta, que as semifinais e finais do campeonato estadual de 1979 foram disputadas em 1980. E, ironicamente, com a decisão entre Corinthians e Ponte Preta.

Vicente Matheus foi provavelmente o maior vencedor do Campeonato Paulista de 1979, acima até de seu clube. Ao desafiar o autoritarismo de Nabi Abi Chedid, Matheus remodelava parte da sua imagem de ditador, conseguida ao longo de quatro mandatos consecutivos na presidência do Corinthians. O verniz democrático que trazia consigo, corroborado até por um elogio do semanário *Placar*, que o chamou de “libertador” do futebol paulista, colaborava também com a narrativa de que o mandatário era um

³² HOJE, o protesto dos corintianos. *Folha de S. Paulo*, 12 nov. 1979, p. 18.

³³ ANTES de enterrar Nabi, torcida pediu sua renúncia. *Folha de S. Paulo*, 13 nov. 1979, p. 30.

³⁴ A RESPOSTA da torcida ao presidente da FPF. *Folha de S. Paulo*, 19 nov. 1979, p. 17.

defensor intransigente dos interesses corinthianos. Assim, Matheus, que vivia em conflito com as torcidas organizadas do Corinthians, conseguiu o apoio irrestrito dos grêmios de torcedores, mesmo que provisório.

No entanto, os abusos à condição do torcedor não eram apenas de cunho burocrático ou fruto de disputas políticas. A maior parte do tempo eram questões sentidas na pele, como os excessos da atuação policial.

CANINDÉ, 16 DE AGOSTO DE 1981, E A MARGINALIZAÇÃO DO TORCEDOR ORGANIZADO

A partida entre Portuguesa e Santos atraiu ao estádio Canindé 18.400 (dezoito mil, quatrocentos) torcedores no dia 16 de agosto de 1981. Logo após dois minutos de jogo o árbitro expulsou Márcio, do Santos, e Toquinho, da Portuguesa, por jogo violento. Porém, após o episódio, o jogo transcorria normalmente no campo e nas arquibancadas até os 25 minutos do segundo tempo. Segundo Sérgio Martins, repórter de *Placar*, a calma foi interrompida quando um grupo de torcedores da Lusa entrou pelo portão errado, passando no meio da torcida adversária. A situação gerou palavrões, bolinhas de papel e ameaças por parte da torcida santista. Quando um torcedor visitante “beliscou o bumbum de uma moça do grupo adversário”,³⁵ os policiais militares resolveram agir contra a torcida visitante.

A ação policial incidiu sobre a Torcida Jovem do Santos. Soldados empurraram torcedores arquibancada abaixo, golpearam-nos com cassetetes e os chutaram. Cosmo Freitas foi empurrado da arquibancada e, quando parou de rolar, continuou a ser agredido a cacetadas. O fotógrafo Jorge Araújo, da *Folha de S. Paulo*, que documentava o jogo e o incidente, teve sua máquina arrancada por um policial e o filme retirado para não deixar provas, apesar do televisionamento do jogo. Martins concluía seu relato com a ironia de que a ação contra o fotógrafo talvez fosse um avanço na conduta da PM, pois antes eles ainda agrediam os jornalistas antes de calá-los.³⁶

Octávio Gonzaga Júnior, secretário de segurança pública à época, prometeu: “Os culpados serão punidos, até com expulsão dos quadros da Polícia Militar”.³⁷ Tal discurso somava-se a várias falas semelhantes de seus antecessores sobre a punição de policiais violentos. No entanto, para Gonzaga Júnior era necessário relativizar a responsabilidade do policiamento e

³⁵ MARTINS. Portuguesa x Santos, um caso de polícia. *Placar*, 21 ago. 1981, n. 588, p. 6.

³⁶ MARTINS. Portuguesa x Santos, um caso de polícia. *Placar*, 21 ago. 1981, n. 588, p. 6.

³⁷ SECRETÁRIO está constringido. *Folha de S. Paulo*, 18 ago. 1981, p. 26.

reconhecer que, para tal resposta, algo de errado havia na conduta dos torcedores: “Houve algo para que os policiais usassem daquele método, que é condenável em todos os aspectos, mas quero que tudo seja apurado com rapidez e repito, os culpados serão punidos”.³⁸

O comandante do 2º Batalhão de Choque, Izer Brizola, lamentava o incidente, mas culpava a atitude autoritária do presidente da Federação Paulista de Futebol. O comandante afirmava que grandes jogos no Canindé e no Parque São Jorge eram problemáticos e aconselhava a Federação, havia muito tempo, a realizar clássicos e jogos contra os clubes de Campinas apenas no Pacaembu e no Morumbi. Na visão do coronel, Nabi Abi Chedid estava interessado apenas no dinheiro e repassava as responsabilidades aos clubes. Brizola ressentia-se, pois, a Polícia Militar não tinha poder de veto sobre as partidas e necessitava submeter-se aos desejos da FPF.³⁹

Segundo Brizola, a proposta do Choque era o policiamento preventivo e comunicação entre os agentes para conter brigas nas arquibancadas. *O Estado de S. Paulo*⁴⁰ posicionava-se reconhecendo que essas práticas não foram utilizadas na atuação de domingo:

Mas não é apenas dos estádios que o 2º Batalhão de Choque cuida. Em época de greves, passeatas estudantis e de operários, os militares são empregados para o policiamento ostensivo, e pela experiência nos campos de futebol é que a violência empregada domingo no Canindé é criticada.⁴¹

Para o jornalista Darci Higobassi, do jornal *O Estado de S. Paulo*, a promessa de providências enérgicas estava perdendo sua credibilidade, dada a recorrência da violência policial, e a escolha do Canindé para receber a partida não era justificativa para as agressões aos santistas. Ele atribuía um caráter simplista às acusações do comandante do 2º Batalhão de Choque e via nelas uma forma de não assimilar as lições do episódio.⁴²

O presidente do Santos, Rubens Quintas Ovalle, encaminhou um ofício à Secretaria de Segurança Pública inquirindo seus responsáveis sobre a violência contra a torcida. Aparentemente resignado, lembrava que nada justificava a violência sofrida por sua torcida, mas dizia: “Temos que acatar o que acontece, mesmo porque já aconteceu...”.⁴³ A

³⁸ SECRETÁRIO promete punição aos policiais. *O Estado de S. Paulo*, 18 ago. 1981, p. 24.

³⁹ SECRETÁRIO promete punição aos policiais. *O Estado de S. Paulo*, 18 ago. 1981, p. 24.

⁴⁰ VIOLÊNCIA só prejudica a imagem da PM. *O Estado de S. Paulo*, 18 ago. 1981, p. 24.

⁴¹ VIOLÊNCIA só prejudica a imagem da PM. *O Estado de S. Paulo*, 18 ago. 1981, p. 24.

⁴² HIGOBASSI. Atitudes que só afastam o público. *O Estado de S. Paulo*, 18 ago. 1981, p. 24.

⁴³ CLODOALDO não viu motivos para o “massacre” no Canindé. *Folha de S. Paulo*, 18 ago. 1981, p. 26.

direção da Portuguesa reconhecia que, apesar da fama de violenta ostentada pela torcida santista, muitos excessos foram cometidos pelos policiais no Canindé.⁴⁴

Em Brasília o incidente foi repercutido no pronunciamento do deputado Pimenta da Veiga, do PMDB mineiro, que cobrou atitudes do governador Paulo Maluf para que o episódio não passasse impune.⁴⁵ Na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo a ação policial também foi matéria de discussão, com críticas que partiram tanto dos opositores do PMDB e do PT como da situação, representada pelo PDS.⁴⁶

Uma comissão de torcedores organizados, com a participação da Torcida Jovem do Santos, Tico, Gaviões da Fiel, Raça Alvinegra, Inferno Verde, Império Verde, Tusp e Juventude da Mooca do São Paulo, foi recebida por Chedid para protestar contra a violência policial ocorrida no domingo. O presidente da Federação se solidarizava com os torcedores e afirmava já ter mandado um ofício ao secretário de segurança pública.⁴⁷

Os torcedores sugeriam novas perspectivas de policiamento, como a ausência de policiais dentro dos estádios, pois esta provocava “uma sensação de violência e revide entre torcedores”.⁴⁸ Chedid reconhecia as falhas, mas os métodos de segurança eram uma questão da alçada da Polícia Militar e ele podia apenas sugerir mudanças, mas reforçava que os torcedores não poderiam ser tratados como marginais e que a polícia deveria exercer um papel preventivo.⁴⁹

A *Folha de S. Paulo* acompanhou a repercussão dos acontecimentos na sede da Torcida Jovem do Santos. Muitos dos torcedores passaram o dia na sede da torcida contando das agressões sofridas. Como o caso dos irmãos surdos, que haviam sido presos e constrangidos a falar, ou a história de João Paulo Santana, que dormira na arquibancada e achou que estava sonhando quando viu o tumulto e levou um golpe de cassetete.

A sugestão de Cosmo Freitas era um boicote às partidas de futebol até que os excessos policiais fossem resolvidos. Contudo, o dirigente da Torcida Jovem não acreditava em mudanças e a sua descrença era embasada em episódios anteriores. Lembrou-se da partida entre Santos e Operário, em 1978, e do jogo seguinte, contra a Desportiva, em que a polícia prendeu arbitrariamente o torcedor King-Kong, mantendo-o três dias no

⁴⁴ SANTOS também faz protesto. *O Estado de S. Paulo*, 18 ago. 1981, p. 24.

⁴⁵ SECRETÁRIO está constrangido. *Folha de S. Paulo*, 18 ago. 1981, p. 26.

⁴⁶ SECRETÁRIO está constrangido. *Folha de S. Paulo*, 18 ago. 1981, p. 26.

⁴⁷ NABI diz que torcedor não é marginal. *Folha de S. Paulo*, 18 ago. 1981, p. 26.

⁴⁸ TORCIDAS exigem maior segurança nos estádio. *O Estado de S. Paulo*, 18 ago. 1981, p. 24.

⁴⁹ NABI diz que torcedor não é marginal. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 ago. 1981, p. 26.

Deic e pretendendo responsabilizá-lo pelo ocorrido. Recordou-se também do espancamento da torcedora Rosângela, em 1979, e da agressão da polícia contra os corintianos na partida contra o Guarani em 1978. No final da tarde da segunda, dia após o jogo, o grêmio publicou uma nota em que pedia “o expurgo desses agressores insaciáveis ou, caso contrário, dentro de pouco tempo, poderá haver mortes em nossos estádios”.⁵⁰

O presidente da Torcida Jovem do Santos afirmava que a sindicância tinha grandes chances de fracassar, pois estava a cargo da própria agressora, a Polícia Militar. Segundo Cosmo, seu nome constava no boletim de ocorrência como testemunha, quando na verdade fora uma das vítimas, e Matogrosso, outra vítima, era citado como réu.⁵¹

Flávio La Selva, que prestava solidariedade aos colegas santistas, expunha um quadro que afetava todas as torcidas:

No Corinthians, se você verificar, existem mais histórias e nas outras torcidas também. Esperamos que desta vez os fatos sejam apurados e os maus elementos da PM sejam afastados. Na ATOESP, temos uma antiga reivindicação, que é a existência de um corpo de polícia especial, que saiba lidar com o público.

Estes policiais precisam entender que um estádio tem de tudo, como uma cidade, mas o espírito é outro. É de lazer. Agora, todos vão falar em violência, mas o problema não vai ser resolvido. Todas as torcidas têm que se unir para que os policiais não criem novos problemas. Eles até parecem sádicos que gostam de bater nos torcedores. Acho que em um jogo sem policiais não iria acontecer nada.⁵²

CONCLUSÃO

O envolvimento das torcidas organizadas na denúncia dos problemas do futebol paulista e na busca por soluções contou com uma significativa acolhida e cobertura midiática, que em muitos sentidos corroborava com as críticas feitas pela ATOESP.

No entanto, quando as proposições dos torcedores chegavam às instituições diretamente implicadas no espetáculo esportivo, como a Federação Paulista de Futebol, a Secretaria de Segurança Pública e o comando da Polícia Militar, as chances de mudanças eram sabidamente pequenas. As críticas dos torcedores à organização do futebol em São Paulo eram manejadas por dirigentes esportivos, políticos e militares para se eximirem de suas culpas e acusarem seus adversários. A imensa quantidade de ofícios trocados entre

⁵⁰ NABI diz que torcedor não é marginal. *Folha de S. Paulo*, 18 ago. 1981, p. 26.

⁵¹ JOGOS podem ser boicotados. *Folha de S. Paulo*, 18 ago. 1981, p. 26.

⁵² JOGOS podem ser boicotados. *Folha de S. Paulo*, 18 ago. 1981, p. 26.

burocratas e a recorrência dos mesmos problemas são mostras de um jogo truncado, demagógico e distante das aspirações dos torcedores.

A essas questões se somava, a cultura policial brasileira, imersa no período da Ditadura Militar, que excedia o espaço do futebol, mas afetava-o diretamente. A lógica adotada na pretensa caça à subversão, promovida pelos órgãos de segurança do governo autocrático, afetava atos de cunho político, como passeatas, protestos e atuação sindical, e os torcedores, em suas tentativas de expressão.⁵³

Para além de repressor, o sistema policial adotado nos estádios era ineficiente, visto que diversos eventos com feridos contaram com erros estratégicos da Polícia Militar. Além de não resolver o problema da violência, a PM era um agente da construção desse ambiente. A descrença dos torcedores em potenciais mudanças, presente nas declarações de Cosmo Freitas após as agressões sofridas na partida entre Portuguesa e Santos, era o reconhecimento do jogo imobilizante em que os torcedores estavam imersos. A impunidade, realçada a cada novo incidente, quando o secretário de Segurança Pública do momento afirmava que seria aberta uma sindicância interna e os responsáveis seriam punidos, talvez seja o melhor exemplo das permanências do futebol paulista.

Apesar das dificuldades do cenário, a ATOESP desenvolveu um importante papel de união entre as torcidas organizadas em prol de melhorias para todos, superando no espaço político a rivalidade do meio esportivo. O sentido do futebol, como esporte popular, atrelou essas entidades, promoveu uma busca conjunta de direitos e a defesa dos costumes das arquibancadas.

A ATOESP seguiu atuante até 1983, quando as rivalidades clubísticas afetaram o encaminhamento de propostas conjuntas das torcidas organizadas paulistas e foi retomada brevemente em 1995, após a batalha campal do Pacaembu, para servir de instrumento de luta contra os fechamentos de torcidas organizadas levadas a cabo pelo Ministério Público. Outras entidades que compartilhavam da mesma proposta de união entre as torcidas organizadas surgiram posteriormente como a Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (ASTORJ)⁵⁴ e a Associação Nacional das Torcidas Organizadas (ANATORG),⁵⁵ reafirmando a necessidade e a atualidade do associativismo entre torcidas.

⁵³ HOLLANDA; FLORENZANO. *Territórios do torcer*, p. 28.

⁵⁴ HOLLANDA. *O clube como vontade e representação*, p. 52.

⁵⁵ TEIXEIRA; HOLLANDA. *Espectáculo futebolístico e associativismo torcedor no Brasil: Desafios e perspectivas das entidades representativas de torcidas organizadas no futebol brasileiro contemporâneo*, p. 15.

REFERÊNCIAS

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais**: Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. **O clube como vontade e representação**: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009.

HOLLANDA, Bernardo B. B.; FLORENZANO, José Paulo. **Territórios do torcer**: Depoimentos de lideranças das torcidas organizadas de futebol. São Paulo: Educ, 2019.

SILVA, Fernando Pereira da. **Fernando Pereira da Silva** (depoimento). Campinas, 2018. Entrevistador: Vítor Canale. 1h23.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. Espetáculo futebolístico e associativismo torcedor no Brasil: Desafios e perspectivas das entidades representativas de torcidas organizadas no futebol brasileiro contemporâneo. **Revista Esporte e Sociedade**, ano 11, n. 28, set. 2016.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados, 1996.

* * *

Recebido em: 15 de outubro de 2021
Aprovado em: 31 de janeiro de 2022

Memórias e modalidades boleiras do torcer: tempos e espaços da 3ª divisão no projeto “Brasil na Arquibancada”

Memories and Kinds of Football Cheering: Time and Space of the 3rd Division in the Project “Brasil na Arquibancada”

José Carlos Marques

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru/SP, Brasil
Doutor em Ciências da Comunicação, USP

Flavio de Campos

Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, Brasil
Doutor em História Social, USP

Max Filipe Nigro Rocha

Escola Suíço-Brasileira de São Paulo
Doutorando em História Social, USP

RESUMO: O “Brasil na Arquibancada” foi um projeto idealizado em 2011 pelo Ludens (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas), vinculado ao Departamento de História da USP. De maio a dezembro de 2012, um grupo de investigadores debruçou-se sobre os 40 clubes que, à época, disputavam os Campeonatos Brasileiros das Séries B e C a fim de captar as modalidades do torcer no Brasil às vésperas da realização da Copa do Mundo Fifa de 2014. Este texto, além de comentar inicialmente alguns aspectos do projeto, oferece três relatos memorialísticos em formato de crônica, procurando apresentar ao público leitor algumas temporalidades e espacialidades percebidas em três jogos da 3ª divisão do futebol nacional, em cidades dos Estados de Minas Gerais e São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol brasileiro; Memória; Série C; Etnografia.

ABSTRACT: “Brasil na Arquibancada” is a Project conceived in 2011 by Ludens (Interdisciplinary Research Center on Football and Playful Modalities), linked to the Department of History at University of São Paulo. From May to December 2012, a group of investigators focused on the 40 clubs that, at the time, competed in the Brazilian Championships of Series B and C, in order to capture how cheering modalities in Brazil on the eve of the World Cup from the 2014 FIFA World. This text, in addition to initially commenting on some aspects of the project, offers three memorialists reports in chronicle format, seeking to present to the readership some temporalities and spatiality of the 3rd national football, in cities of the States of Minas Gerais and São Paulo.

KEYWORDS: Brazilian Football; Memory; Serie C; Ethnography.

INTRODUÇÃO

O “Brasil na Arquibancada” foi um projeto que começou a ser idealizado em 2011 pela equipe do Ludens (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas), vinculado ao Departamento de História da Universidade de São Paulo. De maio a dezembro de 2012, um grupo interdisciplinar de docentes e discentes¹ de diferentes níveis (doutorado, mestrado, graduação) e formações (história, sociologia, antropologia, geografia, comunicação etc.) debruçou-se sobre os 40 clubes que, à época, disputavam os Campeonatos Brasileiros das Séries B e C, correspondentes à segunda e à terceira divisões nacionais, respectivamente.

As equipes de investigação, colocando em prática uma etnografia participante, espalharam-se pelas cinco regiões do país, visitando estádios e cidades que normalmente não comparecem nas principais vitrines midiáticas do futebol brasileiro. Para cada partida, destacava-se uma dupla que seria responsável por uma produção fotográfica e uma produção textual daquele encontro, recuperando-se assim uma tradição do jornalismo de revista brasileiro cujo maior modelo é a longeva parceria na revista *O Cruzeiro* entre o por vezes inescrupuloso repórter David Nasser e o fotógrafo Jean Manzon.² Ao todo, foram acompanhadas 39 partidas da Série B e 25 da Série C, o que originou um extenso acervo com centenas de relatos, além de 5 mil fotografias e 50 vídeos.

O objetivo das idas a cada cidade e a cada estádio tinha a ver com a percepção das temporalidades e espacialidades específicas da segunda e terceira divisões do futebol brasileiro, num momento em que as principais atenções da imprensa e da opinião pública se voltavam à realização da Copa do Mundo de 2014 no país. Diante das exigências da Fifa com relação a infraestruturas de mobilidade,

¹ O projeto “Brasil na Arquibancada” foi financiado pela Pró-Reitoria de Pesquisa da USP e coordenado por Flavio de Campos e Luiz Henrique de Toledo. Compunham também a equipe: José Carlos Marques, José Geraldo Vinci de Moraes e José Renato de Campos Araújo (docentes); William Maranhão, analista do Ludens; Enrico Spaggiari, Giancarlo Marques Carraro Machado e Luciana Ferreira Angelo (estudantes de doutorado); Giovana Capucim e Silva, Marco Lourenço, Maria Fernanda Silva Pinto, Maykell Araújo Carvalho, Max Filipe Nigro Rocha, Nelson Alves Caetano, Thiago Rosa Machado e Thomas Machado Monteiro (estudantes de mestrado); Amanda Macedo Fernandes, André Strauch Feres, Breno Costa Macedo, Bruno Jeuken Souza, Daniela Landini Santos, Kaio César Pereira, Karolyne Fonseca Camargo, Lúcia Nogueira Esteves, Marcelo Ricci, Victor Sá Ramalho Antônio e William de Carvalho Contini (estudantes de graduação).

² Ver Carvalho: *Cobras Criadas: David Nasser e o Cruzeiro*.

comunicações, hotelaria, novos estádios etc. (o que criou no país, até de forma jocosa, a expressão “padrão Fifa” como exemplo de excelência – ou soberba – na oferta de serviços), o projeto voltava seus olhares para uma realidade distante das novas “arenas”, as quais eram concebidas para o megaevento esportivo a partir de lógicas de ordenação do público muito distintas daquela cultura torcedora que se criou no Brasil ao longo de décadas. Em vez de assentos com lugares marcados e renovadas estruturas de acesso, o que se encontrava nos recintos visitados destoava em vários sentidos do aparato moldado para o torneio da Fifa. Neste sentido, os pesquisadores e pesquisadoras tiveram o desafio de perceber, entre outros elementos, as expectativas dos torcedores comuns e as corporalidades das torcidas organizadas, suas representações cênicas e musicais (cânticos, palavras de ordem, coros) e ainda o seu patrimônio material, como bandeiras, faixas, uniformes etc.

A publicação de dois artigos sobre o “Brasil na Arquibancada” já procurara mostrar, com apuro e detalhamento, o conceito do projeto e sua forma de execução: um deles é “O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora”, de Flavio de Campos e Luiz Henrique de Toledo (2013). A preocupação dos autores, como o título diz, foi identificar e interpretar os elementos desta *sociabilidade torcedora* nas séries B e C de 2012. O outro artigo é “Brasil na Arquibancada: tradições, identidades e sociabilidades”, de Bruno Jeuken Souza e Victor Sá Ramalho Antônio (2014), que complementavam aquele cenário “marginal” em oposição ao futebol dos “estádios-teatro” e ao processo de “clientelização” do torcedor.

Entretanto, esses dois artigos, ainda que se apoiassem nos relatos e imagens obtidos pelas diferentes equipes do projeto, diferem-se desta nossa proposta porque, agora, pretendemos oferecer ao público uma trilogia memorialística composta por três relatos inéditos a respeito de três partidas da Série C de 2012, a saber: Tupi x Vila Nova (GO), em Juiz de Fora (MG), em 29 de setembro; Santo André x Duque de Caxias, em Santo André (SP), em 20 de outubro; e o Oeste x Madureira, em Itápolis (SP), em 27 de outubro. Acreditamos que, ao lado de algumas reflexões críticas acerca do projeto, seria interessante oferecer ao público leitor relatos que compõem uma espécie de crônica das temporalidades e espacialidades deste futebol brasileiro menos midiático, mas não menos intenso na paixão que provoca em seus fãs.

Além disso, este exercício de revisitar o projeto “Brasil na Arquibancada” após dez anos de sua realização busca perceber se ele ainda consegue mostrar sua atualidade e pertinência não só apenas a realização do Mundial Fifa de 2014, mas também tendo em vista o megaevento que se seguiu – os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro de 2016. Acreditamos que o público leitor não terá dificuldades para perceber que, meses antes da organização da Copa do Mundo no Brasil, algumas questões levantadas pelo projeto ainda não foram totalmente equacionadas ou superadas pela estrutura mais elitizada da primeira divisão do país e suas “arenas” Fifa. Mesmo porque o futebol, independentemente da divisão e da estrutura que lhe subjaz, permanece oferecendo a capacidade de mobilizar milhares de pessoas em torno de comportamentos similares conflituosos e por vezes miméticos com relação à cultura dominante. Como poderá ser visto nestes relatos aqui reunidos, há elementos de temporalidades e espacialidades imutáveis na sociabilidade torcedora brasileira; há outros elementos que pouco mudam; e há aqueles que correspondem a particularidades regionais próprias de agremiações que não estão sediadas nas principais capitais do Sul e Sudeste.

Entre os elementos imutáveis aparecem o amor e a idolatria que algumas pessoas, algo exacerbado nas torcidas organizadas, nutrem por seus clubes. Enquanto que para estes o ambiente do estádio não é apenas um tempo do não-trabalho (dia de jogo é dia de trabalho), para outras pessoas, especialmente as que vão com famílias inteiras para ver a partida, a ida ao estádio era compreendida como um tempo de lazer, de entretenimento, ainda que subordinado à imprevisibilidade do resultado, às intempéries climáticas ou ao ambiente por vezes hostil da disputa agonística. Entre os elementos que pouco mudam, destacam-se os cânticos de algumas torcidas, quase sempre criando paródias ou mimetizando comportamentos das torcidas dos grandes clubes do Brasil por meio da extensa midiatização destes pelas transmissões televisivas.

Além disso, interessante notar como algumas organizadas mantêm uma convivência mais ou menos pacífica entre organizadas do próprio clube, como sói acontecer também entre os grandes times do país. No caso dos elementos mais particulares, interessa notar como as oposições centro-periferia motivam o que Campos e Toledo (2013) chamam de *bifiliação clubística*; o torcer por mais de um

clube também varia conforme a temporalidade e a espacialidade: quando os dois clubes dessa bifiliação se enfrentam, e de acordo com o tipo de campeonato, prefere-se sempre o local.

Os três relatos a seguir referem-se apenas a partidas realizadas na Região Sudeste, nos Estados de Minas Gerais e São Paulo, acompanhadas por dois destes autores (José Carlos Marques e Max Filipe Nigro Rocha). Seria desejável que relatos envolvendo outras regiões do Brasil também viessem à tona, a fim de examinarmos melhor que tipo de país do futebol somos nós. De todo modo, os casos aqui reunidos contêm elementos que também seriam percebidos em outros Estados e regiões do país, obviamente com algumas particularidades a distinguirem um ou outro elemento.³

O jogo do Tupi em Juiz de Fora, por exemplo, distingue-se por tentar perceber como uma cidade com mais de meio milhão de habitantes é historicamente reconhecida por concentrar as paixões futebolísticas em torno não do clube local – centenário –, mas em torno dos clubes grandes do Rio de Janeiro. A partida do Santo André, realizada no chamado ABC (reunião das cidades de Santo André, São Bernardo e São Caetano em torno da megalópole São Paulo), traz por outro lado um fenômeno típico que caracteriza clubes sediados em municípios que integram as grandes metrópoles do Brasil, qual seja, a convivência com o poderio das torcidas dos grandes clubes paulistanos, cujas organizadas estão igualmente e fortemente capilarizadas nos municípios limítrofes à Capital. E o jogo do Oeste, em Itápolis, traz por sua vez uma realidade bem distinta: o que representa para uma cidade pequena no interior paulista (àquela época) manter um clube, sem grande lastro na tradição do futebol brasileiro, disputando uma divisão nacional.

Por fim, mais do que teorizar sobre as noções de tempo e espaço do futebol brasileiro neste século, o objetivo dos autores com esta contribuição foi justamente o de colocar tais conceitos em perspectiva por meio de crônicas⁴ sobre três partidas

³ Em 2012, a Série C do Campeonato Brasileiro contava com 20 clubes (Águia, Brasiense, Caxias, Chapecoense, Cuiabá, Duque de Caxias, Fortaleza, Guarany, Icasa, Luverdense, Macaé, Madureira, Oeste, Paysandu, Salgueiro, Santa Cruz, Santo André, Treze, Tupi e Vila Nova). Doze estados da federação estavam ali representados: CE (3), DF, GO, MG, MT (2), PA (2), PB, PE (2), RJ (3), RS, SC, SP (2).

⁴ Entendemos o termo crônica a partir das contribuições seminais de Antonio Candido (1989) e Davi Arrigucci Jr. (1987), por exemplo, que a definem com um texto na fronteira entre o jornalismo e a literatura, permitindo juízos mais pessoais e uma certa jocosidade no relato, o que, a nosso ver, oferece um suporte adequado à etnografia aqui praticada.

regadas por tensões específicas na Série C de 2012. Esperamos que o público leitor consiga perceber nestes três relatos as relações que se cruzam o tempo todo entre temporalidades e espacialidades que opõem e aproximam centro e periferia no Brasil, num movimento por vezes centrífugo, por vezes centrípeto. E esperamos ainda que o prazer que tivemos ao realizar esta etnografia participante seja também experimentado na leitura das próximas páginas.

RELATO 1: TUPI OR NOT TUPI?

Tupi 1 x 1 Vila Nova (GO) – Juiz de Fora (MG) – 29/09/2012

Juiz de Fora, cidade tradicional da Zona da Mata do Estado de Minas Gerais, conta com cerca de 525 mil habitantes (segundo estimativas do IBGE em 2012). Desses, é possível que mais da metade prefira mirar os clubes do Rio de Janeiro a ter que dedicar sua paixão ao clube mais importante das redondezas: o Tupi FC, agremiação centenária fundada em maio de 1912.

Para a partida diante do Vila Nova (GO) no dia 29 de setembro de 2012, válida pela Série C do Campeonato Brasileiro, o Tupi vivia sob intensa pressão, já que era o último colocado do Grupo B (apenas 12 pontos em 13 jogos, com três vitórias, três empates e sete derrotas – um aproveitamento de meros 30,8%). O clube ainda atuaria apenas mais uma vez em casa (contra o Oeste – SP) e três vezes fora, contra Santo André (SP), Brasiliense (DF) e Chapecoense (SC), o que aumentava a necessidade de um resultado positivo contra a equipe goiana. Diante desse quadro, era de se imaginar que a cidade estaria engajada em apoiar o clube. Mas uma simples caminhada por Juiz de Fora na manhã daquele sábado parece comprovar o contrário: são os grandes clubes do Rio de Janeiro que dominam a preferência e a simpatia do torcedor local. Pelas ruas e avenidas, deparamo-nos o tempo todo com camisas, pôsteres e faixas do Flamengo, Fluminense, Vasco e Botafogo. Mais tarde, em direção ao estádio Mário Helênio, as primeiras camisas que se avistam são justamente as do Fluminense, do Flamengo e do São Paulo. O entorno do estádio, faltando pouco mais de uma hora para o início da partida, apresenta-se bem tranquilo. Os ingressos custam R\$15,00 (R\$7,50 a meia entrada), valores que, se não afugentam os torcedores, também não conseguem atraí-los.

À porta das bilheterias, ouvem-se reclamações de que o clube deveria ter realizado uma promoção para cativar o público e encher o estádio – afinal de contas, a vitória era quase obrigatória para o Tupi. Mas, na avaliação do Sr. Célio, catador de latinhas que está em frente ao portão principal do Mário Helênio, a tarde não será boa. Ao lado de uma bicicleta com o emblema do Botafogo, ele fica à espera das pessoas que se abasteceram com latinhas de cerveja ou refrigerante nas barraquinhas de ambulantes posicionadas do outro lado da praça, cerca de 150 metros de distância. Como é proibido entrar com latas de bebida no estádio, o catador aproveita para recolher o alumínio que seria deitado ao chão ali mesmo.

“– Num dia bom dá para pegar 20 kg de latinhas. Hoje, se der 1 kg, é muito”, lamenta-se Célio. “Não vai dar nem 300 pessoas no estádio”.

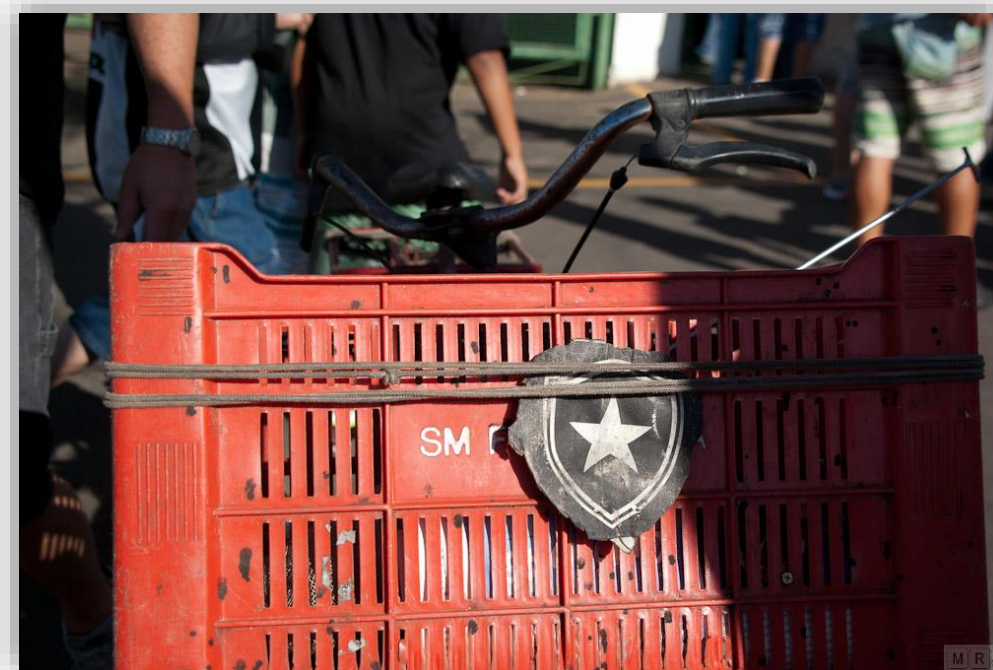


Imagem 1 - Escudo do Botafogo em bicicleta, antes de jogo do Tupi.
Foto: Max Nigro.

O catador confessa que só se estabeleceu em Juiz de Fora por causa de sua esposa, Maria da Neiva, falecida dois meses antes. Ela necessitava de cuidados médicos especiais, algo a que não tinha acesso na cidade de origem, Ubá. Os dois haviam se mudado há 15 anos em busca de um hospital maior e com mais recursos: “– Se eu não viesse para cá, ela teria morrido bem antes”.

Do outro lado da praça, de onde saíam as latinhas que viriam mais tarde abastecer o estoque do viúvo de Dona Maria Neiva, duas barracas promoviam o “esquenta” dos torcedores do Tupi. Um freguês que está na primeira barraca, muito crítico com a situação do clube, esbraveja:

“– Contra os times do Rio, o Tupi tem 10% da torcida do estádio; outros 10% ficam neutros; o resto, 80%, torcem pelos cariocas”. E arremata com uma estatística surpreendente: “O Tupi tem 1.150 torcedores. Quando aparecem 1.149, a gente sabe quem é o que faltou”.

Em vez de jogarem os copos plásticos no lixo, os clientes são estimulados deixá-los na calçada: “– A prefeitura vem limpar depois. Tem eleição –, diz o proprietário de uma das barracas”. De fato, a praça em frente ao estádio está repleta de militantes das candidaturas às eleições municipais de 2012; todos se preparam para iniciar as carreatas pela cidade ou para divulgar os nomes de quem iria concorrer ao pleito municipal.

O modernista brasileiro Oswald de Andrade, em seu “Manifesto Antropofágico”, lança a certa altura o desafio: “Tupi or not Tupi, that is the question”. Antropofagicamente, os moradores de Juiz de Fora já aprenderam, sabiamente, a incorporar o outro – não é à toa que metade da cidade prefira olhar para a antiga capital federal e escolher algum grande do Rio de Janeiro.

Ser ou não ser Tupi, de fato, confunde corações e mentes do público. Mais à frente, indagamos um garoto de 12 anos, guardador de carros:

“– Torce para quem?”.

“– Tupi”.

“– Para quem mais?”

“– Pro Vasco”.

Outros torcedores vão chegando ao estádio com camisas ou bonés do Vasco, Fluminense, Flamengo, São Paulo, Corinthians, Botafogo. Muitos com a camisa do Tupi também. O duplo repete-se bem em frente ao portão de acesso ao estádio, quando a surpresa vem do diálogo de um casal de namorados, após cerca de um minuto de indecisão em frente das bilheterias:

“Vamos ou não?”, pergunta o rapaz. Ela: “Tá vazio”. Ele: “Vamos pegar um solzinho”. Ela: “Se ainda fosse o Botafogo”.

Mais tarde, encontraríamos o mesmo casal durante o intervalo do jogo. O rapaz chama-se Lucas e torce pelo Flamengo. Paula, a namorada, prefere o time da estrela solitária.

“– Valeu a pena entrar? Vocês estavam tão indecisos lá fora...” , perguntamos.

“– Valeu, sim. Tá sendo divertido!” , respondem.

O estádio Mário Helênio apresenta um formato de ferradura, com os vestiários do lado em que não há arquibancada. O gramado estava muito danificado, com irregularidades por toda a extensão do campo. Na véspera daquele encontro, uma delegação chefiada pelo técnico Carlos Alberto Parreira havia visitado as instalações da cidade visando uma candidatura para subsede da Copa do Mundo de 2014. Sobraram algumas críticas à falta de estrutura do campo. Algo que se vê do lado das cabines de imprensa: um repórter da Rádio Goiânia sobe, esbaforido, os 30 degraus das arquibancadas até o local destinado às emissoras visitantes, ao lado dos torcedores locais, que não demoram a registrar sua revolta por causa de um impedimento marcado no ataque do Tupi.

Em meio a diversas camisas de clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo, destaca-se um rapaz que usa a camisa do Vila Nova.



Imagem 2 - Torcedor (esq.) com camisa do Vila Nova (GO) ao lado de dois torcedores do Tupi.
Foto: Max Nigro.

“– Podemos tirar uma foto sua?”

“– Sim. Usa photoshop depois pra me deixar bonito!”, responde. Trata-se de Marcos Modesto, torcedor do Botafogo e estudante de jornalismo. Veio torcer pelo Vila Nova pois tem familiares em Goiânia.

“– Você não tem medo de apanhar, não?”

“Não. O pessoal me conhece. Eu fico quietinho aqui.

Em meio a nossa conversa, sai um gol do Tupi.

“– Pô, vocês não me deram muita sorte”.

Mas há alguém mais quietinho do que Marcos Modesto no estádio. Atrás de um dos gols, destaca-se um torcedor solitário, em frente a uma faixa pendurada no alambrado. Trata-se do Sr. Augusto, que permanece isolado e que sempre se posiciona no mesmo setor da arquibancada.

“Por que o senhor fica aqui, sozinho?”.

“– Lá em cima jogam urina! Aqui é melhor, retruca”. Olha, fala ali praqueles caras que torcida de verdade não coloca a faixa de cabeça pra baixo!”.



Imagem 3 - Faixa de cabeça para baixo de organizada do Tupi, em protesto à má fase do time.
Foto: Max Nigro.

O Sr. Augusto referia-se à torcida organizada “Império Alvinegro”, que protesta contra o mal explicado roubo ocorrido na sede do clube, o que, segundo eles, teria deixado os salários de jogadores em atraso. Criada em janeiro de 2010, a torcida não recebe verba do Tupi. Conta com 70 a 100 membros presentes no estádio. Nos jogos com os grandes do Rio, costumam viajar até a capital carioca. Mantêm a faixa para baixo por causa da campanha do clube na Série C do Brasileirão.

“– Se o Tupi ganhar 6 pontos, viraremos a faixa!”, promete Jackson, líder da torcida. Ele também não esconde a apreensão diante da necessidade de o time vencer seus compromissos em Juiz de Fora.

Ao lado, e numa convivência aparentemente pacífica, fica a Tribo Carijó. Fundada em outubro de 2006, conta com cerca de 50 membros presentes no estádio. Daniel, “líder” da Tribo, conta que viajara a Caxias do Sul (RS) na semana anterior, para acompanhar a partida diante do Caxias. “– Infelizmente, perdemos por 1 x 0”. Ao seu lado, outro membro do grupo – e o mais inquieto na arquibancada – usava uma camisa do Goiás (maior rival do Vila Nova, adversário do Tupi).

“– É o Vitor Lima, ele sempre faz isso”, denuncia Daniel. “Ele vem com a camisa do rival que enfrenta o Tupi só para provocar. Mas por baixo ele tá usando a camisa do Tupi”.

O Vila Nova empata o jogo em 1 x 1 e, do outro lado do campo, Marcos Modesto comemora sozinho, acompanhado dos dois amigos. É a única pessoa no estádio a comemorar o gol dos visitantes. Mas é pouco notado pelos outros torcedores.

O Tupi não consegue a vitória, e a torcida começa a ficar bastante apreensiva. Surge um lance polêmico no ataque do time da casa, e o juiz não marca pênalti. A torcida se inflama. Faltas contínuas cometidas pelos jogadores do Vila Nova não motivam o uso do cartão amarelo pelo árbitro.

As organizadas do Tupi vangloriam-se de comporem a maior torcida do interior de Minas Gerais. “Cruzeiro e Atlético, quando vêm a Juiz de Fora, não são maioria”, ressalta o mesmo Jackson, da Império. Independentemente da preferência por clubes de fora, nota-se nitidamente que o Tupi conta com torcedores extremamente fiéis e apaixonados. E que não deve ser difícil encher o Mário Helênio, com capacidade para 30 mil pessoas sentadas, quando o clube vai bem – a exemplo do ocorrido em 2011, quando ficou com o título da Série D do Brasileirão.

Para além dos protestos, as organizadas do Tupi possuem cânticos semelhantes aos de outras torcidas de clubes grandes:

“Ôôôô, eu acredito!”

“Porra, caralho, vamo sacudir, quem manda nessa porra é a torcida do Tupi”.

“Ôôôôôô, vamos pra cima deles, Galo!!”

“Olê, leô, Tupi eu sou”.

O Vila Nova passa a oferecer mais perigo e fica perto de virar o placar do jogo. O Tupi salva-se com duas defesas precisas do jovem goleiro Rodrigo. É o mote para os torcedores: “PQP, é o melhor, goleiro do Brasil – Rodrigo”

A paciência vai se esgotando e os protestos mudam do juiz para o técnico do Tupi: “– Roy, você é muito retranqueiro! Não vale nada! Foi o goleiro que garantiu o empate pro Tupi”! Vítor Lima agora já tirou a camisa do Goiás e, de fato, aparece com a camisa do clube de Juiz de Fora. É um dos mais inquietos entre os 900 torcedores presentes no estádio, público anunciado pelos alto-falantes.

O jogo termina em 1 a 1, e o Tupi fica à beira do rebaixamento. Nem o centenário do clube em 2012 parecia ser capaz de salvá-lo da degola e da volta à quarta divisão do futebol brasileiro. De todo modo, o Sr. Célio errou sua previsão de público e subestimou os 1.150 torcedores fiéis e apaixonados do Tupi, conforme relatado pelo torcedor antes do jogo na frente das barracas. Entre as 900 pessoas no estádio, uma delas torcia para o Vila Nova, ou seja, tivemos 899 carijós fiéis presentes no Mário Helênio. Faltaram apenas 251 para a festa do catador de latinhas ser completa.

RELATO 2: TÃO LONGE, TÃO PERTO

Santo André 0 x 1 Duque de Caxias – Santo André (SP) – 20/10/2012

Tal qual o título do filme *In weiter Ferne, so nah!* (*Tão longe, tão perto*, na tradução em português), do diretor alemão Wim Wenders, a torcida do EC Santo André também poderia dizer que está tão longe e tão perto de sua equipe quando os jogos acontecem em casa, no Estádio Municipal “Bruno José Daniel”, pelo Campeonato Brasileiro da Série C de 2012.

Divergências entre o prefeito eleito em 2008, Aidan Antônio Ravin, e a diretoria do clube culminaram com a interdição do estádio. O Santo André procurou outras sedes para receber seus adversários, mas os custos com viagem e hospedagem fizeram com que o clube permanecesse em sua cidade, atuando no mesmo estádio municipal, só que com portões fechados. Não havia venda de ingressos.

Situado na cidade do mesmo nome, na região da Grande São Paulo, o Santo André disputa com o São Caetano (principal rival) e com o São Bernardo a supremacia do futebol do ABC paulista, berço do surgimento da indústria automobilística no Brasil a partir da década de 1950 e, mais tarde, dos movimentos sindicais. O clube tem suas origens em 1967, com o nome de Santo André Futebol Clube. Em 1975, ganhou o nome atual: Esporte Clube Santo André. Desde então, venceu por duas vezes a segunda divisão do campeonato paulista (1975 e 1981) e uma vez a Copa Estado de São Paulo (2003). Sua maior façanha, porém, foi o título da Copa do Brasil em 2004, diante do Flamengo, no Maracanã. O triunfo credenciou o “Ramalhão”, como o clube é chamado, a disputar a Taça Libertadores da América no ano seguinte. Já em 2010, outra façanha: o vice-campeonato paulista diante do poderoso Santos de Ganso e Neymar.

Em 2012, no entanto, a história era bem diferente. O time estava ameaçado de cair para a quarta divisão do campeonato nacional. Em 2011, já havia sido rebaixado para a segunda divisão do paulista. A atual situação do clube era imputada às ações da Prefeitura, que demolira o setor de numeradas do estádio sob o pretexto de remodelá-lo a fim de ser utilizado como uma subsede da Copa do Mundo de 2014. Entretanto, após a demolição, a praça esportiva acabou sendo interditada e não recebeu obra alguma.

À porta do estádio, distribuía-se o manifesto “SOS Brunão”, no qual se destacava a frase “Foi o Aidan que fez: o massacre do Estádio Bruno José Daniel”. Às vésperas da eleição municipal de 2012, o imbróglio em que o clube havia se envolvido fazia com que grande parte da torcida apoiasse o candidato de oposição, Carlos Grana, a fim de evitar a reeleição de Aidan. A disputa política do município, ao lado do próprio jogo, movia algumas dezenas de pessoas a reunirem-se em frente ao estádio fechado, numa tarde chuvosa de sábado no ABC Paulista. Todos acompanhavam a partida do lado de fora, ouvindo os lances da peleja por meio de

uma transmissão radiofônica ampliada pelos potentes alto-falantes de um carro estacionado próximo às bilheterias. Estas, fechadas, serviam para a colagem de folhetos e do manifesto em socorro ao estádio.

Outros torcedores, menos preocupados com a eleição municipal, reuniam-se ali para demonstrar sua paixão pelo Santo André e para manifestar sua indignação diante do fechamento do Bruno José Daniel. Não faltava um dos torcedores mais emblemáticos e folclóricos do clube, Eduardo Braghirolli, mais conhecido como Esquerdinha. Vinha montado em sua bicicleta estilizada, batizada de “Ramalhocleta do Esquerdinha”.

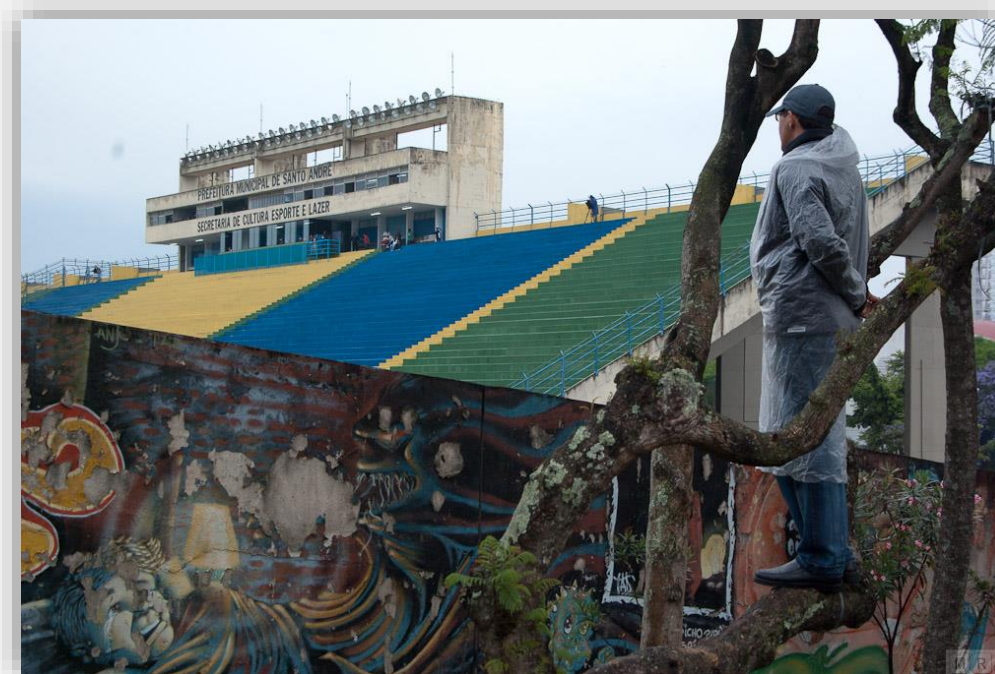


Imagem 4 - Torcedor sobe em árvore para ver jogo do Santo André.
Foto: Max Nigro.

Já as torcidas organizadas, que tinham outras disputas entre si, permaneciam de lados opostos fora do estádio. Do lado da entrada principal, próximo ao portão de acesso de atletas, árbitros e dirigentes, marcava lugar a Fúria Andreense. A faixa com os dizeres “O ABC tem dono” já dava mostras da importância do grupo, fundado em 2000. A aglomeração de pessoas em torno da Fúria levou muito deles para uma marquise sobre uma das entradas do estádio, de onde se tinha uma boa visão do campo de jogo. Porém, assistir ao jogo de “camarote” durou muito pouco, cerca de vinte minutos – tempo necessário para que a Polícia Militar impedisse que os

torcedores ali permanecessem. Com o excesso de peso, a quebra da estrutura era iminente. A turma dispersou-se, e algumas pessoas subiram em árvores para poder continuar enxergando o campo.

Do lado oposto, atrás da outra extremidade do campo, situou-se a Torcida Esquadrão Andreense, cujo lema também procura atemorizar: “Seu pesadelo virou realidade”. Fundada em 2005, a organizada tem conseguido reunir de 15 a 20 pessoas para acompanhar o Santo André do lado de fora do Brunão. Aproveitavam a estrutura de um outdoor situado junto ao estádio para se fixar nas grades de ferro e pendurar a faixa da torcida. O outdoor havia sido queimado pelos próprios torcedores, para a retirada do papel e o aproveitamento das grades: “Aqui é nosso lugar, mano!”, explica um deles. Disseram que pretendiam ir ao Rio de Janeiro na semana seguinte, em dois carros, para acompanhar a partida contra o Macaé: “É jogo de vida ou morte!”, afirma outro.

Não só a marquise desocupada pela PM do lado da Fúria Andreense estava na iminência de cair. Os torcedores sabiam que a situação do Santo André na Série C também indicava uma queda iminente – agravada com a impossibilidade do apoio dentro do estádio. Daí um dos cânticos mais repetidos por eles ao longo do primeiro tempo da partida: “Eu sempre vou é comemorar, seja na Série C ou na Série A”. A frase alternava-se com a de outro cântico, que procurava rememorar o maior feito de sempre do clube: “A Copa do Brasil eu comemorei”.

Todos os torcedores demonstravam grande fanatismo pelo Santo André. O que não impedia que uma tatuagem com o símbolo do Corinthians e outra com o símbolo do São Paulo fossem identificadas nos corpos daqueles jovens. “Mas a maioria torce só pelo Ramalhão”, adverte um terceiro. É o que explica a presença, entre eles, de uma camisa da seleção da Suécia (uniforme número 2) e outra da França (com o nome Benzema às costas): o azul, ali, é cor obrigatória.

Atrás da meta oposta ao placar eletrônico (e à direita das arquibancadas que restaram), um muro alto separa o estádio de um aclave que se eleva a partir da praça onde se realizam os exames de autoescola do município. Dois torcedores, um deles vestindo uma camisa da TUDA (Torcida Uniformizada Dragão Andreense), assistem ao jogo por meio de um buraco no muro. Dizem ser “sócios da área VIP” do estádio:

“Presente do prefeito”. Para facilitar a compreensão do que acontecia no campo, a presença de um rádio mantinha-os informado dos lances que a visão não alcançava.



Imagem 5 - Torcedores veem jogo do Santo André por meio de buraco no muro do estádio.
Foto: Max Nigro.

A insatisfação dos torcedores com o atual estado de coisas do futebol local se expressava de modo mais agudo por meio de uma faixa com os dizeres “Não ao futebol moderno” – movimento que luta contra a exagerada mercantilização do esporte, o que tem distanciado os clubes grandes dos pequenos. Animavam-se com os poucos instrumentos que traziam, cuja percussão lembrava algumas *hinchadas* argentinas.

No início do segundo tempo, o Esquadrão, com o uso de sinalizadores e fogos de artifício, colore de azul o céu acinzentado da cidade. Alguns veículos que passam pela avenida que margeia o estádio tocam suas buzinas – alguns gritam frases de incentivo ao time. Em vão. O Duque de Caxias faz um gol e acaba por vencer a partida. O Ramalhão seguiria em sua luta contra o rebaixamento e pela liberação do estádio municipal. Mas os torcedores andreenses não conheceriam nenhuma outra “vitória” na Série C, nem em 2012, nem em 2013. Continuariam próximos do clube, mesmo distantes dos dias de glória. Na rodada seguinte, o time seria rebaixado à Série D, depois de perder longe de casa para o Macaé por 3 x 1, no Rio de Janeiro.

Naquela tarde chuvosa do ABC paulista, a garota Vitória era uma das poucas que destoava do público majoritariamente masculino da torcida local. Namorada de um dos integrantes da Esquadrão Andreense, dizia que era a primeira vez que acompanhava um jogo do Santo André do lado de fora do estádio.

“– Gostou da experiência?”

“Vim só por causa do meu namorado. Gosto de estar perto dele.”

RELATO 3: ALTAS TEMPERATURAS NA MARCHA PARA O OESTE

Oeste 0 x 0 Madureira – Itápolis (SP) – 27/10/2012

Itápolis, cidade situada bem no centro do Estado de São Paulo, na microrregião de Araraquara, conta com pouco mais de 40 mil habitantes. Já foi conhecida nacionalmente por ser um polo de produção de laranjas, mas nos últimos anos passara a ser alvo do noticiário nacional por causa do Oeste FC (agremiação fundada em janeiro de 1921 com emblema e cores rubro-negras em reverência ao tradicionalíssimo Clube de Regatas do Flamengo). A ideia de homenagear a equipe carioca partiu de Victor Lapenta, flamenguista que havia saído do Rio de Janeiro e se estabelecido em Itápolis no início do século XX.

Apesar de estar a menos de uma década de seu centenário, o Oeste só passou a frequentar a elite do futebol estadual há pouco tempo. Conseguiu o acesso à primeira divisão do futebol paulista em 2003, mas foi rebaixado no ano seguinte. Em 2008, conseguiu novo acesso e não caiu mais – ao contrário, passou a colecionar sucessos ano após ano. Em 2011, conquistou o título de “Campeão do Interior”, em torneio disputado entre os clubes paulistas eliminados na primeira fase do campeonato estadual. No mesmo ano, conseguiu o acesso para a Série C do Campeonato Brasileiro.

Em 2012, a campanha surpreendia mais uma vez. No dia 27 de outubro, jogaria em casa com o Madureira em clima de “quase” festa. A equipe já estava classificada para a fase final da Série C do Brasileirão e precisava vencer a partida apenas para ficar em segundo lugar do Grupo B. Assim, fugiria do confronto com o melhor time do campeonato, o Fortaleza, já garantido como primeiro colocado do Grupo A. O Madureira estava livre do rebaixamento e não levou seu time principal a

Itápolis, o que dava a entender que o Oeste não teria grandes dificuldades naquela tarde de sábado.⁵

Dificuldade maior era o forte calor que se abatia sobre a cidade. Os termômetros locais registravam 32º C – e relatos da imprensa local apontavam para uma sensação térmica de 40º C. Talvez por isso a movimentação diante do Estádio dos Amaros, uma hora e meia antes do início da partida, era muito pequena. O que se destacava era uma vendedora ambulante, que pendurava bandeiras rubro-negras, com o distintivo do Oeste, em meio a duas árvores logo à frente da entrada principal do campo. Tentamos estabelecer alguma conversa com ela, mas a vendedora mostra-se assustada, talvez por desconfiar que fôssemos alguns agentes da fiscalização municipal. Descobrimos que ela morava em Bauru (cidade distante cerca de 120 km) e que era a primeira vez que vinha a Itápolis para trabalhar como ambulante (obviamente, não dispunha de licença).

“– Quanto é a bandeira”

“– Vinte reais!”.

O preço não chamava a atenção do público que chegava para prestigiar o Oeste e que passou a marcar presença meia hora antes do início do jogo. Fora do estádio, em vez de bandeiras, viam-se muitas camisas do próprio Oeste e também do Santos, Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Ponte Preta, Grêmio e até da Mancha Verde (a principal torcida organizada do Palmeiras). Por falar em organizadas, a movimentação em frente ao estádio agita-se apenas com a chegada de alguns membros da Oesterror. A torcida precisa passar pela revista da Polícia Militar (PM) em função da presença de instrumentos musicais, faixas e bandeiras. Arilson, líder do grupo, ostenta uma tatuagem do São Paulo e diz que costuma levar cerca de 50 pessoas em média aos jogos do Oeste.

“– E quando o jogo é contra o São Paulo?”

“– Aí é sempre Oeste!”, responde.

⁵ A boa campanha daquele ano levou o Oeste a sagrar-se campeão da Série C de 2012. Em abril de 2016, entretanto, o clube disputou sua última partida em Itápolis, contra o XV de Piracicaba, pelo Campeonato Paulista. Divergências com o poder municipal fizeram com que o Oeste estabelecesse uma parceria com o Osasco-Audax e passasse a mandar seus jogos em Osasco, na Grande São Paulo. Problemas com o novo estádio provocaram outra mudança, e o clube mudou-se definitivamente em 2017 para a cidade vizinha de Barueri. Desde então, caiu mais duas vezes: voltou para a Série C em 2020 e para a Série D em 2021.

A Oesterror completaria 20 anos em fevereiro de 2013. Segundo Arilson, deixaram de existir nos últimos anos a Garra Rubro-Negra e a Torcida do Amendoim. E não foi por causa da ação da polícia ou Ministério Público: “A PM ajuda a gente!”, explica.

A conversa é interrompida por um senhor que se aproxima de nós e nos pergunta se tínhamos ingressos para vender. Manifestamos nossa surpresa, uma vez que as bilheterias estão a pouco menos de dez metros de distância. Após termos sido confundidos com fiscais municipais, agora éramos tidos por cambistas.

A fila de torcedores que aguardam a entrada no estádio é composta por muitas famílias, com filhos pequenos e casais jovens. Em meio a eles, chama-nos a atenção o menino João Henrique, de 5 anos, acompanhado pelos pais (Fábio e Thaís). O trio havia saído de Mirassol (a cerca de 160 km de Itápolis) só para prestigiar Fernando Leal, goleiro do Oeste que estreava no time titular naquele sábado. Leal é amigo de infância do casal e havia presenteado o pequeno João Henrique com um par de luvas. Este não escondia que era torcedor do Mirassol e do Corinthians. Os pais do garoto pedem discrição, uma vez que, segundo eles, o Mirassol era atualmente o principal rival do Oeste, em virtude das rusgas surgidas nos diferentes campeonatos estaduais que haviam disputado recentemente. Arilson confirma a rivalidade e acrescenta outra: o Marília, que, entretanto, não disputava as mesmas divisões do Oeste há alguns anos.

Na entrada não há catracas eletrônicas (estas ficam guardadas ao lado, atrás de uma grade, numa edificação em que está instalada a caixa de alta tensão). O Estádio dos Amaros apresenta uma estrutura bastante modesta: tem arquibancadas de madeira atrás dos gols e nas laterais. Apenas a parte central, abaixo das cabines de imprensa, é de alvenaria. Não à toa o clube é obrigado a jogar em Araraquara ou em Presidente Prudente quando enfrenta os grandes da capital paulista. Apesar da precariedade das instalações, o clube mandante não deixa de cumprir com algumas obrigações legais: ao lado do portão de entrada, encontram-se afixados na parede o regulamento da Série C, a tabela do campeonato e sua classificação, a escala de árbitros, o Estatuto do Torcedor e a lista dos torcedores impedidos de comparecer a eventos esportivos no Estado de São Paulo (são cerca de 80 nomes). A papelada certamente ficaria inutilizada caso chovesse forte em Itápolis – risco inexistente naquele sábado primaveril de temperatura escaldante.

A tranquilidade que antecede a partida contra o Madureira é interrompida pelo Sr. Mário, que tenta dirigir-se para a parte direita da entrada do estádio em busca de sombra, próximo à arquibancada dos visitantes. É impedido pela PM, que fechou o acesso a essa zona do estádio, como precaução à chegada de torcedores do time carioca. Sr. Mário fica indignado e não tem opção a não ser enfrentar o sol de 32°C. Outra opção seria dirigir-se à arquibancada de alvenaria, na lateral do campo, protegida pela sombra das cabines de imprensa.

Duas dezenas de torcedores, porém, mostram-se pouco preocupados com o calor. Ficam posicionados atrás da meta defendida pelo goleiro do Madureira. As provocações não tardam:

“– ‘Vamo’ fazer gol nesse time de juvenil!”

“– Dá uma coca gelada e eles ‘entrega’ o jogo!”



Imagem 6 - Torcedores do Oeste, atrás do gol, pressionam goleiro do Madureira. À direita, a arquibancada de alvenaria. Foto: Max Nigro.

Vários degraus acima está o Sr. Geraldo. Permanece sozinho, em meio ao sol impiedoso, atrás do gol adversário. Diz que prefere ficar ali para acompanhar melhor o ataque do Oeste. Confessou ainda torcer para o Corinthians.

“– E quando jogam os dois?”

“– Aí é ‘fumo’ no Corinthians!”

Não muito longe está Antônio, o gandula que permanece na lateral do campo no lado oposto ao das cabines de imprensa. A vantagem é que não há torcedores atrás dele, muito menos da torcida visitante. O problema é enfrentar o mesmo sol impiedoso que atinge o Sr. Geraldo. Antônio diz ser torcedor do Oeste e do São Paulo: “– Fico dividido quando os dois se enfrentam”.

Próximo dele estão Zé Carlos (o fiscal do setor dos visitantes) e Bruno (garoto responsável pelo placar do estádio). Zé Carlos não tem dificuldade alguma naquela tarde, já que não apareceu uma alma sequer para torcer pelo Madureira. Bruno também não terá trabalho, uma vez que o jogo terminará empatado em 0 x 0. Mas nem sempre é assim. Ele relembra de uma partida entre o Oeste e a Ponte Preta, quando a torcida visitante se apoderou das tábuas numeradas e alterou o placar do estádio, colocando a Ponte Preta em vantagem. Surpreendentemente, o acesso ao placar é feito pela arquibancada onde se situa a torcida visitante. Basta subir numa mureta para se alterar os algarismos manualmente (o aparato não é eletrônico). Nessa ocasião, a PM teve que intervir e devolver o placar ao resultado original. Bruno conta ainda que o pior ocorreu numa partida contra o Noroeste de Bauru, quando houve forte bate-boca com torcedores visitantes: o Oeste já vencia por 3 a 0, quando, num ataque do time da casa, o garoto do placar fez menção de levantar a placa com o algarismo 4. Quase foi agredido pelos noroestinos, indignados com a provocação. Minutos depois, entretanto, o Oeste anotou de fato o quarto gol; o garoto do placar, visionário, só queria facilitar seu trabalho.

No intervalo do jogo daquele sábado, acabou o estoque de sorvete dos vendedores do estádio. Os picolés eram o principal artifício para vencer a sensação de 40°C. O forte calor parece ter amainado ainda o ímpeto do Oeste, que não conseguia anotar o gol que o faria evitar, na fase seguinte, o Fortaleza. O Madureira, desinteressado, passa a jogar com mais tranquilidade e ameaça o gol do time da casa. Num ataque perigoso da equipe carioca, o goleiro Fernando Leal espalma a bola, que se choca no travessão. Alguém grita das arquibancadas: “Parece a zaga do Palmeiras!”. A resposta é imediata: “Se fosse o Palmeiras a bola tinha entrado!”. Leal conta com um anjo da guarda a suas costas. Bem atrás dele, no meio da arquibancada, encontra-se Libaia, preparador de goleiros do Oeste. Ele assiste ao jogo com um par de luvas de goleiro nas mãos e orienta seu pupilo o tempo todo.

“– Por que essas luvas nas mãos com esse calor?

“– Superstição!”

Na lateral do estádio, vemos o garoto André, sentado numa cadeira de rodas, ao lado de Da. Santa e Da. Maria:

“– Aqui é a área para pessoas em cadeira de rodas?”

“– Não. Só ficamos aqui por causa da sombra.”

O Oeste joga mal e alguns torcedores começam a ficar mais irritados. Perto do final da partida, um homem com a camisa do Oeste esbraveja contra um jogador que entrara no segundo tempo: “Aprende a chutar, corno!” Trata-se de um dos 399 pagantes daquela tarde, público anunciado nos alto-falantes do estádio (renda de R\$2.825,00).



Imagem 7 - Bandeiras do Oeste penduradas em frente ao estádio. Dias mais tarde seriam vendidas com o emblema do Flamengo. Foto: Max Nigro.

Fim de jogo e o Oeste não consegue a vitória. Fernando Leal foi o melhor homem em campo – para a felicidade do casal de Mirassol, para a alegria do pequeno João Henrique e para o júbilo do preparador Libaia. Uma fortaleza, para enfrentar o Fortaleza, no próximo desafio da Série C.

Na saída do estádio, a vendedora de Bauru continuava com as bandeiras estendidas nas mesmas árvores. Diante do pequeno público e do resultado decepcionante do Oeste, o preço havia caído para R\$15,00.

“– Vendeu muito?”

“– Muito pouco!”

“– O que você vai fazer com essas bandeiras?”

“– Vai virar bandeira do Flamengo!”

“– Como?”

“– Vou costurar o distintivo do Flamengo por cima e vender na próxima semana. Tem Palmeiras x Flamengo em Araraquara.”

Nove décadas após seu nascimento, o Oeste voltaria a homenagear o clube que lhe serviu de inspiração.

* * *

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI Jr., Davi. Fragmentos sobre a crônica. **Enigma e comentário**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, Luiz Maklouf. **Cobras Criadas**: David Nasser e o Cruzeiro. São Paulo: Senac, 2001.

CAMPOS, Flavio de; Toledo, Luiz Henrique de. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora. **Revista USP**, número 99, nov. 2013.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. **Recortes**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Bruno Jeuken; Antônio, Victor Sá Ramalho. Brasil na Arquibancada: tradições, identidades e sociabilidades. **Ponto Urbe**, 14/2014.

* * *

Recebido em: 20 de dezembro de 2021
Aprovado em: 22 de abril de 2022.

Mulheres torcedoras de futebol no Brasil: refazendo gênero no interior da cultura fanática

Female Fans in Brazil: Remaking Gender Within the Fan Culture

Mariana Zuaneti Martins

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, Brasil
Doutora em Educação Física, Unicamp
marianazuaneti@gmail.com

Gabriela Borel Delarmelina

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, Brasil
Mestranda em Educação Física, UFES

Kerzia Railane Santos Silva

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, Brasil
Mestranda em Educação Física, UFES

RESUMO: Considerando a cultura fanática do futebol um espaço de manifestação de um currículo de masculinidades no qual as mulheres são invisibilizadas ou deslegitimadas, aqui nos debruçamos nas experiências de uma rede de torcedoras ativistas que buscam resistir a esse cenário. Com isso, o objetivo deste artigo é descrever a forma pela qual essas mulheres (re)fazem gênero na cultura torcedora e disputam representações sobre autenticidade nas formas de torcer. Para tanto, entrevistamos 37 torcedoras de diversos clubes e estados do Brasil. Seus relatos foram categorizados, enfatizando duas temáticas: a forma segundo a qual essas mulheres constroem visibilidade para sua presença na cultura torcedora e, em segundo lugar, a forma como disputam os sentidos sobre ser torcedor(a) autêntico(a). Por fim, demonstramos que elas refazem gênero na cultura torcedora e oferecem a possibilidade de transformação de uma cultura sexista e discriminatória.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Torcidas; Ativismo; Feminismo.

ABSTRACT: Considering the fanatical culture of football a space for manifesting a curriculum of masculinities in which women are made invisible or delegitimized, here we look into the experiences of a network of activist fans who seek to resist this scenario. With that, the aim of this article is to describe the way in which these women (re)make gender in the fan culture and dispute representations about authenticity in the ways of cheering. To do so, we interviewed 37 fans from different clubs and states in Brazil. Their reports were categorized, emphasizing two themes: the way in which these women build visibility for their presence in the fan culture and, secondly, the way they dispute the meanings of being an authentic fan. Finally, we demonstrate that they remake gender in the fan culture and offer the possibility of transforming a sexist and discriminatory culture.

KEYWORDS: Gender; Support Groups; Activism; Feminism.

INTRODUÇÃO¹

Eu ia ao estádio sozinha e sempre me olhavam torto. Perguntavam: ‘Cadê seu pai? E seus amigos? Você veio aqui para arrumar homem?’.

Monique Torquetti, torcedora do XV de Piracicaba.

Já fomos hostilizadas pela Torcida Geral do Grêmio. Tiraram nossas faixas e exigiram que a gente saísse dali porque não era o nosso lugar.

Kelly Plaz, gremista.²

A construção do ambiente das arquibancadas como um ambiente não seguro e não acolhedor para as mulheres, conforme os dois relatos divulgados na imprensa, descreve e demonstra alguns aspectos sobre a presença delas na cultura torcedora. Em primeiro lugar, os indícios são de que há um estranhamento a respeito da sua presença em estádios. Esse estranhamento pode fundamentar-se na opinião de não se considerar aquele espaço “seguro” para uma mulher desacompanhada. Em segundo lugar, pode vir acompanhado de uma interrogação e de uma suspeita sobre o interesse de uma mulher por futebol. Em terceiro lugar, a deslegitimação dessa presença ocorre por parte dos torcedores da mesma agremiação.

Os relatos também demonstram que, apesar de os próprios torcedores da mesma equipe tornarem a arquibancada um ambiente suspeito, de não acolhimento e até de insegurança, as torcedoras têm desafiado tais entendimentos, opiniões ou convicções ao reivindicar seu lugar na cultura torcedora.

Esses relatos ainda são escassos na imprensa esportiva ou na mídia alternativa das torcidas. No entanto, a presença das mulheres nas arquibancadas dos jogos de futebol não é nova. Há relatos de que elas eram parte significativa do público, no Brasil, na primeira metade do século XX. Todavia, conforme o futebol foi se popularizando e as torcidas uniformizadas e organizadas foram surgindo,³ essa participação teve seu peso relativo reduzido. Isso não significava que elas

¹ Esta pesquisa contou com financiamento da Fapes e Capes.

² ABEL; PANNUNZIO. Torcida, substantivo feminino. Mulheres se unem para ocupar arquibancadas.

³ HOLLANDA. *O clube como vontade e representação*.

estavam ausentes das torcidas organizadas, César⁴ descreve a presença de algumas delas, inclusive como destacadas integrantes de uma das mais populares torcidas brasileiras.

As mulheres foram perdendo visibilidade e espaço, sobretudo na década de 1980. A construção de um problema social em torno da violência nos estádios de futebol no país fez com que mais particularmente os integrantes das torcidas organizadas fossem vistos como violentos e agressivos, reafirmando, com tal postura, aspectos de uma certa masculinidade que afastaria as mulheres daquele ambiente.⁵ Isso se deu, em parte, pela difusão das notícias sobre o *hooliganismo* na Europa, visto como um problema relacionado aos homens ingleses da classe trabalhadora mais rude,⁶ assim como pelo fato de um dos dirigentes de uma grande torcida brasileira ter sido assassinado, em 1988.⁷ Como consequência, a visibilidade conferida a essa masculinidade na cultura fanática não implica a não presença de mulheres⁸ ou quaisquer outras formas de relação de vínculo afetivo com o clube.⁹ As mulheres, nesse contexto, têm sido vistas como menos “autênticas” ou menos fanáticas.

Contraopondo-se a esse cenário, as torcedoras brasileiras, recentemente, se têm organizado a fim de dar visibilidade à sua participação no interior dos estádios e das torcidas, bem como para reivindicar igualdade para exercer algumas funções e ocupar alguns espaços na cultura torcedora.¹⁰ Elas se têm organizado no formato de uma rede, como coletivos ou ativistas que buscam a igualdade nas arquibancadas, visibilizada pela organização dos Encontros Nacionais de Torcedoras (2017, 2018, 2019).

O Encontro Nacional das Mulheres da Arquibancada foi uma iniciativa desenvolvida em fevereiro de 2017, a partir de mulheres de diferentes estados e organizações que se encontraram em outro evento sobre futebol e democracia, realizado no Museu do Futebol, em São Paulo. Inicialmente, o encontro não visava propriamente à organização de torcida, como a Anatorg (Associação Nacional de Torcidas Organizadas), que veio, posteriormente, a apoiar a iniciativa. Dentre as deliberações do encontro, uma carta foi escrita com uma série de reivindicações que

⁴ CESAR. *Os gaviões da fiel e a águia do capitalismo*.

⁵ LOPES. A construção do problema social da violência no futebol brasileiro, p. 89-113.

⁶ DUNNING. *El fenómeno deportivo*.

⁷ LOPES. A construção do problema social da violência no futebol brasileiro.

⁸ DUNN. *Female Football Fans*.

⁹ JONES. *Female Fandom*, p. 516-537; POPE. *The Love of my Life*, p. 176-95.

¹⁰ MARTINS; SANTOS. *Do futebol de mulheres às mulheres no futebol*, p. 117-35.

abrangiam desde o combate ao machismo, a demanda por maior representatividade das mulheres nos espaços de liderança no futebol, nas torcidas e na Anatorg, até outras questões relativas ao acolhimento das mulheres nos estádios, como: segurança, espaço físico adequado (para mulheres, crianças, idosos e pessoas com deficiência) e a presença de uma delegacia da mulher também foram reivindicados.¹¹ Esse encontro, realizado sob o lema “empoderamento e resistência”, deflagrou uma série de iniciativas de encontros estaduais de mulheres de arquibancada, como os do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Essa rede se reunia sob o nome de “Mulheres da Arquibancada” (MDA), que continuou organizando as torcedoras até 2018, ano em que foi organizado o II Encontro Nacional das Torcedoras, no estado do Ceará. A proposta era de que o encontro alternasse as sedes e, aí, já mais integrado aos coletivos torcedores, facilitasse a participação das torcidas do Nordeste e que essas organizações fornecessem auxílio financeiro para que suas integrantes pudessem participar. O encontro também contou, em sua pauta, com os seguintes itens: o feminismo no esporte; o machismo no futebol; policiamento nos estádios especializados em mulheres; futebol de mulheres.¹² Esse evento foi importante para disparar outras campanhas nacionais, como o #deixaelatorcer; #machistometro#, dentre outras, que comentaremos mais adiante.

Em setembro de 2019, em Porto Alegre, aconteceu o terceiro encontro, já impulsionado pelo Movimento Feminino da Arquibancada (MFA). Diante desse cenário, nós nos perguntamos sobre a forma pela qual a existência desses movimentos tensiona os discursos tradicionais sobre a cultura fanática no Brasil e proporciona visibilidade a outras formas de autenticidade do torcer. Nessa esteira, o objetivo deste artigo foi descrever a forma pela qual as mulheres da rede ativista de torcedoras (re)fazem gênero na cultura torcedora.

Para tanto, a partir da estratégia bola de neve, foram feitas entrevistas semiestruturadas com 37 torcedoras no Brasil que faziam parte de coletivos e de torcidas organizadas. Essa estratégia aponta para a existência de uma rede de torcedoras que atravessa o país, ainda que não sistematicamente organizadas. Em nossas conversas, elas detalharam suas experiências nas arquibancadas – e fora

¹¹ MORAES. *As torcedoras querem torcer*.

¹² Leia mais em: <https://bit.ly/3BwzJkE>.

delas –, discorrendo não só sobre sua presença em um espaço comumente reservado aos homens, mas também em suas práticas enquanto torcedoras.

Nos resultados, a partir de duas temáticas principais, destacamos a relação delas com a sua presença nas arquibancadas, bem como as práticas adotadas para garantir seu espaço, enquanto mulheres torcedoras, naquele ambiente. Por fim, conseguimos apontar os caminhos e as negociações cotidianas dessas mulheres dentro da cultura fanática torcedora, mostrando como elas assumem uma postura de embate num ambiente sexista e discriminatório.

Esses apontamentos dialogam com as descrições da literatura internacional sobre as formas de torcer, segundo as quais a performatividade de gênero interfere na forma pela qual identificamos a intensidade e legitimidade dos vínculos dos torcedores dentro e fora dos estádios. Problematizamos, baseadas nessa literatura, a forma pela qual a estrutura hierárquica de gênero afeta a presença e a performatividade torcedora de mulheres que frequentam estes espaços e o modo como elas negociam e tencionam essa hierarquia. Argumentamos, assim, a maneira como elas se vinculam às torcidas organizadas em um ambiente de constantes disputas e negociação de suas identidades de gênero.

A CULTURA FANÁTICA DO FUTEBOL E AS MULHERES

Com relação à cultura fanática no futebol, existem diversas possibilidades de se manifestar como torcedor ou espectador. Tais formas podem ser presenciais, coletivas, públicas ou mesmo mediadas por meios digitais.¹³ A fim de caracterizar essas diferentes formas, Richard Giulianotti¹⁴ descreveu uma taxonomia dos fãs de futebol, baseada em vínculos e redes de solidariedade. Tal taxonomia classifica os fãs em diferentes “graus” de vínculo, que variam entre torcedores quentes (maior vínculo com o clube e com a coletividade de torcedores e grau de fanatismo), espectadores frios (aqueles marcados por uma lógica de consumo globalizada) e uma experiência individualizada.

¹³ TOFFOLETTI. *Women sport fans*; TAYLOR & FRANCIS; TOLEDO. *Torcer*, p. 175-89; POPE. *The Love of my Life*; JONES. *Female Fandom*.

¹⁴ GIULIANOTTI. *Supporters, Followers, Fans, and Flaneurs*.

Esta classificação tem sido criticada nas investigações sobre torcedoras por tomar como referência o universo da masculinidade viril.¹⁵ Ou seja, apesar de ela parecer neutra do ponto de vista do gênero, a taxonomia se ancora, implicitamente, numa hierarquia entre o fanatismo masculino (tradicional e autêntico) e o não fanatismo feminino (consumidor e inautêntico).¹⁶ Em geral, o perfil atribuído ao “*supporter*” ou “*fan*” (termos em inglês) é masculino, mesmo não sendo esses termos diretamente ‘generificados’.

Para Dunn,¹⁷ Jones,¹⁸ Pope¹⁹ e Toffoletti,²⁰ a taxonomia estruturada em base a polos – tradicional-quente *versus* consumidor-frio – pode ser relacionada à lógica binária de gênero. Nesse sentido, tal descrição da cultura torcedora teve como consequência uma codificação binária das posições, que provocou segregação e discriminação, conforme alertaram Pfister *et al.*²¹ Para as autoras, as mulheres são vistas como “o outro sexo”, não sendo consideradas autênticas, já que o fanatismo é descrito como uma forma codificada de masculinidade.

Segundo as autoras, essa taxonomia constrói o polo quente e autêntico, vinculado a uma forte solidariedade (masculina) entre os membros na adesão ao clube. O segundo polo, representado como consumidor-frio, é relacionado às formas tradicionais de feminilidade, que não representam vínculos sólidos com o clube e, portanto, não se preocupa em ter que demonstrar suporte diante de outros torcedores rivais.²² Há uma hierarquização, nessa taxonomia, que não só informa modos distintos de fazer gênero na cultura torcedora, como classifica como mais legítimos aqueles vinculados à masculinidade.

As formas frias de engajamento, fruto da globalização dos clubes e da elitização do futebol moderno, são vistas como uma perda de sentido de comunidade entre torcedores e de identidade com o clube. Coincidentemente, são usualmente as formas como se descrevem a emergência das mulheres torcedoras. Portanto, é necessário considerar que as torcedoras podem estar fora desse

¹⁵ JONES. Female Fandom.

¹⁶ POPE. The Love of my Life

¹⁷ DUNN. *Female Football Fans*.

¹⁸ JONES. Female Fandom.

¹⁹ POPE. The Love of my Life

²⁰ TOFFOLETTI. Women sport fans

²¹ PFISTER; LENNEIS; MINTERT. Female Fans of Men's Football – A Case Study in Denmark.

²² JONES. Female Fandom.

espectro binário.²³ Isto implica em observar a existência de performatividades de gênero intituladas “feminilidades masculinizadas” e “feminilidades feminilizadas”.²⁴ Nessa esteira, Carrie Dunn²⁵ demonstrou ser possível descrever outras formas de lealdade a partir das mulheres fanáticas. Lealdade, para elas, tem a ver com artefatos, vestimentas e decoração de suas casas. Ela ressaltou que a tradição do torcer também se transmite de mãe para filha, de modo que a constituição de um vínculo tradicional baseado no parentesco não é uma característica exclusivamente masculina.

Tal discussão também poderia ser transportada para as torcidas organizadas de futebol do contexto brasileiro, compreendidas como uma das possíveis experiências da cultura fanática. As torcidas organizadas brasileiras seriam formas quentes e tradicionais de torcer e se diferenciam das demais torcidas por sua forma de ocupar o estádio, pelo porte de vestimenta, bandeiras, baterias, gestos, coreografias e cantos específicos, que configuram sua identidade específica dentro do clubismo.²⁶ Essa diferenciação implica uma particular configuração de poder nas arquibancadas e entre torcedores, conferindo “autenticidade” à forma de torcer das torcidas organizadas.²⁷ Elas reivindicam o direito de torcer, até mesmo fanaticamente, quanto os mais fiéis apoiadores do clube, considerando ser esta uma forma política de influenciar, não se restringindo ao sentido de torcer pelo clube.²⁸

Essa forma “autêntica” de torcer é também uma expressão de masculinidade, manifestada no ambiente do futebol.²⁹ Nesse contexto, algumas manifestações de violência relacionadas à cultura fanática no futebol são expressões de uma “masculinidade agressiva” e viril, muito valorizada por expressar o intenso grau de vínculo e de fidelidade de uma pessoa com o clube pelo qual torce.³⁰ Essa

²³ POPE. *The Love of my Life*

²⁴ POPE. *The Love of my Life*

²⁵ DUNN. *Female Football Fans*.

²⁶ “O clubismo é produto das operações simbólicas de demarcação de fronteiras, classificações, divisões e segmentações diversas [...] trata-se de uma categoria simbólica que opera socialmente e, portanto, concretamente, impondo-se em relação a outras demarcações de fronteiras, tal qual é o caso das categorias de classe, religião, gênero, partidos políticos, entre outras [...]. Por isso mesmo, creio que não é possível compreender a dinâmica das emoções no futebol sem aprofundar o entendimento desse potente sistema de crenças, representações e segmentações” (DAMO, *A magia da seleção*, p. 79).

²⁷ TOLEDO. *Torcidas organizadas de futebol*.

²⁸ TOLEDO. *Torcidas organizadas de futebol*.

²⁹ MONTEIRO. *Torcer, lutar, o inimigo massacrar*.

³⁰ LOPES; CORDEIRO. *Torcidas organizadas do futebol brasileiro*, p. 75-83; MONTEIRO. *Torcer, lutar, o inimigo massacrar*.

masculinidade também se expressa nos cantos das torcidas, na diferenciação com relação a alguns adversários, considerados “menos homens” ou de sexualidade duvidosa, e em alguns gritos, que visam a desestabilizar a masculinidade adversária.³¹ Essa masculinidade se configura como uma cultura agressiva, dentro da qual defender e brigar violentamente pelo time significa “adquirir *status*, respeito, poder e domínio sobre os outros membros do grupo ou sobre os que de algum modo com eles se relacionam e interagem”.³²

O torcedor autêntico é formado por uma pedagogia do torcer, que é atravessada por relações de gênero. Gustavo Bandeira argumenta que estar num estádio é um tipo de ambiente ou oportunidade de se aprender a torcer, de se “aprender quando gritar, quando calar, o que gritar, o que calar, o que e como sentir”.³³ O torcer institucionaliza práticas; ensina e representa masculinidades; portanto, constitui uma pedagogia de masculinidade e uma forma através do qual se aprende a *fazer* gênero.³⁴

Gênero refere-se a construções sociais, culturais e linguísticas que constituem a forma como percebemos essas diferenças e as desigualdades por elas originadas,³⁵ de modo que as diferenças e desigualdades entre mulheres e homens não são biologicamente determinadas.³⁶ Gênero é a forma pela qual nos *fazemos* cotidianamente como homens e mulheres em uma sociedade, em um processo instável, repetido e contínuo.³⁷ Fazemos e aprendemos gênero por meio de diversas instâncias, além da própria família, da escola, do futebol e por meio da cultura fanática, conforme apontou Gustavo Bandeira. Nessa perspectiva, ao torcer, aprendemos a “ser” (em geral) homens ou mulheres dentro daquela subcultura específica.

Por isso, a cultura fanática é um espaço no qual *se faz* ‘gênero’ por meio das pedagogias do torcer e desse currículo de masculinidade.³⁸ As diferenças entre homens e mulheres são organizadas de forma relacional em nossos discursos culturais e interpelam as pessoas desde que elas nascem. Todavia, esses discursos

³¹ TOLEDO. *Torcidas organizadas de futebol*.

³² MONTEIRO. *Torcer, lutar, o inimigo massacrar*.

³³ BANDEIRA. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol., p. 342-351; p. 344.

³⁴ BANDEIRA; SEFFNER. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia, p. 246-270.

³⁵ SCOTT. Gênero.

³⁶ SCOTT. Gênero. MEYER. Gênero e educação, p. 9-27.

³⁷ MEYER. Gênero e educação, p. 16.

³⁸ BANDEIRA. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. p. 342-351.

ganham materialidade na medida em que são cotidianamente reiterados por meio de nossas práticas e performatividades.³⁹

As performatividades de gênero ainda são plurais, conformando diversos modos de vivenciar as feminilidades e as masculinidades. Dessa forma, em vez de se pensar a experiência das mulheres como única, deve-se perceber também a pluralidade de formas existentes de performatizar feminilidades, agenciadas pelas pessoas em relação ao contexto, às relações de poder, às masculinidades e às situações, mas também atravessadas por outros marcadores sociais, como raça, classe e geração, entre outros.⁴⁰

O currículo de masculinidade do estádio remete a uma forma de performatividade de gênero específica, vinculada, conforme apontou Monteiro,⁴¹ a um modo agressivo e viril. Nesse sentido, a ênfase na masculinidade como característica das torcidas invisibilizou as mulheres ou as colocou como torcedoras menos legítimas.⁴² As mulheres, nestas narrativas, são não habituais, ora invisíveis, ora não autênticas.⁴³ Pesquisas demonstram que as mulheres não costumam ir aos estádios desacompanhadas de homens. São motivadas pelos pais, namorados ou por amizades.⁴⁴ Além disso, a participação das mulheres nas arquibancadas, diferentemente dos homens, muitas vezes enfrenta interrupções devido a motivos como gravidez e cuidado de crianças.⁴⁵ Quando presentes nos estádios, elas também são alvo constante de provocações e testes. Elas precisam provar que “levam o esporte a sério”.⁴⁶

A ausência de legitimidade leva a uma série de questionamentos sobre sua presença nos estádios. Para frequentar as arquibancadas, por exemplo, em especial próximo a uma torcida organizada, elas se devem preocupar com a vestimenta para não se confundir com as “cheerleaders” ou não serem rotuladas de estar frequentando o estádio à procura de um “homem” com quem se envolver.⁴⁷ Por

³⁹ BUTLER. *Gender trouble*.

⁴⁰ BUTLER. *Gender trouble*.

⁴¹ MONTEIRO. *Torcer, lutar, o inimigo massacrar*.

⁴² DUNN. *Female Football Fans*.

⁴³ DUNN. *Female Football Fans*.

⁴⁴ CAMPOS. *Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão*. DUNN. *Female Football Fans*.

⁴⁵ DUNN. *Female Football Fans*.

⁴⁶ CAMPOS. *Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão*. DUNN. *Female Football Fans*.

⁴⁷ DUNN. *Female Football Fans*.

vezes, as próprias mulheres estigmatizam as que vão assistir a um jogo com uma roupa curta, maquiagem ou salto, ou que comentam a aparência dos jogadores. Elas não estariam no estádio por interesse pelo esporte.⁴⁸ Nesse cenário, algumas mulheres torcedoras brasileiras começam a se organizar para disputar a “autenticidade” dentro da cultura fanática, materializando uma rede que se expressou a partir da organização de três encontros nacionais de torcedoras. Essas mulheres propõem o reconhecimento de sua presença e das feminilidades como forma autêntica de torcer, propondo, por conseguinte, refazer a forma pela qual o gênero é interpretado dentro da cultura fanática.

PERCURSO METODOLÓGICO

O *corpus* desta pesquisa foi construído através de entrevistas semiestruturadas com 37 torcedoras de diversos clubes de todas as regiões do Brasil. As entrevistas ocorreram entre 2017 e 2019, guiadas por um roteiro que compreendia algumas temáticas.⁴⁹ Entrevistar as torcedoras permitiu que nos debruçássemos sobre suas percepções e sobre detalhes sobre sua atuação nos estádios e nos movimentos ativistas, constituindo, tais encontros, uma oportunidade para que elas pudessem discorrer com profundidade sobre esses temas.⁵⁰ O primeiro referia-se à forma pela qual elas descreviam e compreendiam suas identidades como torcedoras nos estádios, e como se compreendiam em relação a seus companheiros homens. O intuito era identificar como se comportava o seu clubismo e se elas se davam conta das nuances de generificação em relação às práticas de seus companheiros. O segundo, referia-se à forma pela qual compreendiam suas identidades em relação aos torcedores de outros clubes e como viam o conflito entre essas identificações. O objetivo era perceber como a identidade torcedora, na visão delas, implicava atitudes e discursos de exclusão de torcedores de outros clubes. Por fim, uma terceira seção buscava compreender como a identidade de torcedora se construiu alinhada à das torcedoras de outros clubes, a fim de desenhar essa outra identidade

⁴⁸ CAMPOS. *Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão*.

⁴⁹ A pesquisa em questão foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Ufes e as torcedoras participantes concordaram expressamente em participar da entrevista para fins de pesquisa. Seus nomes e seus clubes foram mantidos em anonimato para evitar identificação, conforme as normas do Conselho Nacional de Saúde.

⁵⁰ RUBIN; RUBIN. *Structuring the Interview, Qualitative Interviewing*; p. 129-151.

coletiva que atravessava as performances das mulheres e em que medida esta identificação tensionava suas identidades ou performances clubísticas tradicionais. As torcedoras eram perguntadas sobre suas percepções; em seguida, pedíamos que detalhassem eventos e casos que ilustrassem o que sentiam e pensavam sobre a cultura fanática.

Para composição da amostra, utilizamos a estratégia de bola de neve. Como não há um repositório no qual se possa ver representado o universo total da população de mulheres que frequenta os estádios, e os dados de torcidas do Rio de Janeiro e de São Paulo demonstram que elas são minoria na composição desses agrupamentos, seria difícil conduzir uma amostragem aleatória. Por essa razão, utilizamos como critério de inclusão a própria indicação de torcedoras sobre outras torcedoras que compunham a organização nacional das mulheres ativistas daquele ramo. Por conseguinte, assim que uma torcedora era indicada e entrávamos em contato com ela, tentávamos agendar uma entrevista. Caso a indicada concordasse em participar e se, em três tentativas, ela não retornasse o contato ou não se disponibilizasse para a entrevista, ela era excluída da amostra.

À medida que as indicações passaram a se repetir, consideramos que o processo de amostragem se havia saturado. As entrevistas foram realizadas por meio de ligação virtual com câmera, no aplicativo de preferência da entrevistada. Elas tiveram duração média de 1h30min. O áudio das entrevistas foi gravado e, posteriormente, transcrito. A fim de preservar a identidade das envolvidas na pesquisa, seus nomes próprios foram omitidos e substituídos, bem como o dos clubes pelos quais torciam. Igualmente, não se identificou o nome de suas agremiações. Os primeiros foram substituídos por nomes de cores. A variação das cores foi estabelecida obedecendo à ideia de se abranger a diversidade e a multiplicidade das torcidas presentes nos estádios brasileiros.

As entrevistas transcritas foram categorizadas de acordo com os excertos em que se apresentavam relatos a respeito de como as mulheres percebiam a influência do marcador de gênero na cultura fanática. A partir da seleção desses excertos, de forma indutiva, eles foram agrupados em duas categorias temáticas que resumiam o sentido do seu conteúdo. A primeira categoria referia-se à forma pela qual as mulheres reivindicavam visibilidade na cultura fanática. A segunda, tratava da

forma pela qual elas interpretavam a “autenticidade” do torcer e como, enquanto mulheres, elas construíam os sentidos de “uma torcedora autêntica”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO – VISIBILIDADE PARA AS MULHERES NAS ARQUIBANCADAS: DISPUTANDO ESPAÇO NA CULTURA FANÁTICA

A primeira forma de disputar legitimidade e autenticidade na cultura fanática se traduz na demanda por visibilidade e contra a discriminação. A percepção de discriminação no interior da cultura torcedora é percebida como inferiorização e hierarquização dentro da própria torcida ou na arquibancada. Uma forma cotidiana de se perceber essa inferiorização é a partir do questionamento de sua presença no estádio, de seu conhecimento e vínculo autêntico com o clube. Muitas torcedoras argumentam que, quando estão presentes nas torcidas, costumam ser questionadas sobre seu interesse por futebol – questionamento esse que denotaria uma forma de desconfiança sobre autenticidade e veracidade. Como forma de resposta, essas mulheres têm reivindicado a legitimidade de seu espaço. Segundo uma das torcedoras: “Teve um tempo que criamos uma camisa ‘lugar de mulher é na arquibancada’; era uma camisa nossa para causar nos jogos com um símbolo e uma mulher feminista” (Torcedora Azul).

Enunciados como “lugar de mulher é na arquibancada” é uma estratégia de produção de visibilidade das mulheres nas torcidas. Além da camisa, descrita pela torcedora azul, outras iniciativas como *blogs*, redes sociais e campanhas digitais também foram encontradas. Uma iniciativa é o *blog* “Mulheres em campo”,⁵¹ cujo objetivo era “lutar pelo espaço” da mulher no futebol, contra o machismo e todo tipo de opressão. Segundo uma torcedora amarela, esses movimentos tinham em vista:

A luta do espaço da mulher no futebol, a luta contra o machismo, opressão, etc. Por mais que seja uma tecla em que sempre batemos, se existem movimentos como esses é porque ainda existem casos de opressão. Então, os movimentos vêm como um processo de fortalecimento e empoderamento feminino para reafirmar que a mulher pode, pode frequentar estádios, pode ir a jogos de guerra, pode escrever sobre futebol, pode tocar na bateria... É um trabalho de formiguinha. Ninguém nasce feminista e empoderada. Os movimentos, em algum momento, vão fortalecer a ideia da sororidade feminismo e empoderamento (Torcedora Amarela).

⁵¹ Leia mais em: <https://www.blogmulheresemcampo.com.br/>

Além dessas, as torcedoras entrevistadas também constroem sua visibilidade por meio de outras ações, que extrapolam os muros dos estádios. A base desse movimento, ou a própria consolidação do feminismo de muitas, se estabeleceu por meio dos “movimentos de arquibancada” (MDA e MFA), tanto em encontros nacionais, quanto estaduais. Esses movimentos reúnem mulheres de diversas agremiações e coletivos femininos por todo o País. Essas mulheres se comunicam por meios digitais, como *whatsapp* e grupos de *facebook*, ou organizam reuniões locais. Esses movimentos foram e são os espaços que fomentaram reflexões entre elas sobre a própria atuação enquanto torcedoras e sobre as barreiras enfrentadas dentro das torcidas e nos estádios para que pudessem fazer parte da cultura torcedora. Impulsionado por inquietudes acerca do papel da mulher nas torcidas e no estádio, o feminismo dessas torcedoras é estabelecido e fortalecido, culminando em ações de resistência e tensionamento de barreiras de gênero.

A forma como esse feminismo se materializou não é única e tampouco linear. Em um primeiro momento, o I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada, que teve por objetivo fomentar a discussão sobre a presença feminina nos campos de futebol, incentivou ações dentro das torcidas organizadas e dos coletivos das torcedoras em diferentes estados brasileiros, a organização de setoriais femininos, a confecção de materiais de torcida também femininos e a discussão dessa pauta com a diretoria das torcidas organizadas.⁵²

De modo geral, a criação e o fortalecimento dos setoriais femininos contribuíram para ampliar o espaço das mulheres nas arquibancadas e nas torcidas organizadas, bem como para a constituição de coletivos compostos somente por elas. Esses espaços conquistados e constituídos por elas impulsionaram também a integração de outras mulheres, além de ações internas que objetivaram garantir a adesão e a permanência das novas participantes. A formação dos setoriais, com vistas a melhores acessos e oportunidades, viabilizou a realização de caravanas femininas para assistirem a jogos em estádios fora de sua cidade natal, o que antes era uma atividade exclusiva dos homens, bem como tocar instrumentos durante os jogos e/ou comandar algum bandeirão, entre outras possibilidades:

⁵² MORAES. *As torcedoras querem torcer*.

Como que não pode ir na caravana? Tem que ir na caravana. Eu sou maior, vacinada, crescida, me responsabilizo pelos meus atos, estou ali vivendo o dia a dia da torcida, por que eu não posso ir? [...] Por eu ser mulher eu coloco uma van só com meninas e sou responsável pelo setorial da nossa torcida. Daí teve um jogo ao qual a gente não pôde ir; aí foi feita uma caravana só para as torcedoras (Torcedora Verde).

A partir do segundo encontro, algumas outras movimentações, principalmente contra o machismo, tomaram forma. Ações como o “machistômetro”,⁵³ a participação na política do clube, faixas contra o assédio,⁵⁴ exclusão de músicas de cunho machista e homofóbico, ação apontada pela Torcedora Vermelha, bem como posicionamentos contrários à contratação de jogadores que tivessem cometido agressões contra suas esposas/namoradas,⁵⁵ foram algumas das maneiras com que essas mulheres torcedoras passaram a materializar a identidade feminista e sua adesão às lutas, conforme relatam as torcedoras Marrom, Cinza e Vermelho:

Nós pensamos que devemos sim participar da política do clube sim e é importante a torcida organizada (torcedor/torcedora) ter participação nas decisões. Então eu fui convidada para participar do movimento [...] que combate os preconceitos, que quer chamar o povo de volta ao clube contra a elitização. Tudo que nós acreditamos como torcida, como mulheres, a luta é a mesma e somos duas conselheiras (eu e mais outra) da torcida e desejamos colocar mais gente (Torcedora Marrom).

[...] temos um jogador que agrediu a namorada e, com uma pauta, conversamos com o diretor do clube, deixando evidenciada a nossa insatisfação pela conduta desse jogador que se tornou agressor, pois escutamos comentários machistas “eu dou minha mulher para tu bater, se tu fizer gol”. Jogador sem rendimento, só fez um gol durante o ano e a diretoria se posicionou que ele continuaria apenas por questões burocráticas. Então fizemos uma campanha sobre denunciar, sobre a importância da denúncia (Torcedora Cinza).

Além disso, os materiais de torcida começaram a ser confeccionados também para as mulheres, isto é, ajustados ou apropriados ao estilo delas, de modo a evidenciar como fazem parte e pertencem àquele espaço, representando não somente o universo dos homens, tal como destacou a torcedora Bege em sua entrevista. Essas mudanças impulsionaram as torcedoras a perceberem a relevância de expandir as

⁵³ Leia mais em: <https://bit.ly/3BXzMr9>.

⁵⁴ Leia mais em: <https://bit.ly/3DHrODF>.

⁵⁵ Leia mais em: <https://bit.ly/3SgdwOo>.

lutas a outros espaços e lugares, mas mantendo o objetivo: equidade no que concerne à ocupação e à sua legitimação, considerando sobretudo as mulheres.

Os setoriais femininos e os coletivos de torcedoras atuam em questões mais abrangentes que as simplesmente relacionadas à presença e à legitimação nos estádios e na cultura torcedora. Essas mulheres começaram a propor e a realizar campanhas contra o assédio, a violência contra a mulher e o incentivo à segurança desses ambientes com profissionais preparados para tal, inclusive melhorias em termos de estrutura, como banheiros, segundo a torcedora Vermelho. As ações se difundiram principalmente por meio da *internet*. Em forma de diários, *blogs* e redes sociais, as mulheres torcedoras estabeleceram comunidades para compartilhar as ações de modo a fortalecê-las, como relatado pela torcedora Amarelo e a torcedora Laranja. Assim, passaram a potencializar as pautas do movimento, abrindo espaços para discussões a respeito, bem como sobre o que estavam a realizar:

Faço parte do blog “Mulheres em campo” que é um projeto de mulheres que escrevem só sobre futebol e é de mulheres, é muito legal (Torcedora Amarelo).

Nosso coletivo, que é um coletivo de mulheres que se junta para apoiar outras que queiram ir e por não terem companhia deixam de ir (Torcedora Vermelho).

“O diário [omitido]”. Criei este diário com o intuito de incentivar outras meninas a frequentarem o estádio, porque a gente também gosta de futebol [...] Várias meninas chegavam para mim e diziam que eu as inspirava (Torcedora Laranja).

Eu morria de medo de levar o meu filho, porque ele é hiperativo e epilético. Quando entrei para o movimento, o que mais me deixou (emocionada) impressionada foi que, quando eu falava que não ia para o jogo por conta do filho, elas falavam para trazer logo. “Têm 10 mil braços para te ajudar, traz logo”. Em 16/11/2016, levei meu filho. Ele já era louco por futebol. Mas tinha 2 anos. Nunca prestei atenção se tem fraldário no estádio. Como eu ia fazer? Mas as meninas disseram que iam me ajudar, então eu vou. Ninguém solta a mão da outra (Torcedora Cinza).

A importância das redes para a cultura torcedora de mulheres não é exclusiva do caso brasileiro. Toffoletti⁵⁶ mostrou como, em outros contextos, a *internet* favorece a criação de vínculos e de apoio às mulheres de diferentes ambientes ou situações. Além disso, os movimentos nas mídias contribuem para o estabelecimento de campanhas em outras esferas, não se limitando aos estádios, mas atingindo também a área política, provocando discussões. Um exemplo, no caso

⁵⁶ TOFFOLETTI. *Women Sport Fans*.

brasileiro, é de quando o movimento “Deixa ela trabalhar”⁵⁷ começou a pautar a presença das mulheres no futebol depois que uma jornalista sofreu uma agressão verbal num estádio. Iniciado por 52 jornalistas esportivas, o grupo se posicionou no cenário do esporte com o objetivo de lutar contra o “o assédio moral e sexual sofrido por elas nos estádios, nas ruas e nas redações”.⁵⁸ Esse movimento deu origem a um segundo movimento, voltado às mulheres na torcida. O #DeixaElaTorcer#, que compartilha do mesmo objetivo do grupo, se iniciou como uma *hashtag* no sul do País, com o intuito de compartilhar as vivências de mulheres no estádio. No dia da mulher, após denúncias de assédio, o movimento se intensificou em todo o Brasil, reunindo mulheres de várias regiões, torcidas e coletivos para pensar a atuação do movimento.

APRESENTANDO MULHERES TORCEDORAS: LOUCAS, FANÁTICAS E AUTÊNTICAS

A segunda forma de disputa pela autenticidade no interior da cultura fanática é por meio do reconhecimento das feminilidades como legítimas naquele contexto. Isso se dá em resposta à forma pela qual a masculinidade estrutura a identidade dos torcedores, em especial dos organizados, a partir de uma série de códigos simbólicos entre o permitido e o não permitido, produzindo um currículo do torcer nos estádios.⁵⁹ As mulheres dessa rede ativista começaram a problematizar alguns aspectos dessa identidade vinculada à masculinidade, considerando-a uma misoginia, que se expressa em cânticos e xingamentos que inferiorizam o adversário por meio de sua feminilização e homossexualização:

Outra coisa que me incomoda muito são as letras das músicas “torcida vagabunda, eu vou comer sua bunda”, como se o ato sexual de comer bunda ou boceta fosse ruim, todo mundo transa (Torcedora Laranja). Não gosto de cantar as que xinga os rivais, que chama o outro time de “puta das barbies”, que está ofendendo as mulheres, e têm mulheres que torcem para o outro time, então não é muito legal (Torcedora Roxo).

Tais questionamentos reivindicam o reconhecimento da autenticidade das mulheres torcedoras, a partir de uma performatividade de gênero, que negocia, se distancia e transgride a masculinidade agressiva e viril. Algumas torcedoras

⁵⁷ Leia mais em: <http://glo.bo/2GaFhU4>

⁵⁸ Leia mais em: <http://glo.bo/2GaFhU4>

⁵⁹ BANDEIRA. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol.

performatizam gênero na cultura torcedora como uma feminilidade masculinizada,⁶⁰ sendo essa uma forma de subversão das feminilidades tradicionais. No caso das torcedoras brasileiras, essa feminilidade masculinizada era performatizada pelas mulheres que se vestiam como os homens integrantes das torcidas, evitando adereços e qualquer demonstração de feminilidade. Essa performatividade também se manifestava ou se evidenciava na participação em “brigas”, conforme é possível ver nos relatos:

Uma vez, isso é mais recente, estávamos no carro parados no semáforo. Vieram quatro meninos entregando panfletos, mas eram torcedores opositores que queriam roubar a bateria e as bandeiras. E o amigo dela saiu e deixou ela sozinha, e ela brigando com ele, para não deixar o menino levar a bateria, mas ela ficou com braço e a perna. Nem que eu leve um soco ou uma facada, mas não vão levar minha roupa. Achávamos que era uma emboscada, que era outra briga (Torcedora Branca).

A forma como as mulheres lidam com essa masculinidade agressiva não é linear. Algumas também a tensionam, mas buscam construir sua autenticidade por outros meios. Usualmente, os torcedores considerados “mais apaixonados” e fiéis são aqueles que apresentam algumas características vinculadas a uma identificação de longa duração e cujo grau de centralidade do clube na vida da pessoa é grande.⁶¹ Geralmente, as características da forma de adesão, a densidade da solidariedade envolvida e o investimento são narrados como parte de uma performance de masculinidade agressiva e viril. No entanto, como destacaram Pfister *et al.*,⁶² o que confere estabilidade a esse discurso a respeito da autenticidade do torcer como masculino, viril e agressivo é a sua reiteração performativa. Como fruto de reiteração, por outro lado, as performatividades também são negociadas e transgredidas.

Dentre as negociações que chamam a atenção, destaca-se a da construção de uma feminilidade forte, mas não masculinizada. Essa mulher é marcada pela força, pela disposição para a luta, característica já presente na “feminilidade masculinizada” descrita por Jones.⁶³ Entretanto, no caso das brasileiras, essa feminilidade também é marcada pela sensualidade, o que a torna uma performatividade particular nas disputas sobre a legitimidade e a autenticidade. Isto

⁶⁰ POPE. The Love of my Life.

⁶¹ GIULIANOTTI. Supporters, Followers, Fans, and Flaneurs.

⁶² PFISTER; LENNEIS; MINTERT. Female Fans of Men's Football, p. 850-71.

⁶³ JONES. Female Fandom, p. 516-537.

indica que uma forma de se manter na linguagem da masculinidade agressiva sem aderir à masculinização de seus corpos é por meio da hipersexualização. Dessa forma, elas se alinham às narrativas tradicionais dos torcedores, das corporalidades masculinas, e dispostas à briga, legitimando-se, mas sem abrir mão da feminilidade e da sensualidade, algo que é negociado com os códigos de conduta do machismo no interior dos agrupamentos. Os relatos sobre as mascotes dos setoriais ilustram essa feminilidade forte:

T: [o símbolo do setorial feminino] é uma lutadora, por a gente ter esse código de artes marciais na torcida. Antigamente, uns era uma sereia, mas decidimos colocar uma lutadora, porque dizia bem sobre as torcidas.

E: A sereia era muito uma determinada imagem de mulher?

T: Sim e também por as torcidas ser muito denominadas masculinas [...] Aí a gente viu que a lutadora unia o útil ao agradável e foi aprovado (Torcedora Verde).

Ela é como se fosse uma torcedora maluca. A foto que eu tenho na camiseta é dela com um taco de beisebol, que não sugere muito a paz nos estádios, mas.... É uma torcedora (Torcedora Rosa).

Essa performatividade, ao mesmo tempo em que negocia com a masculinidade, também tensiona a ideia de que feminilidades não possam ser fortes e viris. Isso é uma forma bem particular e de construção de uma performatividade de gênero no torcer que se distancia das duas até então narradas na literatura: as de feminilidade feminilizada e de feminilidade masculinizada.⁶⁴ Ou seja, as torcedoras inventam suas formas particulares de demarcar sua singularidade na cultura fanática, algo que não é exclusivo do contexto brasileiro, embora as respostas locais sejam particulares.⁶⁵ Evidentemente, a resposta brasileira, apesar de tensionar a feminilidade masculinizada e a feminilidade feminilizada, não se distancia da matriz heterossexual, uma marca da relação dessas mulheres com o futebol. Desse modo, a heteronormatividade ainda é a matriz que torna inteligíveis as performatividades no contexto futebolístico.

Como as performances são cotidianas, há práticas de desvio também. Ao mesmo tempo em que performatizam esse torcer vinculado a essa esfera da masculinidade, algumas torcedoras destacam alguns cuidados que as aproximariam de uma feminilidade feminina, demonstrando que a adesão à masculinidade agressiva não é linear, mas flutua:

⁶⁴ POPE. The Love of my Life.

⁶⁵ PFISTER; LENNEIS; MINTERT. Female Fans of Men's Football.

Sou meio patricinha nessas horas. Eu vou toda produzida, *shorts*, tênis, maquiagem, camisa do time, batonzinho e vamos embora. Como se eu tivesse saindo com meu namorado para algum lugar. Temos um amor em comum (Torcedora Vinho).

Deste modo, conseguimos perceber outras performatividades circulantes na cultura torcedora, cujo resultado se desdobra na legitimação de outras performatividades como autênticas, que passam pelo feminino. Ao negociar com a masculinidade viril, essas mulheres precisam reafirmar e reescrever as marcas da autenticidade de seu vínculo como torcedoras, porque sua presença está sempre sob suspeição:

Em jogos caindo chuva, que as torcidas não ficam, em jogos grandes e pequenos, o time rebaixado, é o melhor momento de mostrar quem somos. É nos momentos difíceis e é o nosso melhor convite e aí, quando a pessoa vê um jogo desse e entra para o M90, cabe a nós fazer com que ela permaneça (Torcedora Amarelo).

Sou torcedora [...] até embaixo de chuva, embaixo de sol. Eu cheguei a pegar uma viagem em que eu fui para um jogo da Ponte em Chapecó, peguei 9h00 de pista, de neblina. Cheguei lá, estava chovendo e não tinha como parar a chuva para entrar no campo, estava chovendo o tempo todo. Eu lembro que eu entrei embaixo de chuva, estendi a bandeira em baixo de chuva, eu fiquei de pé os noventa minutos em baixo de chuva. Sabe o que é ensopada? Tinha o que?... Um setete pessoas torcendo pela Ponte Preta e só eu de mulher. Então não é para qualquer um. Tem que ter muito amor mesmo. Igual caravana! Muita gente foi sem dinheiro, mas foi porque queria ir. Imagina você ir para outro país desprevenida? Então, é uma água para três pessoas, um salgado que rachava em quatro, uma pessoa que foi sem cobertura, é uma bandeira que você dá para a pessoa se cobrir. Isso é o torcedor raiz, que vai atrás do seu time em qualquer lugar, não tem tempo ruim (Torcedora Rosa).

A forma como demonstram essa autenticidade, vinculada também à intensidade do grau de dedicação ao clube, é atravessada por relações e performatividade de gênero, demonstrando a possibilidade de ser autêntica mesmo que louca, ansiosa, nervosa, marcada por um descontrole que, apesar de tudo, não leva à violência. Essa é uma das formas de demonstração do investimento na identificação com o clube, que também passa por uma duração longa, de natureza emocional e pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As torcedoras tensionam o torcer tradicional e a definição do que seja uma relação quente com clubismo e autêntica de torcer. Na medida em que essa relação é atravessada pela performatividade de gênero, a tensão que essas mulheres propõem se direciona à criação e ao reconhecimento de outras formas de pertencimento, de visibilidade para com sua presença e de disputa das formas consideradas legítimas e autênticas de torcer. Um torcer tradicional, marcado pela masculinidade agressiva e viril é parcialmente recusado por essas mulheres.

Ainda que suas narrativas não sejam lineares, embora a percepção do machismo flutue e apesar de elas mesmas desenvolverem uma feminilidade masculinizada para negociar e pertencer às torcidas, o desenvolvimento da identificação feminista faz com que elas tensionem suas próprias identificações de cultura fanática, que se firmam e preservam. Embora esse processo não seja linear e homogêneo, o fato de elas se articularem nessa rede ativista permitiu o desenvolvimento da visibilidade das mulheres no espaço da cultura fanática. Tensionando a masculinidade que circula no currículo dos estádios, refazendo gênero nas formas de torcer e sendo reconhecidas como legítimas, elas disputam a definição do que seja autenticidade no torcer e oferecem possibilidades de mudanças nas tradições da cultura fanática do futebol brasileiro.

* * *

REFERÊNCIAS

ABEL, João; PANNUNZIO, Pedro. 3 abr. 2019. Torcida, substantivo feminino. Mulheres se unem para ocupar arquibancadas. **Estadão**. Disponível em: <https://bit.ly/2KRtspj>. Acesso em: maio 2022.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 44, p. 342–351, 2010.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, v. 14, n. 29, p. 246–270, 2013.

- BUTLER, Judith. **Gender trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990.
- CAMPOS, Priscila. **Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão**. Dissertação (Mestrado), EEEFTO/UFMG, Belo Horizonte, 2010.
- CESAR, Benedito Tadeu. **Os gaviões da fiel e a águia do capitalismo: ou, o duelo**. Dissertação (mestrado). Unicamp, Campinas/SP, 1981.
- DAMO, Arlei Sander. A magia da seleção. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 1, p. 73-90, 2006.
- DUNN, Carrie. **Female Football Fans: Community, Identity and Sexism**. Manchester: Palgrave Macmillan, 2014.
- DUNNING, Eric. **El fenómeno deportivo: estudios sociológicos em torno al deporte, la violencia y la civilización**. Barcelona: Editorial Paidotribo, 2003.
- GIULIANOTTI, Richard. Supporters, Followers, Fans, and Flaneurs: A Taxonomy of Spectator Identities in Football. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 26, n. 1, p. 25-46, 2002.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- JONES, Katharine W. Female Fandom: Identity, Sexism, and Men's Professional Football in England. **Sociology of Sport Journal**, v. 25, n. 4, p. 516–537, 2008.
- LOPES, Felipe Tavares Paes. A construção do problema social da violência no futebol brasileiro: dominação e resistência. **Athenea Digital. Revista de pensamento e investigación social**, v. 16, n. 2, p. 89–113, 2016.
- LOPES, Felipe Tavares Paes; CORDEIRO, Mariana Prioli. Torcidas organizadas do futebol brasileiro: singularidades e semelhanças com outros grupos de torcedores da América do Sul e da Europa. **Revista espaço acadêmico**, v. 9, n. 104, p. 75–83, 2010.
- MARTINS, Mariana Zuaneti; SANTOS, Kerzia Railane. Do futebol de mulheres às mulheres no futebol: outras identidades e identificações circulantes nos estádios. *In*: MARTINS, Mariana Zuaneti; WENETZ, Ileana. (Orgs.). **Futebol de mulheres no Brasil: desafios para as políticas públicas**. Curitiba: CRV, p. 117-35, 2020.
- MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**, v. 2, p. 9-27, 2003.
- MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. **Torcer, lutar, o inimigo massacrar – Raça Rubro-Negra!**: uma etnografia sobre futebol, violência e masculinidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- MORAES, Carolina Farias. **As torcedoras querem torcer**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade), UFBA, Salvador, 2018.
- PFISTER, Gertrud; LENNEIS, Verena; MINTERT, Svenja. Female Fans of Men's Football – A Case Study in Denmark. **Soccer & Society**, v. 14, n. 6, p. 850-71, 2013.
- POPE, Stacey. "The Love of my Life": The Meaning and Importance of Sport for Female Fans. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 37, n. 2, p. 176-95, 2013.

RUBIN, Herbert J.; RUBIN, Irene S. Structuring the Interview. **Qualitative interviewing: The Art of Hearing Data**, v. 2, p. 129-51, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

TOFFOLETTI, Kim. **Women sport fans: Identification, Participation, Representation**. [s.l.]: Taylor & Francis, 2017.

TOLEDO, Luiz Henrique. Torcer: a metafísica do homem comum. **Revista de História**, n. 163, p. 175-89, 2010.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/FAPESP, 1996.

* * *

Recebido em: 15 de outubro de 2021
Aprovado em: 7 de fevereiro de 2022

O profissionalismo em Belo Horizonte na década de 1940: impactos do/no torcer

Professionalism in Belo Horizonte in the 1940s: Impacts of/on Cheering

Sarah Teixeira Soutto Mayor

Universidade Federal de Juiz de Fora, Governador Valadares/MG, Brasil
Doutora em Estudos do Lazer, UFMG
sarahsoutto@gmail.com

Silvio Ricardo Silva

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutor em Educação Física, Unicamp

Georgino Jorge de Souza Neto

Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros/MG, Brasil
Doutor em Estudos do Lazer, UFMG

RESUMO: O presente artigo tenciona analisar o projeto de profissionalismo do futebol na cidade de Belo Horizonte e sua relação com os modos de torcer, a partir da produção discursiva da imprensa. O período investigado é a década de 1940, posterior à adoção do regime profissional na capital mineira, em 1933. O corpus documental foi constituído por reportagens de jornais e revistas publicados em Belo Horizonte durante a década de 1940. De modo geral pode-se compreender que os modos de torcer e a figura do torcedor são reelaborados pela dinâmica do futebol profissional, na conflitante transição pós-amadorismo. Como parte essencial do espetáculo, os comportamentos passionais do torcedor deveriam ser adequados ao modelo festivo, sem, contudo, desequilibrar o contexto de uma ordem moderna conformada pelo panorama do profissionalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Profissionalismo; Torcer.

ABSTRACT: This article intends to analyze the project of football professionalism in the city of Belo Horizonte and its relationship with the ways of cheering, based on the discursive production of the press. The period investigated is the 1940s, after the adoption of the professional regime in the capital of Minas Gerais, in 1933. The documental corpus consisted of articles from newspapers and magazines published in Belo Horizonte during the 1940s. The choice was made due to the concentration of reports in these years directed towards the objective of the article. In general, it can be understood that the ways of cheering and the figure of the fan are re-elaborated by the dynamics of professional football, in the conflicting post-amateurism transition. As an essential part of the show, the fans passionate behavior should be adapted to the festive model, without, however, unbalancing the context of a modern order shaped by the panorama of professionalism.

KEYWORDS: Football; Professionalism; Cheer.

INTRODUÇÃO

O futebol, na década de 1940, já lograra um espaço importante na cultura da cidade de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais. Importante e, pode-se dizer, irreversível. Era o esporte que mais ocupava as páginas dos jornais e que mais movimentava as paixões do grande número de torcedores que se formava ao redor dos esquadrões clubísticos. No caminho de sua profissionalização, distanciou-se sobremaneira de outros esportes praticados na cidade, ampliando a popularização do jogo e a ressignificação de práticas e costumes que os defensores do amadorismo, praticado nos anos iniciais do esporte como estilo de vida e como signo de *status*, entendiam como pouco condizentes com os princípios educativos do esporte.¹

A regulamentação do regime profissional mantém, assim, importantes relações com as mudanças nos comportamentos e nos costumes que se processariam paulatinamente com a transformação dos próprios objetivos do jogo, como a supervalorização do rendimento e da vitória. A adoção formal do profissionalismo aconteceu na cidade de Belo Horizonte em maio de 1933,² após a implantação do regime na capital federal em janeiro de 1933, e em São Paulo, em março do mesmo ano.³ Pode-se dizer que o que se sucedeu na capital mineira e nas outras cidades brasileiras foi resultado de um fluxo mundial que se iniciou na Inglaterra em 1885, expandiu-se para países da Europa Continental nos anos 1920 e chegou ao continente sul-americano no princípio da década de 1930.⁴ O futebol

¹ SOUZA NETO. *A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)*; LAGE. *Deixem em paz os nossos cracks: análise sociológica da profissionalização do futebol belo-horizontino: a regulamentação e os significados sociais*; SOUTTO MAYOR. *O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940*.

² MOURA. *O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas: o futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930*; LAGE. *Deixem em paz os nossos cracks*; SOUTTO MAYOR. *O futebol na cidade de Belo Horizonte*.

³ CALDAS. *Pontapé inicial: uma memória do futebol brasileiro (1894-1933)*; NEGREIROS. *A nação entra em campo: o futebol nos anos 30 e 40*; PEREIRA. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*; PEREIRA. *O “dissídio esportivo” e o processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro (1933-1937)*. GUTERMAN. *O futebol explica o Brasil*; SANTOS. *Revolução Vascaína*.

⁴ WAHL. *Historia del Fútbol, del juego al deporte*; IWANCZUK. *Historia del fútbol amateur en la Argentina*; REYNA. *La difusión y apropiación del fútbol en el proceso de modernización en Córdoba (1900-1943)*. Actores, prácticas, representaciones e identidades sociales; CLAUSSEN, Detlev. *Béla Guttmán: uma lenda do futebol do século XX*; ALABARCÉS. *Fútbol y patria*; FRYDENBERG. *Historia social del fútbol: del amateurismo a la profesionalización*.

tornara-se rapidamente um produto e as constantes transferências de jogadores entre clubes e países é um dos exemplos mais representativos.

Entretanto, isso não significa dizer que o valor atribuído à figura idealizada do esportista amador (seja o jogador, seja o torcedor) tenha desaparecido; ao contrário, no jogo permanente entre tradição e modernidade, entre referência histórica e inovação e entre seletismo e vulgarização, a manutenção de atitudes consideradas amadoras em tempos de profissionalismo foi um predicado enaltecido e valorizado dentro e fora das quatro linhas.

Os torcedores compõem um grupo de relevância significativa nesse contexto. Ora chamados a manifestar fielmente suas paixões, ora convidados a educá-las diante de um contexto em que o esporte já se desenvolvia enquanto um produto de mercado, mas estando inserido em uma sociedade que urgia em replicar códigos de civilidade. Lealdade, amor ao clube e paixão, muitas vezes desmedidos, já prenunciavam o surgimento de grupos de torcedores que se organizavam para criar coletivamente determinadas manifestações, como os “enterros” dos clubes perdedores. Nesse caso, o componente passional, incentivado em outros momentos, tornava-se um elemento a se extinguir, e sob justificativas que se fundavam em um ideário amador que já não fazia tanto sentido naquele contexto.

Diante desse cenário, o presente artigo tem como objetivo analisar o período que sucedeu a implantação do profissionalismo em Belo Horizonte, especificamente a década de 1940, no que tange especificamente ao comportamento do público torcedor e aos mecanismos de controle empregados. A problematização dessas questões visa trazer à tona parte do contexto do regime profissional à época, com suas promessas e ambiguidades, em especial no que tange às relações com os torcedores.

O corpus documental foi constituído por reportagens de jornais e revistas publicados em Belo Horizonte durante a década de 1940, momento em que o regime profissional caminhava para um processo de consolidação, mas em meio as dificuldades e os problemas do período amador que pareciam estar longe de serem sanados. Para esse artigo, foram utilizados o Diário Esportivo, a Folha Esportiva, o Álbum de Vistas do Minas Tênis Club, o jornal A Raposa e O amadorista.

Sobre o Diário Esportivo, seu surgimento data de 26 de julho de 1945. De acordo com Linhares,⁵ era uma espécie de apêndice do jornal o Diário. Para o colecionador, era a melhor publicação esportiva da cidade e a que mais havia durado. Comportava uma sessão específica sobre futebol. Já a Folha Esportiva data de setembro de 1946. Na percepção de Linhares, foi um periódico que honrou a imprensa esportiva, com um noticiário farto e muitas ilustrações. O Álbum de Vistas no Minas Tênis Club, como o próprio nome sugere, dedicava-se a publicações sobre o clube referenciado. Era uma publicação extensa, com noticiários diversos, muitas imagens e informações sobre variados esportes. O jornal O amadorista entrou em circulação em 26 de agosto de 1946 e era um veículo a serviço do futebol amador. Segundo Linhares, cumpriu a função de prover os amadores de informações sobre seus clubes. Teve apenas cinco números. Por fim, o jornal A Raposa, iniciado em 16 de junho de 1946, prometia ser a “palavra da torcida cruzeirense”. Teve vida curta, sendo lançado apenas em três números.⁶

Com exceção do Álbum de Vistas, que não tinha o futebol como foco, e do jornal A Raposa, declaradamente um veículo da torcida cruzeirense, é possível constatar pelas análises que os outros jornais mantinham noticiários sobre vários clubes mineiros, não apenas os da capital e que a predileção dos jornalistas pelos clubes era pouco exposta ou influenciava pouco nas notícias. O Diário Esportivo fugiu à regra em uma ocasião, em que expôs os times que os jornalistas torciam, alegando já ser de amplo conhecimento na comunidade futebolística. Esse exemplo será explorado mais à frente no texto.

A escolha dos anos 1940 se deu em razão de algumas particularidades, como a instalação de catracas; a criação do Tribunal de Penas da Federação Mineira de Futebol; a nova concepção espacial dos estádios; o aumento significativo do fluxo migratório de jogadores entre os clubes; e o adensamento irrefreável do público torcedor.

⁵ Joaquim Nabuco Linhares foi um cidadão que se dedicou à coleta e guarda de variados impressos, entre o final do século XIX e meados do século XX.

⁶ LINHARES. *Itinerário da imprensa de Belo Horizonte 1895-1954*.

Os exemplares dos periódicos foram consultados na Hemeroteca da Biblioteca Estadual Luiz de Bessa (Belo Horizonte), na Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e no site da Coleção Linhares.

UM NOVO FUTEBOL: UM NOVO TORCER?

Algumas características se mostraram bastante significativas nas páginas dos periódicos analisados, tais como: a valoração do espetáculo condicionada ao número de pessoas pagantes; a mensuração da capacidade dos torcedores em demonstrarem identificação com o clube, por meio de manifestações de fidelidade e afeto; e a conformação, ancorada fortemente nos pressupostos anteriores, de um novo modelo de comportamento desejável para a torcida.

Tais caracteres também delinearam relações paradoxais. A paixão, marca que se tornou distintiva do legítimo torcedor a partir da expansão do jogo, conformou-se como uma mostra de identidade e lealdade, predicados essenciais no fomento e na veiculação de um esporte-espetáculo, na medida em que possibilitou a ampliação do público consumidor e a transmissão midiática de um empreendimento de sucesso. Por outro lado, a mesma paixão impulsionadora do espetáculo tornava-se objeto de investidas de controle quando se ultrapassava o limite frágil que delimitava a viabilidade do excesso. Lyra Filho, primeiro presidente do Conselho Nacional de Desportos, entidade criada durante o Estado Novo, por meio do decreto 3.199/41, produziu alguns textos sobre o comportamento do torcedor de futebol que foram publicados no *Álbum de Vistas do Minas Tennis Club*. Suas ideias se fundavam na necessidade de orientar a torcida, no intuito de “ponderar as ondulações do entusiasmo, sem perdê-lo na frouxidão comprometedora do instinto”.⁷ Essas prerrogativas se relacionavam ao próprio momento vivido pelo país e reverberado nos esportes, instaurado por meio do regime autoritário do Estado Novo (1937-1945), em que os esportes passavam a ser amplamente controlados pelo Estado.

Sob a égide das finalidades educativas e formativas do esporte, a paixão era tida como a antítese da racionalidade que se buscava na conformação de corpos

⁷ FILHO. A arregimentação da torcida, p. 77.

habituaados a uma ideia de nação forte e equilibrada, polida e discreta⁸ Particularmente em Belo Horizonte, uma cidade que ainda se construía e que ansiava pela conquista da propalada modernidade, este discurso seria significativamente importante. O futebol, inicialmente partícipe desse ideário, deslocou-se por outra via, aparentemente contraditória, a da paixão tão combatida por Lyra Filho, por exemplo.⁹ Inimiga da razão moderna e das propostas de estadistas, intelectuais e jornalistas acerca da formação de um novo cidadão brasileiro, mais afeito aos princípios civilizatórios europeus, também serviu aos propósitos nacionalistas de unificação e de representação de um povo que se suporia identificar com um sentimento pátrio comum por meio das conquistas brasileiras no esporte. Uma identificação que seria fundamentalmente motivada por estratégias passionais, o que demonstra certa “contradição intencional”. Nesse ínterim, diferentes sentidos produzidos sobre a prática do futebol e que intentavam legitimar um comportamento ideal se intercruzavam.

O modelo inglês, amplamente veiculado na imprensa periódica mineira durante as décadas de 1930 e 1940 como o arquétipo do sportista por excelência, tornou-se fruto de uma das críticas produzidas no *Jornal Folha Esportiva* acerca do comportamento do torcedor em uma das partidas do campeonato mineiro: “Sob as vistas de um público displicente, pouco numeroso e sem nenhuma vibração. Pareciam, os próprios americanos, uma assistência britânica: assistiram ao ‘match’ assentados, fumando”.¹⁰

A busca excessiva pela vitória, razão que se tornou primordial nos embates esportivos, constituiu um dos fatores principais na transformação do comportamento dos torcedores. O acirramento das disputas clubísticas, já presentes em Belo Horizonte pelo menos desde a década de 1920,¹¹ conferiu ao torcedor certo protagonismo na produção do espetáculo. As manifestações de violência como alternativa de demonstração do descontentamento pelo rendimento da equipe – que, paulatinamente, passava a representar no plano subjetivo a própria percepção identitária do torcedor que com a equipe aliava suas

⁸ SOUTTO MAYOR. *O futebol na cidade de Belo Horizonte*.

⁹ SOUTTO MAYOR. *O futebol na cidade de Belo Horizonte*.

¹⁰ MELANCOLICA despedida. *Folha Esportiva*, p. 1.

¹¹ SOUZA NETO. *A invenção do torcer em Belo Horizonte*.

próprias expectativas de sucesso – e a constatação, também subjetiva por parte do torcedor, de que ele se tornou componente do clube (no que tange ao direito de reagir frente a possíveis desagradados), incrementou a passionalidade das relações entre torcedor e agremiação.

Diante de uma derrota do quadro atleticano frente ao América, “não foram poucas as carteiras sociais rasgadas, os ataques à diretoria, os apuros aos profissionais da equipe”.¹² As simbologias que se prestavam a produzir identificações cada vez mais específicas e distintivas entre torcedor e clube eram destruídas na instantaneidade dos insucessos, para depois, em um novo e fugaz ímpeto de aceno vitorioso, serem novamente retomadas: o “Atlético seguiu para Uberaba. [...] o resultado: 3 x 0. O torcedor, aquele mesmo que rasgou a sua carteira, que gritou que o time não valia nada, proclama hoje [...] que o campeonato ainda será do Atlético. Que efeito maravilhoso possui o triunfo!”.¹³

“As facetas do torcedor” conviviam com a ampliação dos novos ordenamentos organizacionais em voga, como a construção de cercas para separar o campo da arquibancada (o distanciamento entre torcedor e jogador) e as insistentes solicitações de adequação às normas de disciplina e segurança.

Pode-se dizer que esses mesmos torcedores manifestavam costumes próprios construídos em suas experiências anteriores com o futebol e com o torcer, em grande parte alheios às modificações de conduta e à moralização que os defensores do regime profissional advogavam. A construção de cercas, por exemplo, não seria capaz de conter as invasões de torcedores até, pelo menos, meados da década de 1940. Tradição e modernidade; costumes e mercado comporiam um cenário dúbio com diferentes manifestações. O “moderno”, ao mesmo tempo em que representava evolução, também poderia fomentar a “barbárie”. Já a tradição, imbuída de pureza, originalidade e referência histórica, pecava pelo atraso. Nesse “jogo”, o profissionalismo, entendido no momento de sua adoção como uma ação evolutiva, desencadearia episódios poucos condizentes com a modernização dos esportes e com a civilização das condutas apregoados naquele momento.

¹² AS DUAS facetas do torcedor, p. 3.

¹³ AS DUAS facetas do torcedor, p. 3.

Um fato representativo aconteceu em um jogo entre América e Atlético no ano de 1945. O estádio Antônio Carlos estava “apinhado”, como descrito no *Diário Esportivo*, e no momento de espera de entrada das equipes, as torcidas protagonizaram uma peculiar guerra.

E como não começava o jogo principal, nem apareciam os times, eis que o corpo social atleticano e a torcida do líder iniciaram uma terrível guerra de laranjas. Não se sabe bem como começou. O certo é que em poucos minutos, laranjas, cascos e bagaços eram atirados de um para outro lado, carimbando paletós, camisas, gravatas, chapeos, rostos e cabelos. Naquele aperto, cada um procurava se entrincheirar atrás de um cavalheiro mais robusto. Muitos tiraram o paletó, para livrá-lo de uma possível mancha. A polícia de dentro do gramado e as gerais deliciavam o espetáculo (aliás, pouco agradável para os seus participantes) [...].¹⁴

Nesta reportagem percebe-se a divisão espacial estabelecida no estádio, o lugar do “corpo social” dos clubes e as “gerais”, lugar dos demais torcedores que pagavam um preço mais acessível. Essa divisão já estava presente na construção dos primeiros estádios belo-horizontinos da década de 1920, como demonstrou Souza Neto (2010). Curiosamente, a guerra de laranjas se iniciou no “corpo social”, protagonizada por cavalheiros que vestiam paletós e usavam chapéus. Este fato pode ser um demonstrativo de que as novas significações presentes no futebol faziam parte de comportamento geral, o do torcedor de futebol, embora as distinções de classe (manifestadas, por exemplo, pelo lugar ocupado no estádio e pela vestimenta) ainda estivessem fortemente presentes naquele contexto.

Outras guerras não tão inofensivas eram, ao mesmo tempo, descritas nos jornais. A rivalidade clubística passou a ser assunto corrente nas abordagens sobre as manifestações de violência. Contrariando os prognósticos da imprensa, os episódios agressivos não diminuíram com o advento do profissionalismo. O recrudescimento das rivalidades foi em grande medida potencializado pelo incremento da espetacularização e da midiaticização do jogo (via imprensa periódica e radiofônica). Esta circunstância pode ser identificada como um fator que ampliou a evidência aos clubes e acirrou identificações e partidarismos de seus adeptos. Elementos como fidelidade e honra, presentes nas formulações amadoristas de

¹⁴ A GUERRA das laranjas, p. 2.

princípios do século XX, ressignificaram-se no novo contexto profissional, em que a vitória, a despeito da competição cordial, passou a ser legitimadora de tais predicados.

Em uma das reportagens anunciava-se que o futebol estava se enveredando por “caminhos perigosos”.¹⁵ Com o alerta “qualquer dia vai sair tiro”, o texto denunciava que “torcedores inconscientes” estavam “provocando uma situação difícil para o nosso futebol”¹⁶ e propunha a ação imediata das diretorias e, em último caso, da polícia. Ressaltava-se a passionalidade que envolvia o “futebol sensação, o futebol neurastenia”, pontos importantes para a vitalidade do jogo, porém, quando mantidos dentro dos limites que não resultassem em excessos e prejuízos.

O futebol é um poço de sensações, agita [...] os nervos do torcedor, provoca as manifestações mais variadas e múltiplas, entre alegres e retraídas, nostálgicas e ruidosas, indiferentes e expansivas. Livres para escolher as cores de sua simpatia, o torcedor grita à vontade, expande-se ruidosamente nas arquibancadas, quando o seu time preferido avança para o triunfo. Recolhe-se ao seu sentimento de desespero quando, contrariamente, vê o arco do seu clube vasado mais vezes pelo adversário superior.¹⁷

A reportagem mencionava como exemplo dos excessos as provocações realizadas entre torcedores, que extrapolavam os limites da boa convivência de outros tempos. Evocando um período anterior, remoto e abstrato, o texto relatava que as “manifestações de alegria e de ‘gozo’ não ultrapassavam os muros da cancha em que se realizava a partida”, estendendo-se por “rodinhas partidárias, nos clássicos pontos de reunião desse ou daquele clube, sem maiores agravos”.¹⁸ Um dos lugares de encontro de torcedores mais divulgados pelos periódicos eram os cafés do centro da cidade, a exemplo do Bar do Ponto. Outros estabelecimentos também se destacavam por esse propósito aglutinador, como o Café Palhares e o Trianon. Igualmente, a Praça Sete, localizada no intercruzamento de duas das principais avenidas de Belo Horizonte em seu ponto mais central, era um local privilegiado para esses encontros. Entretanto, “jamais um torcedor ia a própria cancha do ‘fan’ adversário para tripudiar sobre sua derrota”.¹⁹ Para a publicação

¹⁵ CANELADAS. Diário Esportivo, p. 5.

¹⁶ CANELADAS. Diário Esportivo, p. 5.

¹⁷ CANELADAS. Diário Esportivo, p. 5.

¹⁸ CANELADAS. Diário Esportivo, p. 5.

¹⁹ CANELADAS. Diário Esportivo, p. 5.

em questão, a ocorrência de tal acontecimento promovia uma desestabilização das relações entre os torcedores.

Um dos exemplos citados foi prática dos “enterros”, que consistia em simular o sepultamento da equipe adversária após a sua derrota: “Os americanos, após a última vitória sobre o Atlético, deixaram o Trianon, seu quartel general, fazendo uma passeata até a Praça 7, carregando um ‘caixão’”. O narrador manifestava temor pelo possível encontro do bando americano com algum grupo de atleticanos pelas ruas: “talvez houvesse até um conflito”. E nesta investida argumentativa, advertia sobre a ocorrência de uma “mutação inesperada, inconcebível”: “As torcidas esquecem o decoro devido ao adversário vencido, olvida as leis da educação esportiva e os sentimentos de cordialidade que devem prevalecer entre clubes amigos e co-irmãos”.²⁰

No jornal *O Amadorista*, o cronista Dilson Andrade de Aquino produziu um longo texto relatando o seu espanto ao acompanhar a realização de um dos “enterros” protagonizado por integrantes de um clube amador. Os escritos do autor relatam com maiores detalhes a ocorrência da prática e, por este motivo, serão transcritos na íntegra.

Despreocupado, eu me encontrava na “fila” para adquirir ingresso afim de assistir a um filme excepcional que se exibia em um dos cinemas da Rua da Bahia. Era domingo, muito movimento, mormente na área que circunda o cinema, isto talvez motivado pelo cartaz do filme que se exibia; automóveis estacionados congestionavam o transito, não obstante, os elétricos desciam a Rua com regular velocidade. De um dos bondes saltou um atleta, numa verdadeira demonstração de “acrobacia”, procurava alguém, seguia “fila”, como que necessitasse de favores, para não sujeitar-se a essa modalidade da época, que se tornou necessidade. O “Artista” me reconheceu, ofegante ainda, iniciou a conversa: Você não foi convidado a acompanhar o “Enterro do Príncipe”, perguntou. Confuso e intrigado, respondi: “A família real não me honrou com a participação da morte do Príncipe e muito menos me convidou para assistir o seu sepultamento. Intrigado ainda sobre a “morte do Príncipe”, apesar de nossa conversa chamar a atenção dos componentes vizinhos da “fila” eu o escutava com paciência. O enterro é no Bairro do Mendonça, continuou o rapaz. No Bairro do Mendonça? Onde fica isto Santo Deus?... O informante explicou-me. Levado pela curiosidade, abandonei meu lugar, desisti de ver o filme e rumei para o “Mendonça”. Estacionado na Rua São João Evangelista esperava pela passagem do féretro. Não duvidei que o encarregado da “Cidade dos pés juntos”

²⁰ CANELADAS. Diário Esportivo, p. 5.

recusasse o sepultamento de um “sangue azul”, apesar de ser noite. Vozes estranhas e confusas anunciavam a aproximação do enterro. Indaguei de uma senhora idosa: “há reinado no Mendonça”? Ela não me compreendeu. Expliquei-lhe detalhadamente o que desejava saber. Príncipe é um clube de futebol... respondeu a velha. O time aqui do Mendonça o arrazou e agora faz o seu enterro. Continuava confuso... queria mais detalhes, mas surgia, enfim na curva, o esperado desfile fúnebre. Que espetáculo presenciei! Centenas de homens conduziam um caixão, haviam caveiras e velas, e o mais esquisito é que não faltava a “Caninha”. Fiquei extático, perplexo e mudo, acompanhava com os olhos aquele impressionante desfile. Ao meu lado, a velha percebera o meu espanto, a minha reprovação, a minha indignação e com um sorriso sarcástico e amarelo falou: Espere o baile, seu moço. Baile? Depois de enterro! Eu não danço, minha senhora. Voltei, o espetáculo me impressionara, aquilo era caso de polícia... Longe, ainda ouvia o eco de vozes dos fanáticos; quando se arrebanham são perigosos, o seu conjunto é nocivo quando reina o clima da mediocridade. Pobre amadorismo!²¹

Outro caso semelhante envolvendo provocações entre adversários mereceu destaque, desta vez protagonizado por alguns cruzeirenses que saíram às ruas para provocar um popular torcedor americano: “[...] após o jogo, dirigiram-se em grupo ao restaurante do conhecido paredro Chico Rufolo, conduzindo cartazes e, em frente àquele estabelecimento, puseram-se a ‘gozar’ o triunfo. Por sorte, Chico Rufolo não estava presente e a coisa ficou apenas em gritaria”.²²

A reportagem defendia atitudes diferentes para os torcedores: “moderadas, sempre dirigidas no objetivo da cordialidade e bem-estar entre os clubes”.²³ Entretanto, naquele momento o sistema organizacional do futebol estava centrado em outros princípios, sobretudo no da competição como via de se alcançar a vitória, e esta como caminho para o sucesso financeiro e para a representatividade social. O poder econômico (fruto da rentabilidade do negócio esportivo) e a novas vivências do jogo (não mais circunscrito a uma distinção restritiva e aristocrática, mas cada vez mais voltado para uma representatividade expansionista, massiva e fanática) pouco condiziam com a manutenção do espírito esportivo dos primeiros anos do amadorismo na cidade.

Como alternativa aos fatos mencionados, a publicação defendia a intervenção da entidade gestora do futebol (F.M.F) e dos dirigentes dos clubes: “A

²¹ AQUINO. O enterro do Príncipe, p. 1.

²² CANELADAS. Diário Esportivo, p. 5.

²³ CANELADAS. Diário Esportivo, p. 5.

esses cabe a tarefa de zelar pelo prestígio e moral do nosso ‘soccer’. Sua ação deve atingir mesmo a própria torcida, por meios indiretos, é claro, em seu direito benéfico e do esporte”.²⁴

Caso, porém, os nossos dirigentes não queiram ou não possam evitar ou mesmo restringir tais excessos, vamos então apelar para as autoridades policiais. A situação, não resta dúvida, já chegou a ser de ordem pública. O fato é que, se não houver uma atitude providencial imediata, qualquer dia estaremos registrando ocorrências lamentáveis e, talvez, trágicas, no cenário do futebol mineiro. Vamos evitar que saia ‘tiro’...²⁵

Contudo, como mais um exemplo das contradições que se processavam naquele incipiente contexto do profissionalismo, o acirramento das rivalidades era instigado pelo próprio periódico em outras ocasiões. Foram várias as provocações localizadas nas páginas do *Diário Esportivo*, em forma de estórias, anedotas, composições musicais, poemas e charges. Uma delas foi produzida na ocasião de uma derrota do América em uma partida contra o Cruzeiro.

Segunda-feira, na Praça Sete, havia um verdadeiro ‘meeting’ futebolístico. Jogadores, torcedores, juizes e paredros, todos discutindo o clássico. E assim, pudemos ouvir boas bolas dentre as quais salientamos as seguintes:

[...] o simpático cruzeirense, chegou com essa:

‘Vocês sabem que ficaram desfeitos todos os rumores sobre uma possível rivalidade entre Aldo e Niginho? Sim, pois vocês não viram que Niginho ‘deu uma bicicleta para o Aldo não ir mais a pé para Santa Maria’?..’

E os venenos contra o América eram terríveis. Uns diziam que Chico Rufolo vendera a chacinha sábado, já prevendo a derrota de domingo, outros que a firma que distribuiu no campo amostras de comprimidos contra dor de cabeça era americana, e assim por diante.²⁶

Ao mesmo tempo em que os textos se mostravam preocupados com possíveis desfechos impetuosos oriundos das ações provocativas dos torcedores, também assumiam situações capazes de desencadear a mesma violência que condenavam. Segundo a publicação anterior, os culpados pelos agravos no cenário esportivo eram os torcedores e os seus costumes “pouco adequados”.²⁷ Com a centralidade na figura do público, as ações da imprensa pareciam se fundar em

²⁴ CANELADAS. *Diário Esportivo*, p. 5.

²⁵ CANELADAS. *Diário Esportivo*, p. 5.

²⁶ CANELADAS. *Veneninhos do Cruzeiro X América*, p. 5.

²⁷ CANELADAS. *Veneninhos do Cruzeiro X América*, p. 5.

uma suposta neutralidade, conformada por certa autoridade na condução das narrativas e das argumentações sobre o esporte. Pode-se inferir sobre a existência de uma legitimidade da imprensa, que autorizava sua “provocação erudita” (pautada nos códigos da escrita e no poder da transmissão de informações) e desautorizava as formas de “provocação popular” (fundadas, sobremaneira, nos costumes e na oralidade).

A suposta neutralidade apregoada pelos periódicos esbarrava-se em características que denotavam a existência de outras relações que contrariavam as preocupações veiculadas. Os próprios jornalistas eram declaradamente torcedores, embora fizessem questão de salientar a imparcialidade de seus escritos.²⁸ Nesse caso vale ressaltar a necessidade do olhar atento e criterioso do pesquisador ao abordar esse tipo de fonte, já que o jornalista é, comumente, também um torcedor.

Ainda como parte das produções discursivas acerca do comportamento do torcedor, outro artigo anunciava: “Vamos moralizar a torcida!”.²⁹ O centro da argumentação residia na constatação de que o público assistente não tinha a exata noção das dificuldades enfrentadas pelos jogadores em campo: “O que acontece é que a maioria dos torcedores nunca pisou num gramado, isto é, jamais integrou qualquer time num jogo de importancia, perante ‘incalculável multidão’”. E, nesse caso, propunha-se uma inversão.

Se fosse possível ‘bolar as trocas’, quer dizer, botar os torcedores em campo, correndo atrás da pelota e reclamando do juiz, enquanto os legítimos jogadores ficavam gritando das arquibancadas, então, sim, eu penso que tudo ficaria moralizado. É muito fácil chamar um juiz de ‘bacará’, embora ele nunca tenha pisado num cassino, ou dizer que tal ‘player’ é ‘perna de pau’, conquanto ele possua os ‘pisantes’ perfeitos. O difícil, entretanto, é apenas o próprio futebol, cujas regras não permitem que haja dois vencedores numa mesma partida.³⁰

²⁸ Em uma das edições do Diário Esportivo constava a filiação clubística dos editores do impresso. O título da reportagem “Na surdina” vinha acompanhado do texto: “Todo cronista ou comentarista esportivo tem, via de regra, as suas preferencias partidarias. É verdade que fora das suas funções, pois, no exercício do ‘metier’, a inclinação por este ou aquele clube deve desaparecer para que não haja parcialidade de julgamento”. Após esta citação, uma lista com catorze integrantes do jornal, com seus respectivos clubes, foi publicada (DIÁRIO ESPORTIVO, Belo Horizonte, 04 out. 1945, n. 11, p. 5). Em outra reportagem, ao se referir aos “partidos da direção”, o Diário Esportivo preferiu não manifestar a predileção de seu corpo diretivo “para permanecer na “classe dos não-beligerantes”. Entretanto, apontou os clubes de diretores de outros jornais. (DIÁRIO ESPORTIVO, Belo Horizonte, 01 nov. 1945, n. 15, p. 9).

²⁹ VAMOS moralizar a torcida, p. 7.

³⁰ VAMOS moralizar a torcida, p. 7.

O texto se encerrava com outra proposição, considerada como solução para o problema “da insatisfeita torcida”: a aplicação de punição aos torcedores pelo Tribunal de Penas da F.M.F: “apliquemos punições também aos torcedores, suspendendo-os por determinados números de jogos, conforme se faz com os jogadores”. Em tom irônico, concluiu-se que “no fim de um mês, não haverá uma só pessoa assistindo a jogos oficiais e a torcida estará, assim, moralizada”. E, com esta perspectiva, “o caso da falência dos clubes ficaria para se estudar depois”.³¹

A reportagem em questão suscita alguns pontos importantes. O primeiro é a reiterada culpabilidade direcionada aos torcedores. Segundo o texto, somente com a extinção da torcida a almejada moralização seria possível. O segundo ponto é a proposição de mais uma medida normativa de controle do público assistente, além da já mencionada separação das arquibancadas do campo: a suspensão dos torcedores em determinados jogos. Possivelmente, o autor do artigo não imaginou que esta medida (abordada por ele de forma irônica) seria, anos depois, adotada no futebol brasileiro. O terceiro ponto, o mais relevante, refere-se à criação do Tribunal de Penas da F.M.F, em 1943, a partir de uma resolução aprovada pelo C.N.D em novembro de 1942, que, dentre outras determinações, exigia que todas as federações brasileiras constituíssem obrigatoriamente tal entidade para a execução dos campeonatos do ano de 1943.³² Era atribuição do Tribunal de Penas “o julgamento e a punição de qualquer transgressão do estatuto, regulamento, código ou resoluções de algum órgão ou poder desportivo da federação ou aquela que estiver sujeita, na forma do Decreto-Lei nº 3.199/41”.³³

Por disposição do número 32, cada federação deveria elaborar um código disciplinar e de penalidades para vigorar no campeonato de 1943 [...]. Estavam jurisdicionados ao Tribunal de Penas as associações (clubes), atletas, árbitros, bandeirinhas (juízes de linha), dirigentes, sócios de clubes desportivos, técnicos, treinadores, massagistas, auxiliares ou empregados de associações. A competência abarcava, também, quem estivesse a serviço da federação ou de entidade desportiva e desconsiderasse as autoridades ou membros de poderes ou órgãos desportivos (item 30).³⁴

³¹ VAMOS moralizar a torcida, p. 7.

³² SOBIERAJSKI. Política do direito desportivo brasileiro.

³³ SOBIERAJSKI. Política do direito desportivo brasileiro, p. 170.

³⁴ SOBIERAJSKI. Política do direito desportivo brasileiro, p. 170.

Embora a maior culpabilidade pelos males do futebol tenha se centrado na figura dos torcedores (na visão dos impressos), as novas proposições disciplinares do Tribunal de Penas estariam mais voltadas para o comportamento tido como desviante dos jogadores. Nesta perspectiva, pode-se perceber a violência como parte de um contexto maior, coparticipativo e relacional, aliada à própria lógica do espetáculo e do preço atribuído à vitória. Esperava-se que os jogadores, tornados profissionais, tivessem outro comportamento, mais afeito ao de trabalhadores que prestavam serviços aos seus clubes e recebiam vencimentos por isso.

Outro excerto da reportagem anterior reafirmava o que se desejava para o futebol, a partir de um entendimento mais amplo de esporte.

O esporte é o divertimento das multidões. É barato, é emocionante, está ao alcance de todos. Ao lado de sua função de divertir, pode e deve ter a função de elevar. Daí a estranheza que causam gestos, palavras ou atitudes que possam ofender aos sentimentos elevados das famílias mineiras que acorrem aos campos. Não nos esqueçamos nunca: o esporte não é um fim em si. Para alcançar uma vitória não se justificam todos os meios.³⁵

No entanto, o esporte das multidões já era gerido por um mercado para as multidões e, nesse caso, muitos meios poderiam ser mobilizados e justificados para se alcançar uma vitória com um fim em si mesma.

Outro ponto a se destacar é que alguns árbitros ainda eram vinculados aos clubes como ex-atletas, ex-dirigentes e, até mesmo, como torcedores declarados, situações que ocasionavam conflitos periodicamente. Um exemplo significativo é o do árbitro Ari Martini, culpado por uma péssima arbitragem em um jogo entre Cruzeiro e Villa Nova, em 1945, já que o mesmo era ex-diretor do Cruzeiro “até pouco tempo, tendo sido mesmo técnico do *team*”.³⁶ Também havia o caso do árbitro Raimundo Sampaio, conhecido como Mundico. Ex-jogador do Sete de Setembro, sendo posteriormente presidente da equipe, protagonizou alguns episódios polêmicos em suas atuações. Da mesma forma, situações semelhantes transcorriam com outros ex-jogadores, ex-técnicos e ex-dirigentes que resolviam adotar o apito.

³⁵ VAMOS moralizar a torcida, p. 7.

³⁶ O CRUZEIRO transpôs a barreira número 1 rumo ao título, p. 5.

Diante dos frequentes episódios de violência envolvendo torcedores e jogadores, a reportagem se encerrava com a proposição de uma irônica solução, porém não menos demonstrativa de uma realidade que recheava, há tempos, as páginas dos jornais.

É... Não há outra alternativa. Teremos mesmo de modificar a estrutura do atual quadro de juizes da Federação Mineira de Futebol. Vamos colocar no dito desembargadores, juizes de direito e promotores de justiça, devidamente resguardados pelos delegados de policia e forças do exército. E, como ultima sugestão, fazer realizar todos os jogos do campeonato do pátio da Secretaria do Interior. Dali, rapidamente, os jogadores e torcedores serão transportados para o xadrez.³⁷

As situações mencionadas nos periódicos demonstram os paradoxos de uma estrutura esportiva que buscou caracteres fundados em uma ideia de profissionalização antes mesmo de sua regulação, mas que se manteve, ao menos até a década de 1940, com princípios e pressupostos dos tempos do amadorismo. Tal fato demonstra que o entendimento de amadorismo e de profissionalismo não pode se resumir em uma única via explicativa – a da simplista “transição” de um regime para o outro (até mesmo porque o amadorismo continuou existindo). Pode-se observar que o ideal amador mantido no regime profissional possui, pelo menos, duas possibilidades interpretativas, quais sejam: a do discurso e a da organização prática.³⁸ Por vezes, a intenção fundada na organização prática do profissionalismo distanciava-se do discurso amador (considerado retrógrado e obsoleto) para aproximar-se dos intentos considerados modernizadores e mais afeitos ao mercado em gestação. Entretanto, a própria estrutura organizacional se mantinha com caracteres próprios do período amador inicial, o que denota, além dos distanciamentos entre discurso e prática, possíveis tentativas de se manter relações de poder construídas e solidificadas no amadorismo.

De maneira inversa, quando os novos ordenamentos escapavam do controle dos clubes e das entidades dirigentes, especialmente no que tange ao comportamento do público assistente, as prerrogativas originais do amadorismo – calcadas na disciplina, no respeito, no cavalheirismo e na honra – eram

³⁷ O CRUZEIRO transpôs a barreira número 1 rumo ao título, p. 5.

³⁸ SOUTTO MAYOR. *O futebol na cidade de Belo Horizonte*.

mobilizadas como estratégias normativas. Se o mercado que se expandia não delimitava limites ao capital, relegava-os ao público consumidor, como fator necessário à manutenção da rentabilidade do espetáculo.

A consolidação do profissionalismo em consonância com o próprio recrudescimento de um mercado futebolístico alavancou as normativas de regulação do jogo e do comportamento de seus personagens. Não se pode dizer que o profissionalismo, em si, foi o gerador de todas as transformações que se procederam. Muitas delas já estavam em andamento anos antes de sua implantação. O que se pode constatar são as novas relações que o regime possibilitou ou incrementou: como o desenvolvimento de um mercado específico; o aumento da visibilidade midiática; a centralização efetiva nas transações financeiras e nas arrecadações das partidas; o acirramento das competições; o aumento da importância do clube como elemento de representação identitária de variados e heterogêneos grupos; a ampliação do público torcedor e dos estádios; e o aumento da cobrança em relação aos árbitros (“donos” do destino das partidas e de seus “lucros” para os clubes).

Inseridos nessa conjuntura, para além do controle dos comportamentos, outros controles, desta vez direcionados à quantificação do público frequentador dos estádios, também se desdobravam em outras contendas. Nessas dualidades – moralidade/ mercado; retenção/expansão –, a temática das condutas dividia espaço com o controle da rentabilidade dos jogos. Mecanismos que pudessem evitar as suspeitas sobre a evasão de rendas e apaziguar os ânimos de dirigentes e integrantes da imprensa constituíam pauta importante em meados da década de 1940. Em uma reportagem publicada no ano de 1946, noticiava-se uma medida implementada por um clube inglês no intento de controlar a quantidade de público presente nos estádios. Neste caso em específico, a ação era resultante da ocorrência de um trágico evento.

O West Ham United Football Club acredita ter encontrado uma solução efetiva para o problema de controlar as massas a fim de evitar a repetição do desastre ocorrido em Bolton no ano passado, quando foram vitimados 23 espectadores. Trata-se de uma máquina de registro elétrica que funciona como se fosse um totalizador. Ligada aos torniquetes, registrará automaticamente cada espectador que entrar e

transmitirá o numero a um quadro de controle central nos escritorios do clube. A primeira experiência desse invento será feita em 10 dos 52 torniquetes do campo, no fim desta semana, quando o West Ham enfrentará o Nottingham Forest.³⁹

A anunciada experiência inglesa serviria com um exemplo para a criação de novas estruturas de controle do público presente e pagante em Belo Horizonte. As constantes incertezas geradas em torno da real arrecadação dos jogos motivariam inúmeras discussões que desencadeariam, posteriormente, a adoção de um instrumento de mensuração dos espectadores. Um dos artigos questionava: “Há evasão de rendas em nossos campos?”⁴⁰ Indagava-se a discrepância observada entre o número de pessoas aparentemente presentes nos estádios e a renda total veiculada. A questão, citada como “motivo de acalorados debates”, evidenciava várias opiniões a respeito.

Temos visto estádios superlotados para rendas anunciadas de 20 a 30 mil cruzeiros. Surgem, então [...], sérias acusações ao órgão encarregado da venda e recebimento de ingressos: a tesouraria da Federação. Por vezes a celeuma é tão forte que dela se ocupam os jornais e rádios da capital, pedindo uma investigação severa a respeito, pela entidade e clubes e até inquérito policial.⁴¹

Diante das dúvidas que se apresentavam, o redator do texto solicitava aos leitores que acusassem “os pontos falhos do sistema de vendas de ingresso e serviço de portaria da entidade, prestando, assim, [...] inestimável serviço ao esporte mineiro”.⁴² A reportagem explicitava a relação entre profissionalismo e rentabilidade das partidas, expressa por meio da preocupação evidente de se controlar o público pagante como premissa básica para a manutenção do negócio esportivo.

Porque, no regime profissionalista, a preocupação máxima das administrações é obter rendas cada vez maiores, para com elas fazer face das enormes despesas que tem de enfrentar. Os torcedores e particularmente, o quadro social de cada clube, quer um ‘team’ bom, jogadores de classe, vitórias e o campeonato. Mas, para ter um ‘team’ bom e jogadores de classe é preciso ter dinheiro para contrata-los (porque cada qual quer luvas e ordenado mais elevados de ano para ano). E, para obter vitórias e o campeonato, é necessário contar com um

³⁹ PERFEITO controle de renda por máquina., p. 1.

⁴⁰ PERGUNTA crucial., p. 10.

⁴¹ PERGUNTA crucial., p. 10.

⁴² PERGUNTA crucial., p. 10.

quadro de valor. Daí a relevância da questão das rendas dos jogos. Em torno do dinheiro gira o mundo capitalista.⁴³

A renda de uma partida em específico, protagonizada por América e Atlético, foi questionada pelo *Diário Esportivo*. O clássico havia “arrastado grande multidão” e estimara-se uma renda entre 40 e 50 mil cruzeiros, “mas a F.M.F anunciou para a surpresa geral, 33.000 cruzeiros”.⁴⁴ De acordo com o impresso, fatos como este tinham uma enumeração longa e provocavam no “seio do povo, acentuada reserva quanto aos serviços de arrecadação da entidade”. Eram anunciados como alguns dos fatores desencadeadores deste processo a ocorrência frequente de pessoas que vendiam “ingressos até a preço inferior ao tabelado, nas proximidades dos campos” e o recolhimento “das mãos dos porteiros dos ingressos entregues pelo público, para serem novamente vendidos pelas bilheterias, a pretexto de terem se esgotado”.

Além destas ações, a publicação relatava a descoberta de “um ex-cobrador de um certo clube que mandava imprimir ingressos iguais aos da Federação e os vendia”.⁴⁵ O jornal cruzeirense *A Raposa* denunciou a utilização de entradas velhas em alguns jogos.⁴⁶ Além das falsificações de ingressos, que o periódico julgou como fato já bastante conhecido no cenário belo-horizontino, mencionava-se a venda de bilhetes antigos, “por algum espertalhão que sabe onde elas ficam guardadas”.⁴⁷

Em outra partida, dessa vez pelo campeonato mineiro, proclamava-se novamente a surpresa causada pela discrepância entre o público observado no estádio e a renda anunciada: “Esperava-se, como era muito natural pelo público que estava presente, que fosse anunciada uma renda assim de uns 40 mil cruzeiros, no mínimo. Entretanto, para pasmo geral, a renda anunciada foi de 15 mil cruzeiros, apenas”.⁴⁸ O fato foi descrito como “verdadeiro absurdo, cujas proporções de gravidade entram pelos olhos de qualquer um”.⁴⁹

⁴³ PERGUNTA cruciante, p. 10.

⁴⁴ PERGUNTA cruciante, p. 10.

⁴⁵ PERGUNTA cruciante, p. 10.

⁴⁶ ENTRADAS velhas, p. 7.

⁴⁷ ENTRADAS velhas, p. 7.

⁴⁸ GRANDE triunfo do Atlético, p. 6-7.

⁴⁹ GRANDE triunfo do Atlético, p. 6-7

O texto publicado no *Diário Esportivo* sublinhava a existência de muitas outras situações semelhantes às mencionadas e assinalava que já teriam sido sugeridas “diversas providencias para o maior controle das bilheterias e dos portões”.⁵⁰ Segundo o artigo, nenhuma delas havia sido adotada, pois, “após uma verificação superficial”, os clubes chegavam à conclusão de que não havia desvio de renda (mesmo com os casos concretos que se apresentavam) e “fechavam os olhos” para as ocorrências que se repetiam. Diante do cenário que se apresentava, sugeria-se a seguinte medida.

Porque não adotam os nossos clubes relógios que marcam o numero de pessoas que entram, como em casas de diversões daqui e outros centros? Ou, então porque não colocam borboletas nos portões dos estadios? Ainda que disso não resultassem maiores rendas, pelo menos ficaria, de uma vez para sempre, eliminada a controversia sobre a exatidão das cifras oficiais sobre a arrecadação nos nossos grandes jogos.⁵¹

Outra edição do mesmo periódico trazia o anúncio de uma medida promovida pelo Atlético como alternativa para resolver o problema da evasão de renda. A ação do alvinegro foi relatada como exemplo a ser seguido pelos demais clubes. O título da reportagem já demonstrava o sucesso da proposta: “Salve as ‘borboletas!’”.⁵² O mecanismo se assemelhava a uma catraca e teria a finalidade de marcar, com exatidão, a entrada das pessoas no estádio.

Essa história das rendas no futebol profissional mineiro já deu bastante pano para mangas. Volta e meia, a imprensa, o rádio, os clubes e o público em geral comentavam sobre as pequenas arrecadações dos prélios oficiais; não encontrando justificativa para tão pouco dinheiro para tanta assistencia... Falou-se muito em entradas falsas, cambistas inescrupulosos, má fiscalização, ‘penstras’, permanentes, etc. Várias vezes o estádio ‘Antônio Carlos’, superlotado, o Atlético com seu corpo social reduzido, não passavam pelas bilheterias, pelo menos no compute final, mais de 30 ou 40 mil cruzeiros. E o povo ia falando, falando, falando...⁵³

“A ideia luminosa” da diretoria atleticana, traduzida na colocação de “borboletas nos diversos portões” em um de seus jogos, resultou no que o jornal definiu como uma “coincidência notável”, pois, “na primeira experiência, a renda

⁵⁰ PERGUNTA cruciante, p. 10.

⁵¹ PERGUNTA cruciante, p. 10.

⁵² SALVE as borboletas, p. 8.

⁵³ SALVE as borboletas, p. 8.

subiu, vertiginosamente, a mais de 70 mil cruzeiros”.⁵⁴ O sucesso da empreitada se traduzia na extinção das entradas falsas, dos cambistas e dos penetras: as borboletas “foram impiedosas para os trapaceiros. Nada de tapeações. Era, ali, no ‘duro’: Cr\$ 71.144,00”! O texto se encerrava com um conselho aos outros clubes: “Coloquem ‘borboletas’ nos seus estádios e talvez não haja mais evasão de rendas. Pelo menos até que seja encontrada uma fórmula de ‘tapear’ as ‘bichinhas’ mecânicas”.⁵⁵

A mensuração exata da rentabilidade das partidas passava a se constituir em elemento central da reordenação do futebol, seja em se tratando de sua estrutura, seja em relação aos seus princípios. O controle do público se manifestava, especialmente, por duas vertentes, ambas necessárias ao negócio esportivo que se incrementava com o advento do profissionalismo: o governo dos comportamentos e o domínio primoroso da receita gerada pelo torcedor-consumidor.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Estas são algumas das novas necessidades que emergiram com as reconfigurações surgidas no cenário esportivo. Percebe-se pelas reportagens certo ineditismo na tomada de decisões relativa aos exemplos citados, o que direciona o olhar para o profissionalismo daquele momento como um processo em permanente construção. No caso mineiro, somente treze anos após a implementação do regime é que o controle da renda dos estádios passou a ser racionalizado por mecanismos próprios.

Os modos de torcer e a figura do torcedor também são reelaborados pela dinâmica do futebol, na cena conflitante do profissionalismo. Como parte essencial do espetáculo, os comportamentos passionais do torcedor deveriam ser adequados ao modelo festivo, sem, contudo, desequilibrar o contexto de uma ordem moderna conformada pelo panorama do profissionalismo.

Por fim, deve-se ressaltar o papel da imprensa como estratégia de divulgação e capilarização deste “novo futebol”, espraiando os códigos de pertencimento e promovendo uma espécie de educação dos sujeitos na apropriação do esporte profissional e seus ordenamentos simbólicos e concretos.

⁵⁴ SALVE as borboletas, p. 8.

⁵⁵ SALVE as borboletas, p. 8.

REFERÊNCIAS

- A GUERRA das laranjas. **Diário Esportivo**. Belo Horizonte, 16 de ago. 1945, p. 2.
- ALABARCES, Pablo. **Fútbol y patria**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.
- AQUINO, Dilson de Andrade. O enterro do Príncipe. **O Amadorista**, Belo Horizonte, 9 set. 1946, n. 3, p. 1.
- AS DUAS facetas do torcedor. **Diário Esportivo**, Belo Horizonte, 9 ago. 1945, n. 3, p. 3.
- CALDAS, Waldenyr. **Pontapé inicial: uma memória do futebol brasileiro (1894-1933)**. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- CANELADAS. **Diário Esportivo**. Belo Horizonte, 30 ago. 1945, n. 6, p. 5.
- CANELADAS. Veneninhos do Cruzeiro X América. **Diário Esportivo**, Belo Horizonte, 30 ago. 1945, n. 6, p. 5.
- CLAUSSEN, Detlev. **Béla Guttmán: uma lenda do futebol do século XX**. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.
- DIÁRIO ESPORTIVO, Belo Horizonte, 4 out. 1945, n. 11, p. 5.
- DIÁRIO ESPORTIVO, Belo Horizonte, 1 nov. 1945, n. 15, p. 9.
- FILHO, João Lyra. A arregimentação da torcida. **Minas Tennis Clube: álbum de vistas**, Belo Horizonte, 1941, n. 1, p. 77.
- ENTRADAS velhas. **A Raposa**. Belo Horizonte, 1 jul. 1946, n. 3, p. 7.
- FRYDENBERG, Julio. **Historia social del fútbol: del amateurismo a la profesionalización**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.
- GRANDE triunfo do Atlético. **Diário Esportivo**, Belo Horizonte, 1 nov., 1945, n. 15, p. 6-7.
- GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009.
- IWANCZUK, Jorge. **Historia del fútbol amateur en la Argentina**. Buenos Aires: Autores Editores, 1992.
- LAGE, Marcus Vinícius Costa. **Deixem em paz os nossos cracks: análise sociológica da profissionalização do futebol belo-horizontino: a regulamentação e os significados sociais**. Dissertação [Mestrado em Ciências Sociais], Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, PUC, Belo Horizonte, 2013.
- LINHARES, Joaquim. **Itinerário da imprensa de Belo Horizonte. 1895-1954**. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- MELANCOLICA despedida. **Folha Esportiva**, Belo Horizonte, 8 out. 1946, s/n, p. 1.
- MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. **O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas: o futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930**. Dissertação [Mestrado em Lazer]. EEEFTO/UFMG, Belo Horizonte, 2010.
- NEGREIROS, Plínio J. Labriola de Campos. **A nação entra em campo: o futebol nos anos 30 e 40**. Tese [Doutorado em História]. PUC-SP, São Paulo, 1998.

O CRUZEIRO transpôs a barreira número 1 rumo ao título. **Diário Esportivo**. Belo Horizonte, 27 set. 1945, n. 10, p. 5.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PERFEITO controle de renda por máquina. **Diário Esportivo**. Belo Horizonte. 16 fev. 1946, n. 12, p. 1.

PERGUNTA cruciante. **Diário Esportivo**, Belo Horizonte, 30 ago. 1945, n. 6, p. 10.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína**: a profissionalização do futebol e a inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). Tese [Doutorado em História]. Pós-graduação em História Econômica, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PEREIRA, Leonardo A. de Miranda. O “dissídio esportivo” e o processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro (1933-1937). In: GOMES, Eduardo de S.; PINHEIRO, Caio L. Moraes. (Orgs.). **Olhares para a profissionalização do futebol**: análises plurais. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015, p. 73-91.

REYNA, Francisco D. **La difusión y apropiación del fútbol en el proceso de modernización en Córdoba (1900-1943)**. Actores, prácticas, representaciones e identidades sociales. Tesis [Doctorado en Historia]. Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad Nacional de Córdoba, 2014.

SALVE as borboletas. **Diário esportivo**, Belo Horizonte, 16 maio 1946, n. 42, p. 8.

SOBIERAJSKI, José Luiz. **Política do direito desportivo brasileiro**. Dissertação [Mestrado em Ciências Humanas]. Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 1999.

SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira. **O futebol na cidade de Belo Horizonte**: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940. Tese [Doutorado em Estudos do Lazer], Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer. Escola de Educação Física, UFMG, 2017.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. **A invenção do torcer em Bello Horizonte**: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930). Dissertação [Mestrado em Lazer]. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

VAMOS moralizar a torcida. **Diário Esportivo**. Belo Horizonte, 8 nov. 1945, n. 16, p. 7.

WAHL, Alfred. **Historia del Fútbol, del juego al deporte**. Barcelona: Ediciones B.S.A, 1997.

* * *

Recebido em: 15 de outubro de 2021
Aprovado em: 31 de janeiro de 2022

O torcer no futebol de mulheres em Belo Horizonte: um estudo exploratório a partir de torcedoras/es de Atlético, América e Cruzeiro

Cheering in Women's Football in Belo Horizonte:
An Exploratory Study about Atlético, América and Cruzeiro Supporters

Renata Alves Pinto Lemos

Universidade Federal de São João del Rei, São João del Rei/MG, Brasil
Mestranda em História, UFSJR
reaplemos@gmail.com

Marina de Mattos Dantas

Universidade Federal do Piauí, Teresina/PI, Brasil
Doutora em Ciências Sociais, PUC-SP

Luiza Aguiar dos Anjos

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Timóteo/MG, Brasil
Doutora em Ciências do Movimento Humano, UFRGS

RESUMO: Embora haja um inegável crescimento esportivo, econômico e social do futebol jogado por mulheres na última década, ainda há poucas produções científicas dedicadas a compreender o universo das torcidas nesse meio. Tendo isso em vista, este estudo exploratório, realizado em 2021, buscou conhecer torcedoras/es de times de futebol feminino de Belo Horizonte que participaram do Campeonato Brasileiro (Série A1 e A2 – 2020), bem como a forma como estes/as os acompanham e se relacionam com o futebol através das mídias e do consumo. Foi elaborado um formulário com perguntas sobre o acompanhamento das equipes e o consumo em torno do torcer. Jovens mulheres heterossexuais, em parte brancas, em parte pretas e pardas, e que auferem renda individual acima de R\$ 3.300 ou entre R\$ 1.000 e 3.000 compuseram a maior parte das/dos participantes da pesquisa. Em relação às mídias digitais, os principais meios para acompanhar os times na atualidade são as redes sociais na internet, que oferecem uma maior possibilidade de acesso à informação sobre os times mineiros.

PALAVRAS-CHAVE: Torcer; Futebol de mulheres; Mídias; Consumo; Belo Horizonte.

ABSTRACT: Although there has been an undeniable sporting, economic and social growth in football played by women in the last decade, there are still few scientific productions dedicated to understanding the universe of fans in this area. With this in mind, this exploratory study, carried out in 2021, sought to know fans of women's football teams from Belo Horizonte who participated in the Brazilian Championship (Series A1 and A2 – 2020), as well as how they accompany them and relate to football through media and consumption. A form was created with questions about the monitoring of teams and consumption around cheering. Young heterosexual women, partly white, partly black and mixed, and who earn an individual income above R\$ 3,300 or between R\$ 1,000 and 3,000 made up the majority of research participants. In relation to digital media, the main means to follow the teams nowadays are the social networks on the internet, which offer a greater possibility of accessing information about the teams from Minas Gerais.

KEYWORDS: Cheering; Women's Football; Media; Consumption; Belo Horizonte.

INTRODUÇÃO

Fundada em 1897, Belo Horizonte é um município que, logo em suas primeiras décadas, foi tomado pelo futebol, sendo o desejo de jogar acompanhado pelo de assistir. Analisando essa segunda experiência, Souza Neto¹ descreve como a popularização do esporte na cidade modifica o comportamento do público, demonstrando sentimentos de paixão e rivalidade, elementos que costumamos associar ao torcer. Contudo, isso se refere ao futebol praticado por homens. Para analisar tal processo no que se refere às mulheres, é necessário compreender as especificidades de sua trajetória, uma tarefa desafiadora, pois ainda são poucas as produções acadêmicas que se dedicaram a conhecer a história do futebol jogado por mulheres na capital mineira. Sinal disso é que, ao consultar o “Levantamento da produção acadêmica sobre futebol nas Ciências Humanas e Sociais (1980-2016)”, produzido pelo Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas,² não encontramos nenhuma dissertação ou tese dedicada ao tema.

São conhecidas as históricas dificuldades da inserção das mulheres na prática do futebol no Brasil. No início do século XX, a partir de um projeto de constituição de uma nação forte e saudável, as mulheres vinham sendo incentivadas a certas práticas esportivas,³ mas, necessariamente, alinhadas ao ideal de beleza e graciosidade associada à feminilidade, e respeitando sua suposta fragilidade. O futebol, desse modo, era visto como um risco ao bem-estar e à saúde delas.

Apesar disso, pesquisas vêm identificando que o interesse no futebol levou também as mulheres a promover suas partidas. Há registros de jogos excepcionais e esporádicos, alguns confrontos regulares e da constituição de algumas equipes ao longo da primeira metade do século XX em diferentes capitais brasileiras, entre as quais Belo Horizonte.⁴

¹ SOUZA NETO. *A invenção do torcer em Belo Horizonte: Da Assistência ao Pertencimento Clubístico (1904-1930)*.

² SOUZA *et al.* Levantamento e análise do desenvolvimento da produção e do estudo sobre futebol 1980-2016.

³ GOELLNER. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história.

⁴ BONFIM. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)*; FRANZINI. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*; MOURÃO; MOREL. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo.

A aparente popularização foi interrompida com o Decreto-Lei 3.199, de 1941, que determinou que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”.⁵ Mesmo sem explicitar as modalidades (o que foi feito em 1965, pela Deliberação n.7/65 do Conselho Nacional de Desportos), todos sabiam que o esporte bretão estava entre os interditos. A legislação comprometeu sensivelmente o desenvolvimento da modalidade,⁶ obrigando-a a se limitar às experiências informais e, necessariamente, transgressoras. Sua revogação veio quase 40 anos depois, em 1979. Demorou, contudo, mais quatro anos para que o Conselho Nacional de Desportos regulamentasse o futebol feminino, aspecto necessário para a devida organização da modalidade. Até lá, as Federações não eram autorizadas a promover competições e as partidas não podiam ocorrer em estádios que recebiam jogos oficiais, nem ser arbitradas por oficiais federados.⁷ Se o cenário descrito até aqui necessariamente dificultava a adesão de mulheres à prática do futebol, destacamos que também compromete a constituição de um público assistente e a emergência de vínculos de pertencimento próprios do torcer.

Em 1983, ano da regulamentação, uma série de times foram formados e ocorreu a primeira competição nacional: a Taça Brasil de Futebol Feminino,⁸ assim como o primeiro Campeonato Mineiro.⁹ Desde então, o futebol praticado por mulheres desenvolveu-se no Brasil de forma heterogênea e dificultado pelos preconceitos e falta de incentivos que não seriam extintos por decreto. Ao longo do tempo, São Paulo consolidou-se como o estado com clubes e competições melhor estruturadas.¹⁰ Minas Gerais, por sua vez, teve equipes e momentos pontuais de melhor estruturação e sucesso esportivo, mas o que preponderou foi uma relação amadora entre atletas e equipes, com remunerações inexistentes ou limitadas a

⁵ BRASIL, Decreto-lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país.

⁶ Em 2019, a FIFA igualou em seus documentos o status de futebol feminino e masculino que passaram a ser considerados como uma mesma modalidade dividida em categorias. Até então, o futebol feminino era considerado uma modalidade distinta.

⁷ ALMEIDA. “Boas de bola”: *Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980*.

⁸ ALMEIDA. “Boas de bola”.

⁹ ANJOS; DANTAS. O futebol de mulheres em Belo Horizonte.

¹⁰ SOUZA JÚNIOR. *Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade*.

poucas agremiações e/ou jogadoras de destaque, levando a menor competitividade de seus clubes no cenário nacional,¹¹ como também assinala Ribeiro, tratando da capital do estado.¹²

Na última década acompanhamos um novo marco no desenvolvimento do futebol de mulheres. Um conjunto de obrigatoriedades institucionais levou à constituição da categoria feminina em diversos clubes de tradição no futebol masculino. A primeira delas, de 2015, deveu-se a um acordo entre os clubes e o Governo Federal que incluía o futebol de mulheres como condição para a renegociação de suas dívidas fiscais com a União.¹³ Em seguida, em 2016, Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) e Confederação Brasileira de Futebol (CBF) – impulsionados por iniciativas da Federação Internacional de Futebol (FIFA) – impuseram a necessidade de manutenção de uma equipe de mulheres e pelo menos uma categoria juvenil feminina, ambas atuantes em competições nacionais e regionais oficiais, como pré-requisito para obter a licença para disputar a Série A do Campeonato Brasileiro e também para disputar a Libertadores da América e a Copa Sul-Americana a partir do ano de 2019.

Em Belo Horizonte, o América Futebol Clube antecipou-se à efetivação da obrigatoriedade e apresentou o seu time em julho de 2015. Respeitando a norma, em dezembro de 2018, o Clube Atlético Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube formaram suas equipes. O futebol de mulheres não era inédito para nenhum deles, mas suas experiências anteriores foram descontínuas. A partir de Anjos e Dantas¹⁴ e Ribeiro,¹⁵ apontamos as seguintes iniciativas: no Atlético, em 1983-1985, 1999-2000, 2005-2012, 2019-atual; no Cruzeiro, em 1983, 1996-2001, 2019-atual; e, por fim, no América, em 1983, 2000, 2015-atual. Interessante registrar que Cruzeiro e Atlético tiveram uma iniciativa mesmo antes da regulamentação da categoria, o que, em teoria, impedia que clubes do circuito de espetáculo se engajassem no futebol feminino. Ribeiro verificou que os clubes utilizaram alguns subterfúgios: o Cruzeiro

¹¹ ANJOS; DANTAS. O futebol de mulheres em Belo Horizonte.

¹² RIBEIRO. *A várzea e a metrópole: futebol amador, transformação urbana e política local em Belo Horizonte (1947-1989)*, p. 461.

¹³ Artigo 4º, inciso X, da Lei 13.155/2015.

¹⁴ ANJOS; DANTAS. O futebol de mulheres em Belo Horizonte.

¹⁵ RIBEIRO. *A várzea e a metrópole: futebol amador, transformação urbana e política local em Belo Horizonte (1947-1989)*.

foi representado por sua torcida, Camisa 12, enquanto o Atlético por seu clube social, Vila Olímpica.

Sabemos que o futebol praticado por mulheres não se limita aos renomados clubes e, em muitos casos, se desenvolveu com mais constância em times amadores. É evidente, contudo, que os incentivos e obrigatoriedades formulados pelas entidades organizadoras do futebol de espetáculo, que recaem expressamente sobre clubes que mantêm atividades profissionais no futebol masculino, têm ajudado a fomentar a prática do futebol feminino nestas agremiações nos últimos anos. Essas mudanças impactam, instituindo ou reativando dinâmicas de participação torcedora no futebol jogado por mulheres.

Tendo esse histórico em vista, o presente estudo objetivou conhecer o perfil de torcedoras e torcedores dos times de futebol de mulheres de Belo Horizonte que participaram do Campeonato Brasileiro (Série A1 e A2 - 2020), bem como a forma como acompanham os seus times e se relacionam com o futebol. Trata-se de pesquisa exploratória¹⁶ com torcedoras/es das equipes da categoria feminina de América, Atlético e Cruzeiro. Esse tipo de pesquisa adequa-se ao objetivo de conhecer melhor um campo ainda pouco explorado e nos permite levantar algumas informações e estabelecer análises iniciais sobre quem são as pessoas torcedoras de equipes de futebol jogado por mulheres, ainda que não haja a pretensão de homogeneizar as diversas possibilidades de vínculos com as equipes, clubes e com o próprio torcer.

Recorremos a um formulário na plataforma *Google Forms* como instrumento para coletar informações, com 29 questões (19 fechadas e 10 abertas) sobre como as/os participantes concebem o que é torcer, como acompanham as equipes para as quais torcem, bem como hábitos e percepções sobre o consumo de materiais esportivos pelos torcedores, além de dados sociodemográficos sobre as pessoas em questão.

Para participar da pesquisa e ter acesso às perguntas, elas/es manifestaram sua concordância por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, exposto na primeira página do próprio instrumento. Identificar-se como torcedor/a da equipe de futebol de mulheres de Atlético, América ou Cruzeiro foi um critério de

¹⁶ GIL. *Métodos e técnicas de pesquisa social*.

inclusão da pesquisa. Divulgamos o instrumento com as informações sobre a pesquisa em grupos de torcedoras/es e pesquisadoras/es no *WhatsApp* e em páginas de notícias sobre futebol jogado por mulheres no *Instagram* e *Twitter*. A coleta ocorreu de fevereiro a junho de 2021 e obtivemos 114 respostas, das quais 97 compõem os resultados válidos para as análises realizadas neste trabalho.¹⁷

Pelo tipo de pesquisa realizado e instrumento utilizado, privilegiamos uma análise de conteúdo da questão aberta sobre o torcer, levando em consideração a frequência e a similaridade entre os termos evocados pelas/os participantes; e a análise descritiva interpretativa das questões fechadas. Para esse texto, não incluímos as análises referentes à presença nos estádios e nem análises mais aprofundadas sobre marcadores sociais de diferença que apresentamos (como raça, gênero e sexualidade), que, embora importantes, a partir do método e instrumentos de pesquisa utilizados e volume de dados obtido, não eram possíveis de serem explorados com maior densidade.

Das 97 pessoas que participaram da pesquisa, 87 residem em Minas Gerais (58 em Belo Horizonte, 23 em cidades da Região Metropolitana e 5 em outras cidades), sete em São Paulo (Capital), dois em Pernambuco (Petrolina e Recife) e um na Bahia (Lauro de Freitas).

Embora estejamos tratando do torcer para clubes sediados em Belo Horizonte, algumas torcedoras e alguns torcedores residentes de outras cidades preencheram o formulário, indicando que o pertencimento clubístico dessas equipes não é limitado pelo aspecto geográfico.

Em relação ao clube para o qual torcem, 63 são torcedoras/es do Atlético, 28 do Cruzeiro e seis do América. Importante ressaltar que não acreditamos que a diferença numérica entre os clubes represente uma amostra da totalidade de torcedoras/es de cada um deles, mas sim uma possível maior circulação do formulário entre atleticanas/os e/ou maior engajamento destes com o instrumento. Nesse sentido, o pertencimento clubístico das autoras pode ter influenciado, facilitando a participação dessas pessoas. Se compararmos com pesquisas de

¹⁷ Foram excluídos das análises os formulários duplicados, e aqueles nos quais as pessoas afirmaram torcer para um clube, mas não selecionaram o futebol feminino (equipe principal ou de base) como uma das categorias esportivas para as quais torce.

mercado e eleitorais em Minas,¹⁸ encontramos uma inversão entre Atlético e Cruzeiro no *ranking* das torcidas. Nas pesquisas supracitadas, que não situam o futebol feminino, mas a torcida dos clubes (majoritariamente relacionada ao futebol masculino), Cruzeiro aparece com o maior quantitativo de torcedores/as, seguido, de não tão longe, pelo Atlético, ambos com uma distância larga para o América. A quantidade de americanas/os participantes da nossa pesquisa, no entanto, sintoniza-se com o indicado nas pesquisas de mercado, o que nos leva a pensar que, embora mantenha o time de mulheres há mais tempo que seus rivais, desde 2015, o fator torcida do clube prepondera também no futebol feminino, ao menos no caso do América. Em relação a Atlético e Cruzeiro, embora, notadamente, a torcida do clube seja predominante, há indícios de uma pequena parcela composta por torcedoras/es apenas do futebol de mulheres (5), nos clubes mineiros, como vemos no gráfico a seguir:

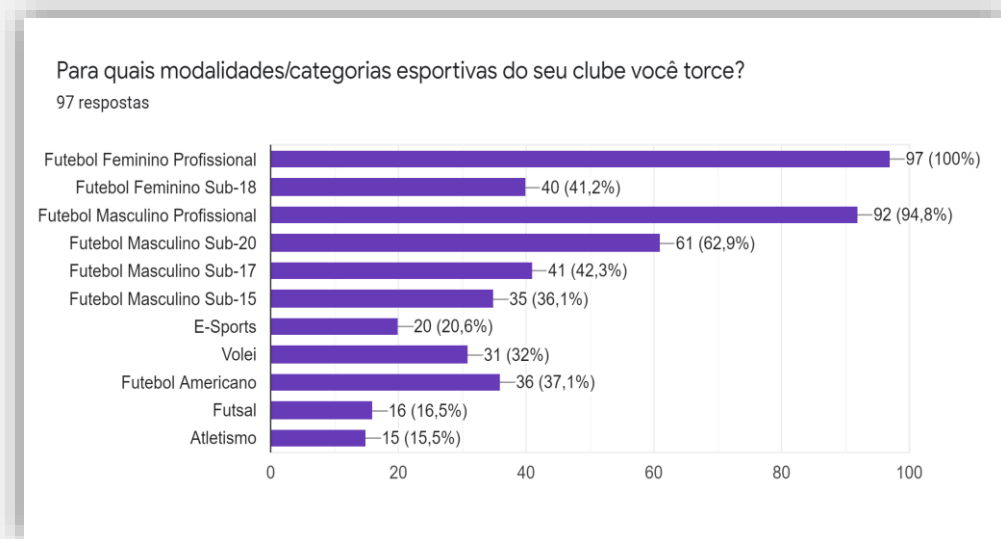


Gráfico 1 - Modalidades esportivas e categorias para as quais torcem as/os participantes da pesquisa. Fonte: Elaborado pelo Google Forms.

Três pessoas responderam apenas *Feminino Profissional*. Além dessas, apenas outras duas não se consideraram torcedoras da categoria Masculino Profissional. De maneira geral, há uma forte adesão ao futebol de campo em todas

¹⁸ REDAÇÃO/SUPERESPORTES. Pesquisas eleitorais atualizam tamanho das torcidas de América, Atlético e Cruzeiro em BH; REDAÇÃO/ESPORTE NEWS MUNDO, Cruzeiro tem a maior torcida de Minas Gerais e a sexta maior do Brasil, aponta pesquisa.

as suas categorias, com destaque para as profissionais (feminino e masculino), indicando que as/os torcedoras/es do futebol jogado por mulheres não se vinculam aos clubes somente pelas equipes de mulheres. Das 5 pessoas que desvinculam o futebol feminino e o masculino profissional, uma é atleticana, enquanto as outras quatro são cruzeirenses. Isso pode ser um indicativo de que o trabalho do Cruzeiro com o futebol de mulheres tenha um alcance para além da torcida fidelizada ao clube através da categoria tratada como principal – o Futebol Masculino Profissional.

Em relação ao gênero¹⁹ e à orientação sexual, a pergunta permitia a resposta digitada, sem opções previamente formatadas, para que as pessoas pudessem se autodeclarar. Em gênero, agrupamos as 97 respostas em duas categorias, mulher (68) e homem (29), tendo em vista a aproximação conceitual dos termos “masculino”, “homem” e “homem cis”, e dos termos “Mulher”, “feminino”, “mulher cis” e “mulher cisgênero” que apareceram nas respostas.²⁰ Apesar da questão aberta, nenhuma participante identificou-se como transgênero, o que pode nos levar a questionar o quanto, mesmo no Futebol Feminino, esse espaço e possibilidade do torcer ainda seja cerceado a essas pessoas.

Já em orientação sexual, agrupamos as 97 respostas nas categorias Heterossexual (62), Homossexual (18), Bissexual (17) e Pansexual (1), sendo que uma pessoa preferiu não declarar. Dentro da categoria “homossexual” incluímos 15 pessoas que se declaram lésbicas e um gay.

Em relação ao quesito raça/cor, utilizamos a padronização do IBGE em uma pergunta com as questões fechadas, na qual 49 pessoas se identificaram como brancas, 33 como pardas, 13 pretas, 1 indígena e 1 amarela.

Sobre a faixa etária, nota-se uma concentração de torcedoras/es de idade entre 22 e 39 anos (64), sendo 33 na faixa entre 22 e 29; e 31 entre 30 e 39 anos. A parcela jovem aumenta se considerarmos as pessoas com idade entre 18 e 21 anos (16). Acima dos 40 anos, há 17 pessoas, sendo 13 com idade entre 40 e 49 anos, 2 entre 50 e 59 anos e 2 com mais de 60 anos.

¹⁹ Gênero é aqui tratado como um marcador social, que remete a construções históricas, linguísticas e sociais que diferenciam e definem homens e mulheres (MEYER. *Gênero e educação: teoria e política*).

²⁰ Os termos *cis* e *cisgênero* indicam pessoas as quais se identificam com o gênero que lhes foi atribuído desde a vida uterina, a partir de marcadores biológicos.

Portanto, jovens mulheres heterossexuais, em parte brancas (49), em parte pretas e pardas (46), e que auferem renda individual acima de R\$3.300 (33) ou entre R\$1.000 e 3.000 (22) e familiar acima de R\$3.300 (58) compuseram a maior parte das/dos participantes da pesquisa, o que confere certa diversidade entre as/os participantes, embora, por um lado, reafirme uma representação comum de que torcedoras/es de futebol jogado por mulheres são, em grande maioria, mulheres (possivelmente cisgêneros), mas contraria outra representação comum de que mulheres que se interessam por futebol são, necessariamente, lésbicas.

O QUE É TORCER PARA QUEM TORCE

De maneira geral, as referências sobre o torcer trazidas pelas pessoas que participaram da pesquisa se ancoram na prática do futebol jogado pelos homens que, embora comporte uma vinculação emocional com o clube marcada por sentimentos como amor e paixão, característicos do feminino nas sociedades ocidentais,²¹ não é um meio de sociabilidade convidativo à participação de mulheres ou qualquer pessoa que fuja às normas de gênero e sexualidades.

A referência amplamente utilizada para conceituar o pertencimento clubístico também se oriunda desse cenário, relacionando esse vínculo entre torcedor e clube como algo imutável, capaz de mobilizar loucuras pelo seu time.²² Há, por outro lado, produções que explicitam a variabilidade que essa relação pode assumir quando olhamos para fora desse padrão,²³ assumindo, inclusive, certa infidelidade em modos de torcer que podem ser entendidos como não hegemônicos, que vão desde torcer para mais de um clube a mudar para o time rival.

Tendo em vista a necessária desnaturalização e contextualização do termo *torcer*, trouxemos no formulário a questão “Na sua compreensão, o que é torcer para um time de futebol?”. Embora fosse uma questão aberta e não obrigatória para continuar a pesquisa, 70 pessoas responderam.

²¹ RIOS; COELHO. Emoção e Masculinidade no Universo do Futebol no Brasil.

²² DAMO. *Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores.*

²³ BANDEIRA. Do Olímpico à Arena: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio; DANTAS; ANJOS; MENDES. Torceres: Pensando Diferentes Possibilidades de Pertencimento Clubístico.

Para identificar os termos que se sobressaíram em meio à elaboração das/os participantes, contabilizamos as repetições²⁴ para nos orientar quantitativamente antes de retomar as respostas escritas livremente pelas/os torcedoras/es. As palavras “acompanhar” (24), “jogos” (11), “apoiar” (11) e “sempre” (10) se destacaram dentre outros termos que apareciam em menor número e de maneira mais difusa. Menos centrais, mas ainda recorrentes, apareceram os termos “ter” (8), “meu” (7) e “tudo” (6).

Acompanhar os jogos, o time e as notícias aparecem como elementos significativos para as/os participantes da pesquisa, indicando um envolvimento em termos de assistência de jogos e consumo de notícias, como podemos ver nos exemplos a seguir: “É procurar acompanhar tudo sobre o seu time, mesmo que virtualmente. Resumindo, é ‘vestir a camisa’” (Homem branco atleticano, de mais de 60 anos); “É acompanhá-lo (buscar estar informada sobre o que está acontecendo nos bastidores), cobrar conscientemente resultados é estimular jogadores(as) com palmas, cânticos e incentivos atrás da vitória.” (Mulher preta atleticana, de idade entre 22 e 29 anos); “Se identificar com o time, com sua proposta. Torcer e apoiar o crescimento da equipe. Acompanhar notícias. Incentivar o time e os seus colaboradores” (Mulher branca cruzeirense, de idade entre 22 e 29 anos).

Organizando as respostas por similaridade e ênfase de cada uma, destacaram-se 41 que envolviam temáticas sobre emoções, sentimentos ou estados de humor, como as indicadas a seguir: “Vai muito além de um *hobbie*, no meu caso é a lembrança de infância e laços com meu pai. Aprendi a amar o futebol e torcer para o meu time por influência dele” (Mulher parda cruzeirense, de idade entre 22 e 29 anos); “Torcer para um time, é como ter o seu melhor amigo sempre ao seu lado e estar lá também ao lado dele” (Homem pardo cruzeirense, de idade entre 22 e 29 anos); “[...] não é só ir ao estádio, acompanhar todos os jogos, ter uma camisa, [...] Ter uma relação afetiva com o time nos faz torcedores. O carinho, a vontade de ganhar, até a vontade de zoar o rival” (Mulher preta cruzeirense, de idade entre 22 e 29 anos).

²⁴ Verificamos que alguns termos utilizados não contribuíam para a compreensão da pergunta por meio dessa estratégia. Para a produção na nuvem exposta no texto, excluimos, assim: “time” (37), “torcer” (23), “clube” (12), “futebol” (7) e “equipe” (5).

Torcer é se entregar ao amor pela camisa e apoiar, acompanhar, dedicar seu tempo ao time, conhecer as competições, quem está no elenco, especialmente no futebol feminino é, também, cobrar o Clube da necessidade de mais investimentos e respeito (Mulher parda atleticana, de idade entre 22 e 29 anos).

A noção de “apoio” e “incentivo” apareceu 16 vezes. Os termos “lazer” e “diversão” esteve em 6 respostas. Sete respostas remeteram ao consumo de produtos e a ajuda financeira de modo geral. Quatro respostas indicaram a noção de “sucesso”. Outras quatro indicavam críticas ao time como parte do torcer. Duas respostas ressaltaram o engajamento em redes sociais digitais.

Desses termos mais distantes das representações centrais (termos menos evocados espontaneamente), chama-nos a atenção as respostas relacionadas a criticar e cobrar resultados, posicionamento e construção política, promover mudanças no time. Cobrar o clube por respeito e investimento foi a única resposta relacionada à especificidade de torcer no futebol feminino.

A relação afetiva que pode assumir várias graduações, assim como acompanhar o time, seja pelas notícias, jogos, nos estádios ou pelas mídias, nos parece mais importante do que a fidelidade (termo nenhuma vez evocado para sintetizar a ideia de torcer) para essas/esses torcedoras/es.

MÍDIA E CONSUMO

Parte importante para popularização e visibilidade de um esporte, a mídia tradicional²⁵ está em processo de entender o futebol de mulheres em sua importância social. Percebemos, principalmente nos últimos anos, um aumento de

²⁵ Os conceitos de mídia tradicional e mídia alternativa não são consensos entre os pesquisadores. Autores como Cecília Peruzzo vão atribuir à práxis social a definição do que seja alternativo, não necessariamente o veículo, a linguagem ou a forma com que se comunica. Para a autora, as mídias alternativas estão ligadas ou em diálogo com movimentos sociais. Rodolfo Fiorucci, assim como John Downing entendem as mídias alternativas como uma comunicação necessariamente contra-hegemônica, distanciando-se da lógica capitalista. Para eles, o conteúdo é o que determina a categorização alternativa. Denominamos mídia tradicional aquela hegemônica, que ocupa os meios de comunicação de massa com ampla circulação e que mantém uma estrutura organizacional tradicional. Já por mídia alternativa, consideramos aquelas que se estruturam em lógicas colaborativas (tanto de conteúdo quanto de recursos) e que buscam ampliar a discussão e a reflexão sobre os temas (SILVA. *A redação virtual e as rotinas produtivas nos novos arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia*).

registros e acompanhamento da categoria. A Copa do Mundo de 2019 bateu recordes de audiência: em relação à edição anterior, em 2015, foram 30% a mais de telespectadores, segundo o balanço da FIFA.²⁶

Esse movimento midiático dos últimos anos em relação ao futebol de mulheres é também parte importante do seu desenvolvimento. Entende-se que a mídia é uma “construção social da realidade”,²⁷ o que significa que a notícia é fundamentada em realidades socialmente reconhecidas, além de grande responsável por fomentar a opinião pública. A proibição restringia gravemente esse processo de construção, com rara circulação de notícias por veículos jornalísticos que fariam com que ele pudesse ser reconhecido como prática socialmente relevante, tornando o futebol de mulheres desconhecido para grande parte da população.²⁸ Entretanto, o entendimento da construção unilateral da agenda midiática exclui a mobilização social e o poder de influência da audiência.

O advento da internet, as redes sociais digitais e a pulverização do jornalismo pelas plataformas, tornou o acesso a informações e notícias consideradas não relevantes pela mídia tradicional mais democrática. Isso significa que a participação popular na construção de pautas públicas se evidenciou, preenchendo lacunas deixadas pela cobertura jornalística tradicional.²⁹ As pautas relacionadas às representações das mulheres na mídia têm sido trazidas para discussões na sociedade brasileira, o que pode ter contribuído para a descoberta do interesse da mídia tradicional para aspectos socioculturais e políticos que perpassam diferentes experiências e interesses das mulheres, como o futebol. Ao ser visibilizada através da internet, a temática se torna interessante para a mídia tradicional que percebe um público interessado no assunto, seja através de reportagens e notícias em seus programas esportivos, seja na transmissão de jogos e campeonatos.

Se entendemos que a mídia tem grande relevância para a divulgação do esporte e para a formação do torcer e da identidade clubística, precisamos analisar,

²⁶ FIFA. *FIFA Women's World Cup 2019™ Watched by more than 1 Billion*.

²⁷ JANUÁRIO; LIMA; LEAL. Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros, p.47.

²⁸ JANUÁRIO; LIMA; LEAL. Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros.

²⁹ JANUÁRIO; LIMA; LEAL. Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros.

também, a forma com que torcedoras/es percebem os meios de comunicação como referência. Algumas questões sobre transmissão e notícias acerca do futebol de mulheres foram colocadas para as/os participantes da pesquisa e algumas características se mostraram relevantes para a nossa análise e, por isso, é importante contextualizar esse cenário na esfera local.

Nas temporadas 2020 e 2021, os clubes objetos da presente pesquisa disputaram os campeonatos Brasileiro A1 (Cruzeiro), Brasileiro A2 (América e Atlético) e o Campeonato Mineiro, além dos nacionais Sub-18 (Atlético, América e Cruzeiro) e Sub-16 (Cruzeiro). Essas competições foram transmitidas de maneira gratuita em diferentes plataformas. As partidas dos campeonatos de base e do Brasileiro A2 foram transmitidas pela CBF TV em parceria com a plataforma *MyCujoo/Eleven Sports*.³⁰ A mesma plataforma também faz a cobertura simultânea dos jogos da elite nacional, sendo que alguns deles foram transmitidos ainda por outros meios, caso de canais de televisão e de redes sociais digitais. O Cruzeiro³¹ teve três dos quinze jogos da primeira fase da competição transmitidos no *Twitter*. A Rede Bandeirantes detém o direito de transmissão da série A1 desde 2019. Em 2020, nenhum dos jogos do Cruzeiro foi transmitido pela televisão, enquanto, no ano seguinte, apenas um dos quinze (contra o Corinthians)³² foi disponibilizado ao torcedor no canal de transmissão aberta. Além disso, em 2020 e em 2021, canais de televisão fechados transmitiram partidas da fase final do campeonato – ESPN, em 2020, e SporTV, em 2021 –, mas o Cruzeiro não participou dessas fases em nenhuma das duas edições.

Já no Campeonato Mineiro, são os clubes os responsáveis pela transmissão das partidas, uma decisão conjunta entre eles e a Federação Mineira de Futebol (FMF). Assim, seus canais no *YouTube* podem fazer a cobertura ao vivo dos jogos em que são mandantes ou negociar quando forem visitantes. Em 2020, os canais

³⁰ A plataforma MyCujoo, que teve o nome alterado em 2021 para Eleven Sports, tem uma parceria com a CBF para a transmissão das partidas. As partidas são, então, disponibilizadas tanto pelo site da própria empresa, quanto pelo canal da CBF TV.

³¹ Único clube mineiro que participou da primeira divisão do Campeonato Brasileiro até 2021.

³² O acordo prevê a escolha da rede de televisão pela partida a ser transmitida. Nas últimas quatro edições, o Corinthians foi campeão em três delas (2018, 2020, 2021) e vice-campeão em uma (2019). Além disso, é um clube tradicional no futebol masculino, com uma das maiores torcidas no Brasil, o que pode justificar a escolha pela transmissão da partida entre Cruzeiro e Corinthians.

institucionais de Cruzeiro e Atlético fizeram valer seu direito. O América, por sua vez, não realizou nenhuma transmissão.

Portanto, é notório que, para torcedoras/es dos três clubes analisados assistirem aos jogos de seu time regularmente, precisaram fazê-lo de maneira online ou presencial. A partir desse entendimento, questionamos as/os participantes sobre a periodicidade em que assistiam aos jogos com transmissão online. Dos 97 respondentes, 11 disseram que nunca o fazem e 37 que o fazem raramente. No que se refere à presença no estádio, pela observação assistemática que vínhamos fazendo do futebol de mulheres dessas três equipes, notamos que a presença de torcedoras/es em Belo Horizonte é pequena. Entre as/os respondentes do formulário, apenas duas pessoas afirmaram que a presença no estádio é uma forma que utilizam para acompanhar seu clube.

Resgatando as respostas que dizem respeito ao entendimento sobre o torcer, parte delas/es disseram entender que acompanhar o time é fundamental. Porém, o que entendemos é que nem sempre esse acompanhamento ocorre pela assistência aos jogos de forma assídua. Apenas 20 pessoas optaram pela alternativa “sempre” e 29 por “frequentemente” sobre assistir às transmissões online, o que somados resulta em metade das/os participantes.

Ao serem questionados sobre como acompanham os jogos de seu clube, apenas 3 disseram não acompanhar. As respostas sugerem que as pessoas buscam informações dos jogos para além da transmissão simultânea, incluindo informações pós-jogo, como melhores momentos e resultados. Apesar de todas as competições que os três clubes disputaram desde 2019 terem tido transmissão gratuita pela internet, algumas pessoas responderam recorrer à pirataria para assistir aos jogos. As mídias tradicionais também apareceram nas respostas. Duas pessoas informaram acompanhar os jogos pelo rádio³³ e 33 pela TV, o que pode indicar o alcance e a importância dessas mídias quando fazem as coberturas.

Ao perguntarmos sobre a busca de informações da equipe feminina do seu clube por meio da internet, em portais e websites, 79 pessoas disseram utilizar tal recurso, sendo que 58 indicaram os locais de tais buscas. Foram citados tanto

³³ Uma participante citou o nome da rádio Ello Sabará.

aqueles vinculados a grandes veículos, quanto blogs da imprensa alternativa. Além disso, mídias institucionais, como o site da CBF e da FMF e os portais oficiais dos clubes também foram mencionados.

Tendo em vista o ainda inconstante aumento do interesse das mídias tradicionais no futebol de mulheres, as mídias alternativas foram e são fundamentais para a categoria. É por meio delas que ocorre a cobertura de diversas competições e jogos ignorados pelas primeiras em função da descrença no potencial comercial do futebol de mulheres.³⁴ Complementarmente, as redes sociais digitais têm sido importantes aliadas para a circulação de informações, principalmente quando pensamos no circuito do futebol fora de São Paulo – principal eixo econômico desse esporte no Brasil. Especialmente para clubes de menor estrutura, com menos recursos estruturais e financeiros, essas redes tornam-se ferramentas importantes para a divulgação da categoria.

A maioria dos participantes acompanham e buscam notícias e informações sobre o time feminino pelo qual torcem pelas mídias oficiais dos clubes, sendo mencionados: *Instagram* (71 pessoas), *Twitter* (59 pessoas) e *Facebook* (32 pessoas), *YouTube* (21 pessoas) e *TikTok* (6 pessoas). América, Atlético e Cruzeiro utilizam estratégias diferentes em relação a essas redes. Enquanto Cruzeiro e América disponibilizam informações sobre a equipe feminina, assim como das demais modalidades esportivas, em uma única rede social na internet, o Atlético criou um perfil próprio para o futebol de mulheres,³⁵ onde desenvolve a sua comunicação separadamente. Apenas algumas informações mais relevantes, como a presença na final do Campeonato Brasileiro A2, são também disponibilizadas no perfil do clube e em comunicações via e-mail marketing para sócio torcedores.

Podemos analisar as estratégias adotadas pelos clubes por algumas óticas. Ao dividir os perfis, o Atlético dedica mais atenção à equipe feminina, tendo informações sobre jogos, treinos, convocações e interação com os seguidores com maior frequência. O perfil “Galo Futebol Feminino” reforça a existência e publiciza informações sobre a equipe e suas atletas diariamente.³⁶ Assim, o/a seguidor/a tem

³⁴ CASTRO. Mulheres no jornalismo esportivo: quem registra aquelas que registram a história do futebol?

³⁵ Em todas as redes citadas, com exceção do YouTube.

³⁶ Como exemplo, no intervalo de uma semana (27 de setembro a 3 de outubro de 2021), verificamos uma média aproximada de 3 postagens por dia no perfil.

acesso a um maior volume de notícias sobre a equipe, familiarizando-se com ela. Porém, ao realizar a divisão de perfis, o Atlético perde em alcance. Em outubro de 2021, o perfil do *Instagram* “Atlético” possuía 1,8 milhões de seguidores, enquanto o “Galo Futebol Feminino” tinha 94.100, limitando essa comunicação para um grupo mais restrito, optando por relacionar-se mais proximamente a um público já fidelizado ao invés de apostar na captação de novos interessados na categoria.

América e Cruzeiro, por sua vez, ao utilizarem o mesmo perfil para ambas as categorias profissionais (masculina e feminina), aumentam o alcance das informações sobre o futebol de mulheres. Por outro lado, a categoria feminina parece, por vezes, tornar-se invisibilizada em tais perfis, com poucos conteúdos, para além de anúncios e resultados de jogos.³⁷

Ao analisarmos as respostas da presente pesquisa, constatamos que a maioria das pessoas acompanha notícias sobre seu clube através de redes sociais oficiais da agremiação. Porém, alguns outros perfis de mídias independentes também foram marcados, como é o caso do Dibradoras, que é seguido no *Twitter* por 38 entrevistadas/os e no *Instagram* por 30. Dentre os perfis citados espontaneamente, as respostas foram variadas, sendo repetidas apenas o de duas torcidas, Grupa e Torcida Organizada Vingadoras (ambas mantidas por torcedoras/es atleticanas), e do Blog Deus me Dibre, que fazia a cobertura do futebol feminino em Belo Horizonte até o fim de 2020. A presença de perfis de torcidas como fonte de informações nos mostra uma nova atuação das organizações torcedoras em meio midiático. Vimiero³⁸ identificou na produtividade digital de torcedores atleticanos o objetivo de fornecer o que eles sentiam falta na mídia tradicional para os pares, aproximando-se da linguagem jornalística, mas mantendo a parcialidade como um valor importante. Também evidenciando os torcedores como agentes importantes da comunicação, Fortes e Anjos,³⁹ em pesquisa acerca da interdição do

³⁷ Novamente no intervalo de 27 de setembro a 3 de outubro de 2021, o perfil “Cruzeiro” tinha 6 postagens dedicadas ao futebol de mulheres dentro de um universo de 49 publicações no período. Já o perfil “América Futebol Clube” apresentou 8 postagens voltadas às Spartanais, em um total de 67 publicações. Nos dois clubes, todas as postagens faziam referência à partida daquela semana.

³⁸ VIMIERO. A produtividade digital dos torcedores de futebol brasileiros: formatos, motivações e abordagens.

³⁹ FORTES; ANJOS. O fechamento do estádio Engenheiro em blogues de jornalistas esportivos: futebol, megaeventos e política.

estádio Engenheiro, apontaram como blogs de torcedores do Botafogo, gestor do estádio no período, via de regra, traziam mais informações, documentos e imagens do que aqueles produzidos por jornalistas.

Apesar de muitas/os participantes seguirem as redes sociais oficiais dos clubes, a ampla maioria delas/es não avalia como boa a comunicação destes em relação ao futebol praticado por mulheres: 75 a classificam como péssima ou ruim. Nos comentários, evidenciamos que a crítica é voltada não à qualidade do que é comunicado, mas à quantidade, ampliando a importância dos canais alternativos para o acompanhamento do futebol de mulheres de seus clubes.

As/os participantes afirmam ser difícil encontrar informações básicas, como a situação das competições, o desempenho das equipes, elencos e mercado de transferências, e divulgação das partidas. Informações de outra pergunta enfatizam esse problema. Apenas 24 pessoas disseram que as informações sobre campeonatos e jogos chegam até elas/es. Já 67 disseram receber parcialmente e 6 afirmaram que as informações não chegam. As falas apontam que é necessário ter uma postura ativa, buscar a informação: “Não sinto que as informações chegam a mim. Tenho que procurar” (Homem branco atleticano, de idade entre 40 e 49 anos).

A responsabilidade desse problema é atribuída a diferentes agentes do campo esportivo: grandes conglomerados de comunicação (sendo mencionados meios na televisão, rádio e internet), clubes e FMF. E, mesmo com a qualidade ruim atribuída à comunicação oficial, nota-se que ela é, na maior parcela do universo analisado, referência importante para obtenção de informações.

Para além da circulação de notícias e informações, a transformação do interesse no futebol de mulheres em recursos financeiros enfrenta outras barreiras. A pouca visibilidade ainda percebida na categoria – mesmo com o crescente interesse midiático aqui já explorado – dificulta seu desenvolvimento econômico. Visto que o sistema capitalista exige retorno financeiro para que um produto se sustente dentro de um mercado de consumo, o futebol de mulheres não foge a esta lógica em certas instâncias. Assim, a criação desse mercado em torno da modalidade pode ajudar a justificar a permanência de equipes femininas para além das obrigatoriedades impostas pelas instituições superiores aos clubes.

A formação de um mercado de compra e venda de atletas é notória,⁴⁰ mas está longe de se consolidar. O discurso neoliberal exige que a categoria se sustente financeiramente, o que pode parecer destoante de sua realidade histórico-social. Goellner⁴¹ atribui à ausência de patrocínio à baixa visibilidade do futebol de mulheres. Apenas em 2021, o Campeonato Brasileiro Feminino A1 conseguiu a venda de *naming rights* (direito de explorar comercialmente o nome do campeonato). Vivemos um período de mudanças dessas estruturas, em que a mídia tradicional percebe a demanda pelo consumo de notícias e jogos do futebol de mulheres e passa a garantir algum espaço para a categoria, o que permite às instituições poder de negociação com empresas que passam a se interessar em estampar suas marcas no produto futebol de mulheres.

Para além dessa lógica de relações com outras empresas, alguns clubes têm descoberto nas mulheres, públicos consumidores. Materiais esportivos destinados aos corpos femininos, mesmo que com restrições de tamanho, são exibidos em vitrines de lojas especializadas. Assim como algumas ações específicas para este nicho, numa tentativa de estreitar relacionamentos com suas torcedoras e ampliar a mercantilização da categoria que é oportunamente explorada nesse sistema. Contudo, há ainda dificuldade no reconhecimento da diversidade dessas torcedoras e desse torcer que nossa pequena amostra de pesquisa nos indica existir.

Em Belo Horizonte, a insatisfação dos/as torcedoras/es com relação a gestão do futebol de mulheres também se manifesta com relação ao mercado de produtos oficiais e licenciados. Grande parte delas/es considerou haver pouca diversidade (76), enquanto poucos (6) disseram ser suficiente. Apesar disso, percebe-se a disposição para tal consumo. Em nossa pesquisa, 39 pessoas disseram ter adquirido produtos do time de futebol feminino, sendo 26 torcedoras/es atleticanas/os, 9 cruzeirenses e 4 americanas/os.

No último trimestre de 2020, o Atlético desenvolveu uma linha de camisas (primeiro e segundo uniformes) exclusivos para a equipe feminina. A novidade movimentou parte da torcida, mas algumas dificuldades de compra, como falta do

⁴⁰ Em julho de 2021 o Corinthians anunciou o interesse de alguns clubes em contratar uma atleta do time paulista. Para saber mais sobre o assunto, leia <https://bit.ly/3f5JUVN>.

⁴¹ GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades.

produto nas lojas e modelos exclusivamente femininos, foram percebidas e reclamadas na internet. Além disso, o uniforme trouxe questões internas para o clube. Depois do lançamento, das vendas e da utilização no Campeonato Mineiro de 2020, percebeu-se que ele feria seu estatuto⁴² no ponto que descreve a obrigatoriedade das listras verticais do uniforme, sendo que a linha da categoria feminina as trazia na diagonal. Por isso, em 2021, o Atlético voltou a adotar o mesmo uniforme para todas as categorias do futebol. O mesmo acontece com América e Cruzeiro, que não produziram materiais exclusivos para atrair as/os torcedoras/es.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora não possamos utilizar a amostra estatisticamente para falar sobre quem é o público do futebol feminino, este estudo exploratório nos permitiu vislumbrar algumas relações que se estabelecem entre torcedoras/es e o futebol jogado por mulheres.

Apesar da diversidade de gênero, sexualidade, raça, renda e idade entre as/os participantes, jovens mulheres (possivelmente cisgêneras), brancas, pretas e pardas, heterossexuais, pertencentes à classe média parecem maioria entre as pessoas engajadas no torcer para o futebol de mulheres. Não podemos afirmar se o direcionamento comunicacional dos clubes, que pouco reconhecem e exploram comercialmente a diversidade do público para o futebol feminino, interfere na formação desse universo torcedor ou se ele se constitui espontaneamente, visto as dificuldades apresentadas pelos participantes dessa pesquisa. Notou-se que, ao definirem o torcer, as/os participantes da pesquisa não apontaram noções que estariam ligadas a especificidades do torcer para o futebol feminino, utilizando-se do termo *acompanhar*, ligado a termos que exprimem alguma relação afetiva com o clube. De maneira periférica, algumas respostas evocam a crítica e a participação política como parte do torcer, exprimindo, talvez, reflexo de novas formas de organização do torcer nessa concepção. Há indícios, também, de uma parcela de

⁴² CLUBE ATLÉTICO MINEIRO. Estatuto do Clube Atlético Mineiro.

torcedoras/es específica, compostas por torcedoras/es apenas do futebol de mulheres nos clubes mineiros.

As mídias digitais se apresentam como principal meio para acompanhar os times na atualidade. Apesar do crescente interesse, ainda que paulatino, das mídias tradicionais na categoria, são as mídias alternativas que oferecem uma maior possibilidade de acesso à informação sobre os times mineiros. Notamos, ainda, uma demanda por mais informações, assim como por produtos relacionados à categoria feminina, sugerindo um potencial comercial pouco explorado.

As questões aqui colocadas abrem possibilidades de novos estudos que se aprofundem nas temáticas ou ampliem a amostra, abordando temas como escolaridade, profissão e ocupação das/os torcedoras/es, bem como aprofundamentos a partir das questões sobre gênero, raça e sexualidade.

* * *

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Caroline Soares. **“Boas de bola”**: Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. 151f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). UFSC, Florianópolis, 2013.

ANJOS, Luiza Aguiar dos; DANTAS, Marina de Mattos. O futebol de mulheres em Belo Horizonte. In: FERNANDES, Daniela; COSTA, Thiago Carlos (Orgs.) **Caderno de Memórias**: a história do futebol feminino de Belo Horizonte. Belo Horizonte, 2020.

BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). 213f. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais). FGV, Rio de Janeiro, 2019.

BRASIL, Decreto-lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941. **Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país**. Disponível em: <https://bit.ly/3BVWJuK>. Acesso em: 10 out. 2021.

CASTRO, Luciane. Mulheres no jornalismo esportivo: quem registra aquelas que registram a história do futebol? In: FERNANDES, Daniela; COSTA, Thiago Carlos (Orgs.) **Caderno de Memórias**: a história do futebol feminino de Belo Horizonte. Belo Horizonte, 2020.

CLUBE ATLÉTICO MINEIRO. **Estatuto do Clube Atlético Mineiro**. Registro Civil de Pessoas Jurídicas, 24 ago. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3SmUnul>. Acesso em: 14 out. 2021.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS. **Deliberação nº 7/65**. Baixa instruções às Entidades Desportivas do país sobre a prática de desportos pelas mulheres Brasília: Conselho Nacional de Desportos, 1965.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier**: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. 1998. 247 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) UFRGS, Porto Alegre, 1998.

DANTAS, Marina de Mattos; ANJOS, Luiza Aguiar dos; MENDES, Bárbara Gonçalves. (2021). Torceres: Pensando Diferentes Possibilidades de Pertencimento Clubístico. **Licere**, 24 (1), 2021, p. 477-509.

FIFA. FIFA Women's World Cup 2019™ watched by more than 1 billion. 18 out. 2019. Disponível em: <https://fifa.fans/3dzbxGq>. Acesso em 28 set. 2021.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, 2005, p. 315-328.

FORTES, Rafael; ANJOS, Luiza Aguiar dos. O fechamento do estádio Engenhão em blogues de jornalistas esportivos: futebol, megaeventos e política. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, 2005a.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005b.

JANUÁRIO, Soraya Barreto; LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; LEAL, Daniel. Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros. **Observatorio (OBS*)**, Lisboa, v. 14, n. 4, p. 42-62, 2020.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, 2005.

REDEÇÃO/ESPORTE NEWS MUNDO, Cruzeiro tem a maior torcida de Minas Gerais e a sexta maior do Brasil, aponta pesquisa, **UOL**, Esporte News Mundo, Futebol, Belo Horizonte, 10 maio 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3LADgDk>. Acesso em: 10 out. 2021.

REDEÇÃO/SUPERESPORTES, Pesquisas eleitorais atualizam tamanho das torcidas de América, Atlético e Cruzeiro em BH, **Superesportes**, Futebol

Mineiro, Belo Horizonte, 05 nov. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3DJehf1>. Acesso em: 10 out. 2021.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A várzea e a metrópole**: futebol amador, transformação urbana e política local em Belo Horizonte (1947-1989). 492F. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais). FGV, Rio de Janeiro, 2021.

RIBEIRO, Raphael Rajão. Futebol de mulheres em tempos de proibição: o caso das partidas Vespasiano x Oficina (1968). **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 14, p. 48-69, 2018.

RIOS, Fábio Daniel da Silva; COELHO, Maria Cláudia Pereira. Emoção e Masculinidade no Universo do Futebol no Brasil. **Cad. Pagu**, n. 58, p. 1-35, 2020.

SILVA, Ana Flávia Marques da. **A redação virtual e as rotinas produtivas nos novos arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. 233f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). USP, São Paulo, 2019.

SOUZA, Adriano Lopes de. *et al.* Levantamento e análise do desenvolvimento da produção e do estudo sobre futebol 1980-2016. In: COUTO, Ana Cláudia Porfírio *et al.* (Orgs.). **Políticas públicas de esporte e lazer**: Centro MG da Rede CEDES. Belo Horizonte: Utopika Editorial, 2019.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. **Futebol como projeto profissional de mulheres**: interpretações da busca pela legitimidade. 329f. Tese (Doutorado em Educação Física). UNICAMP, Campinas, 2013.

SOUZA NETO, Georgino. **A invenção do torcer em Belo Horizonte**: Da Assistência ao Pertencimento Clubístico (1904-1930). 130f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer). UFMG, Belo Horizonte, 2010.

VIMIEIRO, Ana Carolina. A produtividade digital dos torcedores de futebol brasileiros: formatos, motivações e abordagens. **Revista Contracampo**, Niterói, v. 31, n. 1, p. 23-59, 2014.

* * *

Recebido em: 15 de outubro de 2021
Aprovado em: 3 de janeiro de 2022

Pequenos times, grandes disputas: conflito, controle e fama em um time de futebol sul-mineiro

Small Teams, Big Disputes: Conflict, Control and Fame in a Southern Minas Gerais Football Team

Bruna Motta dos Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
Doutoranda em Antropologia Cultural, UFRJ
bruna-motta@outlook.com

Marcos Paulo Mello

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG, Brasil
Mestre em Ciências Sociais, UFJF

RESUMO: O presente trabalho buscou abordar o futebol como um fenômeno social e o encarou como parte de um processo social mais amplo. Para este empreendimento, realizamos etnografia com jogadores, dirigentes e torcedores do Catanga Futebol Clube, time de futebol amador de Passa Quatro, região sul-mineira. Foi possível compreender como essa coletividade participava ativamente de dinâmica que envolvia operações de mapeamento, em que esses sujeitos se mantinham sempre atentos às ações e aos acontecimentos, sob os contornos de sociabilidade agonística que reforçava uma conflitividade latente, cujos embates de reputação orientavam aspectos desses personagens em narrativas sociais. Assim, na condição de representantes de uma localidade marginalizada na cidade, o time de futebol se tornou fonte de respeitabilidade e oportunidade de demonstrar o valor daquele lugar – o bairro era ressignificado pelo futebol por meio dos conflitos da torcida.

PALAVRAS-CHAVE: Operações de mapeamento; Produção de famas; Controle; Conflito.

ABSTRACT: The present work sought to approach soccer as a social phenomenon, seeing it as part of a broader social process. For this project, we carried out an ethnography with players, managers and fans of the Catanga Futebol Clube, an amateur soccer team from Passa Quatro, in the southern region of Minas Gerais. It was possible to understand how this collectivity actively participated in a dynamic involving mapping operations, in which these subjects were always attentive to actions and events, under the contours of an agonistic sociability that reinforced a latent conflict, whose reputation clashes guided aspects of these characters in social narratives. Thus, as representatives of a marginalized location in the city, the football team became a source of respectability and an opportunity to demonstrate the value of that place, through which the neighborhood was redefined by football through the conflicts of the fans.

KEYWORDS: Mapping Operations; Fame; Control; Conflict.

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, busquei abordar o futebol como um fenômeno social e encará-lo como parte de um processo social mais amplo, um contínuo acontecer que envolve dinâmica complexa mobilizada por aqueles que com ele se envolvem, seja nos estádios, seja nas ruas, nos bares, nos blocos de carnaval e nas suas atividades cotidianas. Articulado à inúmeras instâncias da vida social, o futebol tem o potencial de revelar um panorama de personagens diversos e, conseqüentemente, os códigos de seus comportamentos.

O objetivo deste artigo é discutir operações de mapeamento social, fama, controle e a forma como esses aspectos são gerenciados por jogadores, torcedores e dirigentes de um time de futebol amador. É a partir do futebol que podemos coletar evidências sobre uma comunidade que também retrata o bairro em que vive. Para este empreendimento, realizamos etnografia que acompanhou essa coletividade do Catanga Futebol Clube e do “bairro do Catanga” durante as duas das principais competições de futebol amador de 2019¹.

A origem do bairro está associada a um episódio trágico, quando, na noite de 22 de dezembro de 1956, a cidade de Passa Quatro/MG² foi acometida por uma tempestade de verão, o que provocou o transbordamento do Rio Mato Dentro que

¹ As duas competições em questão são a Liga Desportiva Caxambuense (LDC) e o Campeonato Municipal de Futebol Amador de Passa Quatro, realizados, respectivamente, pela LDC e pela Secretaria de Esportes de Passa Quatro. A edição de 2019 da LDC ocorreu de 17 de março a 14 de julho daquele ano e foi organizada em três grupos da seguinte forma: os grupos A e o B foram compostos por cinco times, e o grupo C, por apenas quatro, o que configurou um total de quatorze times das cidades da região sul-mineira: Cruzília, Itanhandu, Caxambu, Pouso Alto, Varginha, São Lourenço, Baependi, Madre de Deus, Carmo de Minas, Andrelândia, Soledade de Minas, Conceição do Rio Verde e Passa Quatro. O time do Catanga foi eliminado nas quartas de final pelo time de Soledade de Minas. A segunda competição, o Campeonato Municipal de Futebol Amador de Passa Quatro, ocorreu entre 04 de novembro e o final do respectivo mês. O torneio é o mais prestigiado pelos catanguenses, como me relatou Dário, capitão e dirigente do clube: “[...] é preciso ganhar pelo menos uma vez na vida o municipal”. A edição de 2019 do campeonato municipal foi organizada em duas divisões e contabilizou um total de dez times, cinco em cada divisão; edição esta em que o Catanga se sagrou campeão municipal da 1ª divisão.

² Localizada por expedições bandeirantes paulistas em meados do século XVII, as trilhas da cidade fazem divisa entre os estados de Minas Gerais e São Paulo. Devido ao fato de a estrada, hoje conhecida como Caminho Velho da Estrada Real, cruzar quatro vezes o rio local, tanto a cidade como o referido rio receberam a denominação de Passa Quatro. Segundo o IBGE, sua população é estimada em 16.344 pessoas (IBGE, 2020).

perpassa os bairros Barrinha, Boa Vista, São Francisco e Santa Terezinha.³ A inundação invadiu casas e arrastou tudo o que encontrou pela frente, ocasionou a morte de 32 pessoas e deixou 80 feridos. Uma das ações mais destacadas pelas autoridades públicas foi o projeto de lei que declarava o caráter emergencial para a desapropriação de terrenos no bairro Rio das Pedras e visava construir um conjunto habitacional para os desabrigados.⁴ Pedro Mossri,⁵ na condição de secretário da prefeitura da cidade, produziu uma apostila intitulada “Ligeiras anotações sobre os bairros da cidade de Passa Quatro”. Conforme a sua descrição, a prefeitura indenizou as vítimas segundo os seguintes critérios: aqueles que possuíssem a escritura do lote e uma moradia já construída poderiam cedê-los para a prefeitura em troca de uma moradia na Rua Chicó Melo, no Bairro Rio das Pedras, ou, ainda, aqueles que tivessem somente um terreno, sem nenhuma construção, poderiam receber indenização em troca dos lotes com o poder público municipal. Surgiu assim o Conjunto Habitacional Juscelino Kubitschek, conhecido popularmente como “Casas populares”.

Anos mais tarde, na década de setenta, nas imediações das Casas Populares, nasceu o tradicional Catanga Futebol Clube.⁶ Quando se falava em futebol no bairro

³ Trata-se do bairro rival do Catanga, tanto nos gramados como nos desfiles de carnaval. Curiosamente, os dois bairros destacados pela rivalidade estão vinculados também pela tragédia da tromba d’água de 1956 e pela criação do “bairro do Catanga”. O bairro Santa Terezinha se localizava em um lugar que, no passado, era um vasto pasto. Este, com a expansão do comércio de gado, transformou-se em um enorme curral, passagem obrigatória de manadas vindas da região. Por se tratar de ponto de intensa negociação de gado, o local, que recebia o nome de sua protetora, passou a ser conhecido como “Feira”. Mesmo com o fim dessa atividade pecuária, a Feira continuou com intensa atividade comercial devido a seus armazéns, seu comércio de secos e molhados, seus bares, seus botequins, suas confecções, suas padarias, seus açougues, seus armarinhos, suas quitandas e seus mercados até os dias de hoje. É uma região mais central, ao lado do centro da cidade.

⁴ SALES. A tromba-d’água de 1956 em Passa Quatro/MG, p. 50.

⁵ MOSSRI. Apostila Passa Quatro, p. 10.

⁶ A apostila de Mossri (1995) também menciona a origem do nome do time de futebol. Segundo o texto, “Catanga” é uma referência a um conflito ocorrido na África, na década de 60, desencadeado pela insurgência da província de Katanga na tentativa de separação da República Democrática do Congo. Por inspiração desse acontecimento histórico, o clube de futebol, que surgiu nas imediações das casas populares, recebera esse nome na década de 70. Assim, diz Mossri: “Catanga era, para muitos, palavra que significava violência, briga” (MOSSRI, 1995, p. 34). Nesse contexto, surgiu a “confusão” de associar as Casas Populares ao clube de futebol do Catanga. Apesar da narrativa oficial impressa na apostila de Mossri, entre os torcedores do Catanga Futebol Clube existe outra versão sobre a origem do nome do clube. Segundo essa versão, o nome tem origem na iniciativa de um antigo morador de reunir jogadores que residiam no local para formar um time de futebol masculino. A tarefa se mostrou complicada devido à dificuldade em encontrar homens disponíveis. Assim, formou-se um “catado”, “catando” todos aqueles aptos a entrarem em campo. Posteriormente, anos depois, esse time se tornaria o Catanga.

Rio das Pedras, logo se pensava nesse clube. Catanga denominava não apenas o time de futebol, mas o bloco de carnaval local e o próprio bairro, de modo que, até os dias de hoje, por onde quer que se passe na cidade, o bairro é reconhecido como “bairro do Catanga”. Assim, time de futebol e bairro se mostravam como esferas intensamente vinculadas, o que dificultava traçar uma linha divisória entre um e outro. Era por meio do futebol que esse clube amador ganhava destaque dentro do bairro e, ao mesmo tempo, criava elos de interação com o restante da cidade a partir de laços de pertencimento.

Nesse sentido, o texto que se segue tem como objetivo explorar os efeitos da autoconsciência dos torcedores do Catanga a respeito da reputação que o bairro possui na cidade: o de ser violento e perigoso. Se durante os jogos no estádio municipal o estigma de bairro violento e “marginal” era mobilizado positivamente pelos torcedores no confronto com outros times e bairros da cidade, noutros momentos, jogadores e torcedores do Catanga procuravam limitar ou ressignificar a fama por meio de formas socialmente instituídas de autocontrole. Desse modo, o artigo foi estruturado a partir da noção de operações de mapeamento, de produção de famas e de controle.

O JOGO DE CINTURA E A BEBIDA: A QUESTÃO DO CONTROLE

Catanga é um bairro de periferia, localizado em um dos extremos da cidade, e faz divisa com a zona rural. É notável a associação entre periferia e desordem social no que se refere à ideia de violência. Diversos foram os “avisos” para eu tomar cuidado quando fosse circular no bairro; era preciso “ter contato com algum morador”, “estar atento ao horário” e “não dar bofeira por lá”, afinal “o povo do Catanga é tudo encrenqueiro”. Muitas dessas falas vinham de pessoas que não frequentavam o bairro, mas evocavam narrativas a partir de seus torcedores de futebol, ou seja, de quando estes eram vistos torcendo pelo time do bairro, o que formou um circuito de estigma.

Para compreender melhor essa questão, mobilizo o conceito “operações de mapeamento”,⁷ que evoca a elaboração de “mapas” das relações como prática

⁷ COMERFORD. Como uma família, p. 17.

permanente de produção de referências; isso configura uma prática obrigatória e naturalizada para se situar no cotidiano. Ao abordar as dimensões da vida “na roça” da Zona da Mata de Minas Gerais, o autor observou que os moradores efetuavam um controle informal das ações e dos acontecimentos sobre os demais e demonstravam estar conscientes de que suas atitudes poderiam alimentar narrativas de vizinhos e parentes, que eram os espectadores e, ao mesmo tempo, autores dessas narrativas. Forma-se, assim, uma trama de interpretações e julgamentos sobre qualidades morais dos atores e de suas famílias. Diante dessa dinâmica da sociabilidade agonística, ocorre uma fluência de relações entre cooperação, união, desentendimento e rompimento, o que revela como as circunstâncias podem mudar rapidamente ao ser filtradas por interpretações e julgamentos mútuos dos atos e relatos e, assim, ganhar caráter público ao circular. Tornar público implica diretamente a consolidação de reputação e fama que recaem sobre as famílias, a partir de determinadas condições internas à política de reputações. Estas são, conseqüentemente, condições de respeitabilidade que alimentam e fornecem conteúdo para a prática do mapeamento social.

Um ponto de partida possível para a análise dessa sociabilidade agonística, essa conflitividade permanente, que é de certo a própria matéria do cotidiano dessas localidades, é abordar a sequência de atos e eventos qualificados especificamente, nos termos dos próprios atores, por um vocabulário referido ao conflito, designados por palavras como: confusão, baderna, encrenca, briga, violência, morte.⁸

À vista disso, o autor cita a deflagração de conflitos em situações públicas, por exemplo, na rua, em bares e em jogos de futebol, como aspectos que conformam as relações entre famílias e os limites entre elas. Dessa forma, os conflitos se tornam pertinentes porque estabelecem referências sobre relações entre pessoas e familiares e constituem critérios de avaliação e hierarquização. Nas palavras do autor:

Conflitos são bons para pensar — um pensamento “público”, expresso em narrativas, com efeitos sobre a modulação de fronteiras e relações entre unidades socialmente significativas nas configurações dos córregos da região e que fazem parte do processo cotidiano de mapeamento.⁹

⁸ COMERFORD. Como uma família, p. 67.

⁹ COMERFORD. Como uma família, p. 69.

Em seu trabalho etnográfico sobre as narrativas de pactos demoníacos nas regiões Norte e Noroeste de Minas Gerais, Luzimar Pereira¹⁰ se propõe a compreender as histórias dos pactos e dos pactários como pertencentes a um campo de disputa, no qual diversos atores se enfrentam em torno de reputações. Contados em locais mais restritos, o assunto é “delicado”, envolve acusações, reputações e tabus religiosos e difunde, assim, “[...] um grande estoque de saberes relativos aos contatos com o diabo, colocando em jogo alguns dos conceitos centrais da vida musical, social e religiosa dos devotos e dos violeiros católicos do norte e noroeste mineiro”.¹¹ Segundo o autor, são informações relevantes sobre ações observadas que, ao ser narradas, funcionam como ferramentas sociais e culturas que inferem aspectos positivos ou negativos nas reputações coletivas ou individuais. Os embates por reputação evidenciam uma noção importante, o conceito de fama, que se refere a uma imagem pública a partir de processo passível de iluminar tanto aspectos positivos quanto negativos e organizar diversos personagens nessas narrativas sociais. Como afirmou o autor: “[...] a fama parece revelar uma espécie de consciência nativa de que a imagem pública de um tocador é antes de tudo construída e debatida socialmente num amplo campo de disputas sociais”.¹²

Trazendo uma análise sobre controle, em seu trabalho com os moradores da Terceira Margem, Grazielle Dainese¹³ deu atenção às falas, à sua circulação e o que faz com que determinadas questões circulem como condição e termômetro para se relacionar. Eles têm o potencial tanto de criar vínculos quanto de desestabilizá-los. Desse modo, a autora chama a atenção para um controle no qual seria possível administrar um desentendimento sem causar grandes rupturas, “desentender-se é coisa comum entre os mais chegados, no entanto, é por bem da própria intimidade que, para tais acontecimentos, haja controle”.¹⁴ Esse controle se apresenta de diversas maneiras, como manter o silêncio circunstancial com o objetivo de não agravar o desentendimento; desconversar sobre determinado assunto; comentar

¹⁰ PEREIRA. As vicissitudes da fama.

¹¹ PEREIRA. As vicissitudes da fama, p. 1048.

¹² PEREIRA. As vicissitudes da fama, p. 1072.

¹³ DAINESE. Chegar à Terceira Margem.

¹⁴ DAINESE. Chegar à Terceira Margem, p. 234.

determinadas situações consideradas restritas a determinados ambientes; um constante se preocupar com a fala para não “dar o que falar”.

Muito piores são os atos de violência, recriminados, mas vivenciados por mulheres da localidade que perdem a cabeça e enfrentam sua possível adversária — não com palavras, mas com socos ou puxões de cabelo. As mulheres reconheciam: ao manter a conversa a sós, Nenha tinha —tido controle.¹⁵

Esses momentos de tensão são tratados a partir da ideia de controle justamente para evitar possibilidade de ruptura da vida coletiva, dado que uma desestabilização radical pode ser considerada por qualquer morador como um desentendimento contínuo, o que causa sofrimento para os envolvidos. Dessa forma, segundo Dainese,¹⁶ o conflito é vivido pelos moradores da Terceira Margem pela necessidade de autodisciplina e pelo cuidado em se relacionar.

Contudo, essa maneira de viver não implica uma vida sem conflitos, porque “[...] mais importante do que evitar divisões e distanciamentos é o conhecimento que cada um aciona nessa vivência, de modo a evitar que as tensões se reproduzam continuamente”.¹⁷ A autora faz um paralelo com a política, em que forças como paixões e interesses são acionadas e podem gerar o desentendimento, principalmente porque, vinculada à divisão, a política é feita de partidarismos que arriscam as relações de parentesco e amizade.¹⁸ Ou seja, a política é um contexto social em que essas forças encontram grande potencialidade de intensificação. Nesse sentido, a paixão que se manifesta nas campanhas eleitorais municipais e a paixão que se expressa no dia a dia se assemelham na maneira como influenciam a vida pessoal e coletiva.¹⁹ Portanto, mesmo que os margeenses não sejam controlados o tempo todo, principalmente durante a política, isso não significa que seja um dispositivo esquecido. Pelo contrário, é um dispositivo que busca dar ordem diante de um desordenamento das relações, porque evidência e potencializa um saber viver diante do que se apresenta às suas existências.

¹⁵ DAINESE. Chegar à Terceira Margem, p. 241-242.

¹⁶ DAINESE. Chegar à Terceira Margem, p. 239.

¹⁷ DAINESE. Chegar à Terceira Margem, p. 239.

¹⁸ DAINESE. Chegar à Terceira Margem, p. 240-241.

¹⁹ DAINESE. Chegar à Terceira Margem, p. 245.

No tópico que se segue, pretendo demonstrar o modo pelo qual os próprios catanguenses refletiam sobre a reputação que recaía sobre eles, seu clube de futebol e o seu local de moradia, de modo que essa reflexão acionava estratégias para lidar com tal reputação sem que isso reverberasse fora dos limites do Estádio. Para isso, utilizaram-se de um dispositivo de técnicas corporais, o “drible”, e fizeram com que a violência cedesse lugar para a “brincadeira”, o “tirar sarro” do adversário dentro de campo.

O DRIBLE: O CONFRONTO EM CAMPO

Para Dário, dirigente e jogador do Catanga, os julgamentos a que são submetidos os catanguenses na cidade de Passa Quatro advinham em partes de provocações, as quais ele mesmo realizava em campo, como observei durante a segunda partida semifinal do campeonato municipal, fase da competição que antecedia a grande final. Naquela ocasião, o Catanga venceu com certa tranquilidade o Pinheirinhos por 5 a 0. A vantagem em campo se tornou evidente com o desânimo dos atletas adversários nos minutos finais. Àquela altura da partida, os jogadores do Pinheirinhos já não corriam com o mesmo empenho, enquanto os jogadores catanguenses tocavam a bola sem muita objetividade e esperavam apenas o tempo de a partida passar. Como a vitória já estava garantida, sem a pressão, abriu-se a possibilidade para realizarem jogadas mais arriscadas, como dribles mais ousados. Os dribles podem ser entendidos como “jogadas de efeito”, demonstrações reconhecidas de habilidade com a bola. Isso causava uma reação na torcida, que voltava a gritar ainda mais alto em apoio e excitação. Com o drible, surgiram várias provocações, como pegar a bola, correr para a linha do escanteio e esperar o tempo passar.

No contexto do futebol profissional, Arlei Damo²⁰ destaca que o drible é um dispositivo que envolve o domínio de técnicas corporais e possibilita múltiplas possibilidades na partida. Esse dispositivo, segundo o autor, costuma ser apreciado pela torcida, contanto que seja eficiente. Caso contrário, o drible se torna alvo de protesto, porque pode ocasionar a perda da posse de bola e deixar o time sujeito a

²⁰ DAMO. Senso de Jogo.

um gol do adversário. Dispositivo usado de modo mais restrito, o drible parece sujeito ao compromisso com o resultado da partida. Nesse sentido, ele se opõe ao “passe” mais acionado e reforça o jogo de futebol como um esporte coletivo, reconhecido como o meio mais eficaz de levar a bola para perto do gol adversário.

A dimensão individualizante do drible é reforçada durante o período de formação dos jogadores. Em relação ao futebol praticado no âmbito amador, Enrico Spaggiari²¹ reservou um capítulo para descrever a aprendizagem de jovens jogadores em escolinhas do subúrbio de São Paulo, os quais desejavam se tornar profissionais no futuro. Em meio a treinamentos e conversas entre professores e jovens alunos, o futebol emerge como um esporte que mescla fundamentos que priorizam o coletivo, mas que permitem momentos em que jogadas individuais possam vir a beneficiar a equipe, um “saber usar” que não deve se sobrepor ou prejudicar a organização coletiva do time durante a partida.

Embora seja essencialmente coletivo, o jogo também deve ter seus momentos de expressão individual. Ao mesmo tempo em que exigem a efetivação de uma atuação mais conjunta, os professores reafirmam a importância do drible, para eles atrelado à esperteza e malandragem do jogador brasileiro, também úteis para obter vantagens e superar adversidades na vida cotidiana: “No futebol de hoje tem que ter velocidade, força. Mas ao mesmo tempo tem que ter ousadia, malandragem”, pondera Garrincha. As jogadas individuais, portanto, não são um problema, desde que os fundamentos e objetivos do treino coletivo sejam mantidos.²²

Desse modo, os jogadores se movem entre cobranças para mostrar um diferencial, ser alguém especial no meio de tantos outros com o mesmo objetivo, mas que, ao mesmo tempo, precisam aprender a jogar também em equipe, mediante a sua habilidade, sem comprometer o coletivo. Mesmo diante da possibilidade de constrangimento por parte da torcida presente e até mesmo de retaliação dos jogadores adversários com uma possível falta mais violenta, os jogadores do Catanga tinham certa liberdade para tentar um drible e uma jogada individual.

Considerando que no Catanga não existia treinamento da equipe, os ajustes táticos e técnicos eram feitos em conversas antes e durante a partida. Isso não se

²¹ SPAGGIARI. *Família joga bola*.

²² SPAGGIARI. *Família joga bola*, p. 221.

aplicava somente ao drible, mas à demonstração de habilidade que também passava pelo gol. Assim como o drible, o gol não precisava ser bonito. Existiam situações nas quais o reconhecimento do grande rival passava pela dificuldade do confronto em campo. Quando Miguel fez dois gols contra o São Jorge²³ durante a primeira fase do campeonato municipal, o reconhecimento de tal feito refletiu o tratamento diferente em relação aos demais jogadores naquela ocasião. No caminho de volta para a casa, a parada na sede do clube teve como premiação cervejas para o jogador, que pôde pegar a quantidade desejada sem pagar.

Do mesmo modo que a “rebolada” de Dário e os dribles feitos ao final da partida não eram apreciados e reconhecidos por si mesmos, mas pelo que eles comunicavam, era a partir deles que se tornava possível tirar sarro, ou seja, insultar o status dos seus adversários. Aquele que dribla se torna “habilidoso”, enquanto aquele que é driblado “fica sem graça”.²⁴

O uso do drible como forma de “tirar sarro” do adversário sem, contudo, extrapolar o âmbito do campo revelava não apenas o modo pelo qual os próprios atores refletiam acerca da imagem que o bairro, o time e a torcida tinham em Passa Quatro, mas também as estratégias individualizantes de enfrentamento, em que a violência cedia lugar à “brincadeira”. Esse é o lugar do “drible” na fala de Dário: uma forma paradigmática de confrontar o poder, sem, contudo, colocar em risco seu fundamento, ao modo daquilo que Max Gluckman²⁵ denominou rituais de rebelião:

Mas seja qual for o objetivo ostensivo das cerimônias, a característica mais marcante de sua organização é a maneira como revelam tensões sociais: as mulheres têm que demonstrar licenciosidade e dominância, em contraste com sua subordinação formal aos homens; príncipes devem se comportar com relação ao rei como se ambicionassem o trono; súditos

²³ Atualmente, o principal representante do “bairro da Feira” no futebol é o São Jorge Futebol Clube, mas o bairro já teve diversos outros times ao longo de sua história, como o Juventude, o São Mateus e a própria Feira. Contudo, a denominação do time principal foi substituída (antigamente era “Feira”) por São Jorge, como homenagem ao ex-técnico Jorge, após o seu falecimento. Desse modo, Feira se tornou o nome do time que disputa a 2ª divisão do municipal.

²⁴ “Engana-se quem imagina que os dribles ditos desconcertantes — um termo bastante ilustrativo, por sinal — sejam apreciados em si mesmos. Eles o são porque humilham, subjagam, desconcertam, enfim, porque são parte de uma troca hierarquizante entre o driblador e um driblado, e como tal prenes de significado”. DAMO. Do dom à profissão, p. 167.

²⁵ GLUCKMAN. Rituais de rebelião no sudeste da África, p. 7.

demonstram abertamente seu ressentimento contra a autoridade. Por isso, eu as chamo de rituais de rebelião.²⁶

Nessa perspectiva, com a “vitória” obtida pelo drible, os moradores, torcedores e jogadores do Catanga entraram em confronto com o “centro” da cidade e inverteram o fluxo habitual em direção às “periferias”, mas não colocaram em risco a ordem estabelecida. O movimento é o de ir, mas, também, de voltar, no sentido de que se subvertem as regras por um dado momento, até que todos voltem para casa e para o lugar ao qual pertencem com o apito final.²⁷

Na seção seguinte, busco demonstrar que, apesar dos esforços para minimizar os acontecimentos dentro do estádio, sem que eles irradiassem para o cotidiano, o conflito, inevitavelmente, circula por meio de narrativas diversas.

LUTANDO CONTRA A FAMA FORA DE CAMPO

Mesmo desejando que determinadas atitudes, como essa provocação durante o jogo, não extrapolem os conflitos para fora daquele contexto, existia a consciência por parte dos catanguenses de que era preciso gestar autoimagem que se contrapusesse à fama negativa que recaía sobre eles. Consciente de que existia um “todos” fora do Catanga, que estava “contra nós”, o qual alimentava e fazia circular narrativas e falas sobre o Catanga, Dário argumentava que algumas ações da direção do clube seriam oportunidades para reelaborar a reputação do Catanga e do “Bairro do Catanga”. Como ele mesmo me relatou, há três anos a diretoria do clube fez uma campanha para doação de chocolates durante o período da Páscoa (a diretoria usou parte do caixa do clube). Após o recolhimento dos chocolates, Dário, com outros membros da direção do Catanga, fez a distribuição do que foi arrecadado para as crianças da

²⁶ GLUCKMAN. Rituais de rebelião no sudeste da África, p. 7. Influenciado por algumas indagações feitas por Sir James Frazer em sua obra “O Ramo de Ouro”, sobre “rebelião ritual” do rei sacerdote do bosque de Nemi na Itália, Gluckman se propõe a considerar os mesmos componentes sociais análogos às cerimônias dos Bantos do Sudeste, em Zululândia, Suazilândia e Moçambique. Segundo o autor, durante os rituais de rebelião, distribuições particulares de poder são questionadas sem que se coloque em questão a estrutura do sistema; pelo contrário, acaba resultando na renovação da unidade do sistema em questão, o que forma, assim, um protesto institucionalizado. Ou seja, o ritual de rebelião ocorre dentro de uma ordem social estabelecida que não é colocada em questão.

²⁷ A ideia de inversão proposta pelo drible aproxima o futebol do carnaval, nos termos de DaMatta, em “Carnavais, malandros e heróis”.

cidade. À época, passou de carro por diferentes ruas e bairros, mesmo naqueles dos seus rivais em campo. Como destacou o capitão da equipe, essa campanha não era para reverter a “má fama” da comunidade do Catanga, porém, para eles, existia uma expectativa de que ao menos esse gesto fosse considerado.

Contudo, esse evento da Páscoa “deu o que falar”, porque o número limitado de chocolates fez com que determinados locais não fossem contemplados pela doação. Alguns boatos surgiram e intensificaram ainda mais a rivalidade entre o Catanga e os times das comunidades que se sentiram menosprezadas. Os comentários “incomodaram” porque, para a direção do Catanga, aquilo era um ato de benevolência, pelo qual eles tentavam “fazer o certo”. O caso demonstra que uma tentativa de modificar a reputação da comunidade do Catanga, por meio do gesto “benevolente” da doação, pode ser capturada pela sociabilidade agonística que caracteriza a relação entre times e bairros da cidade. A dádiva que deveria produzir aliados se transforma em veneno que intensifica a guerra.²⁸ O conflito não se restringe ao campo de jogo. A tentativa de “separar” as coisas — aquilo que seria somente do futebol daquilo que o extrapola, ou aquilo que se restringe ao estádio daquilo que acontece no cotidiano — fracassou.

A distribuição dos chocolates no período da Páscoa se aproxima do drible como outra tentativa de lidar com o conflito e supera a violência que lhe é intrínseca. Como o drible, a doação parece implicar outra inversão: o bairro “pobre”, “periférico”, se torna por um momento o doador, aquele que pode dispor de riquezas para “ajudar” os mais necessitados. Assim como no drible, afirma-se que não se pode lutar o tempo todo. Em um conflito que nunca parece ter fim, trata-se de jogar dentro das regras que coagem os mais fracos, mas com “jogo de cintura”.

Quando me refiro ao Bairro do Catanga como lugar “fraco”, não se trata de uma afirmação minha. A imagem perpassa o discurso e a prática de jogadores, torcedores e moradores do bairro, inclusive, sua resignificação. Era por intermédio do time de futebol que enalteciam o seu local de moradia, que era classificado como “favela”. Demonstavam também fazer parte de uma comunidade que se sentia vitoriosa a cada conquista no gramado. Contudo, essa comunidade participava

²⁸ MAUSS. O ensaio sobre a dádiva, p. 15.

ativamente das dinâmicas de classificação, conectadas a preconceitos e estigmas, aspectos positivos e negativos.

Atentos à veiculação entre o seu bairro como local de pobreza e estigma na cidade, jogadores, dirigentes e torcedores passaram a classificar as vitórias sobre os rivais e as conquistas de títulos como o momento de “festa na favela”. Essa expressão de comemoração do Catanga teve origem na canção “Sorte Grande”, de Ivete Sangalo (o refrão “Poeira, poeira, poeira / Levantou poeira”, entoado nas arquibancadas para o time Clube de Regatas Flamengo, se tornou uma marca de incentivo). Em resposta às disputas verbais com torcidas rivais que entoavam gritos de guerra chamando a torcida rubro negra de “mulambos” e “favelados”, a canção foi adaptada para a versão “Festa na Favela”: “Favela, favela, favela / Festa na favela!”. O título da música virou uma expressão de incentivo e da comemoração que estava por vir em caso de vitória dentro de campo. Quando o Catanga ficou a apenas um jogo do título municipal de 2019, o dia da grande final já era referenciado como o dia de “Festa na Favela”. Na concentração, horas antes da partida, e quando a conquista se concretizou, a música foi tocada e cantada diversas vezes, novamente em frente à sede do clube.

A operacionalização de estereótipos sociais durante as interações verbais entre torcidas é comum no futebol, como provocação e autoidentificação. Durante seu trabalho de campo com torcidas organizadas em São Paulo, Toledo (1996)²⁹ descreve um exemplo semelhante:

Os corintianos, por exemplo, eram, com frequência, chamados de maloqueiros, cachorros e favelados por outras torcidas. Invertendo estes atributos, a princípio negativos, impostos pelos outros, passaram a assumir tais adjetivos e a se identificarem ainda mais com essa imagem de time do povo — corintiano, maloqueiro e sofredor graças a deus.³⁰

O futebol se institui, portanto, em possibilidade de conceber uma diversidade de narrativas que vão muito além do jogo “jogado” no estádio; passa por jogadores, torcedores, árbitros, dirigentes, espectadores, moradores de outros bairros da cidade, a partir de dribles, gols e do “tirar sarro”. Com isso, a partir de analogias

²⁹ TOLEDO. Torcidas organizadas de futebol.

³⁰ TOLEDO. Torcidas organizadas de futebol, p. 67.

simbólicas, pelo futebol também se falava sobre vida do Catanga. É a partir do seu time de futebol que podemos coletar evidências sobre uma comunidade que também retrata o bairro em que vive. É o reconhecimento de uma coletividade que participa ativamente de uma dinâmica que envolve operações de mapeamento, na qual esses sujeitos mantêm-se sempre atentos às ações e aos acontecimentos cercados por uma sociabilidade agonística, que reforça uma conflitividade latente por embates de reputação que orientam aspectos desses personagens em narrativas sociais. Nesse sentido, na condição de representantes de uma localidade marginalizada na cidade, o time de futebol se tornou fonte de respeitabilidade e uma oportunidade de demonstrar o valor daquele território, em que o bairro era ressignificado pelo futebol mediante os conflitos da torcida.

Entretanto, como pretendo demonstrar a seguir, Didi, torcedora do Catanga, acabou se colocando na condição de “problema” por exceder determinados limites. Ao contrário do “drible”, aquilo que concretiza um “jogo de cintura” para lidar com as adversidades advindas fama, Didi encarnava a radicalização da luta, o “passar do limite”, na medida em que expressa justamente o desequilíbrio.

A “TORCEDORA PROBLEMA”

Os jogos e os dois campeonatos de futebol que acompanhei (LDC e Campeonato Municipal) marcavam os domingos do Catanga e criavam um cenário de brigas e preocupações, embora não se resumissem a apenas isso. O Campeonato Municipal de Passa Quatro, especificamente, conta com muitos times de bairro que formam comunidades diversas, nas quais as bases eram laços familiares e de vizinhança. As partidas que presenciei revelavam tensões mesmo sem a presença de embates físicos. Em uma ocasião, contudo, testemunhei como a briga entre dois jogadores pôde se tornar um conflito coletivo muito rapidamente. Os episódios mais tensos se tornaram mais frequentes perto do fim da primeira fase da competição municipal. Conforme ela foi avançando, o número de espectadores também se tornou maior. A briga que presenciei, a qual descreverei agora, ocorreu quando o Catanga já estava garantido como primeiro colocado do grupo da primeira divisão, contando, inclusive, com uma vitória bastante comemorada por 3 a 2 sobre o São Jorge. Mesmo

classificado para a fase seguinte do campeonato, o mata-mata,³¹ o clube tinha o último jogo da primeira fase contra o Catania.³²

Conforme Fabinho, Laura, Didi e Paula³³ haviam me dito, aquele jogo “era tudo nosso”, no sentido de que o resultado não importava, mas sim o incentivo aos times (afinal, não haveria antagonismo entre times e torcedores). Desse modo, a expectativa era de um jogo mais tranquilo, em que o resultado não comprometeria a continuidade de nenhuma das duas equipes na busca pelo título municipal; a partida separava amigos, primos e conhecidos. Minhas interlocutoras ressaltaram que não estavam torcendo pela vitória de nenhum dos lados. Naquela partida, diziam que “o coração estava dividido”. Inclusive, é importante destacar que Didi e Laura foram ao estádio pela primeira vez sem a camisa do time do Catanga, ausência de um símbolo importante; isso comunicava que não existia torcida para nenhum dos lados naquele dia. Somente Paula permaneceu com a camisa do Catanga. Na ocasião, a própria Didi me confidenciou: “Se eu tiver que escolher um dos lados, fico do lado do meu filho”.

Laura, como de costume, chegou com suas irmãs e outros torcedores organizados, foi até a arquibancada cumprimentar todos e, ainda antes do início do jogo, deslocou-se para o espaço que adotou para assistir aos jogos e manteve-se distante da arquibancada. Paula e Didi permaneceram ao lado da torcida organizada. A bateria pouco se manifestou no primeiro tempo, até que o Catanga abriu o placar da partida. Didi e Paula comemoraram o gol e participaram das canções de incentivo ao time, da mesma maneira que fizeram nos demais jogos.

O panorama do jogo, contudo, mudou no segundo tempo com uma falta forte no filho de Didi, que estava em campo e vestia a camisa do Catania, o que resultando resultou em sua queda no gramado enquanto segurava uma das pernas. A falta foi

³¹ É um sistema eliminatório que advém do inglês playoff; é uma fase da competição na qual cada partida se torna eliminatória, ou seja, somente os vencedores avançam para a fase seguinte até dois times chegarem à final.

³² Não raro, a disputa pela escalação no time titular do Catanga (a equipe principal masculina que disputa a 1ª divisão do campeonato municipal) gerou rompimentos e resultou no surgimento de outras equipes no bairro. Esse foi o caso do Catania, equipe composta por jogadores de diferentes bairros; a sua maioria era do próprio Catanga, inclusive muitos ex-jogadores da equipe principal. O Catania se configura como uma fissura por causa de um fluxo que não deu conta de abarcar todos os jogadores, o que fortaleceu um modelo de circulação.

³³ Presidente do clube e torcedoras, respectivamente. Todos os nomes utilizados neste trabalho são fictícios.

quase no meio de campo, e o tio, zagueiro do time que estava posicionado perto do gol durante o lance, correu até o jogador adversário que cometeu a falta e o empurrou, o que gerou uma briga generalizada. Meu foco estava nos acontecimentos em campo até olhar novamente para a arquibancada e ver Didi pulando a grade de proteção e entrando no meio da confusão de corpos no gramado.

Tanto o jogador que cometeu a falta quanto o irmão de Didi receberam cartão vermelho e foram expulsos da partida. O filho de Didi tirou a mãe do meio da confusão; segurou em seus ombros e pediu para que ela se retirasse do campo e “parasse de envergonhá-lo”. Quando ela caminhava em direção à saída do campo, seu marido também pulou a grade para acompanhá-la. Ela saiu onde normalmente ficam as torcidas adversárias, do outro lado do estádio, contornou todo o campo e voltou para a arquibancada aos prantos, bastante abalada com a fala do filho. Didi chegou a mim e disse estar bastante envergonhada e com medo de perder o respeito do filho. Então, argumentou que o problema era o excesso de bebida nos dias de jogo. Foi a primeira vez que a vi sem a camisa do Catanga enquanto assistia, sentada, ao restante do jogo. Durante os minutos finais do segundo tempo, Didi pedia desculpas repetidamente (“Me desculpa também Marcos, não quero perder a sua amizade”).

Com o final da partida, Didi se mostrou preocupada com seu irmão. Este havia saído da briga com bastante sangue no rosto por conta de um corte no supercílio e se retirou do estádio direto para o hospital da cidade. Desse modo, Didi me pediu que fosse até lá para ter notícias enquanto ela iria tentar conversar com o filho no caminho de volta para casa. Chegando ao hospital, a recepcionista disse que o jogador já fora atendido e liberado minutos antes da minha chegada e que levara alguns pontos no supercílio. Antes do jogo do próximo domingo, já pelas quartas de final da competição municipal, o secretário de esportes da cidade determinou as punições. Os dois jogadores envolvidos diretamente na briga foram suspensos até o fim da competição, e Didi ficou impedida de frequentar o estádio municipal por um ano. Na partida seguinte, quando se iniciou a segunda fase do campeonato, diversos foram os comentários na arquibancada sobre o ocorrido: “[...] aquela mulher é muito louca”, “[...] bebe demais”, “[...] baniram a torcedora problema”.

* * *

A reputação de “encrenqueiros” para os moradores do bairro se deve, em grande medida, às ações dos torcedores no estádio, quando estão comunicando o seu pertencimento por meio de práticas e elementos simbólicos de grande potencial agonístico. Foi para tentar observar o tema mais de perto que me aproximei de Didi, Paula e Laura, três irmãs moradoras do bairro, torcedoras, assim como mães, esposas, irmãs e tias de jogadores no campo.

O primeiro contato que tive com elas foi durante o jogo de estreia na LDC, em 2019. Naquela ocasião, o Catanga perdeu a partida por 2 a 1. Didi passou todo o segundo tempo ou pendurada ou muito próxima da grade, no exato local em que a árbitra do jogo estava posicionada. Foram diversos palavrões e provocações, visto que a torcedora estava convencida de que o corpo de arbitragem estava prejudicando o Catanga de maneira intencional. Com o final da partida, optei por ser um dos últimos a sair para não perder nenhum detalhe. Ao chegar próximo ao portão, vi o grupo de mulheres que estavam próximas de mim durante todo o jogo tomando cerveja. Uma delas era Didi, a torcedora que havia confrontado a árbitra durante a maior parte do segundo tempo da partida. As mulheres estavam conversando em certa altura, combinando de ir até o vestiário para “pegar” os árbitros; seria um acerto de contas por considerarem o trio de arbitragem os verdadeiros responsáveis pela derrota.

Para me aproximar, comentei sobre o jogo e disse que fora um infortúnio o fato de o resultado não ter sido o desejado. Então, foi aí que elas passaram a interagir comigo e queixaram-se bastante dos árbitros. Argumentaram que o jogo fora “roubado” e que os árbitros mereciam apanhar por conta disso. No primeiro momento, fizeram uma roda próxima ao portão de saída do estádio, onde proferiram falas exaltadas sobre a partida. Conforme o tempo ia passando e os árbitros não saíam pela porta do ginásio onde fica o vestiário, as torcedoras decidiram ir até o local e bloquearam a saída. Por esse motivo, tiveram de ser contidas pela organização porque aquele comportamento poderia ocasionar perda de pontos na competição. A ameaça surtiu efeito em Didi, que passou a monitorar os demais torcedores durante a competição para que o time não fosse prejudicado em termos de pontuação, o que poderia atrapalhar o caminho para o título.

Houve outra situação, em outra partida, em que um torcedor presente na arquibancada arremessou uma latinha de cerveja no campo. No momento em que o árbitro paralisou o jogo para pegar objeto e mostrá-lo para o árbitro de mesa, com o intuito de registrar na súmula da partida o ocorrido, diversos torcedores do Catanga disseram que o ato não teria sido feito por um deles. Diante da frustração da torcida, Didi alertou os demais que tinha reconhecido o autor e incitado um acerto de contas na moradia do suspeito, investida que não se concretizou. A questão da latinha efetivamente gerou um problema, e o Catanga foi penalizado em três pontos na classificação geral da competição. Após a partida, o secretário de esportes resolveu se queixar com alguns jogadores do Catanga sobre o comportamento específico de Didi ao longo do campeonato. No outro domingo, ciente do sermão do secretário, logo no início da partida, Didi adotou postura diferente e caminhou em direção à árbitra que estava no local onde costumava ocorrer as provocações, próximo da linha de escanteio. Então, começou a brincar com as seguintes falas: “Hoje tá tudo bem” (*sic*), “Não quero confusão”.

Outro momento de tensionamento ocorreu pela disputa de espaço na arquibancada, uma ideia de gestão territorial. Embora o Catanga tivesse o seu espaço reservado, não só demarcando o seu pedaço,³⁴ como produzindo fronteiras com outros torcedores, o que implicava assentos garantidos na área coberta, com bancos de cimento que proporcionavam boa visão para o campo e certa proximidade dos árbitros da partida, vê-las sentadas para assistir aos lances se mostrou algo bastante incomum. Didi passava grande parte do jogo pressionando o árbitro que eventualmente estivesse cobrindo aquele lado do campo, e, como na maioria dos jogos, foi escalado o mesmo trio de arbitragem, composto por dois homens e uma mulher, por isso suas falas alternavam entre “urubizinha”, “velho veado”, além de outros xingamentos acompanhados de constantes ameaças de pular a grade de

³⁴ O conceito de “pedaço”, elaborado em MAGNANI. Da periferia ao centro; MAGNANI. Festa no Pedaço, foi desenvolvido a partir de suas pesquisas sobre cultura popular e modalidades de lazer em bairros periféricos na cidade de São Paulo. O conceito contribui para pensar a relação entre o time de futebol e o bairro por relacionar componentes da ordem espacial que correspondem ao simbólico. Ou seja, o território do Catanga bem demarcado e constituído por espaços de passagens e encontros que são definidos pelas atividades do time de futebol, o qual opera como referência de ordenamento a partir dos códigos de pertencimento clubístico que ordena e classifica aqueles que são do pedaço do Catanga.

proteção que separava a arquibancada e o campo para confrontá-los fisicamente. Em momentos mais exaltados, Didi se pendurava na grade e ameaçava pular no campo em direção aos árbitros, sem grandes represálias por parte dos demais presentes. Segundo torcedores do Catanga, esse comportamento também ocorreu nas competições de 2018 e já era algo esperado pelos demais presentes. Presenciei, inclusive, um momento em que Fabinho pediu para Didi ir até o arbitro para pressioná-lo, e ela o fazia à sua maneira. Muitas vezes, voltava dessa pressão sobre os árbitros com o rosto vermelho e bastante ofegante.

Paula, a irmã mais nova, apesar de estar sempre ao lado de Didi na arquibancada durante todos os jogos, gostava de ficar comentando os lances e discutir posicionamentos e táticas, além de também “puxar” canções e acompanhar as movimentações da bateria. Embora não se envolvesse em atritos no estádio da mesma maneira que Didi, não significava que não estava vigilante em relação aos códigos do pedaço do Catanga, e isso se mostrou mais evidente quando ela confrontou um torcedor que torcia para o time adversário na arquibancada, próximo da torcida organizada (o fato de ser alguém conhecido não impediu troca de agressões verbais). Um rapaz, que não vestia a camisa de nenhum clube, estava sentado próximo à torcida do Catanga e reagia de maneira enérgica a cada lance do time adversário que possibilitava uma aproximação do grande objetivo de fazer o gol. Ao perceber essas reações, Paula mostrou sua irritação e gritou em sua direção “Cala boca, seu filho da puta”, “Seu bairro nem time tem!”. Minutos depois, o rapaz comemorou o gol contra o Catanga e balançou o genital em sua direção. Extremamente exaltada com a provocação, Paula chamou o torcedor para a briga: “Você só fala! Vem aqui resolver se for homem”. Nesse momento, Laura, que estava assistindo ao jogo um pouco mais distante da arquibancada, passou na frente da sua irmã e foi até o torcedor colocar o dedo na cara dele enquanto o ameaçava.

Como dito no relato sobre a discussão, Laura não costumava assistir aos jogos na arquibancada durante as duas competições que presenciei; ela se deslocava para outro espaço e assistia aos jogos atrás de um dos gols, rente à grade e cercada de outros familiares e amigos. Embora também demonstrasse descontentamento com as decisões dos árbitros em alguns momentos e contra torcedores que se manifestavam a favor do adversário do Catanga em campo, seu comportamento era

mais contido e tinha os olhos sempre atentos ao seu filho mais velho, que ocupava a posição de lateral, e de seu filho “de consideração”, Miguel, atacante do Catanga. Apesar de estar a certa distância de suas irmãs, as quais estavam juntas da torcida organizada na arquibancada, caso percebesse qualquer início de confusão que envolvesse uma delas, sua postura se modificava; como ela mesma me disse: “Se precisar brigar, eu brigo”. Esse afastamento inicial na hora de assistir ao jogo reflete um incômodo e uma tentativa de evitar confrontos com conhecidos e até mesmo com suas irmãs. Como também observou Kessler³⁵ em sua etnografia sobre futebol de mulheres na capital gaúcha, alguns torcedores mudavam de lugares para evitar possíveis confrontos ou incômodos na tentativa de estabelecer ordem relativa caso alguém “passasse do limite”.³⁶ Esse limite era tensionado em relação aos outros torcedores do Catanga, pertencentes àquele pedaço onde a torcida se posicionava no estádio. Laura considerava se afastar para evitar um conflito, mas isso não ocorria com outros torcedores, visto que estes tencionavam fronteiras, e o conflito ocorria por questão de gestão territorial.

John Comerford³⁷ fala sobre uma forma de sociabilidade marcada por caráter agonístico em diferentes espaços. Ele cita, inclusive, o futebol, no qual existe a possibilidade de provocar e ser provocado a partir de entendimento nativo em que a provocação pode ser jocosa ou séria, com a possibilidade de ser entendida também como falta de respeito, insulto e até mesmo ofensa. Nesse sentido, o autor argumenta que a provocação tem dupla operação de interpretação, tanto daquele que provoca e brinca quanto daquele que é ou se sente provocado.³⁸ Forma-se um conjunto de operações que envolvem não somente aqueles que estão interagindo diretamente, mas também as interpretações do público presente. Assim, essa dimensão agonística compõe as formas de sociabilidade.

Assim, um segmento de ações agonísticas é representado em outros contextos, através de narrativas, que podem estar elas mesmas inseridas em um contexto de provocação. E tais narrativas também podem se tornar parte de ainda outras narrativas, e assim por diante. O desafio, a *provocação*, é, portanto sempre um mecanismo complexo, campo para

³⁵ KESSLER. Torcedor joga na palavra.

³⁶ KESSLER. Torcedor joga na palavra, p. 136.

³⁷ COMERFORD. Como uma família, p. 40.

³⁸ COMERFORD. Como uma família, p. 84-85.

muitas sutilezas. Ao ser observado por um público, esse fluxo de ações e interpretações vai se inserir no fluxo de narrativas da comunidade, passando a estar sujeito a ainda outras interpretações.³⁹

É a partir desse “saber-viver” que podemos falar também de um “saber torcer”, no qual implicações morais entre provocações e respeitabilidade são geridas por esses torcedores em proporções desiguais. Um caso é o da evitação amigável por parte de Laura, que se “isolava” dos demais torcedores no estádio. Outro caso é o da transgressão da boa regra de convivência pelo torcedor que ocupou o espaço da arquibancada entendido como “pedaço do Catanga”, com o agravante de comemorar um gol do time adversário. Essa atitude provocou não apenas uma de suas torcedoras (Paula), como toda a comunidade do Catanga, uma vez que o time é também fonte de narrativas de respeitabilidade para o bairro. Como dito anteriormente, não era somente o bairro, mas a torcida de futebol também tinha a reputação de ser “encrenqueira”. Tal situação formava aquilo que denominei “Comunidade Futebolística do Catanga”,⁴⁰ e essa comunidade era famosa pelas brigas e pelas discussões dentro e fora do estádio.

Esse clima de tensão e apreensão se tornava também um ingrediente para jogos específicos em que o Catanga enfrentava seus maiores rivais em campo, como era o caso do time da Feira. Ouvi diversos relatos de pessoas que não costumavam frequentar o estádio, mas que consideravam assistir ao jogo que classificavam como “tão aguardado”.

É importante ter em mente que, diante dos diferentes critérios sobre o que é considerado provocação ou brincadeira, existe aquilo que Kessler (2020)⁴¹ destaca como lógicas e estratégias sobre o entendimento do papel esperado de cada personagem naquele ambiente do futebol. Os confrontos de Didi para pressionar os árbitros durante todo jogo era algo esperado e até mesmo incitado por membros da torcida do Catanga, algo visto como necessário para que a equipe não fosse

³⁹ COMERFORD. Como uma família, p. 85.

⁴⁰ No caso do Catanga, a fidelidade estabiliza o ato de torcer, ou seja, a maneira como se pensa e organiza a torcida em torno do time, uma vez que estamos falando de comunidade futebolística que também representa o bairro e transcende o jogo dentro do estádio. Os códigos dessa forma de torcer, é importante destacar, não se tratam de uma simples devoção à violência, mas de uma forma de comunicação enfática que traduz concepções de mundo e valores diversos a partir da ambivalência do insulto.

⁴¹ KESSLER. Torcedor joga na palavra, p. 139.

prejudicada a partir de um jogo de intimidação que, em alguns momentos, era preciso ser controlado.

Na verdade, como busquei demonstrar com as narrativas descritas, Paula, Laura e até mesmo Didi não são o "problema". Pelo contrário, podemos dizer que são modelos, protótipos de torcedoras que representam o Catanga justamente porque o vínculo delas com o clube vai além do pertencimento, mas também passa pelo parentesco, pela amizade e pela vizinhança (elas estavam sempre atentas aos seus filhos, irmão e sobrinhos). Contudo, principalmente Didi acabava se colocando na posição de "problema" por exceder certos limites. Assim, ela simbolizava o oposto daquilo que Dário pretendia ser, o modelo paradigmático de lidar com a má fama e a reputação do bairro. Ao contrário do "drible", aquilo que concretiza um "jogo de cintura" para lidar com as adversidades, Didi encarnava a radicalização da luta. Se retornamos para a descrição do jogo em que ela invadiu o campo, a própria Didi sentiu que extrapolou ao pedir desculpas repetidamente para mim e para o seu filho e colocar a bebida justificativa. Assim, a bebida simboliza o "passar do limite" e o contrário do "jogo de cintura", na medida em que expressa justamente o desequilíbrio. Se, a partir da fala de Dário, foi possível compreender que driblar seria uma estratégia inteligente no sentido de achar o caminho para inverter a fama, sem, no entanto, aboli-la completamente, a bebida seria o contraponto por meio do qual a torcedora é levada pelas emoções.

Didi está posicionada nos limites entre a torcedora modelo e a torcedora problema. Nem totalmente uma, nem totalmente outra. Ela parece simbolizar o limite do próprio futebol e expressa conflitos que nunca encontram solução. Por mais que se busque o controle (como o próprio Dário tentou com a distribuição dos chocolates durante a Páscoa), na prática, é diferente, e as coisas saem do controle. Assim, a relação agonística gera problema no campo e, de reputação do bairro, também fora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PRODUZINDO A DIFERENÇA

Por coincidência, o domingo seguinte, em 11 de novembro, dia da grande final, dia de "festa na favela", foi uma reedição do jogo em que ocorreu a briga dentro de

campo semanas antes. Entretanto, dessa vez, o clima foi diferente; Não houve ocorrência de violência física. A organização do evento decidiu aumentar a segurança, contratou dois seguranças e pediu apoio da polícia, que deixou um carro estacionado próximo ao portão de saída. Novamente, o jogo causava um “aperto no peito” e a preocupação maior era de que nenhum jogador saísse machucado.

Para Fabinho, o resultado não importava. A partir de uma fala que priorizava o “bem maior” do bairro, já que ambos os times representavam o bairro do Catanga, ele dizia: “Independente de quem ganhar, é tudo nosso”. No decorrer do jogo, porém, quando o Catanga abriu a vantagem de 1 a 0, em uma fala mais reservada, seu posicionamento mudou: “Catania é o caralho, quem tem que ganhar é o Catanga!”. Essa atitude contrastou uma fala pública com um sentimento privado (algo que também pode ser compreendido como tentativa de controle).

O Catanga ganhou a partida por 4 a 2 e se tornou o campeão municipal de 2019. Mesmo proibida por um ano de frequentar o estádio municipal, a punição não impediu Didi, novamente sem a camisa de nenhum dos dois times, de entrar no gramado durante a premiação para comemorar o título, além de tirar foto com o time e com a medalha de prata dos seus filhos. Seu filho, o mesmo que a retirou do gramado durante a confusão e disse estar envergonhado na ocasião, colocou a medalha de vice-campeão no peito de sua mãe para homenageá-la.

É importante destacar o caráter dissociativo do futebol por meio de um ímpeto agonístico. Novamente dois times do bairro, Catanga e Catania, se enfrentaram pelo título de campeão da cidade e, naquela ocasião, parecia não haver a menor possibilidade de ocorrer alguma briga. Laura, por exemplo, decidiu comparecer novamente ao estádio sem a sua camisa habitual do Catanga, de modo que deixou de lado um símbolo importante para evitar o conflito. No entanto, a despeito das tentativas de mascarar as diferenças, elas emergem outra vez; novamente, o futebol lembrou a todos que não era “tudo nosso”. Com a ocorrência do gol, o conflito se mostrou inerente ao jogo. Mesmo sem os símbolos, no caso a camisa, o futebol produziu a diferença.

Observaram-se diferentes formas de expressar emoções e sociabilidades durante as partidas de futebol nas duas competições que acompanhei no decorrer da dissertação. No caso específico das torcedoras Didi, Paula e Laura, seus

envolvimentos com o time do Catanga também passavam por outro componente estruturante além do pertencimento, pois possuíam também um vínculo de parentesco. Acompanhar as partidas também era entendido como uma atividade familiar. Ao mesmo tempo em que apoiavam o time, estavam sempre vigilantes em relação aos seus filhos e sobrinhos. Quando consideravam que eles precisavam de ajuda, não hesitavam em pressionar e até mesmo confrontar os árbitros da partida e, se necessário, pular dentro de campo para protegê-los, além de vigiar os demais torcedores para que não prejudicassem o time em questão de pontuação. Como ressalta Kessler (2020),⁴² a assistência familiar na prática esportiva ocorria a partir de uma via de mão dupla, fornecia segurança física e emocional e colocava, muitas vezes, o resultado da partida em segundo plano.⁴³ A importância dessa participação foi reconhecida pelo próprio filho de Didi ao colocar a medalha de vice-campeão municipal (Catania) no pescoço da mãe, que dançava emocionada e segurava a taça de campeão municipal do seu time de coração (Catanga), afinal, naquele dia, a conquista também era dela.

* * *

REFERÊNCIAS

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico, 2020**. Disponível em: <https://bit.ly/3Bfon4m>. Acesso em: 20 ago. 2020.

COMERFORD, J. **Como uma família**: sociabilidades, territórios de parentesco e sindicalismo rural. Rio de Janeiro: Relume Dumará – Núcleo de Antropologia da Política/UERJ, 2003.

DAINESE, G. **Chegar à Terceira Margem**: um caso de prosa, paixões e maldade. *Anuário Antropológico/2014*, Brasília, UnB, 2015, v. 40, n. 1, p. 233-255, 2015.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

⁴² KESSLER. Torcedor joga na palavra, p. 142.

⁴³ KESSLER. Torcedor joga na palavra, p. 142.

DAMO, A. **Do dom à profissão**: Uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social), UFRGS, Porto Alegre, 2005.

DAMO, A. S. Futebol e antropologia. In: GIGLIO, S. SETTANIS. PRONI, M. W. (org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editoria Unicamp, 2020.

DAMO, A. S. Senso de Jogo. Universidade de Santa Cruz do Sul, **Esporte e Sociedade**, n. 1, nov. 2005/fev. 2006.

GLUCKMAN, M. **Rituais de rebelião no sudeste da África**. Série Tradução, Brasília, v. 1, n. 3, s. p., 2011.

KESSLER, C. S. “Torcedor joga na palavra”: uma etnografia em jogos de equipes de futebol de mulheres de Porto Alegre/RS. In: KESSLER, C. S.; COSTA, L. M. da; PISANI, M. da S. **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: Editora UFSM, 2020.

MAUSS, M. **O ensaio sobre a dádiva**. Cosac & Naify, 2013.

MAGNANI, J. G. C. Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. **Revista de Antropologia**, v. 35, p. 191-203, 1992.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no Pedaco**: Cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec, UNESP, 2003.

MOSSRI, P. **Apostila Passa Quatro**. 1995.

PEREIRA, L. P. As vicissitudes da fama: os dons divinos e os pactos demoníacos entre os tocadores de viola de dez cordas do norte e noroeste mineiro. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 55, n. 2, 2012.

SALES, J. R. **A tromba-d’água de 1956 em Passa Quatro/MG**: perfil socioeconômico das vítimas fatais. Varginha, 2011.

SPAGGIARI, E. **Família joga bola**: constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2015.

SPAGGIARI, E. Futebol e antropologia, um jogo etnográfico “de categoria”. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. (org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editoria Unicamp, 2020.

TOLEDO, L. H. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Anpocs, 1996.

* * *

Recebido em: 15 de outubro de 2021
Aprovado em: 2 de março de 2022

Negociações de sentido sobre os imperativos da masculinidade hegemônica na NFL: discursos da virilidade no consumo midiático do esporte

Meaning Negotiations on the Imperatives of Hegemonic Masculinity in NFL: Virility Discourses in the Media Consumption of Sport

Eliza Bachega Casadei

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo/SP, Brasil
Doutora em Ciências da Comunicação, PPGCOM-ESPM
elizacasadei@yahoo.com.br

Thalita Storel

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo/SP, Brasil
Mestranda em Comunicação e Práticas do Consumo, PPGCOM-ESPM

RESUMO: Posto que a cobertura midiática do futebol americano é historicamente articulada pelos imperativos da masculinidade hegemônica, o objetivo do artigo é analisar algumas convocações midiáticas para o consumo do esporte alicerçadas em discursos de inclusão de outras performatividades de gênero, a partir do exame dos processos interdiscursivos que legitimam essas produções. Iremos investigar como novos agenciamentos de gênero dialogam com a hipermasculinidade em produções da última década, a partir do cruzamento de discursos circulantes e suas formas próprias de negociação de sentidos. Para análise, escolhemos o comercial para a divulgação do *Super Bowl LII* chamado “*Touchdown Celebrations to Come*” e as representações midiáticas de jogadores que publicamente afirmam que possuem interesses, estilos de vida ou hobbies não vinculados à masculinidade hegemônica no esporte.

PALAVRAS-CHAVE: Consumo Midiático; Futebol Americano; Hipermasculinidade; Interdiscurso.

ABSTRACT: From the assumption that media coverage of American football is historically articulated by imperatives of hegemonic masculinity, the objective of this article is to analyze some media sport consumption convocation based on discourses of other gender performativity's inclusion, from the examination of the interdiscursive processes that legitimize these productions. We will investigate how new gender assemblages dialogue with hypermasculinity in last decade productions, based on the crossing of circulating discourses and their meanings negotiations. For analysis, we selected the Super Bowl LII commercial called “*Touchdown Celebrations to Come*” and media representations of players who publicly claim to have interests, lifestyles, or hobbies not tied to hegemonic masculinity in sport.

KEYWORDS: Media Consumption; Football; Hypermasculinity; Interdiscourse.

INTRODUÇÃO

O futebol americano, para Connell, é um dos lugares sociais em que as masculinidades hegemônicas são legitimadas na cultura. Para a autora, esse esporte é um exemplo de instância social onde há a celebração dos códigos dominantes de gênero, uma vez que “o jogo define diretamente um padrão de desempenho agressivo e dominador como a forma mais admirada de masculinidade que, indiretamente, marginaliza outras pessoas”.¹ São familiares, na instância midiática, as imagens de jogadores fortes, truculentos, brutos e agressivos como ícones da masculinidade bem-sucedida, em demonstrações de hipermasculinidade que são reforçadas nas transmissões dos jogos por jornalistas esportivos e comentaristas. Recentemente, contudo, esse aspecto do esporte tem sido problematizado e é possível observar a ascensão de outras formas de convocação ao consumo midiático do esporte – com propostas mais inclusivas e apelo a outras formas de subjetivação. O objetivo do presente artigo é observar algumas dessas manifestações midiáticas que buscam reposicionar os agenciamentos de gênero na *National Football League* (NFL), a partir da perspectiva dos discursos que são articulados para legitimar essas produções.

Iremos, portanto, analisar as convocações midiáticas para o consumo do futebol americano alicerçadas em discursos de inclusão de outras performatividades de gênero e sexualidade, a partir do exame dos processos interdiscursivos que legitimam essas produções. Por convocações midiáticas ao consumo, entendemos, tal como Prado, as estratégias discursivas a partir das quais os dispositivos midiáticos “buscam capturar a atenção, motivar a fidelidade, a resposta ativa do consumidor em sua força de ouvitor, de seguidor de valores de consumo”.² Em outros termos, diz respeito às discursividades utilizadas pelos veículos de comunicação para requerer aos destinatários pacotes modalizadores de formas de vida. Assim, trata-se de um conceito que abarca as estratégias comunicacionais utilizadas para convidar o consumidor/espectador a ocupar um papel discursivo baseado em um ideal de bem-viver, interpelando à articulação de discursos moralistas sobre os papéis que devem ser ocupados socialmente. Assim, “o enunciador, para se fazer ouvir, trabalha o texto em sua força de

¹ CONNELL. *Teaching the Boys: New Research on Masculinity, and Gender Strategies for Schools*, p. 217.

² PRADO. *Convocação nas revistas e a construção do a mais nos dispositivos midiáticos*, p. 67.

apelo, de interpelação, de narrativa carregada de sentidos ligados ao mundo cotidiano”³ a partir de discursos modalizadores do sujeito. Posto que as instâncias midiáticas relacionadas ao esporte são tanto “reprodutoras quanto geradoras ativas no embate que leva a novas visões de mundo, novas realidades, atravessadas que são pelos discursos circulantes em suas tensões”,⁴ iremos investigar como novos agenciamentos de gênero estão urdidos a imperativos da masculinidade hegemônica em produções da última década, a partir do cruzamento de discursos circulantes e suas formas próprias de negociação de sentidos.

Como material de análise, escolhemos as seguintes produções: o comercial para a divulgação do *Super Bowl LII*, chamado “*Touchdown Celebrations to Come*”;⁵ e as representações midiáticas de jogadores considerados metrossexuais ou que publicamente afirmam que possuem interesses, estilos de vida ou hobbies que contrastam com a masculinidade hegemônica no esporte (especialmente focadas nas formas de visibilidade midiática alcançadas pelos jogadores Tom Brady, Cam Newton e Arian Foster).

Em um primeiro momento, iremos remeter a estudos que mostram como o futebol americano é uma arena generificada e generificadora para, na sequência, analisar produções que estão alicerçadas em outros imperativos de gênero para refletir sobre como elas reengendram o consumo simbólico do esporte. Ao longo da análise, é possível perceber que, mesmo nessas outras configurações, há um tensionamento constante entre performatividades de gênero.

FUTEBOL AMERICANO COMO ARENA GENERIFICADA E GENERIFICADORA

Uma instituição generificada, para Altmann⁶ é um espaço construído por relações de gênero e, enquanto tal, “sua estrutura e valores refletem concepções dominantes de masculinidade e feminilidade”. A partir desse entendimento, o esporte organizado é interpretado “também uma ‘instituição generificadora’, uma instituição que

³ PRADO. Convocação nas revistas e a construção do a mais nos dispositivos midiáticos, p. 67.

⁴ GOMES. Interdiscurso nas produções seriadas televisivas: um exercício demonstrativo, p. 63.

⁵ Em tradução livre “Comemorações de touchdowns que virão”.

⁶ ALTMANN. Marias (e) homens nas quadras: sobre a ocupação do espaço físico e escolar, p. 131.

ajuda a construir a ordem de gênero corrente”. No caso específico do futebol americano, tal entendimento é pertinente, posto que se trata de um dos lugares sociais em que uma hipermasculinidade “forte, violenta e vitoriosa” é legitimada e incentivada como um ideário de masculinidade bem-sucedida.

Gillam⁷ destaca que, não obstante o avanço feminista em muitas áreas sociais, o futebol americano, durante muito tempo, continuou como um reduto de resistência homosocial dominado por uma compreensão estreita da masculinidade que “inclui características como poder, força física, agressão e auto sacrifício, criando uma dimensão guerreira na qual os homens devem não apenas excluir as mulheres, como também provar o seu domínio sobre outros homens” – especialmente negros, pobres e aqueles que não jogam.

Para o autor, isso faz parte de um processo mais amplo presente na sociedade estadunidense desde o século XIX a partir do qual os esportes passaram a ocupar, simbolicamente, um lugar de resistência a uma percebida crise da masculinidade inscrita na entrada massiva de mulheres no mercado de trabalho e na expansão dos movimentos sociais pelos direitos das minorias. Nesse contexto, a expansão do esporte reforçou a ideologia da dominação masculina diante dos desenvolvimentos sociais, de forma que “o envolvimento em esportes masculinos agressivos foi amplamente divulgado por homens e figuras públicas nos Estados Unidos, levando à popularização de esportes como boxe, caça, beisebol e, posteriormente, o futebol americano”.⁸ Ao passo que esportes como o boxe mediavam um imaginário de masculinidade de sobrevivência selvagem, para o autor, o futebol americano combinava regras civilizadas com força física, em uma extensão do esporte como meio de autoexpressão. Inscrito em importantes processos de socialização masculina, a cultura estadunidense incentiva a participação no esporte como uma forma de tornar os garotos “bons meninos”, que “não participam de atividades desviantes, mas sim sucumbem à agressão natural que acompanha a masculinidade no campo de futebol”.⁹ Dessa forma, garotos que não se interessam pelo esporte são privados de certas esferas de socialização masculina e considerados como desviantes.

⁷ GILLAM. *The Culture of Football in the United States: How Hegemonic Masculinity Affects and is Expressed in American Football*, p. 8.

⁸ GILLAM. *The Culture of Football in the United States*, p. 17.

⁹ GILLAM. *The Culture of Football in the United States*, p. 41.

São muitas as esferas a partir das quais são mediados signos que conotam as compreensões de masculinidade através da midiáticação do futebol americano. Dentre os vários roteiros midiáticos que promovem a masculinidade hegemônica de jogadores profissionais, podemos destacar o sacrifício do corpo em prol da glória esportiva como um princípio fundamental. “O futebol americano é considerado o esporte de equipe mais masculino e violento da cultura americana desde o início do século XX” e “a violência no jogo aumentou nos últimos anos, à medida que as técnicas aprimoradas de força e condicionamento e os avanços nutricionais levaram os atletas mais jovens a serem maiores, mais fortes e mais rápidos”.¹⁰ Os jogadores, alçados como ícones de masculinidade com seus corpos jovens, musculosos e potentes, frequentemente aparecem na esfera pública evocando princípios como “*man up*”¹¹ e “*no pain, no gain*”,¹² posicionando seus próprios corpos como armas de guerra atléticas.

Os profissionais midiáticos e jornalistas esportivos tradicionalmente reforçam esse roteiro social, em um ato que, simultaneamente, promove e reitera o capital masculino desses atores midiáticos. O componente do auto sacrifício da masculinidade esportiva está apoiada em uma narrativa que foca na masculinidade guerreira e minimiza problemas graves como lesões e concussões dos jogadores. “Narrativas esportivas de disposição heroica retratadas pela mídia, mesmo em face de lesões debilitantes ou risco de morte, são produzidas como parte de noções ortodoxas de compromisso com o esporte e a vitória”.¹³ Há um sistema simbólico construído em torno do esporte a partir do qual “os atletas mais fortes, rápidos e violentos obtêm sucesso sobre os outros, e o auto sacrifício é homenageado por fãs, treinadores e outros jogadores”.¹⁴ Como exemplo, em 2018 o jogador do *Green Bay Packers*, Aaron Rodgers, lesionou o joelho, mas voltou a campo para comandar a virada do time que estava perdendo por 20 a 6 para o *Chicago Bears*. A repercussão midiática foi uníssona em dizer que estávamos presenciando uma “lenda em construção”. É apenas

¹⁰ ANDERSON; KIAN. Examining Media Contestation of Masculinity and Head Trauma in the National Football League, p. 154.

¹¹ Em tradução livre “Vira homem!”.

¹² Em tradução livre “Sem dor, sem ganho”.

¹³ ANDERSON; KIAN. Examining Media Contestation of Masculinity and Head Trauma in the National Football League, p. 155.

¹⁴ GILLAM. *The Culture of Football in the United States*, p. 9.

recentemente que essa narrativa da violência no esporte foi redimensionada e os problemas físicos enfrentados pelos jogadores ganharam visibilidade na esfera midiática.

Oates e Durham¹⁵ chamam a atenção para o fato de que, no futebol americano, o corpo atlético masculino e suas dimensões são elementos importantes e constantemente enfatizados no status de ícone dos jogadores. Ao analisar as estratégias enunciativas usadas para definir e delimitar os corpos racializados dos convocados do futebol, os autores identificaram três temas centrais na construção discursiva dos corpos dos atletas: a saber, (1) o delineamento do corpo em termos de suas dimensões; (2) a avaliação do desempenho do corpo; e (3) a produtividade do corpo em termos de domínio do esporte. Assim, “ao caracterizar o corpo atlético estritamente em termos de sua relação com o espaço físico, os discursos invocam aspectos da masculinidade hegemônica relacionados ao tamanho, à força e ao uso bem-sucedido da força”,¹⁶ reinscrevendo hierarquias de poder. Para Gillam,¹⁷ o esporte se configura como uma das últimas arenas em que o tamanho e a força física de um homem podem ser usados para afirmar o poder sobre os outros sem repercussões sociais ou legais.

No futebol americano, “a arena esportiva em que a masculinidade hegemônica é personificada pelos atletas permite a autodestruição, onde os homens reconhecem os limites e perigos de suas ações e ainda se conformam em se entregar a ações perigosas”,¹⁸ tanto em relação a si mesmos quanto em relação a outros. “Os atletas costumam mostrar uma forma de moralidade contextual, raciocinando que esses atos são moralmente aceitáveis, contanto que estejam restritos ao domínio dos esportes”, de forma que, se eles forem executados nesse campo de normas regulamentadas “não poderão ser punidos ou criticados pela sociedade. Em vez disso, eles são respeitados”.¹⁹

A narrativa da violência é complementada, ainda, pela narrativa de sucesso financeiro dos atletas – um outro pilar importante da masculinidade hegemônica.

¹⁵ OATES e DURHAM. *The Mismeasure of Masculinity: The Male Body, 'Race' and Power in the Enumerative Discourses of the NFL Draft*.

¹⁶ OATES e DURHAM. *The Mismeasure of Masculinity*, p. 301.

¹⁷ GILLAM. *The Culture of Football in the United States*.

¹⁸ GILLAM. *The Culture of Football in the United States*, p. 19.

¹⁹ GILLAM. *The Culture of Football in the United States*, p. 19.

Alçados ao estatuto de celebridades, os atletas mais fortes e agressivos são recompensados financeiramente com melhores salários e posições nos times – o que também fomenta um imaginário de ascensão social a partir do esporte. A violência, portanto, é mediada como um tipo de esforço necessário para o acúmulo de capital simbólico, social e financeiro, legitimando valores de hipermasculinidade e comportamentos perigosos.

A homofobia é outro elemento problemático em relação à celebração dos valores da hipermasculinidade na NFL. Tal como apontado por um estudo de McNary,²⁰ ainda se trata de um dos ambientes mais discriminatórios comparativamente a outros esportes. De acordo com a pesquisa, “o nível de aceitação de um jogador ativo da NFL que se identifica com a comunidade LGBTQ é mais intolerável na NFL em comparação com outras organizações esportivas importantes, como a NBA, MLB e MLS”.²¹ A partir do mapeamento de como os atletas eram representados pela imprensa, a pesquisa indica que os atletas gays são retratados como sendo mais promíscuos e mentalmente instáveis do que os demais e experimentam um nível mais alto de homofobia em comparação com atletas LGBTQIA+ no basquete, futebol e beisebol.

Sobre esse aspecto, Kimmel²² chama a atenção para o fato de que a virilidade e a heterossexualidade estão em escrutínio constante de outros homens, de forma que a homofobia faz parte de uma homosociabilidade que se preocupa menos com o desejo por outros homens e mais com a possibilidade de ser percebido como gay.

Foi somente em 2021, na intertemporada, que um jogador ativo de um time da NFL foi a público afirmar sua sexualidade gay, no seu quinto ano na liga. Carl Nassib, *defensive end*²³ titular do *Las Vegas Raiders*, usou suas contas em redes sociais para postar um vídeo onde declarava ser gay e defendia que “representatividade e visibilidade são muito importantes [...] e espera que um dia vídeos como esse não sejam mais necessários”. Foi uma atitude simbólica que aconteceu no dia 21 de ju-

²⁰ MCNARY. The Level of Homophobia & Acceptance of Actively Open Gay Football Players in the NFL Compared to Professional Athletes in the NBA, MLB and MLS.

²¹ National Basketball League, liga de basquete; Major League Baseball, liga de beisebol; Major League Soccer, liga de futebol.

²² KIMMEL. Masculinity as Homophobia: Fear, Shame, and Silence in the Construction of Gender identity, p. 214.

²³ Jogador do time de defesa

nho, mês da visibilidade e orgulho LGBTQIA+. Nassib recebeu apoio público de colegas de time e outros jogadores da NFL em postagens nas redes sociais e, posteriormente, declarou que tem recebido apenas “apoio e amor” do time, e que “é um peso que tirou dos ombros”. Dessa forma, na escolha pela data simbólica e nas próprias manifestações midiáticas, Nassib conseguiu articular sua imagem a um dos principais contrapontos da masculinidade hegemônica no esporte, quebrando o padrão que existia desde o começo da liga profissional.

Isso pode ser explicado dado o “grau em que as relações no esporte hiper-masculinizado são influenciadas e governadas pela masculinidade hegemônica”.²⁴ Até 2013, apenas cinco jogadores haviam declarado publicamente que eram homossexuais – e todos o fizeram somente após a aposentadoria do jogo.²⁵ Em 2014, o jogador de futebol americano universitário Michael Sam foi selecionado pelo *St. Louis Rams* no *draft*²⁶ após ter declarado publicamente ser gay,²⁷ mas nunca chegou a jogar oficialmente em um jogo regular da NFL.

McGaughey²⁸ enfatiza que havia, até o começo da década de 2010, uma crença de que jogadores que se declararam abertamente homossexuais em outras modalidades mudavam a dinâmica do vestiário e, portanto, não estavam dispostos a assumir o risco de atrapalhar o desempenho esportivo por conta da inclusão, já que jogadores da NFL criam laços sob a estrutura da masculinidade e heterossexualidade, delimitando que outro tipo de sexualidade não se encaixaria nesse ciclo. Para Mazzie,²⁹ mesmo que isso não reflita os valores de todos os participantes, ainda se trata de uma cultura esportiva que valoriza e encena o desempenho, a virilidade, a agressividade e cria barreiras a elementos ou discursos considerados feminilizados, em um esporte foi construído em torno da celebração da hipermasculinidade.

Em relação ao consumo midiático do esporte, Oates³⁰ chama a atenção para o fato de que o futebol americano demarca partilhas de gênero com fronteiras

²⁴ MCGAUGHEY. *Fourth and Long: Gay Identities and the NFL*, p. 3.

²⁵ MCGAUGHEY. *Fourth and Long*, p. 28.

²⁶ Evento de seleção de jogadores universitários para serem contratados como calouros na liga profissional.

²⁷ MAZZIE. Michael Sam and the NFL Locker Room: How Masculinities Theory Explains the Way We View Gay Athletes, p. 130.

²⁸ MCGAUGHEY. *Fourth and Long*.

²⁹ MAZZIE. Michael Sam and the NFL Locker Room, p. 145.

³⁰ OATES. *The Mismeasure of Masculinity*, p. 20.

explícitas ao colocar os homens no papel de astros jogadores e as mulheres como espectadoras. O jogo fornece, assim, uma simbologia da força masculina e posiciona as mulheres como “consumidoras entusiastas desse novo drama do poder masculino”. A instalação simbólica das mulheres como espectadoras do esporte funciona como uma forma cultural de amenizar as ansiedades masculinas a respeito de certas demandas feministas, posto que, simbolicamente, reconcilia o interesse delas por experiências mais amplas (e a ocupação de espaços que, antes, não eram reservados para mulheres) dentro dos limites de uma cerimônia que, em última instância, promove a celebração do poder masculino. Nesse sentido, o jogo respondeu às demandas pós-feministas a partir da extensão dos prazeres do *fandom* para as mulheres exposto como uma forma de empoderamento, ao mesmo tempo, contudo, que opera a recentralização da masculinidade no imaginário nacional. Nesse sentido, a NFL representa, para o autor, um importante espaço de recuperação e reforço da masculinidade branca hegemônica que, inclusive, é eficiente em encontrar maneiras atraentes de tratamento dessa masculinidade face às mudanças culturais das políticas de gênero. McDowell e Schaffner reforçam essa ideia ao aludir a uma fala do *talk show* esportivo *Put Up Your Dukes*, em que o apresentador dizia “Vamos deixar as mulheres em casa, isso é futebol, e mulheres não jogam futebol. As mulheres assistem futebol, elas apreciam o futebol, nós apreciamos que elas assistam, mas vamos deixar as mulheres em casa e vamos ao que interessa”.³¹

Para Gillam, a NFL, historicamente, mascarou tais questões relacionadas à valorização dos imperativos da hipermasculinidade por meio de narrativas que mediam valores relacionados ao “engajamento cívico através da filantropia e as noções de família, trabalho em equipe e camaradagem”,³² perpetuando um discurso público positivo de que o esporte é inofensivo.

Uma série de produções midiáticas mais recentes, contudo, tem contestado o vínculo entre manifestações agressivas de hipermasculinidade e o futebol americano, propondo outras formas de socialização esportiva. Nesse sentido, Furness destaca a veiculação do documentário *League of Denial*,³³ produzido pela PBS, como um marco

³¹ MCDOWELL e SCHAFFNER. *Football is a Man's Game: Insult and Gendered Discourse in The Gender Bowl*, p. 547.

³² GILLAM. *The Culture of Football in the United States*, p. 44.

³³ Em tradução livre: Liga da Negação.

da discussão pública que problematiza a noção de traumatismo craniano algo que faz “parte do jogo”, contestando o ideal masculino de sacrifício corporal no futebol profissional. O filme, ao criticar “explicitamente o papel da mídia esportiva na construção de uma mitologia e espetáculo do futebol profissional que contribuiu para o contexto cultural no qual a crise de concussão emergiu”,³⁴ contesta a racionalização da lesão e a normalização da violência nos discursos sobre o futebol profissional.

Cleland também aponta que, desde a década de 1990, é possível observar uma mudança de atitude em direção a ações mais inclusivas, tanto entre alguns jogadores e torcedores quanto na imprensa esportiva, principalmente relacionado à contestação de manifestações homofóbicas no esporte, que deixaram de ser bem vistas e amplamente aceitas.³⁵ Adams³⁶ *et alii*, em um estudo sobre como treinadores e jogadores mediavam ideais de masculinidade no esporte organizado em seus discursos, discutem que, embora os treinadores frequentemente utilizassem discursos baseados em narrativas de guerra, gênero e sexualidade para provocar respostas agressivas de melhoria do desempenho atlético, esses discursos teriam influência limitada, destacando a segmentação das identidades esportivas e sociais desses jogadores e um afrouxamento da capacidade tradicional dos esportes em socializar os homens em formas estreitas de masculinidade.

Assim, é possível observar que outras formas de convocação midiática ao consumo do esporte se tornaram mais frequentes na última década. O objetivo do presente artigo é analisar alguns dos discursos que legitimam tais produções recentes, a partir da observação do processo interdiscursivo que as alicerça e as negociações de sentido que são urdidas nas produções midiáticas.

Para isso, como instância teórico-metodológica, iremos partir do entendimento de que o discurso se caracteriza como uma formação que “sustenta emissões variadas (uma ideologia, um enquadramento histórico ou epistemológico, uma posição vinculada a um tipo de cultura etc.) quanto todas as produções, de diversas naturezas, que se alçam a partir da formação de base”.³⁷ Em outros termos, ele descreve um saber sobre

³⁴ FURNESS. Reframing Concussions, Masculinity, and NFL Mythology in *League of Denial*, p. 49.

³⁵ CLELAND. Sexuality, Masculinity and Homophobia in *Association Football: An Empirical Overview of a Changing Cultural Context*.

³⁶ ADAMS *et alii*. *Establishing and Challenging Masculinity: The Influence of Gendered Discourses in Organized Sport*.

³⁷ GOMES. *Interdiscurso nas produções seriadas televisivas: um exercício demonstrativo*, p. 60.

o mundo que sustenta e legitima as enunciações. O discurso, contudo, está articulado no interior de uma estrutura interdiscursiva, de forma que, é necessário relacioná-lo aos outros enunciados sobre os quais ele se apoia. Tal entendimento implica no fato de que o interdiscurso deve ser entendido como o processo de constituição de discursos, ou seja, “em que estes entram em relação com outros tantos discursos, umas vezes de forma explícita, outras e muitas vezes de forma implícita”.³⁸

Nos processos comunicacionais, é possível observar o efeito do interdiscurso no diálogo constante entre o que já foi dito e o que está sendo dito na cultura, em seus embates de sentido. Dessa forma, “trata-se de ver o interdiscurso, como o modo operacional do vasto campo da comunicação, pela via de seus resultados ou produções”.³⁹ Para Gomes, é possível observar o interdiscurso a partir das materialidades que ele gera, dos textos produzidos a partir de um alicerce discursivo, de forma que só é possível apontar os processos interdiscursivos por seus traços ou, em outros termos, pelas materialidades das intertextualidades. Assim, para a análise do discurso, “procuramos os pontos em que um texto, não importando sua natureza, se cruza com outros tantos textos, reverberando e mesclando as noções/discursos de cada época ou formação, desse modo configurando-se em novo produto”.⁴⁰ O interdiscurso permite a observação das mudanças de costumes, saberes e práticas de uma cultura materializadas em produções midiáticas.

Para análise, selecionamos alguns casos recentes que obtiveram grande repercussão midiática e que tematizavam uma relação de oposição aos imperativos da hipermasculinidade na cobertura da NFL. Esses casos receberam atenção midiática porque foram protagonizados por jogadores titulares importantes da liga. No próximo tópico, iremos observar como é feita a negociação de sentidos entre essas ações midiáticas e as masculinidades hegemônicas no esporte a partir de articulações interdiscursivas.

³⁸ GOMES. Interdiscurso nas produções seriadas televisivas: um exercício demonstrativo, p. 61.

³⁹ GOMES. Interdiscurso nas produções seriadas televisivas: um exercício demonstrativo, p. 61.

⁴⁰ GOMES. Interdiscurso nas produções seriadas televisivas: um exercício demonstrativo, p. 62.

NEGOCIAÇÕES COM A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA A PARTIR DA PARÓDIA

Em 2018, a NFL produziu e veiculou um comercial para a divulgação do *Super Bowl LII*, chamado “*Touchdown Celebrations to Come*”.⁴¹ A peça apresenta os dois principais jogadores do *New York Giants* à época, o *quarterback*⁴² Eli Manning e o *wide receiver*⁴³ Odell Beckham Jr., em uma situação de treino em meio a outros jogadores. Em um determinado momento, um olha para o outro e eles fazem um acordo: “Vamos trabalhar naquela coisa?”, sugerindo que eles iriam ensaiar alguma jogada. Nesse momento, contudo, começa a tocar a música “*(I’ve Had) The Time Of My Life*”, de Bill Medley e Jennifer Warnes, popularizada pela cena principal do filme *Dirty Dancing – Ritmo Quente*, lançado em 1987 e estrelado pelo casal heterossexual protagonista Jennifer Gray e Patrick Swayze. Os dois jogadores fazem uma jogada de pontuação, o *touchdown*, e para a comemoração mostram que ensaiaram a famosa coreografia do filme, em uma paródia facilmente reconhecível. Em determinado momento, um assistente técnico se movimenta demonstrando querer interromper a dança, mas Landon Collins, *safety*⁴⁴ do time, o impede e diz para “apenas deixá-los dançar”. Em seguida, a linha defensiva se junta à Eli na coreografia, e no ápice da peça, Odell assume a posição interpretada originalmente por Jennifer e é erguido nos braços do seu *quarterback*.

Martens e Mobley⁴⁵ apresentam os aspectos principais para concepção popular e midiaticamente divulgada de homens gays nos Estados Unidos e entre eles está a associação da identidade homossexual masculina com referenciais históricos de feminilidade, e aqui tomamos a dança como um elemento deste referencial. Com Odell, um jogador heterossexual, representando o papel feminino da personagem Frances Baby, e os outros jogadores encenando coreografias (como movimento também associado ao gênero feminino no senso comum), a produção institucional da NFL inverte o momento de celebração comumente atrelado a atos violentos (gritos

⁴¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KUoD-gPDahw>. Acesso em 10 set. 2021.

⁴² Jogador do time de ataque, responsável por estruturar e iniciar jogadas ofensivas.

⁴³ Em tradução livre, receptor.

⁴⁴ Jogador do time de defesa.

⁴⁵ MARTENS e MOBLEY. Straight Guys Working With Gay Guys: Homophobia and Sport Psychology Service Delivery.

e interações corpóreas brutas entre os jogadores) e quebra a determinação generificada das identidades de masculinidade envolvidas no futebol americano. O comercial, dessa forma, mescla referências culturais distintas, associando um momento chave da expressão da masculinidade hegemônica no esporte (a comemoração do *touchdown*) com referências feminilizadas (a dança sensual).

Diante disso, é possível afirmar que comerciais como esses fomentam a renegociação dos estereótipos de gênero no esporte? Um olhar mais atento às referências interdiscursivas que estruturam a peça publicitária mostra negociações de gênero com a masculinidade hegemônica que são mais amplas.

O primeiro aspecto a ser destacado é o de que, no comercial, todos os códigos da dança são construídos de modo a parecer cômicos, com a associação paródica de uma cena de cinema muito famosa e facilmente reconhecível pelo público. Há, portanto, um olhar específico construído em torno dos jogadores representados na cena: os corpos masculinos não são apresentados no vídeo como objetos de desejo ou sedução, uma vez que a dança em si é construída de forma a parecer cômica para a satisfação de uma suposta audiência masculina heterossexual. Os corpos representados são, portanto, portadores de comicidade e não necessariamente de sensualidade. Os passos de dança dos jogadores não são fluidos e delicados (como no filme), mas sim, brutos, rígidos e pesados. Os movimentos são propositalmente exagerados e a intervenção dos outros jogadores do time colaboram para o efeito cômico geral da peça. A linguagem corporal codificada e sua performance continuam em um território estereotipicamente associado ao masculino e ao senso comum de que homens não sabem dançar muito bem (ou dançam de um jeito particularmente masculino).

O recurso à paródia articula um discurso legitimador importante à produção: embora haja o retrato de ações que não são comumente associadas aos homens, trata-se de uma brincadeira, de uma zombaria. Tal discurso mantém os personagens retratados no terreno da masculinidade hegemônica, sem problematizar os seus fundamentos principais. Os gestos femininos codificados que são performados pelos jogadores (como a simulação de um chicoteio de cabelo ou a cena que mostra os dois dançando de mãos dadas) não são suficientes para questionar a virilidade dos jogadores, posto que a intertextualidade com o filme (e sua memória discursiva) cria o gancho cômico (afinal, todos podem reconhecer o desfecho esperado da cena). Tal

como apontado por Tsai, “o final da dança não tem uma execução perfeita; afinal, trata-se de uma paródia” e, assim, isso “não levanta suspeitas quanto à natureza ho- moerótica que poderia ser atribuída aos dois homens. Também não compromete sua posição dentro da masculinidade hegemônica e sua associação com o atle- tismo”.⁴⁶ A coreografia ensaiada, dessa forma, “permanece presa à linguagem hete- ronormativa do movimento masculino, independentemente da habilidade que esses homens possam ter para executar tecnicamente a coreografia”.⁴⁷

A intertextualidade que estrutura essa produção, portanto, é composta por discursos que, por um lado, afirmam a própria masculinidade como objeto de um discurso humorístico – e, portanto, como passível de problematização a partir da sátira, com estratégias discursivas que se empenham em tensionar – ao menos par- cialmente – alguns dos pilares fundamentais da masculinidade hegemônica (como o pressuposto que diz que homens heterossexuais não podem se comportar de deter- minadas maneiras). Por outro, contudo, também mantém intactas estruturas vincu- ladas à hipermasculinidade do esporte, ao revelar-se como um discurso que não pode ser levado muito a sério, afinal, trata-se de uma piada. Estamos diante de uma produção que convida a rir dos estereótipos hipermasculinos, ao mesmo tempo que mantém vigentes os pressupostos centrais da hipermasculinidade no esporte.

NEGOCIAÇÕES COM A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA A PARTIR DE OUTROS ESTILOS DE VIDA

Para além de suas habilidades em campo, algumas características que frequentemente são associadas à figura do jogador Tom Brady em suas aparições midiáticas são a sua beleza, vaidade e senso de estilo. Em 2012, o seu então colega de time, Wes Welker, fez uma afirmação que ganhou bastante visibilidade midiática ao dizer que “Tom é o me- trossexual mais durão que eu já encontrei”.⁴⁸ A descrição de Tom Brady como metros- sexual é frequente na imprensa esportiva e aparece também continuamente em revis- tas de moda e estilo. Só para citar um exemplo, entre inúmeras aparições midiáticas do jogador com essa temática, a revista *L’Officiel Brasil* fez, em 2019, um editorial com rou-

⁴⁶ TSAI. Magic Mike, Dirty Dancing, and the (Empty) Promise of Heteromascularity, p. 101.

⁴⁷ TSAI. Magic Mike, Dirty Dancing, and the (Empty) Promise of Heteromascularity, p. 101.

⁴⁸ Disponível em: <https://bit.ly/3R5ukH9>. Acesso em: 10 set. 2021.

pas utilizadas pelo jogador, afirmando que “seu estilo é bem eclético, mas marcado sempre pelo bom gosto e o uso de peças mais clássicas. Ele geralmente usa tons mais sóbrios e opta por peças sem estampas”.⁴⁹ A figura midiática de Brady está construída não apenas em torno de suas habilidades no esporte, como também a partir de sua ligação com a moda e com o estilo.

Também em performatividade de gênero e em interdiscurso com o mundo da moda, o *quarterback* Cam Newton, eleito *Most Valuable Player*⁵⁰ em 2015, tem o histórico de provocar reações polêmicas pelas escolhas de composição de vestuário consideradas pela mídia esportiva como fora do padrão determinado pela masculinidade hegemônica. Em setembro de 2019, o pastor Patrick Wooden externou o seu incômodo para jornalistas, dizendo que figuras como Cam Newton estavam sendo produzidas por eles e que isto o deixava envergonhado. Nas palavras do pastor, a atitude de Cam Newton é de “um homem que está parado ali com um lenço, vestido como uma mulher, com 1,80 m de altura, construído como um deus grego, 250 libras, talvez 1 ou 2 por cento de gordura corporal, músculos por toda parte, vestido como uma mulher”.⁵¹ Ele complementa dizendo que os jornalistas são fracos e hipócritas por apoiar o movimento, que o fazem apenas para manter seus empregos. Apesar de eventuais críticas negativas, Newton é constantemente referenciado pela imprensa como um ícone de moda e estilo.

Personalidades midiáticas como as de Brady e Newton são interessantes para análise na medida em que ocupam, na imprensa, um topo discursivo que, historicamente, era habitado por mulheres, o que tensiona os estereótipos comumente associados ao futebol americano. A construção simbólica da masculinidade é rompida pela quebra de expectativa de que o jogador deveria se portar como o esperado para o seu papel pautado na masculinidade no jogo e não deveria investir tempo e dinheiro em produções de moda, e muito menos aparecer em situações de grande alcance midiático dessa forma. Anderson coloca este comportamento como um dos quatro pontos das tendências de inclusão no tema que ele trata como masculinidade inclusiva, como o ponto a adoção de estilos de roupas e postura corporal feminilizadas.⁵²

⁴⁹ Disponível em <https://bit.ly/3ByptZf>. Acesso em: 10 set. 2021.

⁵⁰ Jogador mais valioso.

⁵¹ Disponível em <https://bit.ly/3Lzc6ws>. Acesso em: 10 set. 2021.

⁵² ANDERSON. *Inclusive & Masculinity: The Changing Nature of Masculinities*, p. 7.

Um exame atento em relação à intertextualidade que estrutura tais produções midiáticas, contudo, mostram como a metrossexualidade, assim como no exemplo anterior, se legitima a partir de uma negociação com os imperativos da masculinidade hegemônica. Em outros termos, as reportagens e aparições públicas que colocam Brady e Newton como ícones da metrossexualidade se articulam a partir de discursos vinculados à masculinidade hegemônica.

Para que possamos fazer a análise a partir de exemplos concretos, separamos duas reportagens, entre inúmeras possíveis, que retratam a vida dos dois jogadores. Em fevereiro de 2012, uma reportagem do *HuffPost*, afirmava que Newton “disse ao *HuffPost* que sua paixão pela moda começou na infância, crescendo em uma comunidade da igreja pentecostal com um pai bispo”. A reportagem destaca, também, que “Newton se descreveu como um ‘orgulhoso pai de sete filhos’. Ele tem quatro filhos (...) com a ex-namorada Kia Proctor e é uma figura paterna para Shakira, filha de Proctor de um relacionamento anterior. Ele também tem um filho, Casear, com La Reina Shaw e considera Jaden, fruto de um relacionamento anterior dela, como seu filho”.⁵³ Nas reportagens sobre Tom Brady, é também frequente a mistura de suas atividades profissionais com o ambiente familiar, de forma que o seu casamento com a supermodelo Gisele Bündchen é frequentemente retratado pelas revistas de fofoca e entretenimento. Em reportagem para um portal esportivo sobre os “atletas mais elegantes de todos os tempos” Scott Janovitz destaca que Brady “tem um pouco de ajuda” para isso, já que “ele é casado com a modelo brasileira Gisele Bündchen”.⁵⁴

A intersecção entre os discursos vinculados à moda e aqueles vinculados à vida familiar pode ser lido à luz da interpretação que Schmitz e Haltom apontam sobre a metrossexualidade. Para os autores, a metrossexualidade está conectada ao que eles denominam como discurso das “masculinidades híbridas”, caracterizada pela “incorporação seletiva de elementos identitários tipicamente associados com masculinidades marginalizadas e subordinadas e, algumas vezes, feminilidades, na performance e identidade de homens privilegiados”.⁵⁵ Ao associar os jogadores de futebol com a

⁵³ Disponível em: <https://bit.ly/3Sdd0km>. Acesso em: 14 set. 2022.

⁵⁴ Disponível em <https://bit.ly/3R5ul8z>. Acesso em: 14 set. 2022.

⁵⁵ SCHMITZ e HALTOM. I Wanted to Raise my Hand and Say I'm not a Feminist: College Men's Use of Hybrid Masculinities to Negotiate Attachments to Feminism and Gender Studies, p. 283.

moda, a figura midiática do metrossexual o faz a partir de um viés temático de consumo, posto que articula a figura de um homem heterossexual a um universo de consumo estereotipicamente considerado feminino (com cosméticos, cuidados com a beleza, entre outros). Embora tais atitudes pareçam estar vinculadas a práticas de equidade entre os gêneros, para esses autores, elas apenas “contribuem para uma definição transformada sobre o que significa ser estereotipicamente masculino (e privilegiado)”⁵⁶ – o que parece ser reforçado na construção discursiva de muitas das reportagens que são publicadas sobre esses dois jogadores.

Sobre esse ponto, é interessante lembrar que, para Connel e Messerschmidt, os discursos que legitimam a masculinidade hegemônica são abertos à contestação e, por essa razão, um dos esforços de manutenção do sistema de policiamento dos homens são exercidos por mecanismos de controle discursivos a partir dos quais a masculinidade hegemônica incorpora outras formas de masculinidades. Dessa forma, “o resultado dessa dialética não é um padrão unitário da masculinidade hegemônica, mas um ‘bloco histórico’ envolvendo uma rede de padrões múltiplos, dos quais o hibridismo é a melhor estratégia possível para a hegemonia externa”, ou seja “um processo constante em que ocorrem negociação, tradução e reconfiguração”.⁵⁷ A masculinidade híbrida, sob essa ótica, é uma forma de resposta fruto de desafios às noções hegemônicas que não permanecem (e nem podem permanecer) as mesmas diante do advento de outras formas de vida. Assim, discursos vinculados às masculinidades híbridas escancaram o fato de que a masculinidade hegemônica não é uniforme e possui diversas contradições internas que, não obstante isso, ainda assim garantem sua validade e reprodução.

Isso porque, nessas produções midiáticas, Brady e Newton são legitimados como ícones de moda (e podem se portar dessa forma) porque também ocupam espaços firmemente tradicionais da masculinidade hegemônica: além de jogadores de sucesso no campo, ambos mantêm relacionamentos públicos heterossexuais, possuem filhos e são muito bem-sucedidos financeiramente. Em outros termos, “o fato de que esses homens estejam menos limitados em relação aos modos como eles per-

⁵⁶ SCHMITZ e HALTOM. I Wanted to Raise my Hand and Say I’m not a Feminist, p. 283.

⁵⁷ CONNELL e MESSERCHMIDT. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito, p. 261.

formam o gênero, pode apenas refletir a segurança da sua posição privilegiada institucionalmente na sociedade”.⁵⁸ Assim, muitas reportagens sobre esses jogadores articulam os discursos sobre o suposto rótulo de metrossexuais com outros discursos que os mantêm firmes no terreno da masculinidade hegemônica: assim como no exemplo anterior, a intertextualidade entre esses discursos mantém ativa estruturas vinculadas à hipermasculinidade do esporte.

Não apenas os discursos sobre moda podem ser interpretados sob esse eixo dos discursos vinculados às masculinidades híbridas e suas negociações com as estruturas das masculinidades dominantes. Mesmo discursos sobre alimentação podem ser lidos a partir dessa chave interpretativa. Um exemplo de destaque, dos últimos anos, aconteceu em 2012, quando Arian Foster, um *running back*⁵⁹ dos *Houston Texans*, anunciou via *Twitter* que ele é “oficialmente um vegano agora”.

Brady e Ventresca afirmam que a discussão pública sobre o impacto que sua nova dieta pode ter em seu desempenho em campo “revela crenças profundamente arraigadas sobre masculinidade e (...) as maneiras pelas quais a comida serve na constituição da subjetividade no contexto do futebol profissional no Texas”.⁶⁰ Isso porque “comer carne” é considerada uma característica importante para a construção corporal dos atletas e equiparado a um traço masculino de força e virilidade – como é materializado, por exemplo, no reality show culinário *Tailgate Warriors*, exibido pela *Food Networks*, onde times que representam cidades da NFL competem para determinar quem faz a melhor refeição. Nesse sentido, a fala pública de Foster, sobre sua adesão ao veganismo, pode ser interpretada como um desafio aos discursos da masculinidade hegemônica no esporte.

Não obstante isso, aqui também é possível argumentar que, ao se anunciar vegano publicamente, Foster também articula sua imagem pública a imperativos discursivos da masculinidade híbrida posto que, ao mesmo tempo que contesta publicamente a ligação entre masculinidade e comer carne, também o faz a partir de uma posição de homem privilegiado (usando a fala como uma forma de ganho de capital simbólico).

⁵⁸ WHITMER. *A Progression and a Regression at the Same Time: Hybrid Masculinities and Entrepreneurial Selfhood*, p. 118.

⁵⁹ Jogador do time de ataque, responsável por correr com a bola.

⁶⁰ BRADY e VENTRESCA. “Officially a Vegan Now”: On Meat and Renaissance Masculinity in Pro Football, p. 300.

Em paralelo ao veganismo, a prática de ioga também surgiu na última década como configuração da forma de masculinidade, onde jogadores utilizam o método, historicamente desprovido de elementos violentos e viris, para fortalecimento dos músculos, treinamento da flexibilidade e prevenção de lesões.⁶¹ Jogadores como Vernon Davis, Victor Cruz e o três vezes eleito *Most Valuable Player* Aaron Rodgers, assumiram em entrevistas praticar ioga. Dessa forma, a performatividade e divulgação do treinamento abre espaço para inclusão de uma nova forma de atividade física (menos ligada à violência), mas mantendo os princípios antigos da força e construção corporal masculina, uma vez que os discursos sobre o imperativo da performance são ainda bastante marcados nessas produções.

Assim, é possível observar, em manifestações midiáticas como as descritas aqui, como os discursos sobre outras formas de vivenciar a masculinidade no futebol americano ainda são debitárias de um diálogo e negociação com discursos vinculados às masculinidades hegemônicas. Nas performatividades de gênero midiáticas desses atletas, há uma interdiscursividade entre outras formas de vivência masculina e discursos tradicionalmente arraigados da masculinidade hegemônica. Assim, ao mesmo tempo em que tais aparições públicas reposicionam alguns sentidos sobre a masculinidade hegemônica no esporte, isso se alicerça sob uma estrutura discursiva que ainda toma como vigente certos imperativos da hipermasculinidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A NFL e seus atores midiáticos têm produzido ações constantes, ao longo dos últimos anos, para publicizar a ideia de que certos ideais de hipermasculinidade não são mais hegemônicos no esporte, a partir da valorização de outras formas de vivência masculina. Trata-se de uma tentativa de resposta a demandas sociais por maior inclusão no esporte e desmantelamento de práticas segregadoras de gênero. A observação de alguns casos concretos, contudo, aponta que esses processos envolvem construções interdiscursivas amplas e muitas vezes contraditórias, de forma que as negociações de sentido sobre outras formas de vivência das masculinidades estão em constante diálogo com discursos de hipermasculinidade na midiática do esporte.

⁶¹ POLSGROVE, HAUS e LOCKYER. *Athlete Perspectives on 8-Weeks of Yoga Practice*, p. 3.

Os exemplos trazidos ao longo do artigo tornam evidente o fato de que as produções midiáticas são estruturadas por discursos que dialogam com outros discursos e, com isso, negociam sentidos sobre as formas validadas ou não de performatividade de gênero em espaços generificados como o esporte. Em relação à midiáticação do futebol americano, um palco particularmente relevante das demonstrações de hipermasculinidade legitimadas na cultura, os processos interdiscursivos evidenciam que o processo de validação de outras performatividades de gênero são dependentes de um processo de negociação de sentidos com discursos arraigados sobre como um jogador deve se comportar de forma estereotipicamente viril.

No caso do comercial da NFL *“Touchdown Celebrations to Come”* outras performatividades de gênero são midiaticizadas a partir do recurso à sátira, em uma estrutura discursiva que torna a masculinidade hegemônica objeto de humor ao mesmo tempo que valida os seus pressupostos. Em relação à aparição pública de jogadores que midiaticizam estilos de vida desvinculados de certos imperativos hipermasculinos, é possível observar que há uma articulação interdiscursiva que se empenha em não publicizar apenas os aspectos supostamente desviantes, mas articular essas características a discursos que reposicionam esses jogadores no campo da masculinidade hegemônica, de forma que a sua virilidade permaneça acima de qualquer questionamento.

A polifonia que articula as produções midiáticas, nesse sentido, são materializações relevantes de como as mediações genéricas são consumidas via esporte – e revelam como a iterabilidade dos discursos em diferentes contextos podem servir tanto à redistribuição dos sentidos quanto à manutenção de estruturas discriminatórias.

* * *

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Adi *et alii*. Establishing and Challenging Masculinity: The Influence of Gendered Discourses in Organized Sport. **Journal of Language and Social Psychology**, v. 29, n. 3, 2010.
- ALTMANN, Helena. Marias (e) homens nas quadras: sobre a ocupação do espaço físico e escolar. **Educação e Realidade**, v. 24, n. 2, 1999, p.157-73.
- ANDERSON, Eric; KIAN, Edward. Examining Media Contestation of Masculinity and Head Trauma in the National Football League. **Men and Masculinities**, v. 15, n. 2, 2012, p. 152-173.
- ANDERSON, Eric. **Inclusive & Masculinity: The Changing Nature of Masculinities**. New York: Routledge, 2009.
- BRADY, Jennifer; VENTRESCA, Matthew. “Officially a Vegan Now”: On Meat and Renaissance Masculinity in Pro Football. **Food and Foodways**, v. 22, n. 4, 2014, p. 300-21.
- CLELAND, Jamie. Sexuality, Masculinity and Homophobia in Association Football: An Empirical Overview of a Changing Cultural Context. **International Review of the Sociology of Sport**, v. 53, n. 4, 2018.
- CONNELL, R. W. Teaching the Boys: New Research on Masculinity, and Gender Strategies for Schools. **Teachers College Record**, v. 98, n. 2, 1996, p. 207-35.
- CONNELL, R. W.; MESSERCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, 2013, p. 241-82.
- FURNESS, Zack. Reframing Concussions, Masculinity, and NFL Mythology in League of Denial. **Popular Communication**, v. 14, n. 1, 2016, p. 49-57.
- GILLAM, Hallie. **The Culture of Football in the United States: How Hegemonic Masculinity Affects and is Expressed in American Football**. (Doutorado). Mississippi: University of Mississippi, 2019.
- GOMES, Mayra Rodrigues. Interdiscurso nas produções seriadas televisivas: um exercício demonstrativo. **Matrizes**, v. 15, n. 1, 2021, p. 57-76.
- KIMMEL, M. Masculinity as Homophobia: Fear, Shame, and Silence in the Construction of Gender Identity. In BROD, H.; KAUFMAN, M. (org.). **Theorizing Masculinities**. New York: Sage Books, 1994.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise de discurso**. São Paulo: Parábola, 2015.
- MARTENS, Matthew; MOBLEY, Michael. Straight Guys Working With Gay Guys: Homophobia and Sport Psychology Service Delivery. In ANDERSON, M. (org.). **Sport & Psychology in Practice**. Champaign: Human Kinetics, 2005.
- MAZZIE, Lisa A. Michael Sam and the NFL Locker Room: How Masculinities Theory Explains the Way We View Gay Athletes. **Marquette Sports Law Review**, v. 25, n. 1, 2014, p. 129-162.

MCDOWELL, Jacqueline; SCHAFFNER, Spencer. Football is a Man's Game: In-sult and Gendered Discourse in *The Gender Bowl*. **Discourse & Society**, v. 22, n. 5, 2011, p. 547-564.

MCGAUGHEY, David Lawrence. **Fourth and Long: Gay Identities and the NFL**. 2013. 93 f. (Tese de Doutorado). Whitman College, Walla Walla, 2013.

MACNARY, Brianna. **The Level of Homophobia & Acceptance of Actively Open Gay Football Players in the NFL Compared to Professional Athletes in the NBA, MLB and MLS**. Undergraduate Research Thesis, Ohio State University. Ohio: Ohio State University, 2020.

MOURA, Bruno Melo; SOUZA-LEÃO, André Luiz. Identidade cultural no consumo de fãs brasileiros da National Football League. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 18, n. 3, 2020, p. 595-608.

POLSGROVE, Jay; HAUS, David; LOCKYER, Ryan. Athlete Perspectives on 8-Weeks of Yoga Practice. **Spotlight On Yoga Research**, 2019, p. 1-21.

PRADO, J. L. A. Convocação nas revistas e a construção do a mais nos dispositivos midiáticos. **Matrizes**, v. 3, n. 2, 2010, p. 63-78.

SCHMITZ, Rachel M.; HALTOM, Trenton M. I Wanted to Raise my Hand and Say I'm not a Feminist: College Men's Use of Hybrid Masculinities to Negotiate Attachments to Feminism and Gender Studies. **The Journal of Men's Studies**, v. 25, n. 3, 2017, p. 278-296

OATES, Thomas P.; DURHAM, Meenakshi. The Mismeasure of Masculinity: The Male Body, 'Race' and Power in the Enumerative Discourses of the NFL Draft. **Patterns of Prejudice**, v. 38, n. 3, 2004.

OATES, Thomas P. **Football and Manliness**. Illinois: University of Illinois Press, 2017.

TSAI, Addie. Magic Mike, Dirty Dancing, and the (Empty) Promise of Heteromascularity. **The International Journal of Screendance**, v. 9, n. 1, 2018, p. 98-117.

WHITMER, Jennifer M. A Progression and a Regression at the Same Time: Hybrid Masculinities and Entrepreneurial Selfhood. **The Journal of Men's Studies**, v. 25, n. 2, 2017, p. 115-132.

* * *

Recebido em: 22 de setembro de 2021
Aprovado em: 12 de maio de 2022

O futebol como identidade nacional e social: uma revisão sistemática (2002 a 2021)

Football as National and Social Identity:
A Systematic Review (2002 to 2021)

Bruno Otávio de Lacerda Abrahão

Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, Brasil
Doutor em Educação Física, Universidade Gama Filho
bruno.abrahao@ufba.br

Demetrius Caldas

IFSertão, Floresta/PE, Brasil
Doutorando em Educação, UFBA

RESUMO: Considerando o futebol uma temática consolidada no campo das ciências humanas, o presente estudo teve como objetivo realizar uma revisão sistemática dos estudos que o tematizaram com relação aos seus aspectos identitários, considerando suas identidades nacional e social. A revisão buscou artigos publicados no arco temporal do ano de 2002 a 2021, utilizando quatro indexadores (Doaj, Lilacs, Periódicos Capes e Scielo) e descritores (futebol e identidades). Os resultados reafirmaram a capilaridade do futebol em dialogar com muitas áreas do conhecimento a partir dos 88 trabalhos alcançados. A presença do futebol espetacularizado ou midiático foi hegemônica nas pesquisas, em detrimento de outras versões futebolísticas, como práticas bricoladas e situadas no âmbito do lazer. Identificou-se também um número ainda reduzido de pesquisas no Nordeste brasileiro, quando comparadas com outras regiões do país, sobretudo Sul e Sudeste.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Identidade nacional; Identidade social.

ABSTRACT: Considering football as a consolidated subject of study among the humanistic social science, the current paper aims to contribute to a systematic analysis of the published work centered around the identity aspects of the game, especially those centered around its national and social dimensions. This review paper is based upon the research of a series of other scientific papers published between the years 2002 and 2021, as sorted by four indexers (Doaj, Lilacs, Capes Newspapers and Scielo) and descriptors (football and identity). The outcome reaffirms football's capilarity regarding its dialog with distinct branches of knowledge. The coverage of mainstream football by the examined scientific papers was hegemonic, to the detriment of other versions of the game, such those situated in the scope of leisure. There was also a small number of surveys found from the northeastern side of Brazil, especially when compared to other regions of the country, especially the South and Southeast.

KEYWORDS: Football; National Identity; Social Identity.

INTRODUÇÃO

Os estudos que abordam o futebol nas Ciências Humanas no país vêm crescendo significativamente, permitindo afirmar que já é um campo de estudos consolidado, com diferentes enfoques de pesquisas a respeito do futebol no Brasil. Estes diálogos alcançam muitos campos investigativos como o da Política, da Antropologia, da História, da Sociologia, da Geografia, da Educação, Economia, e outros.

Neste rol de produções, destacamos aquelas em que o futebol tematiza suas relações com a identidade nacional e identidade social. Por identidade nacional compreendemos os estudos de abrangência maior, ou seja, aqueles em que o futebol foi tomado como elemento da identidade cultural brasileira. Os estudos de caráter social simbolizam os representativos de determinados grupos sociais, cidades ou regiões que dialogam, sobretudo na esfera do lazer, com questões inerentes ao universo do futebol. Estes estudos também podem ser percebidos como práticas culturais que se converteram ao longo do tempo em rituais urbanos.

No interior destas produções do futebol nas Ciências Humanas, estes estudos identitários também são descritos como estudos socioculturais do esporte. Neste âmbito, percebemos que um volume considerável de trabalhos tem dedicado à atenção as práticas futebolísticas consideradas de alto rendimento, ou espetacularizadas. Reparamos, utilizando a terminologia empregada por Arlei Damo¹ que os “futebóis” brasileiros, de caráter popular ou situados no âmbito do lazer das populações, não canalizam a mesma energia empregada nos estudos que abordam versões de um futebol midiático, clubístico ou de alta performance.

Este mesmo autor reitera em específico às produções antropológicas sobre futebol da área das ciências humanas: “... A ênfase demasiada na versão espetacularizada do futebol é um dos problemas que a antropologia, comprometida desde sempre com a diversidade, procura corrigir”.² Nesta balança, ainda pesamos a própria tradição das pesquisas sobre futebol, que abarcam mais as regiões Sul e Sudeste brasileiras, detentoras dos clubes e times mais populares. Sua narrativa his-

¹ DAMO. *Do dom à profissão*.

² DAMO. *Futebol e Antropologia*, p. 317.

tórica se construiu a partir destas regiões, em detrimento das demais em um país de dimensões continentais.

Em contrapartida, alguns estudos vêm modificando esta realidade, promovendo visibilidade ao Nordeste brasileiro. Destacamos as contribuições de Coriolano Junior e Fernando Santo,³ Santos,⁴ Rosângela Pimenta,⁵ Cleber Dias,⁶ entre outros. É deste patamar a respeito dos estudos futebolísticos identitários nas ciências humanas (identidade nacional e social) que pensamos a importância de uma revisão sistemática.

Uma revisão sistemática prima por uma investigação focada em questão bem definida de estudo. Desta forma, se destina a responder a uma pergunta específica e utiliza métodos sistemáticos para identificar, selecionar e avaliar criticamente os estudos encontrados. Deve orientar-se pelos seguintes passos: definição da pergunta, busca pela evidência, revisão e seleção dos estudos, análise da qualidade metodológica e apresentação dos resultados.⁷ Nesta revisão, a pergunta que nos norteia é: Como se apresentam os estudos que tematizam as identidades nacional e social do futebol na produção acadêmica brasileira dos últimos anos (2002-2021)?

Optamos por trabalhar com a busca de artigos originais nos seguintes indexadores: DOAJ, SCIELO, LILACS e PERÍODOCOS CAPES. Para a busca dos artigos foram utilizados os descritores Futebol e Identidade. Trabalhamos com os seguintes critérios de inclusão: a presença das palavras *futebol* e *identidade*, no título, palavras-chave ou resumo, publicados a partir de 2002 até 2021, sem especificação quanto ao Qualis Capes, que abordassem a temática no território nacional, publicados em português e disponível na íntegra.

³ JUNIOR; SANTO. Futebol em Salvador: o início de uma história (1899-1920). Abordaram o futebol em Salvador com o objetivo de identificar formas e sentidos de sua chegada à cidade e analisar sua trajetória e construção como prática social, entre 1899 e 1920.

⁴ SANTOS. Classe e cor na formação da cultura do futebol baiano, 1901-1920. Investigou o processo de formação da cultura futebolística em Salvador no período de 1901-1920.

⁵ PIMENTA. Futebol amador na cidade e no sertão: o jogo das regras e a dinâmica figuracional elisiana. Apresentou o futebol de várzea no interior do Ceará na perspectiva do lazer, trazendo o jogo das regras e a dinâmica figuracional em Norbert Elias.

⁶ DIAS. História do esporte no sertão brasileiro: memória, poder e esquecimento. Considerando a historiografia brasileira sobre o futebol, dissertou sobre a ausência de estudos sobre o tema em determinados territórios nacionais.

⁷ SAMPAIO; MANCINE. Systematic Review Studies: A Guide for Careful Synthesis of the Scientific Evidence.

O recorte temporal dos trabalhos a partir do ano de 2002 se justifica pela relevância de um estudo desenvolvido pelo antropólogo Luiz Henrique de Toledo, intitulado *Futebol e Teoria Social: Aspectos da Produção Científica Brasileira (1982-2002)*,⁸ publicado na Revista Brasileira de Informações Bibliográficas em 2001. Neste estudo, percorrendo os caminhos para a compressão dos esportes como reflexão sistemática, o autor destaca os trabalhos de Marcel Mauss e seus interesses no corpo e nas técnicas corporais. Em um esforço interdisciplinar impulsionado pelas ciências sociais, foi a partir das décadas de 1970 e 1980 que a produção acadêmica nacional dedicou mais intensamente sua atenção para os estudos dos fenômenos esportivos. Este contexto expressava-se pelo empenho das Ciências Humanas, em compreender os fenômenos urbanos a luz de um processo de modernização por que passavam as sociedades ocidentais nesta virada de século. Neste panorama do campo esportivo brasileiro, o futebol foi uma predominância para se entender os mecanismos sociais e simbólicos da formação da sociedade brasileira.

Toledo (2001) reconheceu o universo multifacetado do futebol e a importância da continuidade de outras escolhas conceituais e recortes analíticos para o tema. A par disso, nos interessou acessar a continuidade daquele panorama anteriormente estudado, redirecionando nosso olhar para uma questão mais específica, centrada no entendimento de que o futebol nas primeiras duas décadas do Século XXI já é um campo consolidado de estudos sobre as identidades nacional e social.

Em um artigo mais recente,⁹ este mesmo autor influencia outra vez o recorte temporal aqui apresentado e nos direciona para os desafios e importância de uma revisão na seara do futebol, ao mencionar que este exercício, o qual denomina balanços bibliográficos, devem estimular movimentos, “e ao contrário de evocar adensamentos, fluidificam o conhecimento acumulado sobre determinado assunto”.

O sociólogo Pablo Alabarces¹⁰ em outro trabalho a respeito da produção das Ciências Sociais latino-americanas sobre o esporte nos últimos anos anuncia que desde o ano de 2002, têm surgido fortes grupos e redes de investigação, com destaque para o Brasil nos cenários do futebol, reforçando a “audácia teórica” e a “so-

⁸ TOLEDO. *Futebol e Teoria Social: Aspectos da Produção Científica Brasileira (1982-2002)*.

⁹ TOLEDO. *Balanços bibliográficos e ciclos randômicos: o caso dos futebolis na antropologia brasileira*, p. 4.

¹⁰ ALABARCES. *Vinte anos de ciências sociais e esportes, dez anos depois*, p. 25.

lidez empírica” dos nossos pesquisadores. A contribuição de Simoni Guedes¹¹ foi também basilar para os caminhos desta revisão, quando apresentou o cenário da produção acadêmica sobre lazer e esportes na antropologia brasileira, revelado seu crescimento extraordinário, que poderia ser denominado em Antropologia dos esportes, com forte inclinação para o futebol em seus múltiplos sentidos.

As pesquisas a seguir, também foram inspiradoras e consideradas para este recorte: uma delas foi realizada por Abrantes, Silva e Alves,¹² intitulada *Futebol e Lazer: levantamento e análise da produção sobre futebol no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer* e publicada na Revista Brasileira de estudos do Lazer. Neste estudo, investigou-se a produção das teses e dissertações sobre futebol defendidas no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL) da Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG.

A segunda iniciativa foi à realizada por Giglio e Spaggiari,¹³ no estudo *A produção das Ciências Humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990 - 2009)* e publicado pela Revista de História. Mapearam a produção acadêmica brasileira dos últimos vinte anos a partir de teses, dissertações, e trabalhos em revistas acadêmicas que publicaram dossiês sobre futebol ou esportes. Considerando a relevância dos resultados desses empreendimentos, esta revisão concentrou-se na produção dos artigos publicados, diferenciando o arco temporal e propondo-se a especificidade das relações identitárias do futebol brasileiro a partir dos critérios ou fronteiras anteriormente delimitadas.

Apresentamos os resultados obtidos após a execução das diferentes etapas da revisão sistemática. A partir da utilização dos descritores, encontramos um total de 355 artigos. Após a leitura dos títulos, resumos e palavras-chave, bem como aplicação dos critérios de inclusão/exclusão obtivemos o número final de 88 artigos.

¹¹ GUEDES. Esporte, Lazer e Sociabilidade.

¹² ABRANTES; SILVA; ALVES. Futebol e Lazer: levantamento e análise da produção sobre futebol no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer.

¹³ GIGLIO; SPAGGIARI. A produção das Ciências Humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009).

TABELA 1. PROCESSO DE BUSCA E SELEÇÃO DOS ARTIGOS

Descritores								
			Futebol AND Identidade				Total:	
			S/C*	C/C			S/C	C/C
Indexa- dores	DOAJ		71	33			355	88
	SCIELO		48	17				
	LILACS		70	29				
	CAPES		166	9				
	Total:						Nº final de artigos: 88	

*. Sem aplicar os critérios de inclusão. **. Aplicando os critérios de inclusão. Fonte: próprios autores

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Do volume de artigos que permaneceram após a aplicação dos critérios de inclusão, a próxima etapa consistiu em organizar o quantitativo de estudos caracterizados enquanto pesquisas de identidade nacional e social. Deste exercício, apresentamos os seguintes dados:

TABELA 2. ESTUDOS DE IDENTIDADE NACIONAL E SOCIAL

Estudos de Identidade Nacional e Social								
			Identidade				Total:	
			I/N*	I/S*			I/N	I/S
Indexa- dores	DOAJ		21	11			42	46
	SCIELO		8	9				
	LILACS		10	19				
	CAPES		4	6				
	Total:						Nº final de artigos: 88	

* Identidade Nacional. ** Identidade Social.

Fonte: próprios autores

Estas informações revelam que a produção acadêmica brasileira quanto a artigos que retratam o futebol em seus aspectos identitários nacional e social, está de certa forma equiparada, com apenas quatro produções a mais para os estudos

de identidade social, com ênfase em uma quantidade maior de artigos nos indexadores DOAJ e LILACS. Refletem o crescimento que a área das ciências humanas e suas interlocuções vêm investindo nas dimensões identitárias do futebol. Estes campos ou áreas são abrangentes e nos permitem aferir a capilaridade do futebol em acionar diferentes estudos socioculturais. A tabela a seguir, nos fornece um panorama das áreas organizadas a partir das revistas dos artigos em ordem alfabética.

TABELA 3. ÁREAS DE ESTUDOS DAS REVISTAS

Áreas	Número de artigos
Administração	3
Ciências Sociais (Antropologia, Ciência política, Sociologia)	9
Ciências Biológicas e Saúde	7
Comunicação	2
Diversidade Cultural	35
Educação Física	2
Educação Física, Esporte e Lazer	4
Esporte, Lazer e Turismo	1
Estudos Fenomenológicos	1
Geografia	8
História	2
História das Ciências Sociais e Saúde	4
Lazer	1
Linguística e literatura	1
Motricidade Humana	4
Psicologia	1
Psicanálise	1
Serviço Social	1
Teoria Política e Cultural	
	Total 88 artigos
Fonte: próprios autores	

Nos chama atenção, a princípio, o lastro de áreas de produção de conhecimento que vem dedicando atenção às produções futebolísticas, em um total de dezoito áreas. Esta amplitude evidencia que a produção acadêmica brasileira em torno do futebol não é mais escassa, nem insuficiente, como se percebia na década de 1980 no âmbito antropológico, por exemplo. É um campo inclusive que possui notável responsabilidade pela expansão desses estudos. Spaggiari¹⁴ analisa que

¹⁴ SPAGGIARI. Futebol e antropologia, um jogo etnográfico “de categoria”.

nas décadas de 1990 a 2000, muitos pesquisadores brasileiros buscaram diálogos constantes com o que era produzido dentro e fora do Brasil.

Tal movimento contribuiu sobremaneira para o crescimento dos estudos em tela por esta revisão. A área de Educação Física concentra a maior parte destes trabalhos, com um total de 35 (trinta e cinco) artigos, seguido pela área das ciências sociais, com ênfase na antropologia, ciência política e sociologia, com um volume de 09(nove) artigos. Em seguida destaca-se a área de história, comunicação, esporte lazer e turismo e a área específica do lazer. Uma vez que já se pontuou a importância das ciências sociais (antropologia, ciência política e sociologia) nestes dados e o esporte, lazer e turismo estarem mais alinhados ao campo da educação física, e de certa maneira justificando esses números, a história e a comunicação merecem atenção.

No campo da história, Santos¹⁵ reforça a existência de uma vasta produção acadêmica e literária, com muitos pesquisadores em história do futebol. “Pra ter uma ideia, um levantamento realizado no portal Capes, em dezembro de 2019, com a palavra “futebol” apenas para a área de história, resultou em 120 dissertações de mestrados e 43 teses de doutorado”.¹⁶ Ainda salienta a contribuição de outras iniciativas como revistas de história do esporte, anais de simpósios da área e *blogs*.

No âmbito da comunicação, Gastaldo¹⁷ relembra as relações histórias entre a área e os esportes, datadas em meados do século XX, com a radiodifusão e as primeiras transmissões esportivas. Pontua inclusive, que a convergência entre futebol e mídia é fundamental para o entendimento dos processos contemporâneos de midiaticização do futebol. Não obstante, a produção acadêmica da comunicação, ainda dedica pouca atenção ao tema, aferida pelo número reduzido de grupos de pesquisa e escassos grupos de trabalho nos eventos da área.

Em específico as regiões das revistas alcançadas,¹⁸ o Sudeste concentra o maior quantitativo, a partir dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Ge-

¹⁵ SANTOS. Futebol e História.

¹⁶ SANTOS. Futebol e História, p. 143.

¹⁷ GASTALDO. Futebol e estudos de comunicação no Brasil: caminhos e encruzilhadas de um campo interdisciplinar.

¹⁸ Segue o quantitativo de revistas por estado e as estrangeiras: São Paulo (36), Rio de Janeiro (6), Minas Gerais (5), Rio Grande do Sul (18), Santa Catarina (9), Paraná (4); Brasília (1) Goiás (2), Mato Grosso do Sul (1); Bahia (1), Sergipe (1), Pará (1), Portugal (1), Colômbia (1) e Argentina (1).

rais. Em seguida a região Sul com Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná; o Centro-oeste é representado por Brasília, Goiás e Mato Grosso do Sul; a Bahia e Sergipe demarcam o Nordeste e o Pará representou o Norte do país. Foram incluídas também três revistas estrangeiras: uma de Portugal, Colômbia e Argentina.

Diante disto, observemos a distribuição dessas produções nos anos 2000, compreendida como um período profícuo, uma vez que já se observava um “processo gradual de aumento de teses e dissertações, as pesquisas, outrora contingentes, tornaram-se mais sistemáticas”.¹⁹ Os dados evidenciam estes números, com o ano e suas respectivas produções:

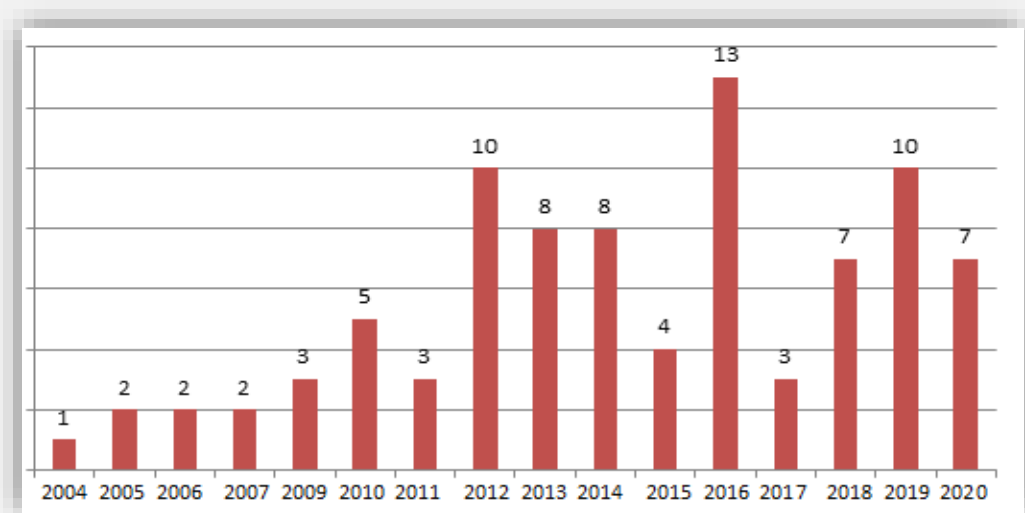


Gráfico 1: Distribuição de artigos por ano.

Ressaltando que não foram encontrados estudos referentes aos anos 2002, 2003, 2008 e 2021. Ampliando a leitura das produções, passamos a identificar os temas desenvolvidos nestas pesquisas. Inicialmente os relacionados à Identidade Nacional e em seguida os de Identidade Social.

¹⁹ SPAGGIARI. Futebol e antropologia, um jogo etnográfico “de categoria”, p. 342.

TABELA 4. TEMAS DE IDENTIDADE NACIONAL

Temas	Número de artigos
Eventos esportivos	9
Literatura e Cultura brasileira	7
Mídia e Imprensa	7
Questão Racial	6
Política	4
História do Futebol	3
Futebol Profissional	2
Lazer	1
Memória	1
Biografia	1
Estado da Arte/Revisão	1
Fonte: próprios autores	Total 42 artigos

Dentre os 11 temas encontrados, se destacam quantitativamente: Eventos Esportivos, Literatura e Cultura Brasileira, Mídia e Imprensa e a Questão Racial. Os temas, Política e História do Futebol vêm em seguida com quatro e três produções respectivamente.

Quase todos os Eventos Esportivos estudados corresponderam as Copas do Mundo, apenas um estudo entre estes, centrou-se também nos Jogos Olímpicos. Os megaeventos esportivos predominam como terreno fértil para investigações, por representarem um momento ritualístico de construção da identidade nacional; tais eventos alimentam ainda a suposta crença popular de seus efeitos benéficos para o país anfitrião.²⁰ Estas produções são mais bem entendidas quando pensadas enquanto eventos rituais, no qual os valores de uma cultura estão sendo alterados. Segundo Curi,²¹ o evento se torna megaevento “quando provoca a atenção internacional da mídia, de populações e instituições [...] Não estamos falando apenas de capital econômico, mais muito mais do poder simbólico que é predominante em eventos”.

A Literatura e Cultura Brasileira foram bem representadas nos resultados. Todavia, Morgado²² relembra que nem sempre foi assim. O futebol, por muito tem-

²⁰ CURI. Quando começa e termina o evento Copa de Mundo 2014?

²¹ CURI. Quando começa e termina o evento Copa de Mundo 2014?, p. 396.

²² MORGADO. Um bate-bola entre futebol e história da literatura brasileira.

po foi alvo de preconceito e indiferença por parte da intelectualidade brasileira. E mais uma vez, o impulso das ciências humanas e sociais foi decisivo. Desde a publicação seminal de *Gol de Letra: o futebol na literatura brasileira*, de Milton Pedrosa em 1967, que representa um marco para as relações entre literatura e futebol na cultura brasileira, muitos avanços foram empreendidos. No entanto, como afirma Cornelsen,²³ desafios ainda estão presentes como exemplo, uma compreensão mais apurada dessa relação do início do século XX aos dias atuais.

O tema Mídia e Imprensa ganha outra vez espaço nos dados encontrados, uma vez que esta área também denominada aqui de comunicação, ainda reserva resistências quanto à produção científica destinada ao esporte ou ao futebol. Marques²⁴ reforça esta leitura, apontando que é ainda rara a interlocução entre o esporte e a comunicação no próprio currículo do curso, mas sinaliza alterações no cenário a partir do fim do século XX, impulsionadas pelas conquistas do futebol após a redemocratização do país e o ativismo dos pesquisadores do esporte na década de 1980. Mais estímulos vieram com as conquistas de o Brasil sagrar-se campeão mundial em 1994 e 2002.

As questões raciais reafirmaram seu lugar nos interesses de pesquisa. Como observa Tonini²⁵ às aproximações entre futebol e relações raciais “figura como uma das temáticas mais consolidadas desde que as ciências humanas no Brasil tomaram tal esporte como objeto de estudo nos fins da década de 1970”. Toledo²⁶ já apontava a discriminação racial como um dos níveis, temas e dimensões das sociedades contemporâneas, reunidos em torno do futebol. Os principais debates tiveram como inspiração o racismo revelado pelas lentes do futebol em suas construções identitárias.

Apresentamos a seguir, as temáticas que se dedicaram aos estudos de identidade social.

²³ CORNELSEN. Futebol e Literatura no Brasil.

²⁴ MARQUES. Esportes e os meios de comunicação no Brasil: vícios e virtudes de um matrimônio secular.

²⁵ TONINI. “Essa é uma realidade”: os racismos vividos e narrados por negros em várias áreas e atuação no futebol brasileiro, p. 740.

²⁶ TOLEDO. Futebol e Teoria Social: Aspectos da Produção Científica Brasileira (1982-2002).

TABELA 5. TEMAS DE IDENTIDADE SOCIAL

Temas	Número de artigos
Mulheres	9
Gênero	7
Clubes de Futebol	6
Torcidas	6
Regionalismos	4
Estádios de Futebol	3
Lazer	3
Futebol Profissional	2
Imigração	1
Questão Racial	1
Mídia e Imprensa	1
Diferença (Nanismo)	1
Comunidades quilombolas	1
Jogo/Antijogo	1
Fonte: próprios autores	Total 46 artigos

Nesta seção, os temas mais robustos foram Mulheres, Gênero, Clubes de futebol e Torcidas. Os Regionalismos e Estádios de Futebol são representados em menor proporção, seguidos dos temas Lazer, Futebol Profissional e os demais.

Em um universo heteronormativo como o do futebol, outras vertentes situadas historicamente à margem, ganharam certa visibilidade: o tema Mulheres demarca seu espaço com nove trabalhos. Não obstante, como afirmam Kessler e Goellner,²⁷ no Brasil, este futebol ainda se encontra na periferia das discussões e da própria estruturação do esporte. Stahlberg²⁸ se alinha a análise, ao reconhecer que mesmo diante do número considerável de estudos, a condição da mulher ainda é minimizada e deixada em segundo plano. Como exemplos desta aridez no universo futebolístico, cita o número pequeno de sociólogas e antropólogas nas ciências sociais que lidam com o tema, ou o pouco espaço que a imprensa reserva a este público.

²⁷ KESSLER; GOELLNER. O Brasil é hexa: a trajetória esportiva de Marta.

²⁸ STAHLBERG. Jogando em vários campos: torcedoras, futebol e gênero.

Inerente às discussões da temática Mulheres, os trabalhos de Gênero²⁹ representaram um “recorte de expressões corporais e discursivas que têm se servido do futebol para criar outras formas de jogo, reivindicações de identidades ou mesmo práticas de empoderamento”.³⁰ Nesta esteira, pesquisas sobre o futebol de mulheres, futebol de pessoas trans, futebol gay e outras denominações evidenciam os “múltiplos futebóis” em uma crítica ao futebol espetacularizado, mercadológico, heteronormativo e misógino.³¹

Os Clubes de Futebol mostraram sua força com seis trabalhos. Negreiros³² atesta esse movimento de interesse por esses espaços em fins dos anos de 1980 e início da década seguinte. Desde então, os clubes esportivos deixaram de ser apenas o espaço destinado a uma modalidade esportiva, para abarcar as lógicas de um espaço urbano, que evocam muitos aspectos da organização de uma sociedade.

As Torcidas é o quarto tema, os seis trabalhos refletiram que desde seu surgimento no Brasil enquanto torcidas organizadas na década de 1940, a partir do Rio de Janeiro e São Paulo,³³ os interesses por estes aficionados em futebol se multiplicaram. É importante reafirmar que as torcidas são decorrentes das transformações do futebol no Brasil e sua recente modernização. Neste processo histórico, possibilitaram a recriação de novas redes de sociabilidades, com a incorporação de novos padrões éticos e estéticos.³⁴

Os Regionalismos e Estádios de Futebol vêm em seguida, com quatro e três estudos respectivamente. Os Regionalismos representaram práticas e imaginários de determinados grupos específicos, de regiões específicas, cuja intenção foi enunciar que também, como afirma Cleber Dias,³⁵ são representações válidas para toda a nação.

As pesquisas sobre estádios dialogaram com os estudos do campo da geografia do esporte, que compreende estes equipamentos como microrrepresenta-

²⁹ Optamos por denominar as temáticas Gênero e Mulheres separadas; mesmo reconhecendo suas similaridades, acreditamos que esta distinção permitiu uma melhor compreensão de seus esforços e singularidades.

³⁰ CAMARGO. Dimensões de gênero e os múltiplos futebóis no Brasil, p. 589.

³¹ CAMARGO. Dimensões de gênero e os múltiplos futebóis no Brasil.

³² NEGREIROS. O nascimento do Sport Club Corinthians paulista.

³³ LOPES; CORDEIRO. Torcidas organizadas do futebol brasileiro: singularidades e semelhanças com outros grupos de torcedores da América do Sul e da Europa.

³⁴ SANTOS. Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol.

³⁵ DIAS. Depois da Avenida Central: cultura, lazer e esportes nos Sertões do Brasil.

ções da sociedade e do espaço urbano.³⁶ São iniciativas que pautaram os novos olhares sobre estes espaços, renomeados como arenas; locais demarcados pelas tentativas de imposição de uma lógica mercantilista e de consumo.

ANALISANDO OS TEMAS: IDENTIDADES NACIONAL E SOCIAL

O desafio desta revisão foi também adentrar nas bases teóricas e metodológicas empregadas nas pesquisas, às técnicas utilizadas e diálogos com outras áreas possíveis de serem acessados pela leitura dos textos. Esta análise foi orientada pelos temas encontrados e apresentados nas tabelas 5 e 6, respectivamente de Identidade Nacional e Identidade Social.

O tema mais expressivo nos estudos de identidade nacional foi Eventos Esportivos, somando um total de nove trabalhos. Em sua maioria, a identidade nacional esteve atrelada a Copa do Mundo³⁷ de 2014,³⁸ com outras pesquisas centradas em jogos entre Brasil e Argentina na década de 1930 e 1940,³⁹ as Copas de 1954,⁴⁰ 1958 e 1962,⁴¹ 1970⁴² e os Jogos Olímpicos de 2016.⁴³ A fonte de pesquisa predominante foi o jornal impresso, com inserções também de matérias jornalísticas online, reportagens de revistas, entrevistas, cerimoniais de aberturas de eventos esportivos, comerciais televisivos e relatórios de gastos destes eventos. Os principais debates teóricos circularam em torno da concepção intercultural de socieda-

³⁶ FERREIRA. Estádios e arenas como lentes privilegiadas para capturar as transformações do espaço urbano.

³⁷ Simoni Guedes (2010, p. 446) permite compreender melhor os dados, quando salienta que muitos estudos “vem demonstrando que as Copas do Mundo são interpretadas, no Brasil, como rituais quadrienais de produção identitária nacional”.

³⁸ PUHL; TODT. O olhar estrangeiro sobre a cerimônia de abertura da Copa da FIFA de 2014 no Brasil: o entendimento das marcas culturais e identitárias brasileiras; CORTEZ; MARQUES. A figura dos “brasileiros” no jornalismo de revista nacional: o “vexame” na Copa do Mundo 2014 e a inversão nos discursos da revista Época; JUNIOR; ZOBOLI; CORREIA; MEZZARROBA. Identidade e alteridade na publicidade televisiva brasileira: o endereçamento de maratona durante a copa do mundo de 2014; OCKE. Marca e imagem de um país: considerações sobre a Copa do mundo 2014 e a promoção do Brasil.

³⁹ BARTHOLO; VAZ; SOARES. Alteridade privilegiada: confrontos futebolísticos entre brasileiros e argentinos na imprensa carioca (1939-1945).

⁴⁰ COSTA; TAVARES; SOARES; NETO. Batalha de Berna (1954): a luta pelos sentidos de identidade no campo de futebol.

⁴¹ SOARES; SALVADOR; BLASI. A pátria de chuteiras está desaparecendo?.

⁴² COSTA; SANTOS. A memória da Copa de 70.

⁴³ DAMO; OLIVEN. O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: sua cara, seus sócios e seus negócios.

de, dos conceitos de modernidade e tradição de Roberto DaMatta e teorias da área de marketing.

Por apresentarem temáticas muito similares, optamos por denominar o segundo tema mais encontrado de Cultura Brasileira e Literatura.⁴⁴ Obras e autores clássicos foram acionados para ilustrar as relações entre o futebol e a identidade nacional: *Veneno e Remédio* de José Miguel Wisnik⁴⁵ e *A Sombra das Chuteiras imortais* de Nelson Rodrigues.⁴⁶ Outros trabalhos investiram nas crônicas esportivas de Nelson Motta⁴⁷ e José Lins do Rego,⁴⁸ bem como uma leitura culturalista do futebol brasileiro a partir de intelectuais do século XX⁴⁹ e a análise de expressões metafóricas durante a Copa de 2014.⁵⁰ Destaque para os pressupostos teóricos de Roberto da Matta, Gilberto Freire, Mário Filho e Norbert Elias, além de uma análise com base no sociólogo e crítico literário Antônio Cândido e outra fundamentada na linguística cognitiva.

O tema Mídia e Imprensa vêm em seguida, com sete trabalhos⁵¹ que primaram pela análise de filmes como *Ouse ser Brasileiro* da Nike,⁵² *Sons do Brasil* referente à candidatura do Brasil a Copa de 2014,⁵³ e os longas⁵⁴ *Garrincha alegria do Povo* e *Rei Pelé*. Destaque também para pesquisas que abordaram a identidade nacional a partir de produções gráficas de a *Revista Placar*⁵⁵ e sobre o papel do rádio e da televisão nas construções identitárias.⁵⁶ As metodologias abordaram a análise do discurso e entrevistas, com aporte teórico de Mario Filho, Nelson Rodrigues, críticos de cinema, e da teoria do consumo de Feathustone.

⁴⁴ FERREIRA. História, ciência ou romance? O tema das identidades no futebol brasileiro.

⁴⁵ MUSSE; LISE; SANTOS; CAPRARO. O futebol sob a ótica de um ensaísta.

⁴⁶ SILVA. A identidade nacional na crônica esportiva de Nelson Rodrigues.

⁴⁷ LISEA; CAPRARO; CAVICHIOLLI. A Copa do Mundo de 1982 e o “turbilhão de emoções” nas crônicas de Nelson Motta.

⁴⁸ CAPRARO; SANTOS; CAVICHIOLLI; MEZZADRI. A crônica esportiva de José Lins do Rego: política, paixão e relações de força.

⁴⁹ SOUZA. A linhagem Culturalista da Sociologia do futebol brasileiro.

⁵⁰ FERREIRA. Metáforas do futebol no português brasileiro: uma abordagem cognitiva.

⁵¹ SOARES; BARTHOLO; SALVADOR. A imprensa e a memória do futebol brasileiro; CHEQUER; MARTINS; SILVA. Os brasileiros e a copa no Brasil: o antes, durante e depois da competição sob as lentes de *O Globo*.

⁵² HELAL; MOSTARO; AMARO. Futebol-arte e consumo: as narrativas presentes na campanha “Ouse ser brasileiro”.

⁵³ BENDER; SARAIVA. Futebol, samba e sexo: afinal, é isso o Brasil?

⁵⁴ MELO. Garrincha x Pelé: futebol, cinema, literatura e a construção da identidade nacional.

⁵⁵ CARMELINO. Produção gráfica humorística, imprensa esportiva e estereótipo: as narrativas de Maciota, na revista Placar.

⁵⁶ KUPPER. Futebol: a importância da mídia na popularização e no imaginário do brasileiro.

O tema da Questão Racial apresentou a identidade nacional a partir de diversas fontes, como jornais, livros, revistas, crônicas literárias e oralidades. Os estudos dialogaram com a imagem do negro no futebol brasileiro,⁵⁷ narrativas biográficas de Pelé,⁵⁸ reflexões sobre futebol mestiço,⁵⁹ as representações sociais sobre a “raça negra” quanto ao estilo brasileiro de jogar⁶⁰ e um jogo ritual ocorrido em São Paulo denominado Preto X Branco, abordado sob dois aspectos: seus significados⁶¹ e o desempenho dos jogadores autodeclarados pretos.⁶² As discussões abordaram a literatura antropológica, com referências aos contrapontos entre o pensamento de Gilberto Freyre, Mario Filho e Nelson Rodrigues versus João Lira Filho.

As relações entre o futebol, política e identidade nacional trouxe ao tema Política, questões que permitiram refletir acerca do ativismo na área,⁶³ dimensões políticas relacionadas ao período de profissionalização no Brasil e Colômbia,⁶⁴ seus significados⁶⁵ a partir de autores como Michel Debrum, Theodor Adorno, Pierre Bourdieu e as relações que permearam a Copa de 1938 na França.⁶⁶ Mais uma vez matérias jornalísticas ganham espaço enquanto fontes.

As pesquisas que tematizaram História do Futebol investigaram em diferentes frentes. Abordou-se o resgate da memória social do Brasil a partir do ano de 2014,⁶⁷ ano que marca os 50 anos do golpe militar de 1964 e a realização da Copa do Mundo, a rivalidade histórica entre o Rio de Janeiro e São Paulo,⁶⁸ e análises

⁵⁷ AZEVEDO. A imagem do negro no futebol brasileiro: retratos do período entre copas (1938-1958).

⁵⁸ BARBOSA. Raça, Futebol e Identidade nacional: disputas e atualizações da memória em torno das narrativas biográficas de Pelé.

⁵⁹ JUNIOR; RIBEIRO. Vitórias e derrotas de um futebol mestiço: algumas reflexões sobre a questão racial no Brasil.

⁶⁰ ABRAHÃO; PAOLI; SOARES. Identidades "Raciais" e Identidades Nacionais: as Representações do Corpo Negro na Construção do “Estilo” Brasileiro de Jogar Futebol.

⁶¹ ABRAHÃO; SOARES. O futebol na construção da identidade nacional: uma análise sobre os jogos “pretos x brancos”.

⁶² ABRAHÃO; SOARES. Futebol, raça e identidade nacional: uma análise do desempenho dos jogadores nos jogos preto x branco.

⁶³ JUNIOR. Futebol e política se misturam: na trincheira das lutas contra o autoritarismo.

⁶⁴ GOMES. O olhar político para o futebol em seu período de profissionalização: um estudo comparado dos casos do Brasil (1933-1941) e da Colômbia (1948-1954).

⁶⁵ VIANA. Notas sobre o significado político do futebol.

⁶⁶ SILVA. A copa do mundo de 1938: futebol, política e identidade nacional brasileira.

⁶⁷ GIANORDOLI-NASCIMENTO; MENDES; NAI. Salve a seleção: ditadura militar e intervenções políticas no país do futebol.

⁶⁸ PAIVA; JUNIOR; AMARAL. Rio x São Paulo: A Copa de 1950 contada através das lutas de representações pela identidade brasileira.

sobre história e futebol no Brasil.⁶⁹ Os jornais são ressaltados como fontes de pesquisa e as teorias de Norbert Elias são utilizadas novamente.

A temática do Futebol Profissional retratou a elegibilidade entre federações internacionais e jogadores de futebol a partir do caso do jogador Diego Costa⁷⁰ e outro estudo examinou com o olhar da psicologia do esporte, como jogadores profissionais do Brasil e Japão percebem o stress.⁷¹ Documentos oficiais da Confederação Brasileira de Futebol constituíram-se fontes e a estatística foi empregada como análise.

Foram encontrados um estudo para cada um dos temas identificados como Lazer, Memória, Biografia e Revisão. O de Lazer⁷² explorou as relações com o futebol com ênfase nos conceitos de lazer e em três categorias clássicas nos estudos da área: tempo, atitude e manifestações culturais. Desenvolveu diálogos com autores como Luiz Henrique de Toledo, Roberto DaMatta, Jocimar Daólio, Joffre Dumazedier, entre outros.

A Memória⁷³ é representada por discussões com intelectuais da área e matérias jornalísticas. Delineia o crescimento destes estudos nas ciências sociais e que isto representa uma criação de uma memória específica. Este constructo evidenciou as contribuições de José Moraes dos Santos Neto, Hilário Franco Junior, Arlei Sander Damo, Fátima Martin Rodrigues Ferreira Antunes, entre outros.

O tema Biografia se dedicou a Mané Garrincha a partir da obra de Ruy Castro⁷⁴ e o tema Revisão de Literatura⁷⁵ mapeou teses e dissertações que trataram da identidade nacional no campo da Psicologia, em seus resultados o futebol se destaca juntamente com o carnaval e outros temas.

A diversidade de temas nas pesquisas de identidade social foi maior, mesmo considerando que alguns temas como Lazer, Futebol Profissional, Questão Racial e Mídia e Imprensa, estejam nos dois grupos. Assim, totalizam onze temas, com destaque quantitativo para os temas Mulheres, Gênero, Clubes de futebol e Torcidas.

⁶⁹ SILVA. De esporte das elites ao esporte popular: a trajetória do futebol no Brasil.

⁷⁰ RIBEIRO; PEREIRA; GARCIA; NASCIMENTO. Dois países pra jogar e apenas um pra escolher: Diego Costa.

⁷¹ BRANDÃO; CASAL; MACHADO; REBUSTINI; AGRESTA; RIBEIRO. Futebol, esporte internacional e identidade nacional. Estudo 1: uma comparação entre Brasil & Japão.

⁷² LAGES; SILVA. Futebol e Lazer: diálogos e aproximações.

⁷³ FRAGA. A bola, a nação e a memória.

⁷⁴ BARTHOLO; SOARES. Mané Garrincha como Síntese da Identidade do Futebol Brasileiro.

⁷⁵ MARQUES; DOMINGUES. A Identidade Nacional Brasileira em Teses e Dissertações: uma revisão bibliográfica.

As pesquisas com o tema Mulheres foram expressivas, perfazendo nove trabalhos. Os de natureza histórica tiveram evidência ao abordarem as mulheres nas torcidas em Belo Horizonte (1904-1920),⁷⁶ a história do futebol e a participação feminina neste universo,⁷⁷ as narrativas do futebol feminino contadas pela *Revista Placar*⁷⁸ e leituras sobre a mulher dentro e fora dos gramados na primeira metade do século XX.⁷⁹ Outras iniciativas discutiram a influência cultural no comportamento de corpos femininos na arbitragem feminina de futebol,⁸⁰ a participação da seleção feminina na Copa de 2015 no Canadá,⁸¹ análise sobre posicionamento de atletas de futebol feminino quanto a aspectos que desrespeitam as normas de gênero,⁸² a sociabilidade de mulheres no futebol amador da cidade de Porto Alegre-RS⁸³ e uma leitura sobre as publicações da seleção brasileira de futebol feminino no *Jornal Folha de S. Paulo*.⁸⁴

Nos métodos e discussões, houve a presença da etnografia, história cultural, história oral, análise do discurso, teorias feministas pós-estruturalistas e a fenomenologia existencial heideggeriana. As fontes ratificaram a utilização de jornais, revistas, fotografias, diários de campo e entrevistas.

Considerando a linha tênue que delimita os temas Mulheres e Gênero, sete pesquisas destinaram suas atenções a este último. Explanaram uma avaliação sobre o impacto na identidade de gênero na auto avaliação corporal e motora de atletas, incluindo o futebol;⁸⁵ uma discussão em torno da construção da masculinidade

⁷⁶ NETO; CAMPOS; SILVA. Das senhoras e senhorinhas nos “grounds” do sport bretão: a história da mulher nos campos de futebol em Belo Horizonte/MG (1904-1920).

⁷⁷ SOUZA; MAUX; REBOUÇAS. Impedimento? Possibilidades de relação entre a mulher e o futebol.

⁷⁸ SALVINI; JÚNIOR. Registros do futebol feminino na Revista Placar: 30 anos de história.

⁷⁹ FRANZINI. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol.

⁸⁰ SANTOS; MESSEDER. A influência cultural na fisiologia do corpo sexuado vinculado à hegemonia masculina na divisão sexual do trabalho na arbitragem em futebol.

⁸¹ GABRIEL; JÚNIOR. A cobertura esportiva da Folha de São Paulo acerca da participação da seleção brasileira de futebol feminino na copa do mundo em 2015.

⁸² SOUZA; CAPRARO; SILVA. Habilidosas e bonitas: as considerações de duas atletas de futebol sobre a formação de suas identidades.

⁸³ MYSKIW. Sociabilidades de mulheres na várzea: ensaio etnográfico acerca de relações de gêneros num circuito de futebol de Porto Alegre.

⁸⁴ GABRIEL; JÚNIOR. O discurso acerca da seleção brasileira presente na Folha de S.Paulo durante o ano de realização da “Germany World Cup”.

⁸⁵ CARDOSO; MARTINS; FÁVERO; SILVEIRA; SOUZA. O impacto da identidade de gênero na autoavaliação corporal e motora de atletas de ambos os sexos.

em meninos no período maturacional denominado pela psicanálise de latência,⁸⁶ a participação feminina no futebol a partir da ideia de cotismo,⁸⁷ e as experiências com futebol e futsal de jogadoras de seleções nacionais de países da América do Sul.⁸⁸ Os outros estudos constituíram-se em um esforço para identificar o espaço para reportagens do futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim a partir das ideias de gênero,⁸⁹ uma análise sobre identidade de gênero e masculinidade⁹⁰ e uma revisão sistemática sobre preconceito de gênero no futebol feminino.⁹¹

Seus métodos optaram por entrevistas, questionários de identidade corporal (QIC), cadernos esportivos de jornais e artigos coletados a partir de descritores em indexadores. Ganharam espaço a psicanálise Freudiana, a análise do discurso de Michel Foucault e ferramentas da estatística.

Os Clubes de Futebol foram o tema de seis estudos. Os de inclinação histórica trouxeram a compreensão de como o time Operário Ferroviário se tornou Patrimônio Cultural de Ponta Grossa no Paraná,⁹² e uma investigação a despeito da integração do Grêmio Football Porto Alegre e Sport Club Internacional com a cultura e história do Rio Grande do Sul.⁹³ Os times de futebol em suas identidades sociais foram também pensados sob a ótica empresarial e corporativa: um trabalho interpretou o processo de empresarização do Figueirense Futebol Clube e suas implicações organizacionais,⁹⁴ e outro expôs a constituição da identidade corporativa do Sport Club Internacional.⁹⁵

Demais achados, anunciaram a percepção do jornal Folha de S. Paulo ao re-tratar a conquista da Copa Libertadores em 2012 pelo Sport Club Corinthians Pau-

⁸⁶ BARISON. Para o gol: latência e identidade de gênero.

⁸⁷ LOVISOLO; SOARES; BARTHOLO. Feministas, mulheres e esporte: questões metodológicas.

⁸⁸ ALTMANN; REIS. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas.

⁸⁹ FERRETTI; ZUZZI; VIANA; JUNIOR. O Futebol Feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim.

⁹⁰ SOARES; MOURÃO; MONTEIRO; SANTOS. “O choro do capitão”: notas sobre performatividades de gênero e masculinidades no futebol profissional.

⁹¹ TEIXEIRA; CAMINHA. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática.

⁹² SANTOS; MONASTIRSKY. Operário ferroviário esporte clube: patrimônio cultural de Ponta Grossa.

⁹³ ONDER ZAT; TRICHES. Grêmio e internacional e a integração com a história, cultura e os hábitos gaúchos: a identidade com base no contraste ao sentimento de brasilidade.

⁹⁴ GONÇALVES; SILVA. “Empresarização” e controle: o caso do Figueirense Futebol Clube.

⁹⁵ ALBINO; CARRIERI; FIGUEIREDO; SARAIVA; BARROS. Sport Club Internacional e a constituição da identidade corporativa de “clube-empresa”.

lista,⁹⁶ e o pertencimento clubístico de funcionários infames em clubes profissionais da região Sul do Rio Grande do Sul.⁹⁷ Em seus métodos, ressaltou-se a história oral e a pesquisa, com a utilização de questionários, entrevistas semiestruturadas, matérias jornalísticas e sites da internet, bem como suportes teóricos da sociologia de Pierre Bourdieu e das teorias de branding.

As Torcidas foram representadas por pesquisas diversificadas. A cidade de Belo Horizonte foi o cenário para um trabalho no campo histórico sobre suas torcidas no período de 1926 a 1930,⁹⁸ e outro que se dedicou a construção da identidade social, pessoal e coletiva de torcedores do Clube Atlético Mineiro.⁹⁹ Encontramos também as tatuagens de jogadores e times como motivação para entrevistar torcedores e estabelecer diálogos com as teorias de David Le Breton e José Luiz Braga.¹⁰⁰

Além destes, identificou-se: trabalhos dedicados a bifiliação clubística no Nordeste brasileiro,¹⁰¹ netnografia¹⁰² sobre como os mecanismos de identificação e diferença são usados na construção das identidades de torcedores de Clubes de Recife-Pe em redes sociais,¹⁰³ e reflexões a respeito da dinâmica das rivalidades nas torcidas do Flamengo.¹⁰⁴ As fontes perpassaram por jornais, sites de torcidas e perfis do Facebook, com aplicação de entrevistas semiestruturadas e análises de conteúdo e documental. Ressaltou-se discussões com a ideia de campo de Pierre Bourdieu, teóricos clássicos das ciências sociais como Anthony Giddens, Stuart Hall

⁹⁶ CAVALCANTI; CAPRARO. Heroísmo, mídia e o Sport Club Corinthians Paulista: um estudo de caso acerca da final da Libertadores 2012 na Folha de S. Paulo.

⁹⁷ CORREIA; FREITAS; KNUTH. Vínculos clubísticos de funcionários infames no futebol profissional da região sul do RS: narrativas, pertencimentos e identidades.

⁹⁸ NETO. A construção do *ethos* de torcedor na cidade moderna: “a rainha dos sports, os sururus e a victoria que o sol não viu”

⁹⁹ SOBRINHO; MARRA; SOUZA. Identidade e futebol: um estudo sobre membros de uma torcida organizada.

¹⁰⁰ FELERICO. Fanatismo e resistência na pele: Paixões e Histórias consumidas no corpo.

¹⁰¹ VASCONCELOS. “Eu Tenho Dois Amores que em Nada São Iguais”: Bifiliação Clubística no Nordeste.

¹⁰² É um método com raízes na antropologia que permite analisar interações sociais a partir da interpretação de linguagens verbais e não-verbais em ambientes virtuais. O estudo em questão baseou-se em Kozinets, R. V. (2014) e Leão e Mello (2007). Montardo e Passerino (2006) reforçam que a Netnografia deve ser entendida como uma ferramenta complementar a outros tipos de abordagem, a exemplos de entrevistas e grupos de discussão.

¹⁰³ FERREIRA; LEÃO; JÚNIOR. Identificação e Diferença na Construção de Identidades Culturais de Torcedores Rivais dos Três Grandes Clubes da Cidade do Recife: Entre a Defesa e o Ataque em Interações Sociais Virtuais.

¹⁰⁴ LIMA; MOURA; ANTUNES. Juntos e separados: a rivalidade entre torcidas de um clube de futebol.

e Erving Goffman, bem como outros mais inclinados ao futebol como Antônio Jorge Soares, Flávio de Campos e Luiz Henrique de Toledo.

Estádios de Futebol e Regionalismos são as temáticas seguintes. Quanto aos estádios, resgataram-se os principais embates sobre a ressignificação do estádio do Maracanã,¹⁰⁵ com a utilização do acervo de jornais e arquivos do IPHAN, o futebol nos estádios do Parque Antarctica e do Pacaembu em São Paulo¹⁰⁶ e uma contextualização dos dois principais clubes do estado do Rio Grande do Sul, o Sport Club Internacional e o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre.¹⁰⁷ Esta proposta apresentou por meio de observações sistemáticas, os contextos psicossociais e similaridades destas duas torcidas.

O Nordeste brasileiro abre os trabalhos do tema Regionalismos, com uma proposta de compreender os significados socioculturais de um torneio de futebol amador realizado nas cidades de Juazeiro-BA e Petrolina-PE entre as décadas de 1970 e 1990.¹⁰⁸ Examinaram-se também como jovens universitários de Teresina-PI se apropriam da mensagem de uma reportagem do programa televisivo Esporte Espetacular¹⁰⁹ e como as identidades regionais circularam em discussões sobre a Copa do Mundo, a partir do jogo Chile X Brasil em 1950, para debater a identidade regional e arte popular.¹¹⁰ Por fim, outra iniciativa em proximidades com a história, buscou compreender como o Rio de Janeiro e São Paulo construíram suas identidades regionais a partir do futebol, trabalhando com a perspectiva da diferenciação, com base em eventos ocorridos na primeira república.¹¹¹ Destacamos a perspectiva da Nova História Cultural como horizonte metodológico e reportagens jornalísticas como fontes.

¹⁰⁵ MELO; CID. Vida e morte do Maracanã: a batalha do estádio em dois atos.

¹⁰⁶ ATIQUÊ; SOUSA; GESSI. Uma relação concreta: A prática do futebol em São Paulo e os Estádios do Parque Antarctica e do Pacaembu.

¹⁰⁷ TRICHES. Um dia na “casa” colorada e gremista: identidade e representação em um estádio de futebol gaúcho.

¹⁰⁸ CALDAS; NETO; ABRAHÃO. O futebol no Vale do São Francisco: os significados do torneio BAPE em Juazeiro-BA e Petrolina-PE.

¹⁰⁹ SILVA; RODRIGUES. Neymar, defensor da tradição brasileira.

¹¹⁰ CAMPBELL. O Nordeste também joga futebol: a Copa do Mundo e a identidade regional no Nordeste brasileiro.

¹¹¹ PETERS. Formação de relações regionais em um contexto global: a rivalidade futebolística entre Rio de Janeiro e São Paulo durante a Primeira República.

O lazer enquanto tema, abordou três cenários distintos: uma investigação de como a preferência lúdica se evidencia na idade adulta em relação ao gênero entre jovens de 21 a 40 anos,¹¹² e duas etnografias: uma com moradores de rua em um bairro da cidade de Campinas-São Paulo em suas práticas de lazer,¹¹³ e a outra em um circuito de futebol de Porto Alegre, abordando o lazer como constituinte de identidades.¹¹⁴ Questionários e diário de campo foram às técnicas empregadas. Outra vez, recorreu-se a estatística para análises.

O Futebol Profissional enunciou a identidade social também em duas vertentes: uma sobre a seleção de talentos em sete clubes da primeira divisão do futebol brasileiro das regiões Sul, Centro-Oeste e Sudeste, nas categorias Sub 15, 17 e 20,¹¹⁵ e outra pesquisa buscou compreender o processo de formação e transformação da identidade profissional de atletas de futebol no Brasil.¹¹⁶ Entrevistas semi-estruturadas e observação participante foram registradas, acrescidas de teorias assentadas na psicologia social e na teoria habermasiana.

Os temas Imigração, Questão Racial, Mídia e Imprensa, Diferença, Comunidades Quilombolas e Jogo/Antijogo, foram referenciados por um trabalho cada um deles. A influência antropológica e etnográfica determinou alguns destes estudos: investigaram os arranjos identitários na comunicação de grupos de “peladeiros” no Whatzap, com discussões sobre a masculinidade hegemônica e homosociabilidade masculina,¹¹⁷ a dinâmica de uma equipe de futebol de anões, ao utilizarem o esporte para manipular a identidade estigmatizada¹¹⁸ e uma ação de rever criticamente a noção de jogo enfrentando uma questão metodológica que assume o regime da diferença e não necessariamente da identidade nas noções recorrentes de jogo.¹¹⁹

¹¹² PYLRO; ROSSETTI. Atividades lúdicas, gênero e vida adulta.

¹¹³ LOPES; AMARAL. As práticas de lazer dos moradores nas ruas da vila holandã.

¹¹⁴ MYSKIW; STIGGER. Lazer e identidades: retratos etnográficos num circuito de futebol.

¹¹⁵ PAOLI; COSTA; NETO; SOARES. Representações identitárias no processo de seleção de talentos.

¹¹⁶ CIAMPA; LEME; SOUZA. Considerações sobre a formação e transformação da identidade profissional do atleta de futebol no Brasil.

¹¹⁷ BRAGA; CARAUTA. Futebol, gênero e homosociabilidade nas redes sociais: a masculinidade no circuito comunicacional do WhatsApp.

¹¹⁸ MOURA. Corrigindo o estigma através do espetáculo: o caso da equipe de futebol de anões.

¹¹⁹ TOLEDO. Antijogo: considerações em torno de uma categoria da diferença.

O de Imigração procurou entender, a partir da história oral, como o futebol participou da construção da identidade Italiana em um bairro de Curitiba-PR,¹²⁰ e a Questão Racial objetivou compreender, pela História Cultural, as estratégias da imprensa negra em noticiar a participação do negro no futebol na primeira metade do século XX.¹²¹ Nosso último artigo analisou práticas corporais, incluindo o futebol em comunidades Quilombolas do Estado de Goiás.¹²² Foi uma pesquisa de campo, demarcada pelo hibridismo com a cultura de massa e a teoria da experiência de Edward Palmer Thompson.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É diante do quantitativo e diversidade de pesquisas encontradas, que percebemos a inserção do futebol em diversas áreas do conhecimento no que tange aos seus diálogos identitários. Todavia, as temáticas desenvolvidas são oriundas, sobretudo, do universo do futebol profissional ou midiático. Nas esferas identitárias nacional ou social, poucos ainda são as pesquisas que se destinam a outras versões futebolísticas. Dos 88 trabalhos alcançados, apenas 9 (nove),¹²³ estabeleceram relações diretas ou indiretas com outros futebolis. Se pensarmos a geografia das nove produções, apenas uma ocorreu na região Nordeste, deflagrando a carência que ainda existe de estudos nesta região e em outras mais interioranas. A localização das revistas no território nacional termina por reforçar os dados, uma vez que apenas duas revistas situam-se no Nordeste e uma no Norte.

À vista disso, é que ratificamos a lacuna de estudos que abordem as identidades nacional e social do futebol quando pensadas fora do viés midiático ou espetacularizado. Suas versões amadoras, varzeanas, bricoladas, comunitárias, ou demarcadas como práticas de lazer em grandes centros urbanos ou cidades menores

¹²⁰ JUNIOR; CAPRARO; SOUZA. O futebol na Colônia Santa Felicidade: memórias de uma identidade imigrante italiana.

¹²¹ ABRAHÃO; SOARES. A imprensa negra e o futebol em São Paulo no início do século XX.

¹²² SILVA; FALCÃO. Práticas corporais na experiência quilombola: um estudo com comunidades do estado de Goiás/Brasil.

¹²³ Segue as temáticas centrais destas pesquisas: futebol feminino varzeano, atividades lúdicas e gênero na vida adulta, práticas de lazer e moradores de rua, práticas corporais em comunidades quilombolas, futebol comunitário denominado Jogo Preto X Branco, comunicação em grupos de peladeiros, futebol de anões e futebol amador no Sertão nordestino.

ainda carecem de estudos que explorem seus significados e singularidades, visibilizando diálogos possíveis a partir de suas identidades, com os demais âmbitos da vida em sociedade.

* * *

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Felipe Vinícius de Paula; SILVA, Silvio Ricardo; ALVES, Alexandre Francisco. Futebol e Lazer: levantamento e análise da produção sobre futebol no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 20-39, 2019.
- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; PAOLI, Próspero Brum; SOARES, Antonio Jorge. Identidades "Raciais" e Identidades Nacionais: as Representações do Corpo Negro na Construção do "Estilo Brasileiro de Jogar Futebol. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 195-210, 2011.
- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. A imprensa negra e o futebol em São Paulo no início do século XX. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 63-76, 2012.
- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. O futebol na construção da identidade nacional: uma análise sobre os jogos "pretos x brancos". **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 47-61, 2012.
- ABRAHÃO, Bruno O. Lacerda; SOARES, Antonio J. Gonçalves. Futebol, raça e identidade nacional: uma análise do desempenho dos jogadores nos jogos preto x branco. **Rev Bras Ciênc Esporte**, 39 (2), p. 183-190, 2017.
- ALABARCES, Pablo. Vinte anos de ciências sociais e esportes, dez anos depois. **Antropolítica**, Niterói, n. 31, p. 17-30, 2011.
- ALTMANN, Helena; REIS, Heloisa Helena Baldy. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 211-232, 2013.
- ALBINO, José Coelho de Andrade; CARRIERI, Alexandre de Pádua; FIGUEIREDO, Diego; SARAIVA, Frederico Heitmann; BARROS, Frederico Luiz Ribeiro Silva. Sport Club Internacional e a constituição da identidade corporativa de "clube-empresa". **o&s**, v. 16, n. 48, 2009.
- ATIQUE, Fernando; SOUSA, Diógenes; GESSI, Hennan. Uma relação concreta: A prática do futebol em São Paulo e os Estádios do Parque Antarctica e do Pacaembu. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v. 23. n. 1, p. 91-109, 2015.
- AZEVEDO, Vinícius. A imagem do negro no futebol brasileiro: retratos do período entre copas (1938-1958). **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v. 8, n. 1, p. 45-56, 2019.

- BARTHOLO, Tiago Lisboa; VAZ, Alexandre Fernandez; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Alteridade privilegiada: confrontos futebolísticos entre brasileiros e argentinos na imprensa carioca (1939-1945). **Análise Social**, 203, 2012, 402-422.
- BARTHOLO, Tiago Lisboa; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Mané Garrincha como Síntese da Identidade do Futebol Brasileiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 169-191, 2009.
- BARBOSA, Nathan Pereira. Raça, futebol e identidade nacional: disputas e atualizações da memória em torno das narrativas biográficas de Pelé. **Revista Escritas do Tempo**, v. 2, n. 4, 2020, p. 133-159.
- BARISON, Osvaldo Luís. Para o gol: latência e identidade de gênero. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 43, p. 83-99, 2010.
- BENDER, Débora; SARAIVA, Juracy Assmann. Futebol, samba e sexo: afinal, é isso o Brasil? **Práxis**, Revista do ICHLA, 2012.
- BRANDÃO, Maria R. Ferreira; Hiram M. Valdés CASAL; MACHADO, Afonso Antonio; REBUSTINI, Flávio; AGRESTA, Marisa; RIBEIRO, Franklin Antonio. Futebol, esporte internacional e identidade nacional. Estudo 1: uma comparação entre Brasil & Japão. **R. bras. Ci. e Mov.** Brasília v. 12, n. 1, p. 57-62, 2004.
- BRAGA, Adriana Andrade; CARAUTA, Alexandre Augusto Freire. Futebol, gênero e homossociabilidade nas redes sociais: a masculinidade no circuito comunicacional do WhatsApp. **Intercom**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 165-190, 2020.
- CALDAS, Francisco D. Luciano; NETO, Alvaro R. Millen; ABRAHÃO, Bruno O. de Lacerda. O futebol no Vale do São Francisco: os significados do torneio BAPE em Juazeiro-BA e Petrolina-PE. **Rev Bras Ciênc Esporte**. 2020, 42: e2038.
- CAMARGO, Wagner Xavier. Dimensões de gênero e os múltiplos futebolis no Brasil. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weisshaupt (Orgs.). **O futebol nas ciências Humanas no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.
- CAMPBELL, Courtney. O Nordeste também joga futebol: a Copa do Mundo e a identidade regional no Nordeste brasileiro. **Estudos Históricos Rio de Janeiro**, v. 32, n. 68, p. 720-743, 2019.
- CANEDO JUNIOR, Luiz; CAPRARO, André Mendes; SOUZA, Maria Thereza. O futebol na Colônia Santa Felicidade: memórias de uma identidade imigrante italiana. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 31, n. 59, p. 1-22, 2019.
- CAPRARO, André Mendes; SANTOS, Natasha; CAVICHIOILLI, Fernando Renato; MEZZADRI, Fernando Marinho. A crônica esportiva de José Lins do Rego: política, paixão e relações de força. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, São Paulo, 2016, 30 (2), p. 323-33.
- CARMELINO, Ana Cristina. Produção gráfica humorística, imprensa esportiva e estereótipo: as narrativas de Maciota, na revista Placar. **Intercom**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 73-90, 2017.
- CARDOSO, Fernando L.; MARTINS, Caroline P.; FÁVERO, Kríscia G.; SILVEIRA, Rozana A.; SOUZA, Cícero A. O impacto da identidade de gênero na autoavaliação corporal e motora de atletas de ambos os sexos. **R. bras. Ci. e Mov**, 2009; 17(4), p. 64-71.

CAVALCANTI, Everton de Albuquerque; CAPRARO, André Mendes. Heroísmo, mídia e o Sport Club Corinthians Paulista: um estudo de caso acerca da final da Libertadores 2012 na Folha de S. Paulo. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, São Paulo, 2013, 27(4), p. 613-22.

CHEQUER, Najla Emiline; MARTINS, Mariana Zuaneti, SILVA, Otávio Guimarães Tavares. Os brasileiros e a Copa no Brasil: o antes, durante e depois da competição sob as lentes de *O Globo*. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1125-1138, 2018.

CIAMPA, Antonio da Costa; LEME, Clodoaldo Gonçalves; SOUZA, Renato Ferreira de. Considerações sobre a formação e transformação da identidade profissional do atleta de futebol no Brasil. **Revista Diversitas**, perspectivas em psicologia, v. 6, n. 1, 2010.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Futebol e Literatura no Brasil. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weissaupt (Orgs.). **O futebol nas ciências Humanas no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

CORTEZ, Gabriel de Lima Alves; MARQUES, José Carlos. A figura dos “brasileiros” no jornalismo de revista nacional: o “vexame” na Copa do Mundo 2014 e a inversão nos discursos da revista *Época*. **Vozes e Diálogos**, Itajaí, v. 15, n. 1, 2016.

CORREIA, Jones Mendes; FREITAS, Gustavo da Silva; KNUTH, Alan Goularte. Vínculos clubísticos de funcionários infames no futebol profissional da região sul do RS: narrativas, pertencimentos e identidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 789-800, 2018.

COSTA, Felipe Rodrigues; TAVARES, Otavio; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; NETO, Amarílio Ferreira. Batalha de Berna (1954): a luta pelos sentidos de identidade no campo de futebol. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 155-168, 2015.

COSTA, Felipe Rodrigues; SANTOS, Wagner. A memória da Copa de 70. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 303-310, 2011.

CURI, Martin. Quando começa e termina o evento Copa de Mundo 2014? In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weissaupt (Orgs.). **O futebol nas ciências Humanas no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom a profissão**: formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo e Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

DAMO, Arlei Sander. Futebol e Antropologia. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weissaupt (Orgs.). **O futebol nas ciências Humanas no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

DAMO, Arlei Sander; OLIVEN, Ruben George. O Brasil no horizonte dos megaeventos esportivos de 2014 e 2016: sua cara, seus sócios e seus negócios. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n. 40, p. 19-63, 2013.

DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira; ZOBOLI, Fabio; CORREIA, Elder Silva; MEZZARROBA, Cristiano. Identidade e alteridade na publicidade televisiva brasileira: o endereçamento de maradona durante a copa do mundo de 2014. **Conhecimento Online**, Novo Hamburgo, a. 10, v. 1, 2018.

DIAS, Cleber. **História do esporte no sertão brasileiro**: memória, poder e esquecimento. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); Ministério de Ciência e Tecnologia; Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer (Rede Cedex). Ministério do Esporte, 2012.

DIAS, Cleber. **Depois da Avenida Central**: cultura, lazer e esportes nos Sertões do Brasil. / Organização Cleber Dias. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2020.

FERREIRA, Fernando Costa. Estádios e arenas como lentes privilegiadas para capturar as transformações do espaço urbano. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weissaupt (Orgs.). **O futebol nas ciências Humanas no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

FERREIRA, José Genival Bezerra. Metáforas do futebol no português brasileiro: uma abordagem cognitiva. **Linguística y Literatura**, n. 75, 2019, p. 78-93.

FERREIRA, Daniel. História, ciência ou romance? O tema das identidades no futebol brasileiro. **Motrivivência**, Florianópolis/SC, v. 30, n. 56, p. 209-224, 2018.

FERREIRA, Bruno Rafael Torres; LEÃO, André Luiz Maranhão de Souza; JÚNIOR, Fernando Gomes de Paiva. Identificação e Diferença na Construção de Identidades Culturais de Torcedores Rivais dos Três Grandes Clubes da Cidade do Recife: Entre a Defesa e o Ataque em Interações Sociais Virtuais. **PODIUM Sport**, Leisure and Tourism Review, v. 3, n. 2, 2014.

FERRETTI, Marco A. de Carvalho; ZUZZI, Renata Pascoti; VIANA, Aline E. dos Santos; VILHA JUNIOR, Fernando Morales. O Futebol Feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim. **Motriz**, Rio Claro, v. 17 n. 1, p. 117-127, 2011.

FELERICO, Selma. Fanatismo e resistência na pele: Paixões e Histórias consumidas no corpo. **Extraprensa**, São Paulo, v. 12, n. esp., p. 457-470, 2019.

FRAGA, Gerson Wasen. A bola, a nação e a memória. História: **Debates e Tendências**, v. 13, n. 2, 2013, p. 328-342.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo; RIBEIRO, Luiz Carlos. Vitórias e derrotas de um futebol mestiço: algumas reflexões sobre a questão racial no Brasil. **Emancipação**, Ponta Grossa, 12 (2), p. 297-309, 2012.

GABRIEL, Bruno José; JÚNIOR, Miguel Archanjo de Freitas. A cobertura esportiva da Folha de São Paulo acerca da participação da seleção brasileira de futebol feminino na copa do mundo em 2015. **Motrivivência**, Florianópolis/SC, v. 30, n. 54, p. 177-193, 2018.

GABRIEL, Bruno José; JÚNIOR, Miguel Archanjo de Freitas. O discurso acerca da seleção brasileira presente na Folha de S. Paulo durante o ano de realização da “Germany World Cup”. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, São Paulo, 2016, 30(2), p. 371-83.

GASTALDO, Édson. Futebol e estudos de comunicação no Brasil: caminhos e encruzilhadas de um campo interdisciplinar. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI,

Marcelo Weisshaupt (Orgs.). **O futebol nas ciências Humanas no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

GUEDES, Simone. Esporte, Lazer e Sociabilidade. In: MARTINS, Carlos Benedito; DUARTE, Luiz Fernando Dias (Orgs.) **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: antropologia**. São Paulo: ANPOCS, 2010.

GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das Ciências Humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 293-350, 2010.

GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria; MENDES, Bárbara Gonçalves; NAI, Denis Giovanni Monteiro. Salve a seleção: ditadura militar e intervenções políticas no país do futebol. **Psicol. saber soc**, 3(1), p. 143-153, 2014.

GOMES, Eduardo de Souza. O olhar político para o futebol em seu período de profissionalização: um estudo comparado dos casos do Brasil (1933-1941) e da Colômbia (1948-1954). **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, v. 5, n. 1, 2016.

GONÇALVES, Julio C. de S.; SILVA, Carlos Everaldo. “Empresarização” e controle: o caso do Figueirense Futebol Clube. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 5, n. 3, 2007.

HELAL, Ronaldo George; MOSTARO, Filipe; AMARO, Fausto. Futebol-arte e consumo: as narrativas presentes na campanha “Ouse ser brasileiro”. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano**, n. 4, 2014.

KESSLER, Cláudia Samuel; GOELLNER, Silvana Vilodre. O Brasil é hexa: a trajetória esportiva de Marta. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weisshaupt (Orgs.). **O futebol nas ciências Humanas no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

KUPPER, Agnaldo. Futebol: a importância da mídia na popularização e no imaginário do brasileiro. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo. v. 11, n. 43, p. 291-300, 2019.

LAGES, Carlos Eduardo Dias Munaier; SILVA, Sílvio Ricardo. Futebol e Lazer: diálogos e aproximações. **Licere**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, 2012.

LEÃO, A. L. M. S., MELLO, S. C. B. Apresentando a etnografia da comunicação ao campo da pesquisa em administração. **Anais do I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade**, Recife/PE, 2007.

LISEA, Riqueldi Straub; CAPRARO, André Mendes; CAVICHIOILLI, Fernando Renato. A Copa do Mundo de 1982 e o “turbilhão de emoções” nas crônicas de Nelson Motta. **Rev Bras Ciênc Esporte**, 2017, 39 (1), p. 10-16.

LIMA, Rafael Leal; MOURA, Diego Luz; ANTUNES, Marcelo Moreira. Juntos e separados: a rivalidade entre torcidas de um clube de futebol. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo. v. 6. n. 19. p. 7-17, 2014.

LOPES, Felipe T. Paes; CORDEIRO, Mariana Priole. Torcidas organizadas do futebol brasileiro: singularidades e semelhanças com outros grupos de torcedores da América do Sul e da Europa. **Revista Espaço Acadêmico**. 2010.

LOPES, Carolina Gontijo; AMARAL, Sílvia Cristina Franco. As práticas de lazer dos moradores nas ruas da vila holandã. **Licere**, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, 2016.

LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge; BARTHOLLO, Tiago Lisboa. Feministas, mulheres e esporte: questões metodológicas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 165-191, 2006.

MARQUES, José Carlos. Esportes e os meios de comunicação no Brasil: vícios e virtudes de um matrimônio secular. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weissaupt (Orgs.). **O futebol nas ciências Humanas no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

MARQUES, Cecília B. da Costa; DOMINGUES, Eliane. A Identidade Nacional Brasileira em Teses e Dissertações: uma revisão bibliográfica. **Psicologia Política**, v. 14, n. 31, p. 465-480, 2014.

MELO, Victor Andrade. Garrincha x Pelé: futebol, cinema, literatura e a construção da identidade nacional. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v. 20, n. 4, p. 281-95, 2006.

MELO, Erick Silva Omena; CID, Gabriel da Silva Vidal. Vida e morte do Maracanã: a batalha do estádio em dois atos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 66, p. 695-719, 2019.

MORGADO, Andrea Garcia da Paixão. Um bate-bola entre futebol e história da literatura brasileira. In: Celli – **Anais Colóquio de estudos linguísticos e literários**, Maringá, 2009, p. 179-187.

MONTARDO, Sandra Portella; PASSERINO, Liliana Maria. Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. **Revista Renote**, Porto Alegre, v. 4, n. 2. 2006.

MORAES SOBRINHO, Thays; MARRA, Adriana Ventola; SOUZA, Mariana M. Pereira. Identidade e futebol: um estudo sobre membros de uma torcida organizada. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v 54, n. 1, p. 49-59, 2018.

MOURA, Diego Luz. Corrigindo o estigma através do espetáculo: o caso da equipe de futebol de anões. **Rev Bras Ciênc Esporte**, 2015; 37 (4), p. 341-347.

MUSSE, Gisele Dall’Agnol; LISE, Riqueldi Straub; SANTOS, Natasha; André Mendes CAPRARO, André Mendes. O futebol sob a ótica de um ensaísta. **Motrivivência**, a. 24, n. 39, p. 191-194, 2012.

MYSKIW, Mauro. Sociabilidades de mulheres na várzea: ensaio etnográfico acerca de relações de gêneros num circuito de futebol de Porto Alegre. **Motrivivência**, v. 28, n. 49, p. 114-127, 2016.

MYSKIW, Mauro; STIGGER, Marco Paulo. Lazer e identidades: retratos etnográficos num circuito de futebol. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 68-84, 2014.

NEGREIROS, Plínio Labriola. O nascimento do Sport Club Corinthians paulista. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weissaupt (Orgs.). **O futebol nas ciências Humanas no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

OCKE, Marco Antonio. Marca e imagem de um país: considerações sobre a Copa do mundo 2014 e a promoção do Brasil. **PODIUM: Sport, Leisure and Tourism Review**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 95-120, 2013.

OLIVEIRA NETO, Nelson de. **Mapa dos gols**: mapeando histórias e imagens do futebol amador soteropolitano. Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social, Universidade Federal da Bahia, 2011.

ONDER ZAT, Ancilla Dall; TRICHES, Vinícius. Grêmio e internacional e a integração com a história, cultura e os hábitos gaúchos: a identidade com base no contraste ao sentimento de brasilidade. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo. v. 11. n. 46. p. 605-610, 2019.

PAOLI, Prospero Brum; COSTA, Felipe Rodrigues ; NETO, Amarílio Ferreira; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Representações identitárias no processo de seleção de talentos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 135-150, 2010.

PAIVA, Simone Gonçalves; JUNIOR, Edivaldo Góis; AMARAL, Silvia C. Franco. Rio x São Paulo: A Copa de 1950 contada através das lutas de representações pela identidade brasileira. **Educación Física y Ciencia**, v. 21, n. 1, 2019.

PETERS, Christina. Formação de relações regionais em um contexto global: a rivalidade futebolística entre Rio de Janeiro e São Paulo durante a Primeira República. **História, Ciências, Saúde**, Mangueiras, Rio de Janeiro, 2013.

PIMENTA, Rosângela. **Futebol amador na cidade e no sertão: o jogo das regras e a dinâmica figuracional elisiana**. XII Simpósio internacional Processo Civilizador. Recife/PE, 2009.

PUHL, Paula Regina; TODT, Nelson. O olhar estrangeiro sobre a cerimônia de abertura da Copa da FIFA de 2014 no Brasil: o entendimento das marcas culturais e identitárias brasileiras. **Alceu**, v. 16, n. 32, p. 21-36, 2016.

PYLRO, Simone Chabudee; ROSSETTI, Claudia Broetto. Atividades lúdicas, gênero e vida adulta. **Psico-USF**, v. 10, n. 1, p. 77-86, 2005.

RIBEIRO, Carlos H. Vasconcellos; PEREIRA, Erik G. Barbosa; GARCIA, Rafael Marques; NASCIMENTO, Diego Ramos. Dois países pra jogar e apenas um pra escolher: Diego Costa. **SALUSVITA**, Bauru, v. 36, n. 3, p. 649-665, 2017.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira; SANTO, Fernando Reis do Espírito. Futebol em Salvador: o início de uma história (1899-1920). **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 79-95, 2011.

SANTOS, Henrique Sena. **Classe e cor na formação da cultura do futebol baiano, 1901-1920**. XII Encontro de História da Anpuh, Rio, 2008.

SANTOS, João Manoel Casquinha Malaiá. Futebol e História. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weissaupt (Orgs.). **O futebol nas ciências Humanas no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

SANTOS, Edvander Ramalho; MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. Operário ferroviário esporte clube: patrimônio cultural de Ponta Grossa. **RA'E GA**, Curitiba, Departamento de Geografia da UFPR, 24, p. 52-68, 2012.

SANTOS, T. C. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol.** São Paulo: Annablume, 2004.

SANTOS, Ineildes Calheiro; MESSEDER, Suely Aldir. A influência cultural na fisiologia do corpo sexuado vinculado à hegemonia masculina na divisão sexual do trabalho na arbitragem em futebol. **Revista Ambivalências**, v. 2, n. 3, p. 170-93, 2014.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Systematic Review Studies: A Guide for Careful Synthesis of the Scientific Evidence. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 77-82, 2007.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Registros do futebol feminino na *Revista Placar*: 30 anos de história. **Motrivivência**, v. 28, n. 49, p. 99-113, 2016.

SILVA, Ana Márcia; FALCÃO, José Luiz Cirqueira. Práticas corporais na experiência quilombola: um estudo com comunidades do estado de Goiás/Brasil. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 1271, 2012.

SILVA, Eliazar João. De esporte das elites ao esporte popular: a trajetória do futebol no Brasil. **Fronteiras**, Dourados/MS, v. 14, n. 25, p. 99-110, 2012.

SILVA, Francisca Islandia Cardoso; RODRIGUES, Janete de Páscoa. Neymar, defensor da tradição brasileira. **Motrivivência**, v. 28, n. 48, p. 300-315, 2016.

SILVA, Francisca Islandia Cardoso. A identidade nacional na crônica esportiva de Nelson Rodrigues. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 177, 2016.

SILVA, Kelen K. Prates. A Copa do Mundo de 1938: futebol, política e identidade nacional brasileira. **PODIUM Sport**, Leisure and Tourism Review, v. 5, n. 3, 2016.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; SALVADOR, Marco Antonio Santoro; BLASI, Felipe Di. A pátria de chuteiras está desaparecendo? **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 32, n. 1, p. 9-23, 2010.

SOARES, Antonio J. G; BARTHOLO, Tiago L.; SALVADOR, Marco S.. A imprensa e a memória do futebol brasileiro. **Rev Port Cien Desp**, 7 (3), 2007, 368-76.

SOARES, João P. Fernandes; MOURÃO, Ludmila; MONTEIRO, Igor Chagas; SANTOS, Doiara Silva. “O choro do capitão”: notas sobre performatividades de gênero e masculinidades no futebol profissional. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 1149-1162, 2016.

SOUZA, Juliano. A linhagem Culturalista da Sociologia do futebol brasileiro. **Lua Nova**, São Paulo, p. 103-134, 2018.

SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de. Futebol e política se misturam: na trincheira das lutas contra o autoritarismo. **Motricidades**: Rev. SPQMH, v. 4, n. 2, p. 199-213, 2020.

SOUZA, Larissa M.; MAUX, Ana A. Barbosa; REBOUÇAS, Melina Séfora Souza. Impedimento? Possibilidades de relação entre a mulher e o futebol. **Phenomenological Studies**, Revista da Abordagem Gestáltica, 25 (3), p. 282-293, 2019.

SOUZA, Maria T. Oliveira; CAPRARO, André Mendes; SILVA, Marcelo Moraes. Habilidosas e bonitas: as considerações de duas atletas de futebol sobre a formação de suas identidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 3., p. 883-894, 2017.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; SILVA, Silvio Ricardo. Das senhoras e senhorinhas nos “grounds” do *sport* bretão: a história da mulher nos campos de futebol em Belo Horizonte/MG (1904-1920). **Licere**, Belo Horizonte, v. 16, n. 3, 2013.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. A construção do *ethos* de torcedor na cidade moderna: “a rainha dos sports, os sururus e a victoria que o sol não viu”- (1926-1930). **Caminhos da História**, v. 25, n. 1, 2020, Unimontes-MG.

SPAGGIARI, Eurico. Futebol e antropologia, um jogo etnográfico “de categoria”. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weissaupt (Orgs.). **O futebol nas ciências Humanas no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

STAHLBERG, Lara Tejada. Jogando em vários campos: torcedoras, futebol e gênero. In: TOLEDO, Luiz Henrique; COSTA, Carlos Eduardo (Orgs). **Visão de jogo antropologia das práticas esportivas**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 265-287, 2013.

TOLEDO, Luiz Henrique. Futebol e Teoria Social: Aspectos da Produção Científica Brasileira. (1982-2002). **BIB**, São Paulo, n. 52, 2001, p. 133-165.

TOLEDO, Luiz Henrique. Balanços bibliográficos e ciclos randômicos: o caso dos futebóis na antropologia brasileira. **BIB**, São Paulo, n. 94, 2021, p. 1-32.

TOLEDO, Luiz Henrique. Antijogo: considerações em torno de uma categoria da diferença. **Horiz. Antropol**, Porto Alegre, a. 26, n. 56, p. 255-291, 2020.

TONINI, Marcel Diego. “Essa é uma realidade”: os racismos vividos e narrados por negros em várias áreas e atuação no futebol brasileiro”. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weissaupt (Orgs.). **O futebol nas ciências Humanas no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

TRICHES, Vinícius. Um dia na “casa” colorada e gremista: identidade e representação em um estádio de futebol gaúcho. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 12, n. 47, p. 52-66, 2020.

VASCONCELOS, Artur Alves. “Eu Tenho Dois Amores que em Nada São Iguais”: Bifiliação Clubística no Nordeste. **Ponto Urbe**, USP, 14, 2014.

VIANA, Nildo. Notas sobre o significado político do futebol. **Espaço acadêmico**, n. 111, 2010.

* * *

Recebido em: 20 de outubro de 2021
Aprovado em: 22 de abril de 2022

***Nosaltres som el València: futbol, poder i identitats* (Nós somos Valência: futebol, poder e identidades), de Vicent Flor Moreno**

“Nosaltres som el València: futbol, poder i identitats” (We are Valencia: football, power and identities), by Vincent Flor Moreno

Rodrigo Koch

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, São Francisco de Paula/RS, Brasil
Doutor em Educação (Culturas Juvenis), UFSM
prof.koch.rodrigo@gmail.com

A obra *Nosaltres som el València: futbol, poder i identitats* (Editorial Afers, junho de 2020, 136 páginas), de autoria de Vicent Flor Moreno, contextualiza o cenário contemporâneo do futebol no último século na Comunidade Valenciana e os enlaces que são produzidos pela modalidade e pelo Valencia CF nas condições identitárias da sociedade regional. Propositamente escrito e editado em valenciano – um dialeto catalão, considerado língua própria da região segundo seu estatuto de autonomia – o livro resgata alguns valores regionais, tratados como marcos do *País Valencià*, sem deixar de questionar, discutir e debater tais contextos. Ou seja, o livro não se trata de uma ode ao Valencia CF e tão menos à Comunidade Valenciana. Vicent Flor é doutor em Sociologia, licenciado em Ciências Políticas e em Antropologia Social e Cultural. Desde 2000 é professor da Universitat de València (agora em licença) e, desde 2015 diretor da Institució Alfons el Magnànim. Na última década, publicou outros três livros sobre a cultura e a sociedade valencianas sob a ótica da sociologia. Nesta resenha, mantenho as citações do autor no idioma original, em catalão, com as devidas traduções para o português em notas de rodapé.

No prólogo do livro, *Una història familiar*, Vicent Flor conta como foram seus primeiros contatos com o Valência CF, no ano de 1983, quando ainda era um pré-adolescente e, foi levado pela primeira vez ao Estádio Mestalla pelos seus pais onde acompanhou *in loco* a epopeica escapada do rebaixamento na temporada 1982-83. Para ele, era difícil de entender como uma equipe que recentemente havia vencido a Copa do Rei da Espanha (1979) e a Recopa Europeia (1979-80) poderia estar naquela situação, e o momento tenso que vivenciou, o tocou para sempre. “No dec

haver sigut l'únic xiquet que queda marcat per un partit de futbol oficial”.¹ Nestes relatos iniciais, Flor também conta como foi construído o vínculo familiar de quatro gerações com o Valência CF através de seu avô e bisavô e, seu asco ao Real Madrid CF – segundo ele –, um clube historicamente beneficiado pelas arbitragens. Especificamente, sobre as identidades que são construídas pelas crianças com os clubes de futebol, o autor – ao relatar como conduziu o filho Raul para ser mais um torcedor do Valencia CF – avalia que “[...] sabem que hi ha xiquets que s'identifiquem amb algun club de futbol perquè toca ser-ne d'algun i hi ha xiquets que són molt d'un club de futbol perquè els agrada molt el futbol”.² Flor finaliza o prólogo comentando o objetivo da obra: “És sabut que l'esport i, en concret, l'esport de masses, és alguna cosa més que una simple activitat física regulada. També, per di-ho molt ràpid, forma part de la vida de molta gent”.³

No primeiro capítulo (*El València CF i el 'poder valencià'*), Vicent Flor descreve as relações políticas com o futebol, especificamente do Valencia CF, relatando episódios da utilização do Estádio Mestalla para atos políticos e a ligação do clube com o Partido Popular⁴ durante vinte anos recentes (1995-2015), antes da intervenção – como investidor – do magnata de Cingapura Peter Lim no clube.

No capítulo seguinte (*El futbol com a símbol*), o autor questiona porque não colocar o futebol como objeto central de estudos científicos e, acaba por defender a modalidade como um dos melhores espaços de investigação social.

Al capdavall, fer sociologia de l'esport i, en concret, sociologia del futbol no és sino una forma d'estudiar els humans. Si per a moltes persones, com veurem, l'esport és important, qui som els analistes socials per a considerar que no ho és o que estan a priori alienats?.⁵

¹ FLOR MORENO. *Nosaltres som el València*, p.13. Em português: “Não deve haver um único garoto que não seja marcado por um jogo oficial de futebol”.

² FLOR MORENO. *Nosaltres som el València*, p.16. Em português: “[...] a gente sabe que tem garotos que se identificam com um clube de futebol porque é socialmente exigido que sejam de um deles e, tem garotos que são aficionados por mais de um clube de futebol porque gostam muito de futebol”.

³ FLOR MORENO. *Nosaltres som el València*, p.18. Em português: “É bem sabido que o esporte, e em particular os esportes de massa, é mais do que apenas uma atividade física regulamentada. E além disso, para ser franco, faz parte da vida de muitas pessoas”.

⁴ Partido político conservador da Espanha, fundado em 1989; tendo sua origem na Aliança Popular, quando se uniu com o Partido Democrata Popular e o Partido Liberal Espanhol. Tem como ideologias o conservadorismo, a democracia cristã, o nacionalismo espanhol e o monarquismo, situando-se no espectro político centro-direita.

⁵ FLOR MORENO. *Nosaltres som el València*, p.29-30. Em português: “Afinal, fazer sociologia do esporte e, mais especificamente, sociologia do futebol é apenas uma forma de estudar os humanos. Se para muitas pessoas, como veremos, o esporte é importante, quem são os analistas sociais para considerar que não é ou que estes indivíduos estão alienados a priori?”

Flor convoca alguns pensadores e pesquisadores para reforçar sua tese de que o futebol é um ritual coletivo periódico e um potente identificador grupal, sendo um fenômeno social total, que conecta e representa as sociedades modernas. “[...] el futbol és un gran espectacle i l'entreteniment o el lleure, com és ben conegut, és fonamental en les societats actuals, ja que és una resposta ordenada a la rutina. [...] El futbol entreté milions de persones”.⁶

No capítulo *Futbol, poder i identitats*, o autor apresenta inicialmente dados quantitativos de outras pesquisas que ratificam suas palavras de que o futebol é um fenômeno social capaz de definir identidades coletivas, sendo espaço de participação social e intercâmbio emocional atuando como elemento estruturador, coesivo e gerador de sentimentos para os que o compartilham. No entanto, Flor alerta que

[...] les bases socials de les aficions dels equips de futbol acostumen a ser heterogènies, determinats clubs, en una conjuntura determinada (és molt important tenir present que les identitats es transformen i no són imutables), poden associar-se amb més o menys intensitats a determinats grups socials o ideològics.⁷

Complementando o capítulo, o autor cita vários exemplos de clubes e jogadores vinculados a classes sociais, religiões, ou a movimentos e ideologias políticas. Curiosamente, entre os episódios citados está o SC Corinthians e seu movimento democratizador no início dos anos 1980. “[...] no serà senzill despolititzar el futbol, ja que els partits de futbol no es juguen onze contra onze sinó que són milers contra milers de ciutadans que s'hi identifiquen”.⁸ Em *Gols i nacionalisme: futbol al país de 'la Roja'*, Vicent Flor faz reflexões sobre os nacionalismos construídos socialmente através do futebol, citando alguns casos na Europa e norte da África. Neste capítulo, de forma resumida, o autor resgata os pilares históricos do futebol na Espanha e, como a modalidade contribuiu para a formação do Estado-Nação espanhol, através de competições nacionais e do selecionado. Em contraposição, Flor também faz

⁶ FLOR MORENO. *Nosaltres som el València*, p.37. Em português: “[...] o futebol é um grande espetáculo de entretenimento ou lazer, como se sabe, fundamental nas sociedades de hoje, pois é uma resposta ordenada à rotina. [...] O futebol entretém milhões de pessoas”.

⁷ FLOR MORENO. *Nosaltres som el València*, p.42. Em português: “[...] as bases sociais dos torcedores dos times de futebol costumam ser heterogêneas; certos clubes, em uma determinada situação (é muito importante ter em mente que as identidades são transformadas e não imutáveis), podem estar associadas com mais ou menos intensidade a determinadas relações sociais ou grupos ideológicos”.

⁸ FLOR MORENO. *Nosaltres som el València*, p.46. Em português: “[...] não será sensato despolitizar o futebol, pois os jogos de futebol não são disputados onze contra onze, mas são milhares contra milhares de cidadãos que com eles se identificam”.

relatos de tentativas frustradas de seleções regionais (como a Catalunha e o País Basco) de participar de competições internacionais, reduzindo as atividades destas equipes há poucos jogos amistosos anuais.

O capítulo cinco (*L’Espanya merengue*), revela como o Real Madrid CF se tornou, por vias questionáveis e injustas, o representante da totalidade do futebol espanhol durante décadas já no início do século XX e, teve – logicamente – esta condição reforçada através da utilização de sua equipe por regimes políticos para representar o país em consequência de suas conquistas de títulos nacionais e europeus. “El Real Madrid s’ha identificat històricament amb Espanya i, en concret, amb la concepció castellanocèntrica i centralista de l’Estat”.⁹ O direito de nomear-se ‘Real’ ao Madrid CF foi concedido pelo rei Alfonso XIII em 1920. Ao mesmo tempo que não questionou os regimes políticos que ocuparam o poder na Espanha ao longo do século passado, o Real Madrid CF também se beneficiou dos mesmos, tendo facilidades para a contratação de atletas e recebendo condecorações antes ignoradas aos demais clubes. O Real Madrid CF, durante o franquismo, assumiu o papel de representação da Espanha em uma conjuntura em que a seleção nacional fracassava. “En realitat, Espanya s’ha servit del Madrid i Madrid d’Espanya, en una relació simbiòtica [...]”.¹⁰ Segundo dirigentes do Real Madrid CF, o clube adquiriu esta condição por nunca se identificar com regionalismos e defender uma ideia global. No entanto, Vicent Flor questiona com qual regionalismo o Real Madrid CF poderia se identificar se é praticamente inexistente um regionalismo madrilenho, diferente com o que sempre ocorreu com o FC Barcelona na Catalunha, Athletic Club Bilbao e Real Sociedad no País Basco, e em certa medida, com o Valencia CF na Comunidade Valenciana. “Les identitats, tot i que no són simètriques, son un joc especular”.¹¹ No capítulo seguinte (*El ‘bipartidisme’ Madrid-Barça*), Vicent Flor tece alguns comentários e cita fatos históricos sobre a rivalidade entre Real Madrid CF e FC Barcelona, elevada a questões que – naturalmente – ultrapassaram o campo esportivo e ganharam cunho político, e em certa medida, preconceituoso e xenofóbico. “Com s’ha dit, les identitats i els estereotips són mòbils i depenen del

⁹ FLOR MORENO. *Nosaltres som el València*, p.57. Em português: “O Real Madrid identificou-se historicamente com a Espanha e, em particular, com a concepção castelhana e centralista de Estado”.

¹⁰ FLOR MORENO. *Nosaltres som el València*, p.58. Em português: “Na realidade, a Espanha usou Madri e Madri a Espanha, em uma relação simbiótica [...]”.

¹¹ FLOR MORENO. *Nosaltres som el València*, p.62. Em português: “As identidades, embora não sejam simétricas, são um jogo especular”.

context”.¹² O autor destaca alguns discursos de dirigentes de ambos os clubes com intenções de diminuir ou humilhar o rival e, como esta construção simbólica também beneficiou os dois, em detrimento da diversidade do futebol ibérico e que acabou, de certa forma, por empobrecer o seu conjunto. O binarismo Real Madrid-Barcelona representa também o poder que os dois clubes concentram, não somente o poder futebolístico, mas também poderes econômicos e políticos. Vicent Flor, neste capítulo, também cita os outros três clubes espanhóis que juntamente com Real Madrid CF e FC Barcelona concentram a maior parte dos torcedores da Espanha: Club Atlético Madrid, Valencia CF e Athletic Club Bilbao. Mesmo com enorme distância de aficionados para os dois principais (Real Madrid CF e FC Barcelona concentram 63,3% dos seguidores espanhóis, enquanto os outros três juntos somam pouco mais de 15%), o fato curioso é que estes cinco clubes também somam o maior número de títulos no futebol espanhol, que faz com que Flor conclua que o importante é ganhar e, não somente competir. O sociólogo finaliza este capítulo, fazendo uma breve análise da condição binária na Comunidade Valenciana:

Com s'ha dit, el València és, amb molta diferència, l'equip valencià més esmentat i, a molta distància, són citats el Vila-real i l'Elx i l'Hèrcules. [...], hi ha una part important dels valencians al quals els agrada el futbol que no se senten identificats amb cap equip valencià i que participen, doncs, d'aquest 'bipartidisme' futbolístic espanyol. A més a més, els equips valencians generen un escassíssim interès fora de les fronteres valencianes, la qual cosa difícilment pot ser una casualitat.¹³

O capítulo sete (*Castelló, Vila-real, Hèrcules, Elx... i Llevant*) é dedicado aos outros clubes, com certo destaque, na Comunidade Valenciana. Apesar do título desta parte do livro fazer referência aos outros cinco clubes regionais com certo reconhecimento fora da Comunidade Valenciana, a mesma não deixa de citar outros clubes que compõem o contexto futebolístico local. Portanto também há pequenas notas sobre clubes que militam na segunda e terceira divisões, assim como nas divisões locais. A Espanha é um país que assim como o Brasil “respira futebol”, ou

¹² FLOR MORENO. *Nosaltres som el València*, p.63. Em português: “Conforme mencionado, as identidades e os estereótipos são móveis e dependentes do contexto”.

¹³ FLOR MORENO. *Nosaltres som el València*, p.68. Em português: Como já foi dito, o València é, de longe, a equipe valenciana mais citada e, há muita distância, o Villarreal, o Elche e o Hércules são mencionados. [...], há uma parte importante dos valencianos que gostam de futebol que não se sentem identificados com nenhuma equipe valenciana e que, por isso, participam deste 'bipartidarismo' do futebol espanhol. Além disso, os clubes valencianos geram pouco interesse fora das fronteiras valencianas, o que dificilmente pode ser considerado uma coincidência.

seja, há uma condição extremamente hegemônica desta modalidade em relação aos demais esportes, principalmente os coletivos. No país existem cerca de oito divisões do campeonato nacional, sendo pelo menos metade delas regionalizada. Vicent Flor também cita casos de clubes que foram extintos, fazendo alerta que isto pode ocorrer com outras agremiações. Sobre identidades, Flor – ao citar Quiroga (2014) – destaca que: “[...] la creació o enfortiment d'identitats provincials i regionals basades en l'esport no obstaculitza el foment dels sentiments nacionals. Al contrari, la construcció d'identitats locals, provincials i regionals per mitjà del futbol ha reforçat les nacionals”.¹⁴ Ao contar, de forma resumida, as rivalidades regionais, Flor esclarece que o primeiro grande adversário local do Valencia CF foi o Castelló FC (antes conhecido como Club Esportiu Castelló), depois substituído pelo Villareal CF que mantém o posto de segundo clube da Comunidade Valenciana atualmente. Já o Hércules FC, é o clube com maior vínculo e identificação na província de Alicante; e por sua vez, alimenta uma rivalidade provincial mais forte com outros dois clubes valencianos: Elche CF e CD Alcoyano. Vicent Flor não deixa de comentar o caso singular do Levante UD fundado a partir da fusão de outros dois clubes da cidade de Valência: Levante FC e Gimnàstic FC em consequência da Guerra Civil. A ideia era fundar um clube capaz de competir, primeiramente, contra o Valencia CF e depois se consolidar na elite do futebol espanhol. No entanto, a diferença histórica associada à conquista de títulos permanece imensa entre Valencia CF e Levante UD e, tampouco o rival municipal conseguiu – como alguns pretendiam e ainda defendem – abarcar as classes sociais mais populares, pois um dos seus clubes fundadores (Gimnàstic FC) estava intimamente ligado ao segmento conservador da sociedade valenciana na década de 1920. “En qualsevol dels casos, malgrat que alguns han pronosticat que el Llevant podria superar València en nombre d'aficionats, no sembla que a hores d'ara aquesta mena d'afirmacions passen d'un simple desig”.¹⁵ Flor, finaliza o capítulo dizendo que a rivalidade entre os dois clubes da cidade tem bem menos tradição que outras rivalidades futebolísticas nacionais ou

¹⁴ FLOR MORENO. *Nosaltres som el València*, p.70. Em português: “[...] a criação ou fortalecimento de identidades provinciais e regionais baseadas no esporte não impede a promoção de sentimentos nacionais. Ao contrário, a construção de identidades locais, provinciais e regionais através do futebol fortaleceu as nacionais”.

¹⁵ FLOR MORENO. *Nosaltres som el València*, p.75. Em português: “Em todo o caso, embora alguns tenham previsto que o Levante poderia ultrapassar o Valência em número de adeptos, não parece que neste momento tais declarações estejam além de um mero desejo”.

mundiais, como entre Sevilha e Betis, Real Madrid e Atlético Madrid, ou até mesmo entre Barcelona e Espanyol, assim como entre Manchester United e City, Arsenal e Tottenham, Milan e Internazionale, Roma e Lazio, ou River Plate e Boca Juniors.

Em *El València i València: la voluntat de voler representar*, o autor descreve como o Valencia CF está – desde sua criação, em 1919 – de forma histórica e, atualmente representando a Comunidade Valenciana não só no cenário futebolístico espanhol e europeu, mas também em questões políticas e identitárias locais. Flor, faz uma analogia com a Festa das Fallas¹⁶ ao dizer que o sentimento de torcer pelo Valencia CF também é desigual na Comunidade Valenciana e, que talvez muitos dos seguidores do clube não estejam exatamente na cidade, apesar da absoluta maioria residir no município. O sociólogo afirma que a base social do Valencia CF é plural e diversa, tanto ideologicamente como socialmente e territorialmente. Portanto, como clube esportivo valenciano com maior suporte, é lógico que esteja entrelaçado à história contemporânea da cidade de Valência e de seu interior. “La identitat regional, agrade o no, ha perdurat hegemònica fins ara, convertida en ‘autonòmica’, i ha acompanyat els cent anys d'existència del club”.¹⁷ Outro elemento identitário do Valencia CF é o Estádio Mestalla, instalado em um local simbólico da cidade e que gerou profunda identificação com seus aficionados, sendo o campo de futebol mais antigo entre os atuais clubes da primeira divisão espanhola; tanto que há entre os torcedores uma dúvida e divisão muito grande sobre a mudança para o novo estádio (ainda em construção e, agora paralisada) em Benicalap. Por fim, neste capítulo Vicent Flor faz referências ao escudo do Valencia CF que, segundo ele, também traduz em poucos elementos toda a identidade valenciana; e ao uso da língua valenciana por parte do clube em seus principais comunicados aos torcedores e público em geral, que – talvez seja – a prova cabal de como este clube se converteu no representante da Comunidade Valenciana.

¹⁶ Las Fallas (em castelhano) ou Les Falles (em valenciano) é uma festa típica da cidade de Valência, na Espanha. Durante a festa, que ocorre no dia 19 de março, dia de São José segundo a Igreja Católica, grandes figuras satíricas de bonecos de papel machê ou de madeira, chamadas fallas são queimadas nas ruas e praças da cidade. A UNESCO integrou a festa valenciana das Fallas na lista representativa do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade em 2016.

¹⁷ FLOR MORENO. *Nosaltres som el València*, p.79. Em português: “A identidade regional, gostemos ou não, manteve-se hegemônica até agora, tendo-se tornado ‘autônoma’, e acompanhado os cem anos de existência do clube”.

Nos capítulos nove (*Enfront del Madrid: l'Espanya 'real' davant de l'oficial*) e dez (*Enfront del Barça... i de Catalunya*), Vicent Flor analisa questões identitárias específicas nos confrontos do Valencia CF com as duas maiores potências futebolísticas da Espanha: Real Madrid CF e FC Barcelona. Logo nas primeiras linhas, o sociólogo deixa claro que o Valencia CF, diferentemente do FC Barcelona, nunca foi um clube nacionalista apátrida e, tampouco a sociedade valenciana; ou seja, a rivalidade do Valencia CF com o Real Madrid CF sempre foi estritamente esportiva. O sentimento ‘antimadridista’ valenciano foi alimentado durante décadas, principalmente, no campo esportivo por arbitragens favoráveis ao Real Madrid CF ou desfavoráveis ao Valencia CF, salvo alguns episódios históricos nos quais os aficionados madrilenhos converteram símbolos (la senyera¹⁸) utilizados pela torcida do Valencia CF como uma provocação regionalista (ou afronta) contra a unidade nacional. Os valencianos, tradicionalmente, consideravam o Real Madrid CF como o principal inimigo a ser batido e a grande referência para estar no mais alto nível. “[...] el nostre gran i històric rival; el rival més odiat por totes les generacions de valencianistes que han passat per Mestalla”.¹⁹ Outro aspecto citado por Flor na rivalidade Real Madrid-Valencia diz respeito as cores do uniforme principal. O Valencia CF em muitas oportunidades, deixou claro que não era um clube ‘totalmente branco’ (merengue) e, sim um clube ‘branco e preto’, ou seja, camisas brancas e calção preto, ainda que em algumas oportunidades, por questões regimentais do futebol, tenha jogado totalmente de branco. Se o Real Madrid CF representava a Espanha castelhana e centralista, o Valencia CF aspirava representar um questionamento para aquele modelo. Diante da Espanha ‘oficial’, a Espanha ‘real’: a Valência civil e empresarial. Diante da Madrid política, do poder; a Valência meritocrática, de esforço individual e coletivo. “El símbols no acostumen a ser neutrals, ja que els grups socials, de manera distinta, els doten de significació, amb

¹⁸ *La señera* (ou *senyera*, em valenciano) é o nome da bandeira representativa da antiga Coroa de Aragão. É uma bandeira de nove faixas horizontais, quatro vermelhas e cinco amarelas. Quando as Comunidades Autônomas foram estabelecidas na Espanha, foi escolhida como bandeira da Catalunha no Estatuto de Autonomia da Catalunha de 18 de dezembro de 1979 (LO 4/1979), portanto, quando foi aprovado o Estatuto de Autonomia de Aragão de 10 de agosto (LO 8/1982), posteriormente ao da Catalunha, o brasão de Aragão foi incluído na bandeira de Aragão para diferenciá-la daquela adotada pela Catalunha. As bandeiras da Comunidade Valenciana (antiga bandeira do Reino de Valência) e das Ilhas Baleares (baseada na do Reino de Maiorca) também têm origem na bandeira.

¹⁹ FLOR MORENO. *Nosaltres som el València*, p.89. Em português: “[...] nosso grande e histórico rival; o rival mais odiado por todas as gerações de valencianos que passaram pelo Mestalla”.

independència de les intencions originàries dels qui crearen aquests símbols”.²⁰ Sobre a rivalidade com o FC Barcelona, Vicent Flor faz um alerta logo ao iniciar o capítulo, ao afirmar que é comum que as partidas de futebol despertem paixões e as paixões podem conduzir à excessos, ainda mais se há gente interessada em distorcer a rivalidade entre dois dos cinco clubes espanhóis mais importantes. O FC Barcelona se converteu em um clube nacionalista catalão, enquanto o Valencia CF guarda características de um clube regionalista valenciano. Houve no século XX (e talvez, em certa medida, ainda haja na contemporaneidade) intensas batalhas políticas e ideológicas na Espanha, ou seja, um contexto de lutas identitárias, nas quais ao Valencia CF interessava e interessa apenas continuar sendo o clube de “todos os valencianos”. Em resumo, a maioria (mas não a totalidade) da Comunidade Valenciana reconhece as reivindicações catalãs, no entanto, não apoia uma possível independência ou separação da região do restante da Espanha; portanto, este posicionamento (ou falta de posicionamento para alguns) foi, em parte, transferido para o futebol, sendo que ainda há, na atualidade, grupos de torcedores que convocam estas diferenças do passado e convertem em provocação. As oposições ideológicas e antagonismos políticos estiveram mais presentes nos dois clubes na transição dos regimes, ou seja, nas décadas de 1970 e 1980. Tais condições não desapareceram por completo após mais de 30 anos, mas diminuíram de maneira progressiva. “En definitiva, el VCF i el FCB són dos grans equips de futbol amb una històrica rivalitat esportiva. Aquesta rivalitat ha tingut moments foscos [...] però també moments de fraternitat”.²¹

No capítulo *Extrema dreita i violència: Ultra Yomus, que peña más cabrona*, Vicent Flor, inicialmente, cita incidentes históricos entre torcidas organizadas e contextualiza a violência social refletida também no esporte. O autor relaciona os atos de hooliganismo à grupos políticos de extrema direita com ideologias xenófobas, e relata comportamentos provocativos dos Ultra Yomus, uma torcida do Valencia CF que reúne estas características e que já protagonizou ações violentas, principalmente, contra o FC Barcelona, tendo como motivação uma postura

²⁰ FLOR MORENO. *Nosaltres som el València*, p.90. Em português: “Os símbolos geralmente não são neutros, pois os grupos sociais, de forma diferente, os dotam de significado, independentemente das intenções originais de quem os criou”.

²¹ FLOR MORENO. *Nosaltres som el València*, p.100. Em português: “Em suma, Valencia CF e FC Barcelona são dois grandes times de futebol com uma rivalidade esportiva histórica. Essa rivalidade teve momentos sombrios, [...] mas também momentos de fraternidade”.

anticatalã. Segundo o sociólogo, os Ultra Yomus estão vinculados às organizações de extrema direita nazista, espanholista e contrárias aos judeus. Flor, na sequência deste capítulo, cita vários atos de vandalismo, violência e repugnantes deste grupo, que conta com líderes – atualmente – condenados e presos. Na temporada 2019-2020 os Ultra Yomus foram expulsos do Estádio Mestalla pela direção do Valencia CF, porém continuam a provocar atos violentos nos arredores em dias de jogos específicos, como diante do FC Barcelona, em janeiro de 2020.

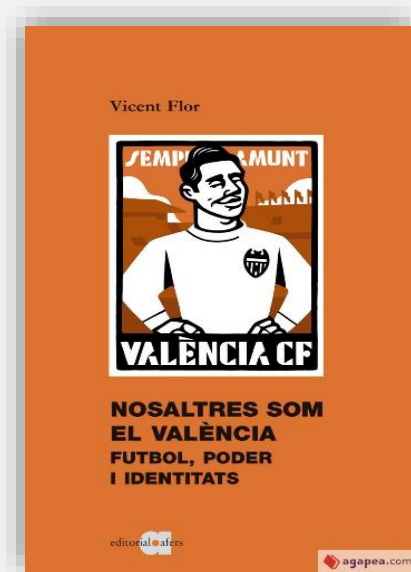


Fig. 1 - Reprodução da capa do livro de Vicent Flor.

No último capítulo (*El València 'de los chinos' i el futbol 'modern'*), Vicent Flor analisa as atuais relações comerciais no futebol e a condição do Valencia CF no cenário contemporâneo.

Si més no a Europa, les aficions estan molt identificades amb un territori en concret i fins i tot focalitzades en un punt, l'estadi, una ja esmentada topofília, i és difícil pensar en un canvi d'ubicació per interessos empresarials, ara com ara, com s'ha produït als Estats Units en la lliga de futbol americà o de bàsquet.²²

O autor coloca em debate as disputas finais de troféus, como a Supercopa da Espanha, em territórios árabes e as excursões de clubes europeus pelos continentes

²² FLOR MORENO. *Nosaltres som el València*, p.111. Em português: “Pelo menos na Europa, os torcedores estão muito identificados com um determinado território e até centrados em um ponto, o estádio, uma topofilia já citada, e é difícil pensar em uma mudança de local por interesses comerciais, agora, como é produzido nos Estados Unidos na liga de futebol americano ou no basquete.

asiático e americano em busca de novos aficionados e mercados em relação à necessidade de terem uma “casa” (estádio) com vínculos identitários. Flor, neste capítulo, também faz breves análises dos casos recentes de clubes transformados em Sociedades Anônimas Desportivas (SAD) ou vendidos para megaempresários e conglomerados empresariais e, como este fato, tem gerado em contrapartida movimentos para a fundação de novos clubes populares alternativos ao futebol moderno (ou pós-moderno), espetacularizado e mercantilizado. No futebol espanhol a maioria dos clubes foi condicionado a se transformar em SAD sob o pretexto de que a nova lei evitaria a má gestão de muitos e possível falência. As exceções foram escassas, porém de grande relevância: Real Madrid CF, FC Barcelona, Athletic Club Bilbao e CA Osasuna, sob alegação de que estes clubes estavam com as contas sanadas.

El cert és que la majoria de socis dels clubs de futbol espanyols perdrien el control del seu equip en benefici d'una minoria o d'una única persona, normalment empresaris amb pocs escrúpols i que feien servir els clubs com a plataforma per afavorir els seus negocis particulars. El València també en fou un d'ells.²³

Sem a pretensão de fazer uma histórica crítica do Valencia CF como sociedade anônima, Vicent Flor relata fatos de má gestão nas primeiras décadas do novo milênio que conduziram o clube a ser vendido a um empresário de Cingapura: Peter Lim, que por sua vez e, desde então já colocou no cargo de presidente do clube dois conterrâneos e, portanto a propriedade do clube não é mais valenciana. No entanto, “[...] no sembla que això, de moment, haja tingut grans conseqüències identitàries entre els seguidors”.²⁴ Vicent Flor reforça o coro de outros pensadores e pesquisadores de que a internacionalização do futebol na Espanha não prejudicou a capacidade do mesmo de vínculo identitário. “Ni la globalització ni la internacionalització del futbol i dels futbolistes, en particular dels europeus arran de la sentència Bosman, hauria capgirat de manera significativa aquesta i altres

²³ FLOR MORENO. *Nosaltres som el València*, p.114. Em português: “A verdade é que a maioria dos membros dos clubes de futebol espanhóis perderam o controle de seu time em benefício de uma minoria ou de uma única pessoa, geralmente empresários com poucos escrúpulos e que usavam os clubes como plataforma para promover seus negócios privados. O Valencia CF também foi um deles”.

²⁴ FLOR MORENO. *Nosaltres som el València*, p.115. Em português: “[...] isso não parece ter tido grandes consequências identitárias para os fãs no momento”.

identificacions”.²⁵ Em contraponto, o sociólogo afirma que os torcedores – por força dos mercados – estão sendo transformados em clientes e, que de maneira brutal as classes populares estão sendo afastadas dos estádios e agora só conseguem acompanhar seus clubes pelas telas. Ao citar outros pensadores, Flor lembra que o esporte dá sentido de pertencimento aos cidadãos, sendo um projeto comum à todas as classes. “[...] el cert és que la classe dominant valenciana no ha sigut capaç de mantenir la propietat valenciana del club esportiu valencià més destacat”.²⁶ Situações recentes, como a demissão de técnicos vencedores, mantém a tensão entre proprietário e torcedores em aberto e o futuro do clube, bem como das identidades coletivas.

Por fim, o autor nos presenteia com o epílogo *La ‘pilotà’ identitària*, onde convoca novamente os leitores a refletirem sobre os processos identitários vinculados ao futebol:

[...] el futbol és per a molta gent una experiència identitària complexa, bé com a jugador, bé com a aficionat o bé com a membre d'una família, d'un grup d'amics o d'una penya. L'esport, al capdavant, pot atorgar (i, de fet, en molts casos atorga) un sentit de pertinença en la modernitat tardana. El futbol, en concret, també és un important factor d'identitat personal per a moltes persones. [...] Certament, no és senzill canviar de país ni menys de nacionalitat o de sexe, però possiblement encara no és menys d'equip de futbol. Perquè suposa, en molts casos, trencar amb la infantesa i amb l'adolescència. Però sí que és possible. I tant! De fet, una minoria ho fa per causes diverses. [...] De fet, el futbol és un fenomen de masses que ha ajudat a conformar diferents identitats col·lectives, també en les societats espanyola i valenciana. Els diferents nacionalismes, regionalismes i fins i tot localismes han canalitzat les seues reivindicacions per mitjà de seleccions masculines i/o clubs de futbol. Cal veure encara si l'ascendent futbol femení tindrà una potència identitària anàloga.²⁷

²⁵ FLOR MORENO. *Nosaltres som el València*, p.116. Em português: “Nem a globalização, nem a internacionalização do futebol e dos jogadores de futebol, especialmente os europeus após a promulgação da lei Bosman, teriam revertido significativamente esta e outras identificações”.

²⁶ FLOR MORENO. *Nosaltres som el València*, p.117. Em português: “[...] a verdade é que a classe dominante valenciana não foi capaz de manter a propriedade valenciana do clube desportivo valenciano mais importante”.

²⁷ FLOR MORENO. *Nosaltres som el València*, p.120. Em português: “[...] O futebol é para muitas pessoas uma complexa experiência de identidade, seja como jogador, como torcedor ou como membro de uma família, um grupo de amigos ou um fã-clube. Afinal, o esporte pode dar (e, de fato, dá em muitos casos) um sentimento de pertencimento na modernidade tardia. O futebol, em particular, é também um importante fator de identidade pessoal para muitas pessoas. [...] Certamente não é fácil mudar de país, muito menos de nacionalidade ou de gênero, mas possivelmente não seja menos difícil mudar de um time de futebol. Porque em muitos casos, significa romper com a infância e a adolescência. Mas é possível. Claro! Na verdade, uma minoria o faz por vários motivos. [...] Na verdade, o futebol é um fenômeno de massa que ajudou a moldar diferentes identidades coletivas, também nas sociedades espanhola e valenciana. Diferentes nacionalismos, regionalismos e mesmo localismos canalizaram suas demandas por meio de seleções masculinas e/ou clubes de futebol. Resta saber se o futebol feminino terá um poder de identidade semelhante”.

Portanto, existe um clube de futebol que reivindica a representação da identidade regional valenciana e, este é o Valencia CF. Esta identidade tem uma alteridade principal, a madridista (que representa a Espanha estatal, centralizadora e castelhana) e uma alteridade (agora) secundária, a barcelonista, percebida como catalã e, portanto, pouco solidária na tarefa de oferecer novas glórias à Espanha. Não é por acaso, então, que os principais rivais na percepção coletiva dos torcedores do Mestalla são, nessa ordem, Real Madrid CF e FC Barcelona. “El futbol, como ho és en general la vida, té un final obert. I aquest encara no està escrit. Ni està escrit el del Valencia ni els de la resta de clubs de futbol”.²⁸

A obra *Nosaltres som el València: futbol, poder i identitats* é, para o público brasileiro, uma leitura mais difícil por estar escrita em catalão, no entanto de fácil compreensão para aqueles com certa aproximação ao idioma e, recomendável e fundamental para ampliar as discussões sobre os comportamentos identitários vinculados ao futebol e à sociedade na contemporaneidade.

* * *

REFERÊNCIA

FLOR MORENO, Vicent. **Nosaltres som el València: futbol, poder i identitats**. Valência, Espanha: Editorial Afers, 2020.

* * *

Recebido para publicação em: 05 jan. 2022.
Aprovado em: 17 mar. 2022.

²⁸ FLOR MORENO. *Nosaltres som el València*, p.122. Em português: “O futebol, como a vida em geral, tem um final aberto. E este ainda não foi escrito. Nem do Valência CF nem dos outros clubes de futebol estão escritos”.

11 haicais da paixão azul-celeste-rubro-negra

Marcelo Dolabela ⁱ

1.

de pé em pé: GOOOLLL!!
o grito corre bonito,
isto é Futebol.

2.

viver não tem drama:
pés nus irradiam luz
no campo sem grama.

3.

campinho sem trave
tem riacho e carrapicho,
mas nada é entrave.

4.

não existe escola
pra boa bola que rola
em nossa caixola.

5.

bola, sol & gol:
coração de Futebol:
paz & *Rock and Roll*.

6.

teu amor sublime
não deseja ter ciúme
logo do meu time?!

7.
Mineirão lotado,
mil bandeiras sem barreiras
em manto sagrado.

8.
quando canto o hino,
sou, por um triz, feliz,
em meu desatino.

9.
domingo de sol –
besteira – segunda-feira?!... –
lembrarei do gol.

10.
na nossa torcida,
derrota, ninguém nota,
só o que der vida.

11.
quem gosta de gol,
na verdade, tem saudade
só de Futebol

ⁱ Marcelo Dolabela nasceu em Lajinha/MG, em 1957, e faleceu, em 2020, aos 62 anos, em Belo Horizonte. Gradou-se em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais com mestrado em Comunicação pela Universidade de São Marcos. Desde o final dos anos 1970, começou a se destacar no cenário artístico da capital, tornando-se a principal referência do movimento da Poesia Marginal mineira. Sua estreia foi com o livro *Arte suor souvenir* (Belo Horizonte, 1978). Fundou a banda Divergência Socialista e foi

roteirista dos premiados curtas-metragens *Uakti – Oficina Instrumental* (1987) e *A hora vagabunda* (1998), ambos de Rafael Conde. Dolabela possui mais de 40 publicações, destacando-se *Coração malasarte* (1980), *Radicais* (1985), *ABZ do Rock brasileiro* (1987), *Amônia* (1997), *Poeminhas & outros poemas* (1998), *Letrolatria* (2000), *Batuques de limeriques* (2005), *Lorem ipsus – Antologia poética & outros poemas* (2006) e *Acre Ácido Azedo* (2015).